



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

Vanessa Lima Vidal Machado

**A VARIAÇÃO QUEROLÓGICA E LEXICAL DA LIBRAS: ESTUDO
COMPARATIVO SOBRE ASPECTOS EXTRALINGUÍSTICOS EM FORTALEZA E
MACEIÓ**

MACEIÓ – AL
2023

VANESSA LIMA VIDAL MACHADO

**A VARIAÇÃO QUEROLÓGICA E LEXICAL DA LIBRAS: ESTUDO
COMPARATIVO SOBRE ASPECTOS EXTRALINGUÍSTICOS EM FORTALEZA E
MACEIÓ**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva.

MACEIÓ – AL
2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

M149v Machado, Vanessa Lima Vidal. .

A variação querológica e lexical da Libras : estudo comparativo sobre aspectos extralinguísticos em Fortaleza e Maceió / Vanessa Lima Vidal Machado. - 2023.
407 f. : il.

Orientador: Jair Barbosa da Silva.

Tese (doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Alagoas.
Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura.
Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 373-378.

Apêndices: f. 380-407.

1. Língua brasileira de sinais. 2. Querologia. 3. Variação linguística. 4. Sociolinguística. I. Título.

CDU: 81'221.24(81)



TERMO DE APROVAÇÃO

VANESSA LIMA VIDAL MACHADO

Título do trabalho: “A VARIAÇÃO QUEROLÓGICA E LEXICAL DA LIBRAS EM FORTALEZA E MACEIÓ: ESTUDO SOBRE ASPECTOS INTRA E EXTRALINGUÍSTICOS”

Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTOR em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Documento assinado digitalmente



JAIR BARBOSA DA SILVA
Data: 10/05/2023 11:05:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva (PPGLL/Ufal)

Examinadores:



Documento assinado digitalmente

JANINE SOARES DE OLIVEIRA
Data: 20/06/2023 17:37:39-0300
CPF: ***.095.667-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Profa. Dra. Janine Soares de Oliveira (UFSC)

Documento assinado digitalmente



BRUNO GONCALVES CARNEIRO
Data: 09/05/2023 23:55:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro (UFT)

Documento assinado digitalmente



CHARLEY PEREIRA SOARES
Data: 09/05/2023 11:59:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Charley Pereira Soares (UFV)

Documento assinado digitalmente



ADEILSON PINHEIRO SEDRINS
Data: 28/03/2023 10:41:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sadrins (PPGLL/Ufal)

Documento assinado digitalmente



ALDIR SANTOS DE PAULA
Data: 10/05/2023 10:06:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGLL/Ufal)

Maceió, 28 de fevereiro de 2023.

Este trabalho foi elaborado com todos os desafios impostos pela pandemia, com muita determinação, resiliência e força, por isso me sinto muito feliz em tê-lo concluído. Sinto orgulho por esta pesquisa, em poder usar a Libras, pela convivência com pessoas surdas, sentir na prática a variação linguística e ver a influência da língua e o seu uso nas instituições, na sociedade e até na política do Brasil. Por tudo isso, dedico esta pesquisa ao meu marido Rodrigo, também doutorando, e agradeço pelo companheirismo, carinho, apoio e atenção, sempre me encorajando a lutar pelos meus sonhos. Ao meu filho, Arthur, meu bebê que está sempre ao meu lado enfrentando mais esse desafio de vida. E a Deus, por fazer tudo isso possível.

AGRADECIMENTOS

Percebo que tenho um grande motivo de satisfação em ter conseguido chegar até aqui, na defesa da minha tese de doutorado, mais uma etapa de realização e resistência na vida. Minha caminhada não é fácil, mas agradeço pelo apoio de todos que se importaram e contribuíram para este trabalho.

Em primeiro lugar agradeço a Deus, protetor da minha família. Deus me criou surda, dando-me força e coragem para lutar, por isso aprendi e me desenvolvi. Os caminhos não foram fáceis, principalmente nesse momento de pandemia, mas a perseverança foi fundamental para a realização desta tese.

Ao meu amado filho Arthur Machado, criar e cuidar de você enquanto estudava e pesquisava não foi fácil, em alguns momentos perdi a energia, mas era preciso continuar com força de vontade para concluir esta etapa acadêmica e com você ter mais momentos de seu amor e carinho.

Agradeço ao meu querido esposo, Rodrigo Machado, pelo companheirismo incrível de todos os dias. Sei que não foi fácil ter dois doutorandos, ao mesmo tempo, na mesma casa. Mas tivemos momentos bons, de carinho, divididos com nosso filho. Sempre com pensamento positivo e fazendo estratégias para conseguirmos passar por mais esse desafio juntos, acreditando em nosso sucesso profissional e pessoal e nunca parando de lutar e seguir em frente, superando sem medo todas as dificuldades.

Agradeço também às famílias Lima, Vidal e Machado pela paciência, pelo apoio, nas viagens, na ausência. Muita gratidão.

Agradeço especialmente à minha mãe, Delmira Eudóxia da Silva Lima, que sempre me acompanha, me dá confiança, estimula e tem enorme paciência, pelo carinho, pelo apoio em cuidar do meu filho, agradeço por fazer parte da minha vida.

Ao meu pai, Espedito Vidal, que mesmo longe, representa solidariedade e força para seguir em frente, principalmente no momento de difícil da pandemia.

E à minha irmã, Valdana Lima Vidal. Sou sempre muito grata pelo seu apoio e sua grande paciência.

Aos colegas do Departamento de Letras-Libras e Estudos Surdos/DELLES, Centro de Humanidades/CH da Universidade Federal do Ceará/UFC, que permitiram meu afastamento, me incentivaram na pesquisa e apoiaram nos estudos e artigos produzidos.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura-PPGLL da UFAL pela oportunidade e acolhida aos três primeiros doutorandos surdos do Programa: eu, Vanessa Lima Vidal Machado, Rodrigo Nogueira Machado e Bernardo Luís Torres Klimsa, e a todos os meus queridos colegas de turma que me apoiaram nas discussões feitas durante o processo de construção desta tese. Espero que minha pesquisa possa contribuir para ampliar os saberes sobre variação linguística em Libras.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva que com dedicação, alma, energia positiva e estímulo aos meus estudos, me orientou com paciência, confiança e amizade. Seu acompanhamento, respostas, tempo e disposição foram necessários para o desenvolvimento do meu trabalho.

Agradeço às queridas tradutoras, Mairla Pereira Pires Costa, Gisele Iandra e Shirley Neves Porto, que são profissionais excelentes, conseguindo compreender minhas ideias e realizando o trabalho de tradução da Libras para o português.

Ao professor Rundesth Saboia por sua gentil contribuição com a escrita de sinais dos dados da tese, contribuindo, assim, com a linguística. Gratidão!

Também agradeço muito aos professores Aldir Santos de Paula (UFAL), Adeilson Pinheiro Sedrins (UFAL), Charley Perreira Soares (UFVJM), Janine Soares de Oliveira (UFSC) e Bruno Gonçalves Carneiro (UFT), que aceitaram fazer parte desta banca de defesa, enriquecendo a pesquisa.

Enfim, a todos que contribuíram para concretização desta pesquisa, eu aprendi com vocês e faço questão de compartilhar minha gratidão.

“O desafio da superação aguça a ida à luta;
Requer garra, perseverança;
Às vezes, força bruta.
O domínio da multilinguagem é relevante
na trajetória.
Preparação: o bom preparo fomenta a
vitória. Movido também pela fé como guia;
Muito estudo e trabalho, verdadeira
aventura. Salve, salve a bravura do surdo
nas asas da academia”.

Espedito Vidal - 07/março/2021.

RESUMO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), como língua viva e pulsante, carrega a cada encontro de surdos a existência das experiências particulares de suas localidades. As ocorrências de variação nos sinais da Libras acontecem em diversos níveis, constituindo o desenvolvimento de pesquisas na área uma necessidade. Desse modo, a justificativa para esta investigação reside na necessidade de identificar e descrever as ocorrências de variação na Libras, uma vez que esse tipo de estudo pode enriquecer ainda mais a compreensão sobre a multiplicidade de sinalizações desta língua que é majoritária entre os surdos brasileiros. Nosso objetivo geral foi analisar as variações querológica, lexical e regional ocorridas em 14 sinais retirados do corpora linguístico do Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais (INDL), constituído no Nordeste pelos Projetos: Rede Surdos/ UFC e Libras na UFAL/UFAL, instituições dessa região do Brasil vinculadas ao Projeto Corpus Libras/UFSC, idealizadora do inventário. Fundamentamo-nos na Sociolinguística Variacionista de William Labov (2008), dialogando com outros autores da área como Coelho, Souza e Görski (2015), Bagno (2017), entre outros. As discussões sobre a Libras estão apoiadas em clássicos das áreas como Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), e pesquisadores como Castro Jr (2011 e 2014), Mendonça (2012), Machado (2016). Por constituir-se como pesquisa quantitativa e descritivista, os pressupostos metodológicos baseiam-se na Linguística de Corpus (ZAVAGLIA, 2004; KNIGHT, 2011), que incluem a documentação de dados linguísticos, sua descrição e recuperação dos mesmos para fins de análise linguística. A análise focou nos fatores linguísticos e extralinguísticos de variação da Libras a partir de três variáveis definidas: sexo biológico (homem e mulher), faixa etária (jovens, adultos e idosos) e região (Fortaleza e Maceió). Os resultados apresentaram ocorrências de variações nos grupos investigados quando se verificaram os vocabulários de surdos e surdas jovens, adultos e idosos, residentes em Fortaleza (Ceará) e Maceió (Alagoas), tendo se configurado a presença de variações geracionais (diacrônicas) pela identificação de variantes entre as gerações; variações sociais (diastráticas), principalmente identificadas no grupo dos homens e, mais ainda, no grupo dos homens idosos e; variações geográficas (diatópicas), com ocorrências que apresentam as singularidades de construção lexical em cada região. Esta pesquisa tenta contribuir com o conhecimento sobre a Libras, podendo servir de base para o desenvolvimento de outras pesquisas na área.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais. Querologia. Variação linguística. Sociolinguística.

ABSTRACT

The Brazilian Sign Language (Libras), as a living and pulsating language, brings to each meeting of the deaf the existence of the particular experiences of their localities. Occurrences of variation in Libras signs occur at different levels, making the development of research in the area a necessity. Thus, the justification for this investigation lies in the need to identify and describe the occurrences of variation in Libras, since this type of study can further enrich the understanding of the multiplicity of signals in this language, which is the majority among Brazilian deaf people. Our general objective was to analyze the kerological, lexical and regional variations that occurred in 14 signs taken from the linguistic corpora of the National Inventory of the Brazilian Sign Language (INDL), constituted in the Northeast by the Projects: Rede Surdos/ UFC and Libras at UFAL/UFAL, institutions from this region of Brazil linked to the Corpus Libras/UFSC Project, which created the inventory. We base ourselves on the Variationist Sociolinguistics of William Labov (2008), dialoguing with other authors in the area such as Coelho, Souza and Görski (2015), Bagno (2017), among others. Discussions on Libras are supported by classics in the areas such as Ferreira Brito (1995) and Quadros and Karnopp (2004), and researchers such as Castro Jr (2011 and 2014), Mendonça (2012), Machado (2016). As it constitutes a quantitative and descriptive research, the methodological assumptions are based on Corpus Linguistics (ZAVAGLIA, 2004; KNIGHT, 2011), which include the documentation of linguistic data, their description and recovery for the purpose of linguistic analysis. The analysis focused on the linguistic and extralinguistic factors of Libras variation based on three defined variables: biological gender (male and female), age group (young, adult and elderly) and region (Fortaleza and Maceió). The results showed occurrences of variations in the investigated groups when the vocabularies of deaf and deaf young people, adults and elderly people, living in Fortaleza (Ceará) and Maceió (Alagoas) were verified, with the presence of generational variations (diachronic) being configured by the identification of variants between generations; social (diastratic) variations, mainly identified in the group of men and, even more, in the group of elderly men and; geographic variations (diatopic), with occurrences that present the singularities of lexical construction in each region. This research tries to contribute with the knowledge about Libras, being able to serve as base for the development of other researches in the area.

Keywords: Brazilian Sign Language. Kerology. Linguistic variation. Sociolinguistics.

RESUMEN

La Lengua de Signos Brasileña (Libras), como lengua viva y palpitante, trae a cada encuentro de sordos la existencia de las vivencias particulares de sus localidades. Las ocurrencias de variación en los signos de Libras ocurren en diferentes niveles, lo que hace que el desarrollo de investigaciones en el área sea una necesidad. Así, la justificación de esta investigación radica en la necesidad de identificar y describir las ocurrencias de variación en Libras, ya que este tipo de estudio puede enriquecer aún más la comprensión de la multiplicidad de señales en este idioma, que es mayoritario entre los sordos brasileños. Nuestro objetivo general fue analizar las variaciones kerológicas, léxicas y regionales ocurridas en 14 signos tomados de los corpus lingüísticos del Inventario Nacional de la Lengua de Signos Brasileña (INDL), constituido en el Nordeste por los Proyectos: Rede Surdos/UFC y Libras en UFAL/UFAL, instituciones de esta región de Brasil vinculadas al Proyecto Corpus Libras/UFSC, que creó el inventario. Nos basamos en la Sociolingüística Variacionista de William Labov (2008), dialogando con otros autores del área como Coelho, Souza y Görski (2015), Bagno (2017), entre otros. Las discusiones sobre Libras son apoyadas por clásicos en las áreas como Ferreira Brito (1995) y Quadros y Karnopp (2004), e investigadores como Castro Jr (2011 y 2014), Mendonça (2012), Machado (2016). Por tratarse de una investigación cuantitativa y descriptiva, los presupuestos metodológicos se basan en la Lingüística de Corpus (ZAVAGLIA, 2004; KNIGHT, 2011), que incluyen la documentación de los datos lingüísticos, su descripción y recuperación con fines de análisis lingüístico. El análisis se centró en los factores lingüísticos y extralingüísticos de la variación de Libras a partir de tres variables definidas: género biológico (masculino y femenino), grupo de edad (jóvenes, adultos y ancianos) y región (Fortaleza y Maceió). Los resultados mostraron ocurrencias de variaciones en los grupos investigados cuando se verificaron los vocabularios de sordos y sordos jóvenes, adultos y ancianos, residentes en Fortaleza (Ceará) y Maceió (Alagoas), siendo configurada la presencia de variaciones generacionales (diacrónicas) por la identificación de variantes entre generaciones; variaciones sociales (diastráticas), identificadas principalmente en el grupo de los hombres y, más aún, en el grupo de los ancianos y; variaciones geográficas (diatópicas), con ocurrencias que presentan las singularidades de construcción léxica en cada región. Esta investigación pretende contribuir con el conocimiento sobre Libras, pudiendo servir de base para el desarrollo de otras investigaciones en el área.

Palabras-clave: Lengua de Signos Brasileña. Kerología. Variación lingüística. Sociolingüística.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Variante do sinal MÊS.....	35
Figura 2 - Variação regional de VERDE e MAS	39
Figura 3 - Sinal CORONAVÍRUS (MORCEGO^ EPIDEMIA)	53
Figura 4 - Variantes - sinais CORONAVÍRUS	53
Figura 5 - Outras variantes - sinal CORONAVÍRUS.....	54
Figura 6 - Variantes do sinal INTELIGENTE	58
Figura 7 - Variantes do sinal COMPREENDER	59
Figura 8 - Forma primitiva de inteligente: forma não assimilada	60
Figura 9 - Verbo TRABALHAR, com indicação de movimento.....	67
Figura 10 - Variação do sinal VERMELHO.....	68
Figura 11 - Variação do sinal VER/OLHAR	69
Figura 12 - Variação do sinal EXEMPLO a partir da CM 'Y'	69
Figura 13 - Variação querológica do sinal PENTEAR	71
Figura 14 - Variação lexical do sinal MÃE.....	73
Figura 15 - Variação lexical do sinal VOV@	74
Figura 16 - Variação lexical do sinal AJUDAR	74
Figura 17 - Variantes do sinal SUPERMERCADO	75
Figura 18 - Variação lexical CENOURA	76
Figura 19 - Variação lexical IGUAL	77
Figura 20 - Variação lexical do sinal PESSOA.....	79
Figura 21 - Procedimentos metodológicos	90
Figura 22 - Banco de dados do acervo (Projeto Corpus/Libras UFSC).....	91
Figura 23 - Exemplo de vídeo do acervo.....	92
Figura 24 - Posicionamento das câmeras no estúdio da UFC	92
Figura 25 - Entrevista com vocabulário <i>Swadesh</i>	94
Figura 26 - Entrevista no <i>Google meet</i> para coleta dos dados de comparação com o <i>corpus</i>	94
Figura 27 - Tela do Elan.....	107
28 - Trilha para análise querológica e lexical	108
Figura 29 - Quadro de configurações de mão da Libras	111
Figura 30 - Tipos de movimentos identificados e descritos	112
Figura 31 - Pontos de articulação na Libras.....	112
Figura 32 - Exemplo do gráficoR com amostra de variação querológica para PRETO(cor) e ROSA(cor): variantes por sexo	116
Figura 33 - Exemplo do gráficoR com amostra de variações a partir da CM por faixa etária	117
Figura 34 - Exemplo do gráficoR com amostra de variação regional para PRETO(cor) e ROSA(cor): variantes por sexo.....	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipos de variações linguísticas estudadas e as variações objeto desta pesquisa.....	63
Quadro 2 - Quantitativo de participantes na etapa 1	96
Quadro 3 - Quantitativo de participantes na etapa 2	96
Quadro 4 - Grupos etários.....	97
Quadro 5 - Participantes jovens de Fortaleza (UFC).....	98
Quadro 6 - Participantes adultos de Fortaleza (UFC)	99
Quadro 7 - Participantes idosos de Fortaleza (UFC).....	100
Quadro 8 - Participantes jovens de Maceió (UFAL)	101
Quadro 9 - Participantes adultos de Maceió.....	102
Quadro 10 - Participantes idosos de Maceió.....	103
Quadro 11 - Exemplo de apresentação da descrição do movimento (M).....	113
Quadro 12 - Modelo de registro de ocorrências por tipo de variação de acordo com a faixa etária.....	114
Quadro 13 - Sinalização PRETO(cor) em Fortaleza	120
Quadro 14 - PRETO (cor): configurações de mãos ativas identificadas.	121
Quadro 15 - PRETO (cor): configurações de mãos passivas identificadas.	122
Quadro 16 - PRETO (cor): movimentos identificados	123
Quadro 17 - Sinalização PRETO(cor) em Maceió.....	123
Quadro 18 - PRETO (cor): configurações de mãos ativas identificadas	124
Quadro 19 - PRETO (cor): configurações de mãos passivas identificadas	124
Quadro 20 - PRETO (cor): movimentos identificados	125
Quadro 21 - Dados extralinguístico ROSA (cor) em Fortaleza e Maceió	128
Quadro 22 - PRETO (cor): identificação do léxico em Fortaleza e Maceió	129
Quadro 23 - PRETO(cor): variante lexical identificada em Fortaleza e Maceió	130
Quadro 24 - PRETO (cor): Variante FI5 e IF6 para PRETO usado apenas em	131
Quadro 25 - Variantes PRETO(cor) em Fortaleza e Maceió por MI3 e MA3.....	131
Quadro 26 - Sinalização ROSA (cor) em Fortaleza.....	132
Quadro 27 - ROSA(cor): Configurações de mãos ativas identificadas.....	134
Quadro 28 - ROSA (cor): Movimentos identificados.....	134
Quadro 29 - Sinalização ROSA (cor) em Maceió	135
Quadro 30 - ROSA (cor): configurações de mão ativas identificadas	135
Quadro 31 - ROSA (cor): movimentos identificados.....	135
Quadro 32 - Dados extralinguístico ROSA (cor) em Fortaleza e Maceió	139
Quadro 33 - Sinal ROSA (cor) variante FI5.....	141
Quadro 34 - Sinal ROSA (cor) variante FI6.....	142
Quadro 35 - Sinal ROSA (cor) variante MI6	142
Quadro 36 - PRETO(cor) CM na criação de variantes extralinguísticas nas.....	147
Quadro 37 - ROSA(cor): CM no grupo etário dos idosos	148
Quadro 38 - Sinalização ABRIL em Fortaleza.....	150
Quadro 39 - ABRIL: configurações de mãos ativas identificadas.....	151
Quadro 40 - ABRIL: movimentos identificados.....	151
Quadro 41 - Sinalização ABRIL em Maceió	152
Quadro 42 - ABRIL: configurações de mãos ativas identificadas.....	152
Quadro 43 - ABRIL: movimentos identificados.....	153
Quadro 44 - ABRIL – Variantes extralinguísticas ABRIL Fortaleza e Maceió	154
Quadro 45 - Variantes ABRIL com a CM 46 Fortaleza e Maceió	156
Quadro 46 - Variante ABRIL por FI5 apenas em Fortaleza.....	157
Quadro 47 - FI6 A-B-R-I-L apenas em Fortaleza	157

Quadro 48 - ABRIL por MI3 apenas em Fortaleza	158
Quadro 49 - Sinalização AGOSTO em Fortaleza.....	159
Quadro 50 - AGOSTO: configurações de mãos ativas identificadas	160
Quadro 51 - AGOSTO: movimentos identificados.....	160
Quadro 52 - Sinalização AGOSTO em Maceió.	161
Quadro 53 - AGOSTO: configurações de mãos ativas identificadas	161
Quadro 54 - AGOSTO: movimentos identificados.....	162
Quadro 55 - AGOSTO: variantes nas regiões Fortaleza e Maceió.....	164
Quadro 56 - Variantes para AGOSTO em Fortaleza com CM05.....	166
Quadro 57 - Variante AGOSTO por FI6 e MI3 em Fortaleza	166
Quadro 58 - Sinalização FEVEREIRO em Fortaleza	168
Quadro 59 - FEVEREIRO: configurações de mãos ativas identificadas	169
Quadro 60 - FEVEREIRO: movimentos identificados	169
Quadro 61 - Sinalização FEVEREIRO em Maceió.....	170
Quadro 62 - FEVEREIRO: Configurações de mãos ativas identificadas.....	171
Quadro 63 - FEVEREIRO: movimentos identificados	172
Quadro 64 - Variante com F como CM no léxico FEVEREIRO em Fortaleza e Maceió	174
Quadro 65 - FEVEREIRO por FJ2 apenas em Maceió.	175
Quadro 66 - Variante FEVEREIRO produzida em Fortaleza e Maceió por FI6,	176
Quadro 67 - Variante FEVEREIRO por FJ3 apenas em Maceió.	177
Quadro 68 - FEVEREIRO por de MI3 apenas em Fortaleza.	177
Quadro 69 - FEVEREIRO por FA1 apenas em Maceió.....	178
Quadro 70 - Variantes de FEVEREIRO em FI5 apenas em Fortaleza.....	179
Quadro 71 - Variantes FEVEREIRO MI1 e MI2 apenas em Fortaleza.	179
Quadro 72 - Variante FEVEREIRO FJ6 apenas em Fortaleza.....	180
Quadro 73 - Variante FEVEREIRO por FI1 apenas em Maceió.....	181
Quadro 74 - Variantes ABRIL nos grupos etários	184
Quadro 75 - Quantidades CM para AGOSTO	184
Quadro 76 - Variantes FEVEREIRO nos grupos etários	188
Quadro 77 - Sinalização CUNHAD@ em Fortaleza	191
Quadro 78 - CUNHAD@: configurações de mãos ativas identificadas.	192
Quadro 79 - CUNHAD@: movimentos identificados	192
Quadro 80 - Sinalização CUNHAD@ em Maceió.....	193
Quadro 81 - CUNHAD@: configuração de mão ativa identificada	193
Quadro 82 - CUNHAD@: movimento identificado.....	194
Quadro 83 - Variante CUNHAD@ apenas em Fortaleza	195
Quadro 84 - Variante CUNHAD@ por MJ6 e MI6 em Fortaleza	195
Quadro 85 - CUNHAD@ por MI1 em Fortaleza	196
Quadro 86 - Variante CUNHAD@ por FI6 em Fortaleza.....	196
Quadro 87 - Variantes CUNHAD@ por MI2 e MI3 em Fortaleza	197
Quadro 88 - Variantes CUNHAD@ Maceió.....	198
Quadro 89 - Sinalização MÃE em Fortaleza	199
Quadro 90 - MÃE: configurações de mãos ativas identificadas	200
Quadro 91 - MÃE: movimentos identificados	201
Quadro 92 - Sinalização MÃE em Maceió.....	202
Quadro 93 - MÃE: configurações de mãos ativas identificadas	202
Quadro 94 - MÃE: movimentos identificados	203
Quadro 95 - MÃE: variante padrão nas regiões de Fortaleza e Maceió.....	205
Quadro 96 - Variantes no léxico MÃE em Fortaleza	207

Quadro 97 - Variante MÃE Fortaleza por MI2 em Fortaleza	208
Quadro 98 - Sinalização PAI em Fortaleza	209
Quadro 99 - PAI: configurações de mãos ativas identificadas	210
Quadro 100 - PAI: movimentos identificados.	210
Quadro 101 - Sinalização PAI em Maceió.....	211
Quadro 102 - PAI: configurações de mãos ativas identificadas	211
Quadro 103 - PAI: movimento identificado	212
Quadro 104 - Variantes PAI em Fortaleza e Maceió	213
Quadro 105 - Variante P-A-I em Fortaleza e Maceió	215
Quadro 106 - Variante PAI por junção de sinal e soletração.....	215
Quadro 107 - Variante PAI por FA2 e MI2	216
Quadro 108 - Variante PAI por MI6	217
Quadro 109 - Sinalização AV@/VOV@ em Fortaleza.....	218
Quadro 110 - AV@/VOV@: configurações de mãos ativas identificadas.	218
Quadro 111 - AV@/VOV@: movimentos identificados.....	219
Quadro 112 - Sinalização AV@/VOV@ em Maceió.....	220
Quadro 113 - AV@/VOV@: configurações de mãos ativas identificadas	220
Quadro 114 - AV@/VOV@: movimentos identificados.....	221
Quadro 115 - Variantes para AV@/VOV@ em Fortaleza e Maceió	223
Quadro 116 - Variante para AV@/VOV@ com CM em S.....	224
Quadro 117 - Variantes VOV@ por FI5 e FI6 em Fortaleza.....	225
Quadro 118 - Variantes por CM em Fortaleza e Maceió	229
Quadro 119 - Variantes CM AV@/VOV@	230
Quadro 120 - MÃE: variantes com as CM	231
Quadro 121 - Variantes a partir da CM	232
Quadro 122 - Sinalização MARACUJÁ em Fortaleza	237
Quadro 123 - MARACUJÁ: configurações de mãos ativas identificadas	238
Quadro 124 - MARACUJÁ: movimentos identificados	239
Quadro 125 - Sinalização MARACUJÁ em Maceió.....	240
Quadro 126 - MARACUJÁ: configurações de mãos ativas identificadas	240
Quadro 127 - MARACUJÁ: movimentos identificados	241
Quadro 128 - Variantes MARACUJÁ em Fortaleza.....	243
Quadro 129 - Variante MARACUJÁ por MI2 e FI6 em Fortaleza	244
Quadro 130 - Variante MARACUJÁ por MI3 em Fortaleza	245
Quadro 131 - Variante MARACUJÁ em Maceió.....	246
Quadro 132 - Variantes MARACUJÁ por FJ6 e MJ4 em Maceió	247
Quadro 133 - Variante MARACUJÁ por FI1 em Maceió	247
Quadro 134 - Sinalização MELÂNCIA em Fortaleza.....	249
Quadro 135 - MELÂNCIA: configurações de mãos ativas identificadas	250
Quadro 136 - MELÂNCIA: movimentos identificados	251
Quadro 137 - Sinalização MELÂNCIA em Maceió	253
Quadro 138 - MELÂNCIA: configurações de mãos ativas identificadas	254
Quadro 139 - MELÂNCIA: movimentos identificados	255
Quadro 140 - Variante MELÂNCIA em Fortaleza e Maceió	257
Quadro 141 - Variantes comuns entre Fortaleza e Maceió	258
Quadro 142 - Variante MELÂNCIA por MI3 em Fortaleza.....	259
Quadro 143 - Variante MELÂNCIA por FI6 em Fortaleza	260
Quadro 144 - Variante MELÂNCIA por MI1 em Fortaleza.....	260
Quadro 145 - Variante MELÂNCIA por MI2 em Fortaleza.....	261
Quadro 146 - Variante MELÂNCIA por MJ6 e MI6 em Fortaleza.....	261

Quadro 147 - Variante MELÂNCIA por MA3 e MA4 em Maceió	262
Quadro 148 - Variante MELÂNCIA por MJ4 em Maceió	263
Quadro 149 - Variantes para MARACUJÁ a partir das CM	268
Quadro 150 - MELÂNCIA: Variantes por CM em Fortaleza e Maceió	269
Quadro 151 - Sinalização CEBOLA em Fortaleza.....	272
Quadro 152 - CEBOLA: configurações de mãos ativas identificadas.....	273
Quadro 153 - CEBOLA: movimentos identificados.....	273
Quadro 154 - Sinalização CEBOLA em Maceió	274
Quadro 155 - CEBOLA: configurações de mãos ativas identificadas.....	276
Quadro 156 - CEBOLA: movimentos identificados.....	276
Quadro 157 - Variantes em Fortaleza com CM em D	279
Quadro 158 - Variantes por MI3 e MI6 em Fortaleza	279
Quadro 159 - Variantes por MA3, FI6 e MI2 em Fortaleza.....	280
Quadro 160 - Variante por FI5 em Fortaleza.....	281
Quadro 161 - Variante por MI1 em Fortaleza.	281
Quadro 162 - Variante padrão CEBOLA em Maceió	283
Quadro 163 - Variantes CEBOLA por FA2 e MA4 em Maceió	284
Quadro 164 - Variante CEBOLA por FJ2 em Maceió	285
Quadro 165 - Variante CEBOLA por MJ4 em Maceió	285
Quadro 166 - Sinalização CENOURA em Fortaleza	287
Quadro 167 - CENOURA: configurações de mãos ativas identificadas	287
Quadro 168 - CENOURA: movimento identificado.....	288
Quadro 169 - Sinalização CENOURA em Maceió.....	291
Quadro 170 - CENOURA: configurações de mãos ativas identificadas	291
Quadro 171 - CENOURA: movimentos identificados	292
Quadro 172 - Variante CENOURA em Fortaleza e Maceió.....	296
Quadro 173 - Variante CENOURA com dois sinais Fortaleza e Maceió	297
Quadro 174 - Variantes CENOURA entre Fortaleza e Maceió FI6, MI2 e MA4	298
Quadro 175 - Variante CENOURA por MA3 em Fortaleza.....	299
Quadro 176 - Variante por FI5 em Fortaleza.....	300
Quadro 177 - Variante por MI1 em Fortaleza.....	300
Quadro 178 - Variante por MI3 em Fortaleza.....	301
Quadro 179 - Variante por MI6 em Fortaleza.....	301
Quadro 180 - Variante por FJ3 em Maceió	302
Quadro 181 - Variante por FJ6 e FA2 em Maceió.....	303
Quadro 182 - Variante por FI1 em Maceió	303
Quadro 183 - Sinalização TOMATE em Fortaleza	304
Quadro 184 - TOMATE: configurações de mãos ativas identificadas	305
Quadro 185 - TOMATE: movimentos identificados	305
Quadro 186 - Sinalização TOMATE em Maceió.....	308
Quadro 187 - TOMATE: configurações de mãos ativas identificadas	309
Quadro 188 - TOMATE: movimentos identificados	309
Quadro 189 - Variantes semelhantes em Fortaleza e Maceió	313
Quadro 190 - Variante por FA2 e MA3.....	315
Quadro 191 - Variante por MJ1 em Fortaleza	315
Quadro 192 - Variante por FI5.....	316
Quadro 193 - Variante por FI6 em Fortaleza.....	317
Quadro 194 - Variante por MI1 em Fortaleza.....	317
Quadro 195 - Variante por MI3 em Fortaleza.....	318
Quadro 196 - Variante por MI2 em Fortaleza.....	318

Quadro 197 - Variante TOMATE por MJ2 em Maceió.....	319
Quadro 198 - Variante TOMATE por MJ4	320
Quadro 199 - Variante TOMATE por MA4.....	321
Quadro 200 - CEBOLA: variantes a partir das CM	330
Quadro 201 - CENOURA: variantes a partir da CM	331
Quadro 202 - TOMATE: variantes a partir das CM	333
Quadro 203 - Síntese das ocorrências querológicas nos léxicos investigados	354
Quadro 204 - Exemplo de variantes para CENOURA identificadas no corpus	356
Quadro 205 - Variantes para CEBOLA identificadas no corpus da pesquisa.....	357
Quadro 206 - Exemplos de variantes para CEBOLA e TOMATE.....	358
Quadro 207 - Exemplo de variantes para MARACUJÁ no corpus investigado	359
Quadro 208 - Exemplos de variantes para CUNHAD@ no corpus investigado	360

LISTA DE GRÁFICOS CRIADOS E EXPORTADOS COM AUXÍLIO DO RSTUDIO (GráficoR)

GráficoR 1 - Uso de variantes de vocábulos de cores UFC e UFAL	143
GráficoR 2 - Parâmetro (variantes) de vocábulos de cores – UFC e UFAL	144
GráficoR 3 - Uso de variantes de vocábulos de cores – UFC e UFAL	145
GráficoR 4 - Uso de variantes de vocábulos de cores por faixa etária – UFC e.....	146
GráficoR 5- Variação regional de vocábulos de cores por sexo – UFC e UFAL	148
GráficoR 6 - Uso de variantes de vocábulos de calendário – UFC e UFAL	182
GráficoR 7 - Parâmetro (variantes) de vocabulário de calendário – UFC e UFAL ..	183
GráficoR 8 - Uso de variantes de vocábulos de calendário (ABRIL, AGOSTO e....	185
GráficoR 9 - Uso de variantes de vocábulos de calendário (FEVEREIRO) – UFC ..	186
GráficoR 10 - Variantes de vocábulos de calendário (FEVEREIRO) por faixa.....	187
GráficoR 11 - Variantes de vocábulos (FEVEREIRO) por faixa etária – UFC e.....	188
GráficoR 12 - Variação regional de acordo com o sexo biológico homem e mulher.	189
GráficoR 13 - Uso de variantes de vocábulos de família – UFC e UFAL	227
GráficoR 14 - Uso de variantes de vocábulos de família (Cunhado e Vovó) –.....	228
GráficoR 15 - Uso de variantes de vocábulos de família (Mãe e Pai) – UFC e.....	230
GráficoR 16 - Parâmetro (variantes) de vocábulos de família – UFC e UFAL.....	232
GráficoR 17 - Uso de variantes de vocábulos de família (Mãe e Pai) por faixa	233
GráficoR 18 - Uso de variantes de vocábulos de família (Cunhado e Vovó) por	234
GráficoR 19 - Variação regional de vocábulos de família por sexo – UFC e UFAL.	235
GráficoR 20 - Uso de variantes de vocábulos de frutas - UFC e UFAL.....	264
GráficoR 21 - Variantes regionais para MARACUJÁ e MELÂNCIA	265
GráficoR 22 - Uso de variantes de vocábulos de frutas por faixa etária – UFC e ...	267
GráficoR 23 - Parâmetro (variantes) de vocábulos de frutas – UFC e UFAL	269
GráficoR 24 - Variação regional de vocábulos de frutas por sexo – UFC e UFAL. .	270
GráficoR 25 - Uso de variantes de vocábulos de legumes – UFC e UFAL	325
GráficoR 26 - Uso de variantes de vocábulos de legumes (Cebola e Cenoura) – ..	326
GráficoR 27 - Uso de variantes de vocábulos de legumes (Tomate) – UFC e.....	328
GráficoR 28 - Uso de variantes de vocábulos de legumes (Cebola e Cenoura)	330
GráficoR 29 - Uso de variantes de vocábulos de legumes (Tomate) por faixa	332
GráficoR 30 - Parâmetro (variantes) de vocábulos de legumes – UFC e.....	333
GráficoR 31 - Variação regional de vocábulos de legumes por sexo – UFC e.....	335

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Fortaleza: USO e NÃO USO das variantes locais.....	361
Tabela 2 - Maceió: USO e NÃO USO das variantes locais	365

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	Língua de Sinais Americana (<i>American Sign Language</i>)
AUSLAN	Língua de Sinais Australiana (<i>Australian Sign Language</i>)
CEPSH	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
ELAN	Eudico – Anotador Linguístico
INDL	Inventário Nacional da Diversidade Linguística
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPOL	Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LSBC	Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros
LSF	Língua de Sinais Francesa (<i>Langue des Signes Française</i>)
LSI	Língua de Sinais Italiana (<i>Lingua dei Segni Italiana</i>)
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFT	Universidade Federal de Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	26
1.1 Justificativa da Pesquisa	33
1.2 Perguntas de Pesquisa	35
1.3 Objetivo Geral	36
1.4 Objetivos Específicos	36
1.5 Estrutura da Tese	36
2 TEORIA DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: CAMPO DE ESTUDO	38
2.1 Variação Linguística: aspectos teóricos	38
2.2 A Heterogeneidade e os Fatores Extralingüísticos na Variação Linguística	44
2.2.1 Fatores extralingüísticos	46
3 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA EM LÍNGUA DE SINAIS	52
3.1 Variação Linguística nas Línguas de Sinais	56
3.2 Variação linguística em Libras	62
3.2.1 Variação Querológica na Libras	65
3.2.2 Variação lexical na Libras	72
3.2.3 Classificação da Variação Linguística	79
4 PERCURSO METODOLÓGICO	84
4.1 Caracterização da Pesquisa	84
4.1.1 Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais (INDL)	86
4.1.2 Questões éticas	88
4.1.3 Coleta de dados	89
4.1.4 Instrumentos de coleta de dados	93
4.1.4.1 Eliciação dos dados	95
4.2 População da Pesquisa	95
4.3 Seleção, transcrição e Descrição dos Dados	103
4.3.1 Seleção dos dados	104
4.3.2 Transcrição dos dados	106
4.3.3 Descrição dos dados	109
4.3.4 Apresentação dos dados	114
4.3.4.1 Descrição	115
4.3.4.2 Dados de variantes advindos das entrevistas no Meet	115
4.3.4.3 Análise quantitativa	115
5 ANÁLISE	119
5.1 Apresentação do Modelo de Análise Adotado	119

5.2 Análise das variantes para PRETO(cor) identificadas em Fortaleza e Maceió	119
5.2.1 PRETO(cor): variantes no nível querológico	120
5.2.2 PRETO(cor): variantes no nível lexical	126
5.2.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – PRETO(cor)	127
5.3 Análise das variantes para ROSA(cor) identificada em Fortaleza e Maceió	132
5.3.1 ROSA(cor): variantes no nível querológico	132
5.3.2 ROSA(cor): variantes no nível lexical	136
5.3.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – ROSA(cor)	138
5.4 Análise Quantitativa: Variações Querológica, Lexical e Regional do sinal PRETO e ROSA (cores)	143
5.5 Análise das variantes para o mês ABRIL identificadas em Fortaleza e Maceió	149
5.5.1 ABRIL: variantes no nível querológico	149
5.5.2 ABRIL: variantes no nível lexical	153
5.5.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – ABRIL	154
5.6 Análise das variantes para o mês AGOSTO identificadas em Fortaleza e Maceió	158
5.6.1 AGOSTO: variantes no nível querológico	159
5.6.2 AGOSTO: variantes no nível lexical	162
5.6.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – AGOSTO	164
5.7 Análise das variantes para o mês FEVEREIRO identificadas em Fortaleza e Maceió	167
5.7.1 FEVEREIRO: variantes no nível querológico	167
5.7.2 FEVEREIRO: variantes no nível lexical	172
5.7.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – FEVEREIRO	173
5.8 Análise Quantitativa: Variações Querológica, Lexical e Regional do sinal ABRIL, AGOSTO e FEVEREIRO	182
5.9 Análise das variantes para CUNHAD@ identificadas em Fortaleza e Maceió	191
5.9.1 CUNHAD@ variantes no nível querológico	191
5.9.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – CUNHAD@	194
5.10 Análise das variantes para MÃE identificadas em Fortaleza e Maceió	199
5.10.1 MÃE: variantes no nível querológico	199
5.10.2 MÃE: variantes no nível lexical	203
5.10.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – MÃE	204
5.11 Análise das variantes para PAI identificadas em Fortaleza e Maceió	208
5.11.1 PAI: variantes no nível querológico	209

5.11.2 PAI: variantes no nível lexical.....	212
5.11.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – PAI.....	213
5.12 Análise das variantes para AV@/VOV@ identificadas em Fortaleza e Maceió	217
5.12.1 AV@/VOV@: variantes no nível querológico	218
5.12.2 AV@/VOV@: variantes no nível lexical.....	221
5.12.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – AV@/VOV@.....	222
5.13 Análise Quantitativa: Variações Querológica, Lexical e Regional do sinal CUNHAD@, MÃE, PAI e VOVO/AV@/VOV@.....	227
5.14 Análise das variantes para MARACUJÁ identificadas em Fortaleza e Maceió	236
5.14.1 MARACUJÁ: variantes no nível querológico	237
5.14.2 MARACUJÁ: variantes no nível lexical.....	241
5.14.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – MARACUJÁ.....	243
5.15 Análise das variantes para MELANCIA identificadas em Fortaleza e Maceió	248
5.15.1 MELANCIA: variantes no nível querológico.....	248
5.15.2 MELANCIA: variantes no nível lexical	255
5.15.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – MELANCIA	256
5.16 Análise Quantitativa: Variações Querológica, Lexical e Regional do Sinal MELANCIA E MARACUJA.....	264
5.17 Análise das variantes para CEBOLA identificadas em Fortaleza e Maceió	271
5.17.1 CEBOLA: variantes no nível querológico	271
5.17.2 CEBOLA: variantes no nível lexical	276
5.17.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – CEBOLA.....	279
5.18 Análise das variantes para CENOURA identificadas em Fortaleza e Maceió	286
5.18.1 CENOURA: variantes no nível querológico	286
5.18.2 Variantes lexicais – CENOURA.....	294
5.18.3 Entrevista — Dados extralinguísticos — CENOURA.....	295
5.19.1 TOMATE: variantes no nível querológico	304
5.19.2 TOMATE: variantes no nível lexical	311
5.19.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – TOMATE	312
5.20 Análise Quantitativa: Variações Querológicas, Lexical e Regional dos sinais CEBOLA, CENOURA e TOMATE	324
6 RESULTADOS.....	337
7 DISCUSSÃO	352
REFERÊNCIAS.....	373

APÊNDICE	379
----------------	-----

1 INTRODUÇÃO

Esta seção contextualiza nosso interesse pelo campo da Sociolinguística, destacando, na sequência, a temática da variação linguística na Libras a partir de uma

pequena revisão historiográfica dos estudos linguísticos da língua de sinais e a repercussão científica e legal advinda desse contexto. Suas seções subsequentes são: justificativa da pesquisa, perguntas de pesquisa, objetivo geral e específicos, concluindo com a apresentação da estrutura da tese.

O interesse de pesquisa está atrelado ao desenvolvimento e caminho que nossa vida tomou e da subjetividade constituída a partir das experiências de contato linguístico em Libras com as pessoas e, assim, no modo como nos vinculamos ao mundo. Mas não é apenas isso, é também a continuidade da pesquisa que realizamos no mestrado (MACHADO, 2016), momento no qual analisamos as variações dos estilos dos sujeitos, prosódia, modos de pronúncia que variam de pessoa para pessoa.

Área da variação linguística é para nós muito importante e significativa, por ela vemos como as pessoas se conectam entre si, com a sociedade na qual vivem sendo influenciados por essa coletividade, pois o ser humano não é humano por si, ele é humanizado nas/pelas relações originadas com e a partir da língua. Como espécie, não podemos nos dissociar da língua, somos humanizados por ela. Como surdos, é pela língua de sinais que nos constituímos cultural e identitariamente no contexto de compartilhamentos sociais. Com nossos pares surdos aprendemos, apreendemos e compartilhamos as variantes linguísticas com as quais temos contato conforme a idade (jovens, adultos, idosos), sexo e gênero (homem, mulher, gay, trans e todas as diferenças de gênero que vão além do sexo biológico). Também o ambiente onde vivemos, nível de escolaridade, locais de uso da língua: shopping, escola, família, espaço acadêmico e situações vivenciais de tipo formal e informal.

Desse modo, nos interessou entender mais profundamente esse fenômeno da variação linguística que, por característica constitutiva, conecta o ser humano com a vida em sociedade.

A variação linguística tem por característica apresentar, na materialidade da comunicação, os elementos raiz que constituem as diferenças linguísticas dos sujeitos: variações querológicas, lexicais, semânticas, de estilo, etc.

Desses tipos de variação, para esta tese, escolhemos dois: variação querológica e variação lexical. Essa escolha se deveu pela nossa compreensão de que essas variações são profundas e complexas, havendo muito, ainda, o que encontrar quando tomadas como categorias de conteúdo e análise, porque, como são elementos-base para a produção da língua de sinais, elas advêm do contexto de comunicação das pessoas que, por não ser homogêneo nem uniforme, dele resultam

nuances de variações individuais que não alteram o significado, até grandes variações, que alteram o significado, como as variações lexicais, que são coletivas e dependentes dos contextos sociais, sentidos produzidos pela comunidade, história e cultura.

De acordo com Labov (2008) toda sociedade tem língua e esta tem variações. Para esse autor, o estudo das variações advém políticas linguísticas e políticas sobre as línguas na sociedade, uma vez que estas constituem e são constituídas pelos humanos e seus processos de desenvolvimento em todo o tempo e lugares, provocando a evolução linguística¹ dos povos.

Entender essa evolução linguística a partir dos estudos e compreensão do fenômeno da variação linguística é importante porque, a partir da compreensão do movimento natural da língua que nos chega, não há o que reclamar quando nos deparamos com diferenças, pois passamos a entender e aceitar que esse é um processo natural das línguas. Por isso, esse estudo cogita apoiar e contribuir com a compreensão da variação na querologia e léxico na Libras.

Os estudos linguísticos direcionados para a Língua de Sinais são o ponto de partida deste trabalho com foco na comunidade surda, especificamente, na linguística voltada para a produção de linguagem dos sujeitos surdos. A linguística das línguas de sinais começou a ganhar força a partir de Willian Stokoe em 1960, com sua análise da Língua de Sinais Americana (ASL – *American Sign Language*), e proposta de uma perspectiva diferente da adotada pela linguística das línguas orais, uma vez que, para Stokoe, análises e estudos relacionados às línguas de sinais deveriam ser realizados a partir dos parâmetros formacionais dessas línguas, os quais ele, originalmente, designou como Configuração de Mão - CM, Ponto de Articulação - PA e Movimento – M.

A designação destes parâmetros se constituiu como evidência científica da posição linguística dessas línguas, antes consideradas apenas uma forma de mímica utilizada pelos surdos para comunicação, e provou que os sujeitos surdos dispunham de uma língua complexa com a qual podiam organizar e expressar a realidade circundante.

¹ O termo evolução neste trabalho não está vinculado à ideia de que as línguas saem de um estágio primitivo para um estágio mais avançado, ou ainda, que existam línguas primitivas e avançadas. Para a sociolinguística e para este trabalho de pesquisa, evolução é o mesmo que mudança.

Os estudos conduzidos por Stokoe (1960), ao evidenciar que os sinais empregados na ASL apresentam uma organização interna, com unidades mínimas distintas que se combinam e recombinaem para formar unidades maiores portadoras de significado, abriu caminho para o início de uma tradição em pesquisas linguísticas cujo objeto de estudo são as línguas de sinais.

Os elementos da ASL descritos pelo linguista constituíram os parâmetros primários e, na sequência dada por Battison (1978, 1980) aos estudos, foram acrescentados parâmetros secundários, a Orientação da Mão/Direcionalidade – Or e os aspectos não manuais, expressões faciais e corporais (ENM) (FERREIRA BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004).

Após observar esses parâmetros, e a fim de salientar sua constituição visual, Stokoe propôs uma terminologia para o estudo dos níveis linguísticos das línguas de sinais que difere daquela empregada nas línguas orais. Assim, chamou o estudo das unidades mínimas sem significado constitutivas dos sinais de *Cherology* (Querologia) e atribuiu a essas unidades mínimas o nome de *chereme* (querema). Os autores Aldrete (2008), Leite (2008), Anater (2009), Castro Jr. (2011), Mendonça (2012) e Pêgo (2012) também trabalharam com o conceito de querema em suas pesquisas. Essa distinção terminológica deve-se ao fato de que as unidades mínimas estudadas nas línguas orais serem de natureza sonora.

Faz-se necessário o esclarecimento dos conceitos de Fonologia e Querologia utilizados no decorrer desta pesquisa que trata de língua de sinais. O primeiro estuda o sistema sonoro das línguas orais no nível fonético-fonológico, representados pelos fones, fonemas e materializados pela fala. Já a Querologia é a ciência sobre os movimentos das mãos nas línguas de sinais, e enfoca o emprego dos articuladores dos sinais (MACHADO, 2016, p. 43). É usada, portanto, para descrever as unidades elementares ou queremas – combinações que se fazem com os sinais da língua de sinais. Dessa forma, relaciona-se com o sistema manual das línguas de sinais, ou seja, como é produzido um sinal.

Apesar da intenção de Stokoe de ressaltar a natureza distinta que caracteriza a língua de sinais no nome da área do saber que ele inaugurou, a terminologia não se consolidou. Battison (1974) destacou-se com a publicação da obra intitulada *Phonological Deletion in American Sign Language*, como primeiro pesquisador a utilizar a referida nomenclatura (Fonologia) para se referir ao estudo das unidades mínimas das línguas de sinais (OLIVEIRA, 2015). A falta de consenso entre a

terminologia a ser adotada ainda ocorre. Nesta pesquisa, optamos por empregar o termo querologia, por entender que está estritamente relacionada às línguas de sinais, e dessa forma, valoriza-se a singularidade da modalidade linguística visual-gestual-espacial².

A literatura especializada apresenta estudos relacionados a essa temática e adota, na maioria das vezes, o termo Fonologia para descrever a língua de sinais, porém esta modalidade de língua é extremamente diferente. Como ela se apresenta, não traz relação com a forma de produção das línguas orais, como se verificará adiante. Desse modo, na presente tese, os termos “Querologia” e “Querema” foram adotados conforme os estudos de Stokoe (1960) e são os termos tomados para tratar dos fenômenos linguísticos relacionados à língua de sinais e seu uso. Esta nossa escolha terminológica se coaduna com os princípios do linguista americano, para quem o estudo de uma língua visual-gestual-espacial demandava a especificação de aspectos que não eram os mesmos estudados pela Fonologia, visto que os termos das línguas orais não são suficientes para explicar todas as características apresentadas pela língua de sinais, sendo essa uma forma de legitimar termos que se relacionam à especificidade das línguas de sinais, línguas de modalidade diferente das línguas orais, que apresentam características distintas que são decorrentes de sua percepção e produção.

As línguas de sinais, a partir dos pressupostos apresentados por Stokoe na década de sessenta, ganharam espaço pelo mundo em termos de investigação científica. As descrições linguísticas, em todos os níveis de análise, começam a ganhar espaço e, cada vez mais, pesquisadores pelo mundo se interessaram em saber como funcionam as gramáticas dessas línguas. Como quaisquer línguas humanas, as línguas de sinais variam e mudam com o tempo, influenciadas por fatores sociolinguísticos. Assim, olhar para as línguas de sinais a partir dos pressupostos da Teoria da Variação proposta por William Labov (2008) se faz importante.

No âmbito da Sociolinguística, Labov, renomado pesquisador que é referência mundial no referido campo de estudos, nos deu base conceitual sobre os fenômenos de variação linguística. Esses fenômenos estão ligados às formas naturais de uso da língua na sociedade, tema que trataremos com aprofundamento no capítulo teórico.

² Optou-se, nesta tese, por empregar o termo *visual-gestual-espacial* conforme a proposta de Aguiar (2019), por se entender que as línguas de sinais são percebidas pela visão e expressas pelos aspectos inerentes à gestualidade e pelo uso do espaço.

Dessa forma, esta pesquisa tem a variação linguística como objeto de investigação, e para ela tomamos a visão de língua fundamentada nesse campo de estudo, de língua como sistema heterogêneo e variável.

Nesse sentido, é importante ressaltar que para compreendermos a Libras e seus sinalizantes se constitui como necessário considerar a dimensão continental do Brasil que constrói realidades linguísticas e sociais para os surdos nas diversas regiões do país. Assim, um aspecto relevante diz respeito ao reconhecimento e difusão da Libras, uma vez que ela é uma língua minoritária, historicamente construída na clandestinidade das comunidades sinalizadoras durante o período do oralismo, que foi impulsionada, a partir do início da década de 1980, tomando impulso em nível nacional a partir dos anos 1990, por estudos linguísticos como os de Ferreira Brito (1993 e 1995), Quadros (1997) e Felipe (1998), dentre outros, tendo ganhado espaço e força como um sistema de comunicação da comunidade surda brasileira que resultou em seu reconhecimento pela Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002), e, posteriormente, pelo Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2005) que regulamentou a lei e determinou uma série de ações para formação de professores e intérpretes e a inclusão da disciplina Libras nos cursos de Licenciatura e Fonoaudiologia.

A partir dos documentos legais, da criação dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Letras Libras ofertado pela UFSC, a partir 2006, e distribuído em diversas universidades brasileiras que funcionavam como pólos para funcionamento dos cursos³, com o ingresso de surdos no ensino superior, se tornou inevitável a difusão e ampliação lexical da língua. Por sua vez, no contexto não acadêmico, as alterações no vocabulário transcorrem, muitas vezes, de forma mais lenta, pois, nesse caso, o léxico segue o curso natural da ampliação de saberes e conceitos da comunidade, dependendo, sobretudo, do contato social da língua em uso.

Segundo Bagno (2017), a mudança linguística é um processo social que ocorre devido às “dinâmicas de interação dos indivíduos e das populações de uma dada comunidade”, que existe fundamentalmente devido ao caráter heterogêneo das línguas, pois “em qualquer sociedade, a língua nunca é um sistema único, fechado

³ A partir de 2011, por meio do Decreto 7.612, de 17 de novembro, o Governo Federal, criou o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência — Viver sem Limite, criando em Instituições Federais de Ensino Superior, cursos presenciais de Licenciatura em Letras Libras, nos 27 estados da União. Cf. https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/-publicacoes/turismo-acessivel/Cartilha_Plano_Viver_sem_Limite.pdf. Acesso em 06 de abril de 2023.

em si, mas um conjunto de subsistemas que a sociolinguística chama de variedades” (BAGNO, 2017, p. 285 – 286).

Investigar os aspectos sociais que produzem mudanças linguísticas em dado período é importante para podermos verificar quais fatores provocam variações nas línguas.

No caso das línguas de sinais, variantes acontecidas em função do contato com outras línguas de sinais ou com línguas orais-auditivas podem ocasionar empréstimos linguísticos como o uso de estrangeirismo, soletração manual e léxico atrelado a letras do alfabeto manual. Os sinais surgem naturalmente, originando novos morfemas e, ao serem utilizados cotidianamente, são incorporados ao léxico e, não necessariamente, produzidos com a consciência acerca de sua origem. Entendemos esse fenômeno como espontâneo, uma vez que os sujeitos sinalizantes assimilam novos sinais, aprendendo a utilizá-los em várias situações da vida.

Outro aspecto relevante quando lidamos com o fenômeno da comunicação sob a perspectiva da sociolinguística é a crescente diminuição das barreiras geográficas e linguísticas devido à influência da tecnologia nas interações sociais. Em nossa convivência com surdos brasileiros e com surdos de outras nacionalidades por meio das redes sociais, tivemos contato com outras línguas de sinais e observamos que esse intercâmbio linguístico e cultural influencia nos modos de sinalizar dos comunicantes.

O uso crescente das tecnologias de informação e comunicação (TICs) e da internet, sobretudo das redes sociais como o *Facebook* e *Instagram* e de aplicativos de mensagens como o *WhatsApp*, favoreceu a uma grande difusão das línguas de sinais e uma consequente ampliação das interações nessa língua. Essa realidade contribui não somente para o estabelecimento das interações entre as pessoas, mas também para os estudos relacionados às línguas de sinais, uma vez que os conteúdos são disseminados rapidamente mediante vídeos que levam a informação àqueles que têm interesse nesses temas.

O aspecto da visualidade, implícito à modalidade da língua de sinais, ganhou espaço com esses contatos oportunizados pelas tecnologias. Assim, a difusão de padrões diferentes da língua pode acontecer e seus diferentes modos de falar ganham reconhecimento na comunidade surda. Desse modo, o desenvolvimento da tecnologia movimenta o uso da língua e dá visibilidade para a existência de diferentes formas de

usos linguísticos e de comunidades de fala, fazendo a difusão dessas realidades de forma rápida e interessante.

Nesse sentido, a convergência entre tecnologia e os processos de comunicação atuais que ampliaram as possibilidades de interação humana, favorecendo a variação linguística pela disseminação lexical advinda das aproximações entre as comunidades que incorporam elementos linguísticos uma da outra. Esse cenário afeta as perspectivas que cada sujeito carrega juntamente com a sua história no grupo social, impactando estilos de uso da língua ampliados pelas variações sociolinguísticas. Esta ocorrência entre sinais utilizados nos estados do Nordeste torna necessário conhecer as variações linguísticas e as estruturas construtoras desses vocábulos utilizados em diferentes locais. O movimento de influências constantes, permite adquirir novo conhecimento e incorporar esses novos elementos à língua. Estes, por sua vez, se constituem como *corpora* linguístico para pesquisadores, principalmente os surdos que, ao investigar sua língua de sinais e os fenômenos linguísticos que a constituem, empoderaram-se e, conhecendo mais profundamente a Libras, a fortalecem, visto que, toda variação é constitutiva da língua, e os registros científicos gerados pelas pesquisas se tornam propriedade intelectual da comunidade surda.

1.1 Justificativa da Pesquisa

As pesquisas sobre a variação linguística da Libras vêm avançando na última década, colaborando com os registros da língua de sinais. No Brasil, são constatados os diferentes tipos de variação e esta pesquisa tem o propósito de contribuir com esse campo.

Entendemos a variação como fenômeno de diferentes realizações de um mesmo sinal que possui o mesmo significado em contextos sociais de uso, considerando a participação dos sujeitos de acordo com sexo biológico e faixa etária. Nesse sentido, os dados analisados se constituem como um recorte de documentos em vídeo do Projeto *Corpus* de Libras, que compõem o Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais (INDLibras)⁴, a fim de poder identificar a ocorrência de variação na realização de sinais por surdos de Fortaleza e Maceió considerados pela comunidade surda das duas regiões como referências linguísticas. A sua presença no

⁴ Mais informações em: <http://portal.iphan.gov.br/indl/noticias/detalhes/4198/pesquisa-coleta-dados-para-o-inventario-nacional-de-libras>.

INDLibras atesta esse lugar linguístico dos participantes. O enquadramento nos grupos foi feito a partir da idade (jovens, adultos e idosos) e sexo biológico (homem e mulher). Para o *corpus* foram selecionados sinais do projeto de pesquisa para o INDLibras das instituições (UFC e UFAL) e entrevista via *meet* para verificação de variação acontecida com o grupo de participantes descrito na metodologia.

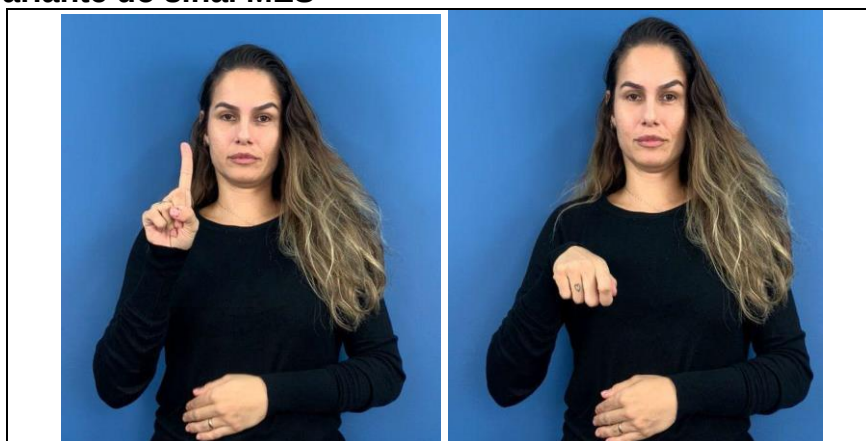
Para a Sociolinguística, cada sujeito se manifesta linguisticamente de um modo, não havendo produção linguística que seja padronizada, ocasionando distintos estilos linguísticos. Tal fato se evidencia no reconhecimento de diferenças mínimas de articulações de sinais que podem variar de uma distinção na configuração de mão, localização do sinal, movimento, orientação da mão ou expressões não manuais para diferenças de ordem lexical.

No convívio entre sujeitos que fazem parte de grupos minoritários, há uma tendência a perceber mais facilmente a ocorrência de fatores que interferem na língua, visto que as relações tendem a ser permeadas por características sociais e culturais comuns.

Se por um lado há variação social observada em indivíduos que residem no mesmo espaço geográfico, por outro, também existe a variação individual, ou seja, dois indivíduos que residem em Fortaleza podem apresentar variação no modo de sinalizar. Isso pode ser percebido nas diferenças em relação aos parâmetros da língua de sinais, ainda que sejam pequenas.

Podemos citar a produção de sinais que se constituem com as duas mãos, mas que podem ser realizados com apenas uma delas. Podemos mencionar o sinal MÊS realizado com uma mão passiva e uma ativa, com movimento de cima para baixo, mas que pode ser produzido com apenas a mão ativa. Esse exemplo, visualizado na Figura 1, revela a variação da Libras e nos instiga a buscar compreender fatores extralinguísticos que atuam na língua. Esse assunto será aprofundado nos capítulos 2 e 3.

Figura 1- Variante do sinal MÊS



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Na mesma situação, o sinal, ao invés de se reduzir a uma das mãos, e a apenas uma de suas partes (no caso, a da mão ativa com configuração em A), pode ser realizado com uma das mãos, ainda, mas em sequência (primeiro uma parte, depois a outra), ao invés de ser realizado com as duas e manter a sua simultaneidade. Sendo assim, o sinalizante, estando com uma das mãos ocupadas, produz o sinal MÊS usando uma composição singular e mesmo assim é compreendido.

Visamos, portanto, analisar os fenômenos de variação linguística nas produções de sinalizantes de Fortaleza e Maceió a fim de descrever as diferenças nas variáveis de sexo biológico, geracionais e regionais presentes na sinalização de vocabulários por surdos, a partir da identificação das variantes produzidas por esses participantes, verificando as correlações possíveis nas variações identificadas.

1.2 Perguntas de Pesquisa

Diante das notas introdutórias da existência da variação linguística como um fenômeno natural das línguas vivas, visamos desenvolver uma investigação para identificação e descrição de variantes ocorridas entre participantes de duas cidades para responder às seguintes perguntas de pesquisa: a) Quais tipos de variação linguística são mais frequentes no *corpus* estudado, ao se analisar os vocabulários de surdos jovens, adultos e idosos residentes de Maceió (Alagoas) e de Fortaleza (Ceará)? b) Quando comparadas, as variações documentadas mais recorrentes estão em qual nível, o querológico ou lexical? c) Dentre as variantes regionais identificadas, quais fatores extralinguísticos são constatados?

Nesse contexto investigativo, construímos como objetivos:

1.3 Objetivo Geral

Descrever as variações querológicas e lexicais da Libras na variedade usada em Maceió e Fortaleza.

1.4 Objetivos Específicos

Identificar no projeto Corpus Libras a ocorrência de variações nos níveis querológico e lexical nas capitais Maceió e Fortaleza.

Investigar nos fatores sexo biológico e diferença etária ocorrências de variação linguística entre os participantes surdos de Maceió e de Fortaleza.

Descrever as variações locais e regionais para as variantes identificadas nas sinalizações dos sinais de Maceió e Fortaleza.

1.5 Estrutura da Tese

Frente ao desafio de pesquisa que nos dispusemos a realizar, construímos esta tese organizada nos sete capítulos discriminados a seguir:

Capítulo **1 INTRODUÇÃO**, é composto por uma breve apresentação de nosso interesse pela Sociolinguística como área de estudo e elementos estruturantes para o desenvolvimento da pesquisa como a justificativa e perguntas de pesquisa, objetivos geral e específicos.

Capítulo **2 TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CAMPO DE ESTUDO**, que discorre sobre a Teoria da Variação Linguística e as características das línguas de sinais, explicando sobre heterogeneidade, variação e fatores extralinguísticos que interferem na produção dos sinais da comunidade surda.

Capítulo **3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LÍNGUA DE SINAIS**, aborda a variação linguística em Libras nos níveis querológico e lexical, nas regiões de Fortaleza e Maceió, nos instigando a refletir sobre os tipos de variação existente, por exemplo, a regional (diatópica).

Capítulo **4 PERCURSO METODOLÓGICO**, que detalha o percurso metodológico desta pesquisa, por meio da descrição do método e instrumentos de coleta utilizados. Por ser uma pesquisa quantitativa e descritivista, inclui o detalhamento quanto à seleção do *corpus*, os critérios para desenvolver as análises

dos parâmetros querológicos e lexicais, com base na frequência de uso e em como são produzidas as variantes e também as variações entre sujeitos de localidades diferentes, a fim de identificar, descrever e quantificar as variações regionais que se manifestam comumente, mas também variantes específicas de cada região.

Capítulo **5 ANÁLISE**, no qual apresentamos a descrição e análise do *corpus*, detalhando os sinais analisados com base nas categorias querológicas, lexicais e regionais, e nas subcategorias sexo biológico (masculino e feminino), faixa etária (jovens, adultos e idosos) conforme os tipos encontrados. Nesse contexto descritivo, elaboramos descrições dos parâmetros conforme eles acontecem e criamos uma graduação conforme as alterações na realização dos sinais observados. GráficosR produzidos a partir das sinalizações foram inseridos e analisados.

Capítulo **6 RESULTADOS**, contém nossa discussão dos resultados da pesquisa em diálogo com o referencial teórico da Sociolinguística que sustenta nosso olhar investigativo.

Capítulo **7 DISCUSSÃO**, apresenta nossas reflexões acerca dos resultados e do tratamento que demos aos dados a partir do diálogo construído com a sociolinguística geral e da Libras.

Por fim, apresentamos nossas **CONSIDERAÇÕES FINAIS** sobre a pesquisa. Seguem-se a elas as **REFERÊNCIAS** estudadas e os **ANEXOS**.

2 TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CAMPO DE ESTUDO

Apresentaremos neste capítulo a teoria da variação linguística, seus aspectos teóricos que sustentam nossa reflexão Sociolinguística sobre variação linguística numa perspectiva geral de estudos de línguas e da Libras, discutindo os elementos constitutivos da variação querológica e lexical e os fatores extralinguísticos presentes na variação linguística regional.

2.1 Variação Linguística: aspectos teóricos

Para abordar a variação querológica e lexical, níveis linguísticos estudados, e a variação regional, de sexo biológico e diferença etária identificada entre os sinalizadores da UFC e UFAL, nos fundamentamos nos estudos de Labov (2008) e em outros autores que discorrem sobre a heterogeneidade linguística e os fatores extralinguísticos, evidenciando que fenômenos de variação são decorrentes da interação social nos diferentes níveis linguísticos. Pesquisas sobre o fenômeno da variação linguística surgiram na década de 1960 e buscaram investigar a língua em seu uso natural em interface com os padrões linguísticos. Esses estudos que vêm sendo desenvolvidos nas últimas décadas demonstram que a fala é composta por variantes.

O fato de qualquer língua humana possuir modos diferentes de expressar seu léxico comprova o fenômeno da variação linguística como parte do processo objetivo e subjetivo de construção das línguas. As variantes possíveis emergem naturalmente dos sujeitos em interação social nos espaços que vivem.

Para ilustrar a variação regional na Libras, a partir de processos de variação querológica e lexical, utilizamos a cor VERDE e o sinal para a conjunção, MAS, como exemplos de sinais de sofrerem variação em três cidades brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba. Vejamos a Figura 2 e as ocorrências de variação identificadas:

Figura 2 - Variação regional de VERDE e MAS



Fonte: Lemos (2012, p. 18)⁵

Esses exemplos demonstram ocorrências regionais de variantes de mesmo significado. No capítulo três, desenvolveremos e aprofundaremos este assunto.

Uma vez que, o fenômeno da variação linguística é objeto de investigação do campo da Sociolinguística, que estuda as formas linguísticas no âmbito da linguagem social e visa descrever os comportamentos dos indivíduos a respeito da língua, a influência que exerce sobre esses indivíduos, nos processos de interação social e impactos que operam nos diversos espaços vividos por eles. Além disso, investiga as características no uso da língua, como os indivíduos se comunicam, a depender do contexto situacional e a influência da cultura e dos hábitos, dos aspectos geográficos, dentre outros, na produção linguística humana. Assim,

[...] o que interessa à Sociolinguística é o comportamento social que essa norma pode provocar. De fato, ela pode desenvolver dois tipos de consequência sobre os comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram sua própria língua, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros. Em caso, se valorizará sua prática linguística ou se tentará, ao invés, modificá-la para conformá-la a um modelo prestigioso; no outro, as pessoas serão julgadas segundo seu modo de falar. (CALVET, 2002, p. 60-61).

Dessa forma, a língua não está dissociada dos seus falantes e, por sua vez, dos comportamentos destes, nem tampouco de aspectos culturais, históricos e sociais

⁵ Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6070/1/Arquivototal.pdf>.

que trazem implicações para como esses falantes usam a língua. Labov (2008) assume que os fenômenos de variação linguística são decorrentes de aspectos individuais, diferenças entre as produções de linguagem e fatores que as caracterizam distinguem. Em sua proposta teórica sobre a língua, objeto de estudo que passa por mudanças, o autor foca nas formas e mudanças linguísticas. Nessa perspectiva teórica, três conceitos são importantes e devem ser abordados: variação, variável e variante.

Ao estudar a teoria Sociolinguística Variacionista de William Labov (1972) constata-se que a variação é um fenômeno linguístico no qual se observam formas distintas de produção dos signos que ocorrem numa mesma língua. As diferenças podem ser de diversas ordens, como a variação regional, isto é, em um mesmo espaço como um país ou estado, ou ainda, em área urbana ou rural, onde os indivíduos interagem culturalmente, os costumes são partilhados e, portanto, surgem signos distintos como parte do fenômeno social da comunicação (BAGNO, 2007; LABOV, 2008).

Considerando a língua como um sistema, entendemos que as variações podem ser identificadas e descritas, e que os fatores extralinguísticos que estão presentes nas comunidades de falantes fomentam a heterogeneidade das produções linguísticas. Em sua abordagem, Labov (2008) investiga a variação linguística e suas características, nos diferentes grupos sociais, partindo de três critérios:

Primeiro, queremos um item que seja frequente, que ocorra tão reiteradamente no curso da conversação natural espontânea que seu comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não estruturados e de entrevistas curtas. Segundo, deve ser estrutural: quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico intrínseco do nosso estudo. Terceiro, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada: ou seja, nossas explorações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos ordenados da sociedade. (LABOV, 2008, p. 26).

Vale ressaltar que as observações dessas ocorrências não têm a finalidade de avaliar, seguindo concepções normativas (certo *versus* errado), mas sim de dar visibilidade para a atividade natural da fala, examinando as produções linguísticas das redes comunicativas. Nesse sentido, a base teórica laboviana sobre variação fundamenta-se na noção social da língua. Na comunidade de fala⁶, doravante

⁶ Segundo Spolky (2009, p. 5), “**comunidade de fala**, entendida como uma rede de inter-relações linguísticas mais estreitas, formada por grupos menores como uma família, uma empresa ou mesmo uma pequena cidade, ou região” (LAGARES, 2018, p. 29, grifo do autor).

comunidade sinalizante, os indivíduos surdos interagem num processo natural de comunicação, expressando-se espontaneamente, seguindo as normas gramaticais com maior ou menor rigor⁷. Em nosso caso, duas comunidades sinalizantes: i) surdos residentes em Fortaleza; e ii) surdos residentes em Maceió, ambos categorizados em dois grupos de sinalizantes (mulheres e homens de três faixas etárias, a saber: jovens, adultos e idosos).

Como dito anteriormente, língua e sociedade se relacionam estreitamente e não dissociada, isto é, a língua e os sujeitos sociais estão intensamente interligados, de forma que a sociedade influencia diretamente a língua, aspecto visualizado nos modos como os sujeitos se expressam por meio dela. O campo que abrange estudos nesse âmbito é a Sociolinguística que, focada em descrever o comportamento linguístico nas relações sociais, visa identificar e descrever como as normas, culturas, histórias e experiências influenciam os sujeitos nos diversos contextos de uso da língua e, dessa forma, desencadeiam as variações linguísticas. Hazen (2011) afirma que:

[...] a Sociolinguística é mais frequentemente utilizada para sugerir um novo campo interdisciplinar - a descrição abrangente das relações da linguagem e da sociedade. Isto me parece uma noção infeliz, antecipando uma longa série de estudos puramente descritivos com pouca relação com os problemas teóricos centrais da Linguística ou da Sociologia. (HAZEN, 2011, p. 27, tradução minha).⁸

Diante dos aspectos individuais, existe uma diversidade de perfis linguísticos que dificultam investigar os processos de variações diacrônicas, que também são chamadas históricas, por ocorrerem nas épocas vividas pelos sujeitos. No caso da Libras, as variações diacrônicas precisariam, além de ser percebidas nas diferentes gerações de surdos em contato, ter sido registradas para o desenvolvimento de seu estudo na atualidade. Ainda no contexto de desenvolvimento de pesquisas sobre variação nos sinais, existem os estudos que podem identificar e descrever as ocorrências de variações sincrônicas, ou seja, as que ocorrem atualmente.

⁷ De acordo com Quadros e Karnopp (2004), a Libras, como língua natural, se constitui pelos mesmos traços atribuídos às línguas em geral: flexibilidade e versatilidade; arbitrariedade; descontinuidade; criatividade/produtividade; dupla articulação; padrão. Por ser uma língua de modalidade visual-gestual-espacial, estes traços se conformam e são conformados pela gramática da língua e os usos que as comunidades de sinalizantes fazem dela.

⁸ No original: [...] Sociolinguistics is more frequently used to suggest a new interdisciplinary field – the comprehensive description of the relations of language and society. This seems to me an unfortunate notion, foreshadowing a long series of purely descriptive studies with little bearing on the central theoretical problems of linguistics or of Sociology.

É complexo pesquisar as mudanças que ocorrem naturalmente nos usos da língua, pois, quando os indivíduos se expressam livremente, essas mudanças ocorrem na dependência da relação interpessoal e do espaço de formalidade ou informalidade no momento da comunicação, dentre outros fatores influenciadores das ocorrências variacionais. O aspecto sincrônico pode ser considerado nos estudos, sabendo que este aspecto está estreitamente relacionado ao contexto social de uso, por isso:

[...] quando se fala em variação, é comum fazer referência à sociolinguística, essa área da ciência da linguagem que procura, basicamente, verificar de que modo fatores de natureza linguística e extralinguística estão correlacionados ao uso de variantes nos diferentes níveis da gramática de uma língua a fonética, a morfologia e a sintaxe e também no seu léxico. De uma perspectiva dialetológica, por outro lado, a sociolinguística pode se ocupar mais em estabelecer as fronteiras entre os diferentes falares de uma língua. Dessa perspectiva, interessa ao pesquisador verificar se os falantes de uma mesma língua apresentam diferenças nos seus modos de falar de acordo com o lugar em que estão, de acordo com a situação de fala, ou registro, ou ainda de acordo com o nível socioeconômico do falante (BELINE, 2011, p. 125).

Na Sociolinguística, a historicidade dos indivíduos também é relevante, pois se entende que as experiências familiares, escolares, no trabalho, nos variados ambientes de convivência social influenciam em como usam a língua, assim, as singularidades precisam ser observadas. O ponto central dos estudos sociolinguísticos diz respeito à influência que o contexto social tem sobre o uso da língua, pois se entende que a língua não é utilizada de maneira individual, já que depende do contato entre interlocutores. Portanto, o contexto situacional, que inclui aspectos culturais, históricos e os traços comportamentais das comunidades de fala, também são elementos que interferem nos modos de se usar a língua. Segundo Lucas e Valli (1992):

A sociolinguística é o estudo da inter-relação entre a língua e a estrutura social. Os sociolinguistas estudam a variação da língua, o contato entre línguas, o planejamento e a política linguística, as atitudes linguísticas, e a relação entre interação social e língua, incluindo a estrutura da conversação [...]. A variação não se limita à variação regional. Outros tipos de variação incluem variação social, variação étnica, variação de gênero, e variação etária. Por exemplo, pessoas de diferentes grupos socioeconômicos dentro da mesma sociedade podem falar de forma diferente [...]. O mesmo tipo de variação existe na língua de sinais americana. Vemos variações em todos os níveis da estrutura ASL: variação fonológica, variação morfológica, e variação lexical. (LUCAS; VALLI, 1992, p. 168, tradução nossa).⁹

⁹ No original: Sociolinguistics is the study of the interrelationship of language and social structure. Sociolinguists study variation in language, contact between languages, language planning and policy, language attitudes, and the relationship between social interaction and language, including the structure of conversation [...]. Variation is not limited to regional variation. Other kinds of variation include social variation, ethnic variation, gender variation, and age variation. For example, people from different

As pesquisas científicas no campo dos estudos sociolinguísticos objetivam, principalmente, compreender a língua em uso, sobretudo, observando-se os processos de variação e de mudança linguística, além das diferentes formas de se expressar e a aceitação pelos seus usuários da comunidade linguística dessas formas. Desse modo, é fundamental compreender como se dá essa aceitação (ou não) e os motivos pelos quais isso ocorre. Assim, busca-se pesquisar as formas de uso da língua em diferentes contextos sociais, ou seja, as variações linguísticas, pois se entende que é improvável uma padronização completa nos modos de usar da língua, visto que haverá eventos de variação de qualquer modo. Concordamos com Tarallo, ao afirmar que a língua é:

[...] o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face; é a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossas famílias; é a língua usada nos botequins, clubes, parques, rodas de amigos; nos corredores e pátios das escolas, longe da tutela dos professores; é a língua falada entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados. (TARALLO, 1986, p. 19).

As práticas sociais, sejam elas presenciais ou virtuais, em conjunto com as especificidades sócio-históricas dos indivíduos, constroem as experiências linguísticas vivenciadas pelos sujeitos. Apesar da escola ser o espaço formal de aprendizagem da língua, local onde também os sujeitos se constituem linguisticamente, no caso dos surdos, não é necessariamente assim, visto que a maioria das crianças surdas nascem em família de pais ouvintes, o que pode adiar a aquisição de linguagem naturalmente. Logo, não ocorre uma correlação entre as experiências linguísticas externas ao ambiente escolar, ou seja, as experiências no ambiente familiar, por exemplo.

A variação linguística, portanto, é uma característica intrínseca da língua, seja por questões individuais decorrentes das especificidades históricas e culturais, materializadas nos modos como os falantes se expressam, seja pelas mudanças sociais que acontecem nas comunidades de falantes e que influenciam como esses grupos se comunicam. Assim, em um contexto de compreensão da heterogeneidade das línguas, é importante que as diferentes formas linguísticas sejam respeitadas e a diversidade social, parte do fenômeno linguístico e patrimônio das línguas, seja vista.

socioeconomic groups within the same society may speak differently [...]. The same kind of variation exists in American Sign Language. We see variation at all levels of ASL structure: phonological variation, morphological variation, and lexical variation.

O campo teórico que embasa nosso olhar considera o funcionamento da língua considerando o contexto social dos surdos e os contatos entre os pares, seja do mesmo país ou de outros, como parte da influência para a produção comunicativa. Os surdos não se relacionam apenas na escola, outros contextos compõem seus contatos, por isso, parece que há diversos aspectos extralinguísticos assimilados nas comunicações entre os surdos, aceitos sem resistência, gerando a produção de variantes em grupos de homens e mulheres nas diversas faixas de idade da vida: jovens, adultos e idosos.

2.2 A Heterogeneidade e os Fatores Extralinguísticos na Variação Linguística

As variações e mudanças linguísticas estão associadas ao campo teórico da Sociolinguística, a qual está ancorada “[...] no caráter intrinsecamente heterogêneo de toda e qualquer língua humana viva” (BAGNO; CASSEB-GALVÃO, REZENDE, 2017, p. 27-28). Os autores afirmam ainda que:

Nessa perspectiva, a língua é um sistema múltiplo, um conjunto de subsistemas, denominando variedades. E essas variedades linguísticas representam diversos estágios da mudança linguística, convivendo ao mesmo tempo em dada sociedade. O fato de alguns grupos sociais levarem adiante processos de mudança que outros estão apenas começando a operar, enquanto outros ainda conservam formas mais antigas e outros já completaram os processos de mudança, constitui comprovação empírica do dinamismo linguístico (p. 27-28).

A variação linguística corresponde aos fenômenos de variáveis da língua em contexto de uso social, conforme os estudos de Labov, Weinreich e Herzog (1968). A Teoria da Variação Linguística proposta por esses autores baseia-se no valor social e na ideia de regras linguísticas variáveis que se estruturam de formas variantes, que demonstram um certo padrão e regularidade. Os estudos em Sociolinguística visam analisar as produções linguísticas, fundamentada em perspectiva teórico-metodológica do modelo descritivo de análise da língua, focando no uso da língua nos contextos sociais (LABOV, 2008).

Dessa forma, essa teoria tem em vista comprovar a heterogeneidade do sistema linguístico, mostrando que a língua está atrelada ao indivíduo e ao contexto de enunciação que gera a variação linguística. Dessa forma, o estudo, análise e descrição da produção comunicativa permite que se demonstre a constante modificação e evolução da língua. Neste sentido:

Não se detém para pensar que, se a língua mudou no passado, não tem por que não mudar também agora, no presente, antecipando o que vai ser no futuro [...] a reação a mudança linguística, como a qualquer outro tipo de alteração no cotidiano coletivo, é inerente à maioria das culturas humanas. E como a língua é inerente à maioria das culturas humanas. E como a língua é muitas vezes considerada patrimônio dos povos, pois é parte identitária de cada um dos membros de uma sociedade, qualquer indício de alteração no que os falantes consideram ser a essência da língua certamente não conta com pronta e fácil tolerância. (BAGNO; CASSEB-GALVÃO; REZENDE, 2017, p. 27-28).

Em vista disso, o campo da Sociolinguística, ao reconhecer a heterogeneidade linguística, se debruça em inventariar as variações produzidas socialmente e na análise das mudanças sincrônicas e diacrônicas da língua. Nesse sentido, “contrariando a homogeneidade linguística das teorias estruturalistas, a Sociolinguística procura explicar a heterogeneidade da língua, através da análise de fatores internos e externos ao sistema linguístico” (ETTO; CARLOS, 2017, p. 726).

Corroborando com essa perspectiva, Labov (2008) defende a ideia de que, pelo fato de as pessoas conviverem em sociedade, ocorrem formas distintas dos sujeitos se expressarem, pois o contato social entre indivíduos nos diversos locais implica no surgimento de variantes. A proposta laboviana se desenvolveu no campo da Sociolinguística Variacionista, baseando-se em pressupostos da variabilidade linguística, apontando não haver padrão nas produções de fala dos sujeitos, ou seja, formas linguísticas homogêneas. Portanto, as variáveis linguísticas podem ocorrer com qualquer falante ou sinalizante de sua respectiva comunidade linguística.

As variações, portanto, têm o lado individual e o lado social, que inclui a diversidade cultural, geográfica (regional, nacional, de fronteira), étnica, gênero, entre outros. Apesar dos sujeitos assimilarem esses elementos do contexto majoritário ligados ao nível coletivo, eles também absorvem os elementos do contexto minoritário. Todas essas experiências linguísticas de convivência vão constituindo os sujeitos na diversidade sociocultural. Assim, a diversidade de produções de variação e mudança linguística e os fatores estão relacionados aos múltiplos ambientes e artefatos culturais, históricos e sociais, por isso, deve-se considerar também o processo singular de constituição linguística dos sujeitos.

Na perspectiva laboviana entende-se que é possível identificar e demarcar as variantes observando as diferenças sociais e também que as estruturas heterogêneas são partes constitutivas das línguas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Portanto, a ideia de homogeneidade da língua é uma ilusão, pois a língua não é

expressa de maneira igual por seus falantes. A língua é um fenômeno humano natural, (re)produzido de geração em geração que vai, naturalmente, sendo modificada.

Do mesmo modo, a produção linguística perpassa o contexto histórico, pois a língua não é uma manifestação da comunicação humana cristalizada e sofre mudanças decorrentes de diferentes fatores. As atividades socioculturais vivenciadas em diferentes espaços pelos sujeitos, como no trabalho, na escola, em associações, implicam em alterações no uso da língua por conta do contato interpessoal nas comunidades linguísticas, tanto nas produções orais quanto escritas. Segundo Coelho, Souza e Görski,

[...] a língua é sistema organizado, formado por regras categóricas e regras variáveis. Podemos dizer, portanto, que uma língua, ao mesmo tempo em que possui estrutura, também é dotada de variabilidade, ou seja, trata-se de um **sistema heterogêneo**. Além disso, não se concebe variação como uma propriedade que possa levar o sistema linguístico ao caos. Mesmo que a princípio se possa pensar que heterogeneidade implica ausência de regras, a Sociolinguística vê a língua como um objeto dotado de **heterogeneidade estruturada** — logo, há regras, sim. Decorre daí que, enquanto a língua concebida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas, que sempre se aplicam da mesma maneira, a língua concebida como um sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis, condicionadas por fatores tanto do contexto linguístico quanto do extralinguístico. (COELHO; SOUZA; GÖRSKI, 2015, p. 59, grifos dos autores).

Fatores extralinguísticos são aqueles que, advindos de interferências externas, ocasionam mudanças na língua, afetando os modos como nos comunicamos. Na próxima subseção discorreremos sobre estes fatores com mais profundidade.

2.2.1 Fatores extralinguísticos

Sob o viés da Sociolinguística, o fenômeno de variação linguística está associado também a um conjunto de fatores extralinguísticos. Estes são responsáveis por agir sobre a língua, correspondendo à dimensão externa da variação, como os de ordem social e individual que revelam a diversidade de sujeitos com seus respectivos perfis linguísticos e dos grupos nos quais os indivíduos fazem parte.

Silva e Souza (2017, p. 269) explicam que a “língua identifica, mas também diferencia os grupos sociais e os falantes desses grupos. Ela marca a posição social do falante. Numa sociedade estratificada, ela é um elemento de identidade de um grupo social”. Segundo os autores:

Não é a partir da língua que se supera a estratificação social. Ela por si só não é capaz de desencadear mudanças radicais na estrutura social, mas é a partir dela que se transmitem valores e ideias, ou seja, o conteúdo ideológico

que alicerça e constrói os fundamentos da sociedade (SILVA; SOUSA, 2017, p. 269).

Entendemos que surgem variantes decorrentes de estratificação social; relacionadas à singularidade dos indivíduos, como as que envolvem a identidade linguística; havendo, ainda, fatores de ordem geográfica, advindas de variantes locais ou zonas fronteiriças, de onde ocorre a entrada de imigrantes. Estes são exemplos de situações que sucedem fatores extralinguísticos.

São diversas as possibilidades de investigação em variação linguística conforme as condições que os fenômenos ocorrem. Quando focamos em analisar as variantes que advém de determinadas regiões geográficas de um país, podemos imaginar a seguinte situação: um sinalizante mora na capital de um estado, enquanto o outro reside no interior de outro estado. Com apenas essas características já temos diferenças linguísticas e fatores que influenciam cada indivíduo e, mesmo que essas duas pessoas residam em capitais distintas, existirão também fatores que exercem sobre elas influências importantes que constituem variações diatópicas.

No caso da situação se referir apenas ao interior, ali teremos o convívio mais restrito àquele local, normalmente com a permanência por muitos anos das pessoas residentes naquele espaço. Suponhamos que nessas comunidades não se recebam visitantes externos e que sejam extremamente fechadas, a convivência exclusiva e restrita àquele grupo se torna uma característica que irá refletir na língua, a qual não sofrerá facilmente com a intervenção extra do local, exceto se possíveis visitantes, familiares distantes, acessem a localidade. Então, alguns elementos poderão se dissipar ou serem subtraídos pelos fatores externos que chegam para ocupar lugar junto a essas pessoas.

A interação mediante recursos tecnológicos também impacta em como usamos a língua, configurando-se como um fator extralinguístico. Devido à pandemia por coronavírus (COVID-19) fomos compelidos a nos comunicar remotamente, seja de forma síncrona ou não, o que possibilitou interagir com pessoas de outras localidades, bem como favoreceu o registro e a disseminação de produções linguísticas não acadêmicas e acadêmicas. Assim, quando falamos em língua, é necessário conceber que fatores externos interferem na produção de sinais, uma vez que, a influência para a variação linguística se origina de diversas fontes de cunho social.

Nesse sentido, é relevante investigarmos acerca dos fatores sociais que contribuem para o processo de variação linguística, sobretudo porque a produção

espontânea da língua acontece em situações que solicitam do sinalizante modos diferentes de sinalizar. O contexto informal gera um tipo de variante que, invariavelmente, difere do contexto formal, pois a variação ocorre definida pelo contexto de uso. Esse processo, variação diafásica, quando ocorre, cria variantes que, ao surgirem, seguem uma seleção natural de determinados sinais em detrimento de outros.

Há também fatores de ordem econômica, devido à estratificação social que permeia as diversas camadas populacionais, que ampliam ainda mais as variáveis linguísticas. Dentre elas, podemos encontrar indivíduos ascendendo às classes num movimento para alcançarem novos padrões de vida, mas seu modo de comunicação não se altera automaticamente, é preciso um tempo para que seu processamento linguístico, pelo convívio, se adapte às variantes adotadas pelos usuários dessa classe. As variações diastráticas ao serem observada unem linguisticamente os sujeitos de mesma classe econômica, pois identificamos nos grupos sociais diferenças entre eles, os sujeitos de cada grupo têm seus modos de vida e características individuais comunicativas diferentes uns dos outros. Assim, por ser plural, a produção linguística influencia na maneira de aquisição de conhecimentos entre ricos e pobres e as suas trajetórias de aprendizagens. No caso dos surdos, além da questão de classe (rico / pobre) o maior ou menor acesso às normas prescritivas da língua e sua complexidade estrutural, resultante em mais ou menos barreiras e dificuldades aos novos signos e seus significantes por parte de seus usuários nativos.

Olhando para essas realidades, portanto, vemos que os fatores externos influenciam de maneira diversa conforme os casos e as histórias; entre as famílias, ainda, isso é evidente quando percebemos aquelas que durante a vida toda estagnam em uma situação econômica e social, enquanto outras desfrutam de oportunidades e seguem avançando nas suas conquistas, porque parecem viver um distanciamento extremamente forte, inclusive sendo impactadas por fatores bastante diferentes entre si.

Mesmo entre os sujeitos de classe alta e economicamente mais confortáveis, os ricos, as particularidades existem. Para exemplificar essas diferenças, poderíamos imaginar duas irmãs, da mesma família, portanto, com excelentes condições econômicas. Elas podem tomar caminhos distintos acompanhadas de fatores externos, exercendo influências de modos diversos sobre cada uma delas. Assim como entre dois amigos ou entre membros de uma mesma família, as trajetórias

podem não ser equivalentes, os elementos que exercerão influências sobre suas vidas de diferentes maneiras também não serão.

Outro cenário importante a se mencionar é o da escola, em que se dá o ensino formal e onde temos presença da cultura, de práticas de ensino, da língua, da leitura e da escrita, porém não de forma homogênea e padrão, haja vista que existem nela indivíduos, portanto, heterogeneidade linguística. Estes carregam consigo modos (muitos adquiridos em seus locais de origem), também diversificados, de aplicar conteúdos e de interação social com outras culturas, identidades, outros costumes e com as subjetividades que se interconectam e produzem intercâmbios.

Logo, os momentos de contato não se restringem aos grupos ou às classes escolares, mas se potencializam também nos intervalos das aulas, quando as trocas acontecem. As aproximações acontecem nesse espaço, seja entre alunos ou entre eles e seus professores, por características que os vinculam de maneira interessante e natural, independentemente de sua condição naquele contexto. Esse convívio, com essas trocas mútuas, demonstra as relações de aprendizagens recíprocas, tanto na direção do aluno para o professor quanto deste para o estudante.

Podemos perceber que no espaço escolar circulam metodologias e propostas didáticas inovadoras. Os profissionais de ensino que se deparam com o fenômeno da variação, conseguem fomentar novos conhecimentos, complementando as informações que não se dão apenas ao nível da educação básica, mas em todos os níveis de escolaridade. Por haver uma troca de saberes, há ampliação de pensamentos, diversidade de perspectivas que vão sendo compartilhadas no ambiente da escola em sua totalidade.

Os sujeitos se diferem pelos costumes, comportamentos, níveis de escolaridade e características de ordem familiar, sempre permeados por fatores externos que levam a uma divisão entre eles, realidade frequentemente presente na sociedade. Isso se reflete, também, na língua de sinais, que pode variar conforme os costumes e as experiências através das relações interpessoais fora do contexto familiar e, até mesmo, dentro da mesma família, pelos contrastes dentro da mesma língua e de fora dela.

É importante destacar que, mesmo entre mulheres, também as identidades se divergem, incorporando diferentes perfis. Uma mulher pode se constituir sendo também indígena, feminista e lésbica, por exemplo, mas nunca de forma homogênea ao contrastar com outras mulheres do seu mesmo contexto, por conta de suas

histórias de vida, muito marcadas por sofrimentos, coerção e situações de violência, por exemplo. Esses sentimentos que surgem a partir de influências e experiências constituem os indivíduos e quando externalizados se materializam também na língua, no vocabulário e nas atitudes motivados por essas características e memórias. Há mulheres que, ainda que tenham percorrido caminhos privilegiados, com boa educação e formação, vão sofrer com fatores externos, e que, por sua vez, também exerceram importante influência sobre a sua língua.

Do mesmo modo, como acontece com alguns homens, criados em ambiente machista, educados com base em regras rígidas de comportamento e que, num certo momento de suas vidas, se deparam com a possibilidade de mudança comportamental, são influenciados por elementos externos que poderão também refletir sobre a sua constituição linguística.

Outro aspecto relevante e inerente à vida social é o trabalho, onde também acontece atividade linguística, a qual pode variar conforme os perfis individuais, a relação com os grupos que esses sujeitos participam, suas preferências e locais que frequentam. Nesses contextos, também há variação entre as produções linguísticas nas interações que se constroem nesses ambientes. Uma vez essas relações também interferem na história, na trajetória, nos costumes dos sujeitos, e ainda, as interferências culturais externas que fortemente se sobrepõem nessas relações, sendo coordenadas até que haja uma adaptação entre os sujeitos diante das diferenças e das variações linguísticas presentes.

Os sujeitos carregam modos de comunicar ajustáveis, formas de comportamento, de se relacionar, demonstrar características pessoais como timidez ou ousadia, etc. Além dos aspectos pessoais, a atividade linguística estará em adequação ao lugar de seu uso, conforme as normas ali existentes. Assim, o comportamento, o vestuário, o vocabulário, igualmente, serão dependentes e específicos da situação. Na televisão, por exemplo, no noticiário, a atividade linguística está relacionada ao contexto da informação, então, todo o vocabulário utilizado precisa seguir um padrão estabelecido do estado onde a notícia foi veiculada. O ambiente é aspecto gerador de influência sobre as escolhas linguísticas, ou seja, não somente de pessoa para pessoa, mas também o contexto em que se está inserido exerce domínio sobre a língua. (BAGNO, 2017).

Os comportamentos dependem, ainda, das relações que estabelecemos nas redes sociais, do convívio que mantemos com as pessoas não somente

presencialmente, mas virtualmente, onde há diversos fatores desempenhando papéis de interferência importantes sobre a língua. Esse movimento se dá para além das fronteiras territoriais, entre países ou estados, mas na relação que construímos com as próprias ferramentas tecnológicas, a partir do uso de computadores e do que a internet oferece para a comunicação.

As práticas sociais no uso das tecnologias se reconfiguram conforme as culturas, as mudanças sociais. O uso das tecnologias, sobretudo das redes sociais, oferece uma gama de oportunidades de interação e de registros, seja através da escrita, de chats, em encontros por vídeo-chamadas ao vivo ou gravadas. Os comportamentos influenciam constantemente o uso das redes sociais e vice-versa, impactando na língua e, por sua vez, em variações linguísticas.

Algumas pesquisas no âmbito da Linguística têm demonstrado como outros fatores impactam na variação linguística, como a educação formal (considerando a obrigatoriedade da frequência nas aulas nos níveis do ensino básico e ensino superior), que se materializa por meio da interação que acontece nos espaços de escolarização (CASTRO JÚNIOR, 2014; KLEIN, 2018). Igualmente, nota-se que fatores socioeconômicos revelam, além das diferenças de classes sociais entre os sujeitos, também as diferenças linguísticas. Podemos notar a relação entre escola e ascensão social, pois o acesso à educação, à língua e aos espaços sociais, assim como em outros setores da vida em sociedade, contribui para o desenvolvimento linguístico dos sujeitos.

3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LÍNGUA DE SINAIS

As pesquisas sobre variações linguísticas em Libras têm se ampliado e contribuído com o empoderamento da comunidade surda. Assim, o objetivo deste capítulo é de compartilhamento de conhecimentos científicos sobre a Libras, advindos de pesquisas realizadas com registros em situações formais e informais. As análises linguísticas auxiliam no entendimento quanto ao uso da língua e, conseqüentemente, na sua valorização e visibilidade, comprovando haver ocorrência de variação na Libras, em diferentes contextos de uso, com variados interlocutores.

Além disto, os registros da língua possibilitam compreender a adequação linguística aos seus respectivos contextos comunicativos e por isso, são relevantes e necessários estudos que contribuem para o desenvolvimento científico da língua, salientando a concepção de que as línguas de sinais são línguas naturais.

Nos diversos meios de interação social vamos construindo o conhecimento linguístico, pois, do contrário, este permaneceria estável. Portanto, o léxico é modificado rapidamente devido o contato entre os sinalizantes e a evolução e utilização de tecnologias, as quais avançam com velocidade na sociedade. Raramente os indivíduos deixam de manter relações com outras pessoas, sendo assim, as mudanças estão sempre em ação e acontecem nesse movimento que fazemos entre esses diferentes espaços sociais.

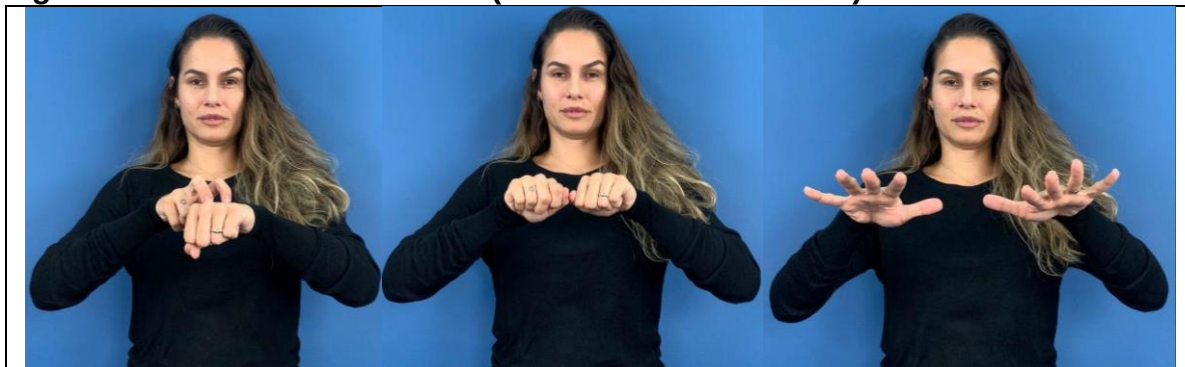
A variação linguística acontece porque a língua é viva e a produção de variantes é intrínseca à condição social, isto é, devido à interação entre sujeitos de uma dada sociedade, surgem fatores influenciadores sobre a língua que impactam em como ela é expressa. Na língua de sinais também esses fenômenos acontecem, desde as diferentes formas de uso, como sinais realizados com uma ou duas mãos; empréstimos linguísticos adicionados ao léxico da língua; sinais identificados em outra cultura e aproveitados para a nossa, utilizados e adaptados à maneira da nossa cultura.

Igualmente no contato entre surdos de nacionalidades diferentes pode ocorrer atualização de léxico, que acontece espontaneamente nas interações entre indivíduos usando línguas de sinais. No contato entre sinalizantes, a língua se difunde e passam por mudanças, absorvendo os sinais estrangeiros, ou ainda o contrário. Um exemplo disto é o “coronavírus”, que foi difundido, em 2020, no Brasil, quando começou a

epidemia na China. A mídia internacional passou a falar amplamente sobre o tema e no Brasil isso também aconteceu.

A cotidiana propagação de notícias resultou na circulação da palavra, mas em Libras ainda não havia sinal. No início, eram adotados o sinal composto MORCEGO^EPIDEMIA, ilustrado na Figura 3, que remetiam ao possível agente contaminador da doença.

Figura 3 - Sinal CORONAVÍRUS (MORCEGO^ EPIDEMIA)



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Com a realização e divulgação de pesquisas, outros animais foram identificados como agentes contaminadores, como o pangolim, por exemplo. Além disso, constatou-se mutação viral e, em seguida, a comprovação que humanos haviam sido contaminados. Em paralelo, investigações sobre as características microbiológicas do vírus identificaram a estrutura celular em forma esférica e com saliências que remetem a uma coroa, fato que contribuiu para a criação dos sinais utilizados no Brasil e em outros países. Observemos as variantes na Figura 4.

Figura 4 - Variantes - sinais CORONAVÍRUS



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Esse fenômeno comprova a arbitrariedade da língua de sinais. O sinal atual criado no Brasil é bastante similar ao sinal internacional, contudo, há uma pequena diferença no parâmetro Or. Quadros e Karnopp afirmam que:

[...] o caso óbvio de arbitrariedade da língua diz respeito à relação entre forma e significado. As palavras e os sinais apresentam uma conexão arbitrária entre forma e significado, visto que, dada a forma, é impossível prever o significado, e dado o significado, é impossível prever a forma (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 26).

Em vista disso, observamos que a língua se modifica espontaneamente. A pesquisa dos sinais foi facilitada, pois atualmente circulam muitos vídeos da Libras em uso natural, sendo, portanto, fácil identificar a variação linguística nas cidades e regiões brasileiras.

Sabemos que é através da aceitabilidade dos sujeitos que acontece a manutenção no uso dos sinais e, por consequência, a língua expande e se consolida. As imagens a seguir na Figura 5 mostram outros sinais utilizados no Brasil para a palavra CORONAVÍRUS, em que observamos diferenças querológicas.

Figura 5 - Outras variantes - sinal CORONAVÍRUS



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

O exemplo acima demonstra as variações linguísticas da Libras que ocorrem em curto tempo. Portanto, às vezes pode ocorrer de sinais deixarem de ser usados e, assim, vão desaparecendo, enquanto outros são bastante utilizados e, dessa forma, permanecem circulando entre os sinalizantes.

Como mencionado anteriormente sobre o sinal CORONAVÍRUS, o decurso da criação e disseminação de sinais é significativo porque comprova as variações linguísticas na Libras. Vale ressaltar que não devemos considerar as variações como erros de produção, especialmente porque ao observar o sinal normalmente é possível entender a que se refere, não impedindo a comunicação. A compreensão acontece com o apoio do contexto, assim, é possível entender o que está sendo dito. Sobre o movimento circular de realização de parte do sinal para CORONAVÍRUS, podemos perceber nuances que diferenciam minimamente a produção do sinal entre os sinalizantes, são alterações mínimas na produção do sinal. Nesse sentido,

[...] a Libras é uma língua jovem que foi em parte constituída em grupos que não necessariamente tinham a possibilidade de interação mais abrangente em um nível nacional, tornando-a expressivamente variável, isso em interface

com as questões subjetivas pertinentes a cada sujeito, já que a forma e o significante também podem se alterar conforme a perspectiva visual daquele que a sinaliza. (MACHADO, 2016, p. 39).

Por isso, podemos localizar, na mesma língua de sinais, um determinado sinal produzido com pequenas alterações em função das diferenças individuais na produção linguística que revelam a existência de variação estilística. Essas distinções acontecem devido a fatores sociais que influenciam os usuários da língua, ou seja, por conta de diferenças econômicas, de gênero, de etnia, de idade, ou ainda pela situação comunicativa em que a língua está sendo utilizada.

O contexto familiar também é outro aspecto relevante, porque tem uma grande influência sobre a constituição linguística do sujeito. Além disso, as escolas e associações de surdos são exemplos de ambientes onde os indivíduos surdos convivem, e dessa maneira, assimilam variações da língua, isto é, as diferentes formas de produzir a língua.

Nesse sentido, de acordo com Alves (2020, p. 64):

Conceber a relação entre língua e sociedade requer uma visão do fenômeno linguístico para além das preocupações estruturais e formais. Com efeito, observamos acima que a perspectiva sócio-histórica visa ao estudo da língua estreitamente ligado às práticas sociais da comunidade que a utiliza, compreendendo que qualquer língua humana varia e muda em consonância com fatores de natureza linguística e extralinguística.

Ao mesmo tempo, toda variação objetiva e subjetivamente produzida precisa ser reconhecida dentro dos parâmetros de regulação linguística como parte do “processo de estabilidade da língua frente à variabilidade”. (ALVES, 2020, p. 64)

Assim, no fenômeno das produções em sinais, as variantes são facilmente percebidas, mas, ainda, pouco registradas, e os valores socioculturais que as constituem são, na maioria, desconhecidos. Por isso, concordamos com Faraco quando afirma que:

É justamente frente aos fenômenos da variação (por estes envolverem complexas questões identitárias e de valores socioculturais) que os falantes parecem se mostrar mais sensíveis, externando muitas vezes, atitudes e juízos de alta virulência. (FARACO, 2004, p. 1).

E, no caso de surdos brasileiros, as questões identitárias e culturais se vinculam à história dos surdos e da presença da língua portuguesa na comunidade surda, seja ela na modalidade oral ou escrita. Nesse sentido, usar o português como língua adicional, faz emergir em nós diferentes modos de expressão em Libras por conta do lidar cotidiano com esta segunda língua. Assim, imersos numa sociedade que fala majoritariamente essa língua, a condição de sujeito bilíngue é, também,

propiciada aos surdos por ambientes multilíngues que, pela convivência, geram informação referencial de interlíngua dos sinalizantes, possibilitando a apropriação de variações não apenas das línguas de sinais, mas também das línguas adicionais. No caso do Brasil, da língua portuguesa.

Portanto, a língua portuguesa ao se constituir como uma segunda língua para nós surdos, a partir do uso social que fazemos dela, é absorvida em nosso repertório e incorporada à língua de sinais pelo empréstimo linguístico da letra inicial, do sinal soletrado e expressão não manual de movimento da boca na realização do sinal.

Em resumo, as experiências linguísticas dos surdos, com a Libras como primeira língua e a língua portuguesa como segunda, constituem suas subjetividades, fazendo emergir da experiência surda significados assimilados, compartilhados e ressignificados ao longo de suas vidas.

3.1 Variação Linguística nas Línguas de Sinais

A linguagem humana envolve as experiências dos indivíduos desde o nascimento. Durante a infância, o bebê é posto em contato direto com o mundo a sua volta, tanto por meio de elementos verbais, quanto não-verbais. Logo, é pelo uso de linguagens que passamos a nos comunicar. A língua, após começar a ser adquirida, é a base da interação humana, sendo cotidianamente alimentada e assimilada. Ao circular socialmente e de forma dinâmica, a língua se atualiza na relação entre os indivíduos e essas mudanças são ocasionadas devido a fatores como atualização geracional, conforto na produção do sinal e escolhas semânticas a partir do gênero do sinalizador.

Nessa pesquisa, para analisarmos a variação na Libras, descrevemos as variantes produzidas, considerando, em cada região, os perfis dos participantes de acordo com sua faixa etária e sexo, pois concordamos com Lucas, Bayley e Valli (2001) ao colocarem que:

A variação sociolinguística tem em conta o fato de que as diferentes variantes linguísticas podem estar correlacionadas com fatores sociais, incluindo idade, classe socioeconômica, sexo, origem étnica, região, e orientação sexual. Por exemplo, os mais velhos podem utilizar mais de uma dada variante do que os mais jovens, as mulheres podem utilizar menos de uma dada variante do que os homens; uma dada variante pode ocorrer mais na língua utilizada pelas

peessoas da classe trabalhadora do que na língua dos utilizadores da classe média (LUCAS; BAYLEY; VALLI, 2001, p. 3, tradução nossa)¹⁰.

Nesse sentido, a língua de sinais em uso, é produto e produz variantes advindas de fatores sociais. Estas emergem conforme a situacionalidade, isto é, devido às condições comunicativas provenientes de um determinado contexto local, histórico, ou ainda, por conta das transformações sociais, pois "Existem muitas línguas de sinais diferentes no mundo, e muitas se desenvolveram independentemente umas das outras" (JOHNSTON; SCHEMBRI, 2007, p. 12, tradução nossa)¹¹. Apesar das línguas de sinais serem iguais em relação às propriedades típicas das línguas naturais, em comparação com as línguas vocais-auditivas têm distinções decorrentes da modalidade da língua. Segundo Ferreira Brito (1995):

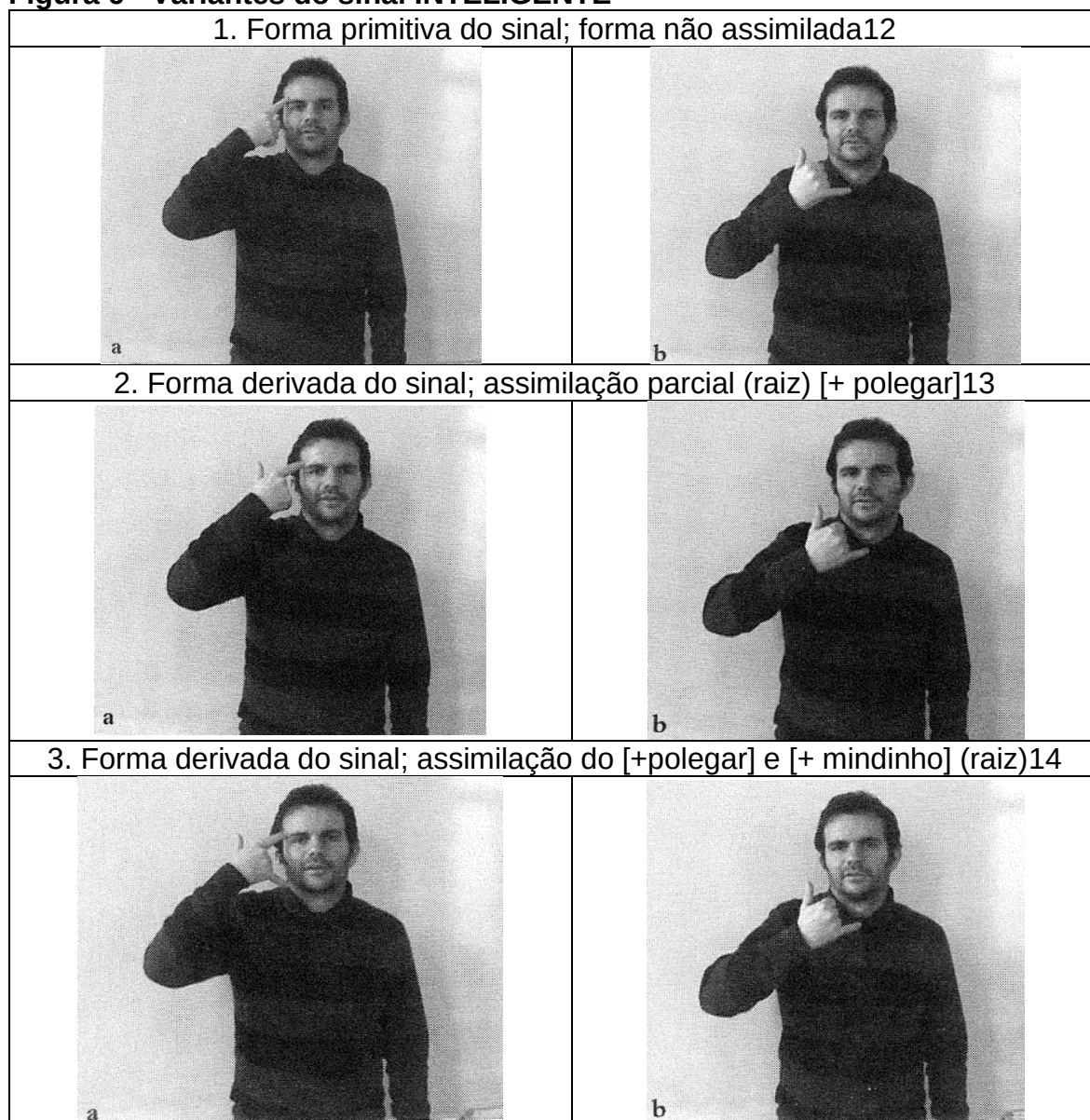
[...a] modalidade de língua (gestual-visual ou oral-auditiva) pode impor restrições à estruturação da língua [...] Entre as diferenças existentes entre as línguas orais (Francês, Português, Inglês...) e as línguas de sinais, a ordem sequencial linear da fala e a simultaneidade dos parâmetros na constituição dos sinais, assim como a simultaneidade de sinais na formação de várias orações em língua de sinais. Obviamente, apesar de se passar em espaço multidimensional, as línguas gestuais-visuais também fazem uso da linearidade temporal. Por outro lado, as línguas orais nem sempre são exclusivamente unidimensionais. (FERREIRA BRITO, 1995, p. 29).

Essas distinções que são inerentes da modalidade da língua, observáveis nas formas de produção e recepção da língua, tanto para palavras quanto para sinais, os processos de criação, continuidade e desaparecimento dos signos ocorrem. Assim, existem palavras/sinais usados por um tempo e deixam de ser utilizados, ao passo que outras palavras ou sinais permanecem no léxico, circulando da comunidade linguística.

Na investigação de Geraci *et al.* (2011), no qual trabalharam com um *corpus* de projeto de Sociolinguística sobre variação lexical, os autores apresentam na metodologia a importância de identificar e descrever as variantes e de como proceder com o estudo no campo da Variação Sociolinguística. Para tanto, apresentam diversos exemplos, dos quais selecionamos dois: INTELIGENTE e COMPREENDER da Língua de Sinais Italiana (LSI). A seguir, a Figura 6 mostra as variantes para o sinal INTELIGENTE.

¹⁰ No original: Sociolinguistic variation takes into account the fact that the different linguistic variants may correlate with social factors including age, socio-economic class, gender, ethnic background, region, and sexual orientation. For example, older people may use more of a given variant than younger people, women may use less of a given variant than men; a given variant may occur more in the language used by working-class people than in the language of middle-class users.

¹¹ No original: Signed language is not, however, a universal language. There are many different signed languages around the world, and many of these have developed independently of each other.

Figura 6 - Variantes do sinal INTELIGENTE

Fonte: Adaptado de Geraci *et al.* (2011, p. 558-559)

Os autores constataam variação na realização desse sinal, composto por duas partes e, em uma delas, observou-se que houve variação na configuração de mão que toca logo em cima de uma das sobrancelhas. Nessa forma, pode acontecer a realização dessa parte do sinal com o dedo indicador estendido ou com ele (o indicador) e o polegar estendidos. Essa alteração condiz com nossas análises quando identificamos que a variação na realização de sinais a partir da CM pelos sinalizantes.

¹² No original: Primitive form of INTELIGENT; non assimilate form.

¹³ No original: Derived form of INTELIGENT; partial assimilation in the first stem [+ thumb].

¹⁴ No original: Derived form of INTELIGENT; assimilation of [+thumb] and [+pinky] in the first stem.

Na realização do sinal COMPREENDER, percebemos a variação da localização, ora mais diante da testa, ora mais abaixo, num movimento mais amplo. Como no primeiro exemplo do dedo indicador estendido ou em L, temos várias outras possibilidades de formação da CM, e gradações de formas que podem ser identificadas. Observemos a ocorrência dessas variantes na Figura 7:

Figura 7 - Variantes do sinal COMPREENDER



Fonte: Adaptado de Geraci et al. (2011, p. 554)

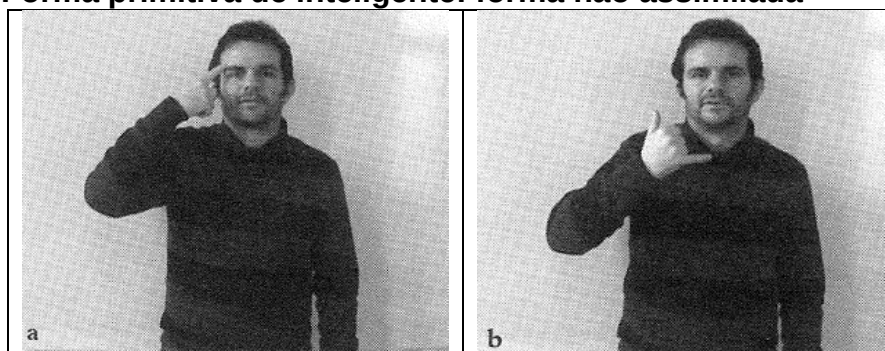
Acerca do segundo sinal, há alteração da localização. Ao invés de ser realizado na frente da testa, é sinalizado em frente ao rosto e o movimento na diagonal para baixo diante do peito do sinalizante, mas que poderia também variar em outras direções, como mais para um lado ou mais para o lado e para baixo. Geraci et al. (2011, p. 554, grifo nosso) afirmam que “*compreender* é um sinal de uma mão, cuja forma primitiva é inadequadamente articulada em um local e movimento”.

Outra fonte de variação que é, no entanto, não fonológica é a presença opcional do marcador aspectual FEITO. A presença deste segundo sinal é provavelmente devido ao estímulo da imagem, que incluiu o particípio passado (“*capito*”) do verbo italiano escrito. Como uma maneira de transmitir o significado do particípio passado em LIS é usar o marcador aspectual FEITO (ver Zucchi 2009 e Zucchi et al. 2010), é natural que este marcador aparecesse neste contexto (GERACI et al., 2011, p. 554, grifo do autor, tradução nossa).¹⁵

¹⁵ No original: Another source of variation that is, however, nonphonological is the optional presence of the aspectual marker DONE. The presence of this second sign is probably due to the picture stimulus,

Os autores complementam que “compreender é um sinal de mão única, cuja forma primitiva por ser articulado equivocadamente no parâmetro de localização e movimento (👉➡️👈), e a localização do movimento é articulado ao nível da testa [...]” (GERACI *et al.*, 2011, p. 552, tradução nossa)¹⁶. A seguir trazemos o exemplo do sinal “[...] INTELIGENTE, que é um sinal composto que se aproxima da *CABEÇA* e *PEITO* (ver GERACI, 2009). Na forma primitiva, o primeiro radical tem uma configuração de mão G / I (👉), enquanto a segunda a configuração de mão em Y (👉)” (GERACI *et al.*, 2011, p. 558, tradução nossa)¹⁷, conforme mostrado na Figura 8.

Figura 8 - Forma primitiva de inteligente: forma não assimilada



Fonte: Adaptado de Geraci *et al.* (2011, p. 558)

Segundo os autores, “a assimilação antecipatória pode copiar a extensão do polegar ou as extensões do polegar e do mindinho, resultando nas possíveis configurações de mãos para o primeiro radical (👉) ou (👉)” (GERACI *et al.*, 2011, p. 558, tradução nossa)¹⁸.

Os exemplos mencionados representam como se dá a variação linguística e evidenciam alterações dos parâmetros querológicos. Para os mesmos exemplos verificamos nos dados transcritos e detalhados no Elan (*EUDICO Linguistic Annotator*)¹⁹ que existe essa alteração da configuração de mão na composição do

which included the past participle (“capito”) of the written Italian verb. Since one way to convey the meaning of the past participle in LIS is to use the aspectual marker DONE (see Zucchi 2009 and Zucchi et al. 2010), it is natural that this marker showed up in their context.

¹⁶ No original: Understood is a single-handed sign, whose primitive for mis articulated with a local and movement; The local movement is a handshap change, and the tracing movement is articulated at the level of the forehead [...].

¹⁷ No original: [...] INTELLIGENTE is a compound sign that comprises HEAD and POUND (see Geraci 2009). In the primitive form, the first stem has a G / I handshap, while the second stem has a Y handshape.

¹⁸ No original: Anticipatory assimilation may copy thumb extension or thumb and pinky extensions, resulting in the following possible handshapes for the first stem or.

¹⁹ Disponível em: <https://tla.mpi.nl/>.

sinal. Desse modo, INTELIGENTE, conforme dissemos, se constitui de duas partes, e percebemos que a configuração de mão altera-se na primeira parte do sinal, podendo o dedo indicador se manter esticado e tocando a sobrancelha ou, ainda, essa mão assumir a forma em “L” e assim também tocar a sobrancelha, nessa primeira parte do sinal.

Para a segunda parte do sinal, em que se utiliza a configuração de mão em “Y”, temos os dedos polegar e mínimo esticados, apenas. Ao realizar a parte anterior com a configuração em “L”, também o polegar se estende e se prepara, ou seja, é aproveitado para a parte subsequente do sinal que é a forma de mão em “Y”. Isso acontece rapidamente, essa manutenção e antecipação do dedo polegar para a parte final do sinal acontece junto ao movimento deste, que pode ser um caso de assimilação, o qual aspiramos descrever e analisar nesta investigação. Essas variações não acontecem somente ao nível querológico, mas também no nível da sentença, quando um elemento pode influenciar o outro e gerar variações querológicas conduzidas sintaticamente.

Com o sinal COMPREENDER também percebemos a variação querológica, especificamente, com relação à localização, acima, diante da testa, ou mais abaixo, quase próximo e à frente do peito/colo. Percebemos essa alteração do uso do espaço neutro que pode variar em um gradiente para mais (+) ou menos (-), conforme é detalhado na metodologia.

Schembri *et al.* (2013) investigaram variação e mudança fonológica²⁰ na língua de sinais, nos quais os três estudos desenvolvidos se basearam em abordagens sobre o sistema variacional nas seguintes Línguas de Sinais: Língua Americana de Sinais (ASL), Língua Australiana de Sinais (AUSLAN) e Língua Neozelandesa de Sinais (NZSL). Os pesquisadores analisaram os parâmetros CM, L e uso das mãos (se uma ou as duas mãos), identificando e descrevendo esses aspectos.

Internamente às palavras existe essa variação entre a articulação e pronúncia dos fonemas, do mesmo modo que internamente ao sinal, na língua de sinais observamos essas relações entre os elementos mínimos que combinados (parâmetros) constituem o sinal e podem variar a sua produção. Os fonemas são a menor unidade de análise quando observado na cadeia fônica, portanto, são

²⁰ Como já informado no início deste estudo, os termos fonológico e querológico designam o mesmo tipo de estudo, de modo que podemos utilizar o termo “variação querológica” sem prejuízo conceitual para esta tese ou o trabalho original.

produzidos de maneiras diversas em dada situação comunicativa, ou seja, o mesmo fonema pode ser realizado de diferentes formas, constituindo, assim, as variantes. (QUEIROZ, 1993, 2003)

Essas alterações de pronúncia, que não acarretam alterações nos significados, são motivadas por fatores sociais, culturais, geográficos, como acontece na língua de sinais e que apresentamos nesta pesquisa.

3.2 Variação linguística em Libras

Em se tratando de variação linguística na Língua Brasileira de Sinais, ela ocorre a partir de diferentes possibilidades de produção, com vários pesquisadores da sociolinguística da Libras realizando trabalhos, inclusive nós, as investigações se ampliam em termos de diversidade temática e se aprofundam em densidade analítica.

Em nossa pesquisa de mestrado investigamos a variação querológica em Libras (MACHADO, 2016). O estudo teve consonância com a pesquisa de Queiroz (1993) sobre variação fonética, que, após análises acerca da fonética da língua portuguesa, explicou que os fonemas distintos não geram outro significado, mantendo uma palavra e mesmo havendo pronúncias diferentes, não acarreta alteração de significado.

No caso desta nossa pesquisa de doutorado, aprofundamos o estudo em dois níveis gramaticais, o querológico e o lexical, buscando a identificação das ocorrências e descrevendo-as conforme as categorias linguísticas e sociais estabelecidas por pesquisas de referência no âmbito da sociolinguística. O Quadro 1 permite que vejamos, nas colunas 1 e 2, os tipos de variações linguísticas e as classificações das variações linguísticas já pesquisadas. A coluna 3, torna o leitor consciente do foco de nossa pesquisa, as variações querológicas e lexicais da Libras.

Quadro 1 - Tipos de variações linguísticas estudadas e as variações objeto desta pesquisa

Variações linguísticas Coelho(2007)	Classificações das Variações Linguísticas Bagno(2007)	Pesquisa
*Variação diastráticas (Social) *Variação diatópicas (Regional) *Variação diafásicas (Situacionais) *Variação diacrônicas (Históricas)	*Variação fonético e fonológica *Variação lexical *Variação morfológica *Variação semântica *Variação estilístico-pragmática *Variação sintática	*Variação querológica (diferentes "pronúncias" ²¹ para um parâmetro dentro das comunidades investigadas e entre as regiões onde habitam cada comunidade); *Variação lexical (maneira diferente de realizar um sinal com o mesmo significado em regiões diferentes e entre regiões).

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Para compreender melhor a variação linguística na Libras, é necessário proceder a uma explicação dos estudos realizados sobre sua gramática. Conforme as mudanças sociais e culturais, toda língua modifica-se, aumentando seu vocabulário e implementando regras de ordenação do mesmo. A nossa língua de sinais é uma língua que sofreu influência de outra (a Língua de Sinais Francesa — LSF) e das comunicações emergentes que constituem modos de comunicar dos surdos da época, não implicando que elas constituam um sistema único e homogêneo, nem que elas sejam a mesma língua. A Libras pode ser considerada uma língua nova (MACHADO, 2016), e este fato justifica a presença de mais variação sincrônica do que o estabelecimento da língua ao longo de muitas gerações que, através do desdobramento do seu repertório lexical e sintático, desenvolve cada vez mais a sua especificidade.

²¹ Emprestamos da fonologia o termo “pronúncia” para tratarmos dos diferentes modos que os sinalizadores pesquisados realizam os sinais investigados.

Como língua de modalidade visual-gestual-espacial, a Libras utiliza movimentos manuais, gestos corporais e expressões faciais percebidos pela visão. Há semelhança entre as línguas de sinais e as línguas orais-auditivas porque ambas são estruturadas a partir de unidades mínimas, que formam unidades mais complexas. Elas possuem os seguintes níveis linguísticos: o fonológico²², morfológico, sintático, semântico e o pragmático (FELIPE, 1997, p. 49), no entanto, há distinção entre suas estruturas gramaticais.

Corroborando com esse entendimento sobre a estrutura da língua de sinais, Brito (1998) afirma que a Libras possui pontos específicos de constituição, mas que também segue princípios básicos gerais:

A LIBRAS [sic] é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico (o conjunto das palavras da língua) que se estruturam a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam especificidade, mas seguem também princípios básicos gerais. Estes são usados na geração de estruturas linguísticas de forma produtiva, possibilitando a produção de um número infinito de construções a partir de um número finito de regras. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais, codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS, e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. Estes princípios regem também o uso adequado das estruturas linguísticas da LIBRAS, isto é, permitem aos seus usuários usar estruturas nos diferentes contextos que se lhes apresentam de forma a corresponder às diversas funções linguísticas que emergem da interação do dia a dia e dos outros tipos de uso da língua. (BRITO, 1998, p. 11).

A Libras, é uma língua de segunda modalidade (M2)²³, ou seja, visual-gestual-espacial, dotada de estruturas internas que possibilitam, a partir das vivências dos sujeitos surdos, diferenças regionais advindas de fatores socioculturais (FELIPE, 1997). No Brasil, as primeiras pesquisas de descrição linguística da Libras no âmbito acadêmico-científico foram iniciadas por Brito a partir dos anos 1980, advindo na sequência os estudos realizados pelas estudiosas Felipe (1997), Quadros e Karnopp (1998) e Fernandes (2003), entre outros.

A partir dessas pesquisas iniciais, um significativo arcabouço teórico de descrição linguística alimenta os estudos dos pesquisadores na atualidade. As variações querológica e lexical são dois dos aspectos recorrentes nesses estudos. Nas seções a seguir refletiremos sobre esses tipos de variação ocorridas na Libras.

²² Este trabalho adota o uso do termo “querológico” para se referir à língua de sinais. O termo “fonológico” é usado apenas quando os autores citados o usam.

²³ Cf em Quadros (1997) e Quadros (2018) que Libras é uma língua de modalidade 2 (M2) por sua expressão ser gestual-espacial, enquanto sua apreensão é visual. Desse modo, por ser uma língua de expressão oral e apreensão auditiva, a língua portuguesa é uma língua de modalidade 1 (M1).

3.2.1 Variação Querológica na Libras

No Brasil, os estudos de Stokoe (1960) influenciaram a descrição linguística da Libras. Ferreira Brito (1994), baseando-se na pesquisa de Stokoe, traçou, no nível querológico, os parâmetros formacionais da Libras: configuração da mão (CM); movimento (M); ponto de articulação (PA) ou Locação (L); orientação da mão (Or) e expressões não manuais — expressões faciais e corporais — (ENM). Assim, a pesquisadora deu início aos estudos linguísticos da Língua de Sinais Brasileira (LSB), termo utilizado por pesquisadores antes do reconhecimento do nome Língua Brasileira de Sinais e da sigla Libras. Nos anos iniciais de abertura da língua nas comunidades surdas e dos estudos linguísticos, o termo “Libras” ainda não era empregado na literatura científica. A língua foi denominada pela pesquisadora como Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros (LSCB), uma vez que era de conhecimento da pesquisadora a existência de outra língua de sinais entre os indígenas do Maranhão. (BRITO, 1998)²⁴

O avanço nas pesquisas em descrição da Libras ocorreu, e, entre outras teorias linguísticas, a Sociolinguística passou a fazer parte do escopo teórico adotado por pesquisadores com essa língua como objeto de estudo. Em nossa pesquisa de mestrado investigamos a variação querológica em Libras (MACHADO, 2016). O estudo tem consonância com a pesquisa de Queiroz (1993) sobre variação fonética, que, após análises acerca da fonética da língua portuguesa, explicou que os fonemas distintos não geram outro significado e, mesmo havendo pronúncias diferentes, não acarretam alteração de significado.

Com o intuito de identificar e entender como a variação ocorre e os fatores influenciadores deste acontecimento, nos centramos nos níveis linguísticos: querológico e lexical. Individualmente, cada um de nós, com nossas particularidades, nos expressamos de formas variadas. Coletivamente, independente da forma de registro, se escrito ou sinalizado, processos de variação internos e externos acontecem na língua motivados por contextos de significado, nas variadas situações de produção de sentido, no momento da comunicação e, assim, alteram as estruturas linguísticas.

²⁴ O motivo para a pesquisadora considerar os centros urbanos como local de produção da Libras foi o fato de ela conhecer a existência e também trabalhar com a língua de sinais dos indígenas Urubu-Kaapor. (BRITO, 1994)

Os parâmetros formacionais da língua de sinais, nível querológico da Libras, são essenciais para a estruturação do vocabulário e sua alteração pode resultar ou não em diferentes significados.

Nesse contexto descritivo, a variação na CM diz respeito às formas que as mãos assumem ao realizar determinado sinal, podendo ser o alfabeto manual ou outras CMs feitas por uma mão, ou pelas duas mãos do sinalizante, acontecendo de permanecer sem alteração durante a realização de um sinal ou mudar.

Outro parâmetro formacional dos sinais é a L ou PA das mãos, tem como referência o corpo ou espaço à frente do sinalizador onde o sinal se efetua. Este parâmetro é de extrema importância, visto que, dependendo da localização, o significado pode mudar totalmente. Os sinais podem ser produzidos na parte superior do corpo, na parte média, na região do tronco e inferior do corpo. Quanto ao M das mãos, pode-se dizer que é fundamental para a realização de diversos sinais.

Entende-se que nas línguas de sinais, variantes podem surgir decorrentes de características de aspectos emocionais ou ainda, devido ao tempo de contato com a língua, às vivências com familiares ou outros grupos sociais, à faixa etária, interferindo nos perfis identitários. A esse respeito, Eckert (2000) assume a ideia de que a variação está relacionada com a significação social e, portanto, a identidade e a língua estão estreitamente ligadas. Dessa maneira,

Embora o indivíduo possa utilizar variantes, é no contato linguístico com outros falantes de sua comunidade que ele vai encontrar os limites para sua variação individual. Como o indivíduo vive inserido numa comunidade, deverá haver semelhanças entre a língua que ele fala e a que os outros membros da comunidade falam. (BELINE, 2011, p. 128).

Em sujeitos adultos, o insumo linguístico assimilado nos mais diversos ambientes influencia sua produção, as variantes emergem decorrentes dos estilos linguísticos individuais e sociais. Esses conceitos estão associados à sistematização e à construção linguística e contribuem para os estudos da Sociolinguística da língua de sinais.

Como anteriormente dito, os parâmetros formacionais dos sinais ao serem combinados para a produção do vocabulário da Libras colaboram com a construção de enunciados carregados de significados e sentidos. Um sinalizante que produz um sinal com uma alteração mínima da forma padrão de sua comunidade, mas mantém a estrutura básica principal do morfema, apresenta uma diferença sutil na execução do sinal, configurando sua sinalização como uma variante.

Na sequência, trouxemos resultados de pesquisas sobre variações querológicas e lexicais e suas respectivas descrições (JOHNSTON E SCHEMBRI, 1999; BERLINE, 2011; CASTRO JUNIOR, 2011; PIZZIO, 2011; XAVIER, 2011; entre outros). A exposição de resultados de pesquisas apresentou descrições de variações já registradas.

Ao nos determos na análise linguística do verbo TRABALHAR, Figura 9 a seguir, temos uma ilustração da diferença querológica do sinal TRABALHAR, produzido de duas formas diferentes a partir do PA e M adotado pela sinalizante:

Figura 9 - Verbo TRABALHAR, com indicação de movimento

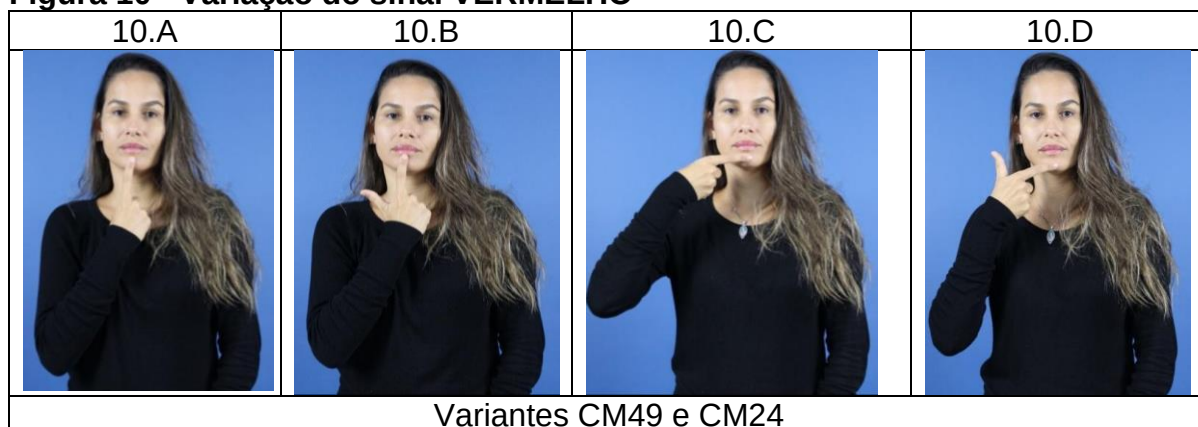


Fonte: Xavier (2011, p. 131)²⁵

Na imagem à esquerda, as mãos estão simetricamente posicionadas frente ao tronco da sinalizadora e mais inclinadas, em altura que indica um movimento simultâneo iniciado com a orientação da palma para dentro e concluído com a palma para baixo. Em comparação, na imagem à direita, as mãos estão posicionadas um pouco mais lateralmente, com a palma orientada para baixo, havendo uma assimetria na altura de cada mão, que indica um movimento circular de cada mão, mostrando uma variante linguística acontecidas pela variação nos parâmetros PA, M e Or.

Para mostrar mais um exemplo de variação querológica, temos o sinal VERMELHO, que apresenta variantes de diversas ordens, pois ao documentá-las, identificamos que podem ser no parâmetro L ou PA, CM e Or. Observemos a Figura 10:

²⁵ Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/viewFile/1934/1507>. Acesso em: 20 jan. 2019.

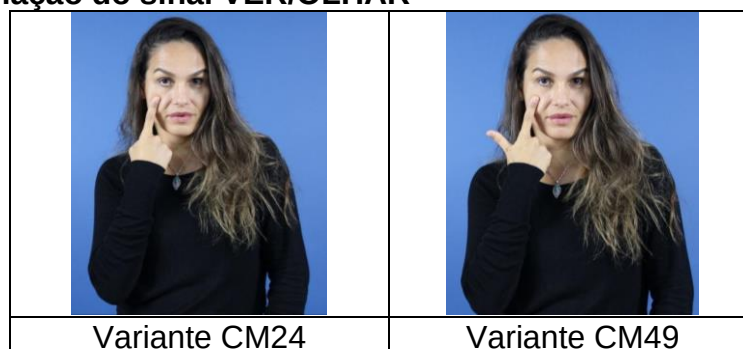
Figura 10 - Variação do sinal VERMELHO

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

As figuras 10.A e 10.B ilustram como sinalizantes diferenciam a sinalização a partir da CM, realizando o sinal em D ou em L. Com relação ao PA, há variantes em que o dedo indicador encosta no lábio, em outras no lábio inferior ou no queixo. Quanto a Or, esta se altera, ocorrendo de a mão está orientada na vertical, ficando o dedo para cima ou Or na horizontal. As figuras 10.C e 10.D ilustram as variações na Or, quando o dedo fica voltado para a direita ou esquerda, a depender da mão dominante do sinalizador, por causa da Or, o M vai acontecer, para baixo ou para o lado.

A configuração de mão feita em 10.B parece requerer um esforço físico maior, por isso, a configuração na figura 10.A pode ser mais escolhida pelos sujeitos. Já a escolha de tocar o queixo ao invés de pôr o dedo diretamente na boca pode ser por uma questão de higiene, como em 10.C e 10.D; ou ainda, independentemente da configuração, posiciona-se o dedo em frente a boca, mas não há o contato físico entre a ponta do dedo e os lábios, por exemplo.

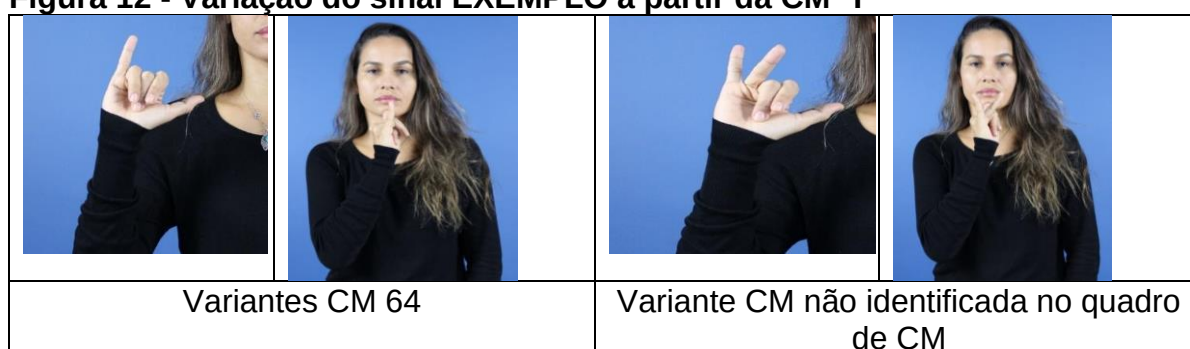
Outro caso que podemos citar para as mesmas CMs é o sinal VER/OLHAR ilustrado na Figura 11. Este varia no seguinte aspecto: a ponta do dedo toca a face (bochecha), ocorrendo apenas uma diferença querológica do dedo polegar (aberto ou fechado). Vejamos a figura:

Figura 11 - Variação do sinal VER/OLHAR

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Para esse léxico, a opção por uma ou outra forma pode estar relacionada a economia linguística²⁶ influenciada por fatores linguísticos e extralinguísticos, uma vez que esses fatores afetam os processos de economia linguística vivenciados pelas produções nas comunidades, causando mudanças lexicais.

A seguir, temos a CM 64 que pode ser visualizada na figura 12 com o sinal EXEMPLO, que é realizado com o dedo polegar tocando o queixo, articulando o movimento para trás e para frente. Assim, temos a seguinte situação: um sinal produzido com essa CM apresenta diferentes nuances de produção, que ora pode ser com um dos dedos mais flexionados ou menos, ou, ainda, os dedos fechados, com exceção do polegar, alterando-se minimamente a forma. Na Figura 12 demonstramos duas possibilidades de realização dessa configuração de mão relacionadas a esse contexto:

Figura 12 - Variação do sinal EXEMPLO a partir da CM 'Y'

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Para esse caso, identificamos variações no nível querológico, em que o dedo anelar mantém-se para cima. No quadro de configurações de mãos²⁷ não a

²⁶ De acordo com Bagno (2017), economia linguística corresponde a variados processos de mudança na língua em função de dois impulsos, a saber: a) poupar a memória e; b) preencher lacunas na gramática da língua para que seja mais eficiente. As configurações articulatória, fisiológica e psicológica são responsáveis pelas modificações na língua, mas também no plano da morfossintaxe.

²⁷ Cf. o quadro das configurações de mão na metodologia, página 105.

identificamos, sendo que essa variante foi pouco recorrente no *corpus*. Pelo fato de a análise desenvolvida nesta pesquisa não visar ser exaustiva, focamos em documentar a produção dos surdos selecionados e identificar as formas que os sinais são produzidos e as variantes que emergem nos vídeos.

Em situações de comunicação informal em que, em geral, o modo de sinalizar ocorre com naturalidade, compreendemos que o sinal não-padrão²⁸ da língua corresponde a modos de expressão linguística que precisam ser documentados. Logo, no exemplo descrito acima, o fato do dedo anelar estar levantado é uma alteração mínima em algum parâmetro e que, possivelmente, não vai interferir na compreensão do sinal, já que os demais dedos se mantêm na mesma posição.

Pela característica de iconicidade presente nas línguas de sinais, a forma do objeto também contribui para a composição do sinal, influenciando na CM usada para representá-lo. Por isso, a importância das pesquisas diacrônicas que vão explorar a variação linguística no percurso histórico e social, explorando como os sinais surgiram, as motivações para a forma que têm, as alterações sofridas com o passar do tempo e os fatores que interferem nessas mudanças.

Há variações também na localização ou ponto de articulação, que pode ocorrer sutilmente sem que se altere o significado do item lexical, ou se oponha ao ponto de articulação esperado para ele. Se um sinal é articulado sobre um lado da cabeça entre os olhos e as orelhas, mais especificamente nas têmporas, ele poderá sofrer uma pequena mudança de ponto de articulação na sua produção, podendo ser apresentado próximo dessa região, um pouco mais abaixo, porém, não tão distante, ou em local totalmente adverso como atrás da cabeça ou na frente do nariz, caso a intenção seja manter o mesmo item lexical e seu significado. Dessa maneira, se mantém um espaço com limite aceitável para a realização do sinal, permitindo-lhe ser variável entre as produções dos seus sinalizantes, a depender de como estes consideram ser mais confortável e que seja expresso de forma natural, sem prejuízos à compreensão.

²⁸ Sabemos que as noções de padrão e não-padrão na histórias das línguas tem a ver com usos linguísticos que, de alguma forma, estão influenciados pela escrita, o que tornaria o estabelecimento desse tipo de noção bastante complicado para as línguas de sinais, uma vez que não se tem ainda um sistema de escrita com circulação social significativa. Para efeito desta tese, usaremos os termos padrão e não-padrão para significar, respectivamente, sinais realizados em conformidade com as CMs propostas por Pimenta () e os que divergem da proposição de Pimenta são não-padrão.

Ressaltamos que é importante manter-se dentro do espaço de sinalização, ou seja, a mão não pode ultrapassar muito acima da cabeça ou abaixo da cintura e a direção assumida precisa ser respeitada, de acordo com o sinal a ser articulado. Segundo Johnston e Schembri (1999), sinais articulados com uma mão podem ser produzidos com duas mãos (duplicação) e sinais articulados com duas mãos podem ser realizados apenas com uma delas (unificação).

Outra variação observada se refere ao verbo PENTEAR e mostra a alteração no parâmetro de Or. As variantes são um exemplo de variação de verbo, porém, a depender da frase em que o sinal é produzido, pode ser classificado como um substantivo. Na investigação feita por Pizzio (2011), ao pesquisar as distinções entre nome e verbo na Libras, constatou-se que os participantes da pesquisa, em sua maioria, usavam a mesma CM e PA para os sinais, variando a repetição do M. As variações nas formas de sinalizar os verbos eram distintas no aspecto da repetição, que ocorriam de diversas maneiras e, quanto ao movimento, poderiam ser curtos ou longos, acontecendo o mesmo para os nomes.

No contexto da produção verbal, PENTEAR é realizado com variação querológica na orientação da mão para a realização do sinal. A Figura 13 ilustra as variantes para esse verbo. Pode-se usar a mesma CM67, variando a orientação e o movimento, por exemplo. Assim, como podemos ver na figura 13.A, o cotovelo mantém-se mais próximo ao corpo, enquanto a mão movimenta-se para trás, de cima para baixo ou para o lado. Por sua vez, em 13.B, o cotovelo afasta-se da lateral do corpo e a mão movimenta-se para frente ou afasta-se da lateral do corpo enquanto a mão movimenta-se para o lado, da cabeça para o final do ombro.

Figura 13 - Variação querológica do sinal PENTEAR



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Outro ponto sobre esse verbo, é que o formato do referente (pente, escova) também influencia em como o sinal é produzido. As características do cabelo do sinalizante também pode interferir, de acordo com o tamanho e formato do cabelo de

quem sinaliza. O modo de sinalizar está atrelado ao caráter de repetição do sinal, isto é, se é executado o mesmo sinal diariamente, mesmo que ocorram mudanças de alguma característica do referente (seja o objeto ou o cabelo), pode ser produzido do mesmo modo pelo hábito de expressar de uma forma ou de outra. Existem também aqueles que usam ambas as variantes não fazendo acepção de valor por um ou outro, pois faz uso da variante na naturalidade do contexto de uso da língua.

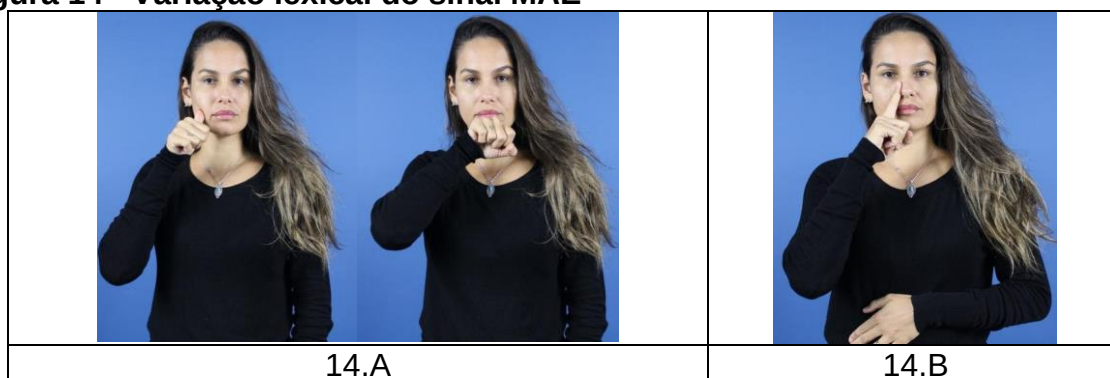
Saindo dos parâmetros formacionais dos sinais e entrando no nível lexical, na próxima seção, discutiremos sobre as ocorrências deste tipo de variação na Libras.

3.2.2 Variação lexical na Libras

A sociolinguística e os estudos sobre variação lexical na língua de sinais trazem para o estudo e descrição da Libras os fatos cotidianos da comunicação não apreendidos nem expressos pela gramática tradicional. Desse modo, concordamos com Beline (2004) ao colocar que há nos contextos de uso da língua modelos morais, estéticos e críticos não observados pela gramática se o olhar for enviesado pelo clássico modelo de descrição linguística.

Assim, estudar variação lexical sob a perspectiva da sociolinguística é identificar sinais diferentes de mesmo significado e procurar descrevê-los sem desvinculá-los dos fatores motivadores de sua produção, pois variações acontecem geradas por diferentes eventos linguísticos: sinal velho e criação de um sinal novo de mesmo valor semântico em contexto de uso onde os dois coexistem tranquilamente no sistema linguístico; um sinal novo que substitui um velho por influências externas; uma variante antiga que é substituída por uma semanticamente mais adequada; sinais com forte marca da influência da língua portuguesa que são substituídos por sinais culturalmente vinculados ao modo visual dos surdos. Muitos são os fatores motivadores da variação lexical. De acordo com Castro Junior (2011) uma ontologia da Libras precisa levar em consideração as múltiplas experiências comunicativas dos surdos, de onde o rico vocabulário da Libras emerge.

Nesse contexto de produção lexical, o sinal MÃE é um exemplo com três variantes ilustradas na Figura 14 pelas imagens 14.A, 14.B e 14.C.

Figura 14 - Variação lexical do sinal MÃE

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

O sinal na imagem 14.A pode ser considerado o sinal mais comum, ou seja, o sinal mais amplamente utilizado e recorrente em âmbito nacional, constando, inclusive, em dicionários e sinalários. No *corpus* desta pesquisa, este sinal esteve presente nas sinalizações de todos os grupos e nas duas regiões.

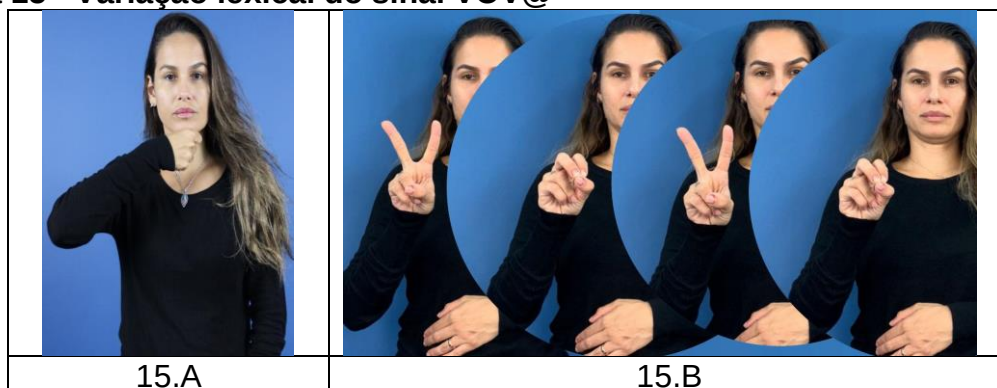
Foi possível identificar que a depender do interlocutor houve o uso do sinal 14.B ou do sinal 14.C. No caso do sinal em 14.B, realizado com a CM 49 tocando a lateral do nariz, inferimos que é comumente produzido para bebês surdos por ser de fácil aprendizagem, pois é um sinal simples, diferentemente do sinal representado em 14.A, que é um sinal composto. Outra possibilidade é de que o sinal na imagem 14.B tenha sido gerado em contexto de escolarização dos surdos em ambiente bilíngue, espaço onde estes acessaram a língua de sinais nos primeiros anos de vida e aprenderam a língua pela convivência com pares surdos mais velhos que utilizam este sinal. Uma terceira possibilidade é de que o sinal tenha sido originado a partir de exercícios de vocalização em atendimentos fonoaudiológicos, nos quais o surdo é orientado a tocar no nariz para treinar os fonemas nasalizados. Neste caso, para a nasalização do fonema /m/ presente na palavra “mãe”, o dedo indicador é colocado na lateral da narina para “treinar” com o surdo o som /mã/ a partir da percepção sinestésica da vibração do mesmo.

Por seu turno, o uso da datilologia no sinal ilustrado pela imagem 14.C pode ter surgido em função de uma dada situação comunicacional na qual o locutor questiona seu interlocutor “ela é sua M-Ã-E?” e como a palavra MÃE tem poucas letras, pode ser facilmente soletrada. Na análise desta pesquisa detalharemos sobre esses casos.

Em relação ao morfema V-O-V-@, dois sinais são utilizados: o primeiro realizado com a CM69, com o PA no queixo; e o segundo faz uso da soletração manual, com a CM30, seguido pela CM73, devido a facilidade de articular a consoante

V e a vogal O para formar as duas sílabas iguais que compõem a palavra VO-V@. Vejamos os sinais na Figura 15.

Figura 15 - Variação lexical do sinal VOV@

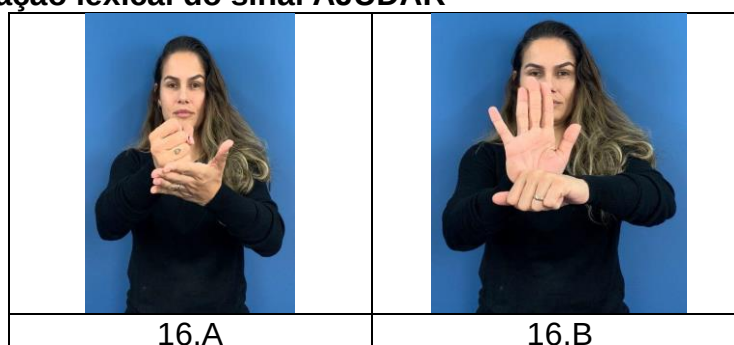


Fonte: Elaborado pela autora (2020)

De acordo com os dados da pesquisa, constatamos que 15.B é mais recorrentemente produzido por pessoas surdas da terceira idade. Ademais, notamos a influência do português no morfema, contudo, quando produzido, o movimento geralmente é alterado para a CM30, num movimento encurtado de repetição, em função também de ser uma palavra com apenas duas sílabas iguais.

Ao tratarmos do verbo AJUDAR, temos duas variantes para esse sinal. Na Figura 16 demonstramos duas variantes para esse morfema.

Figura 16 - Variação lexical do sinal AJUDAR



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

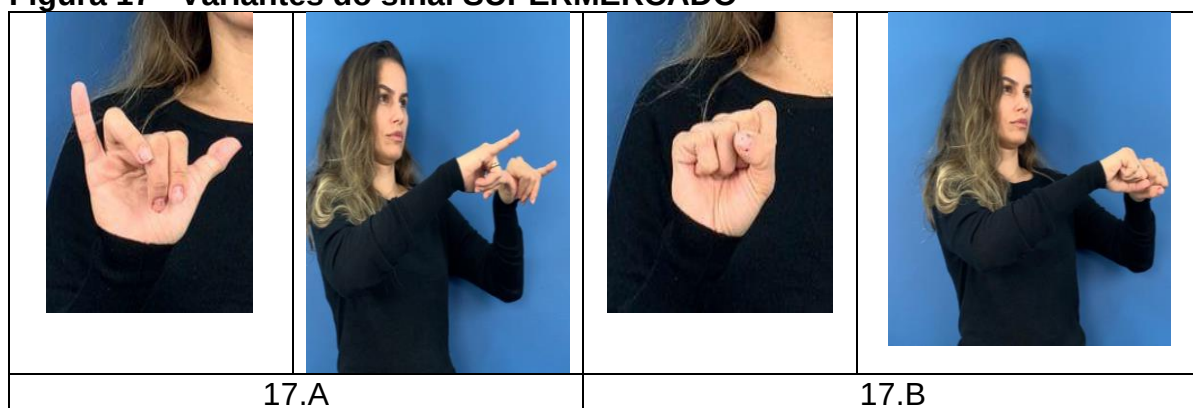
Ao contrastar os sinais ilustrados nas imagens 16.A e 16.B, observamos uma acentuada diferença entre as CMs o que configura os dois sinais como variantes lexicais do verbo AJUDAR. Acerca deste acontecimento linguístico, Berline explica que:

[...] fazer referência a um elemento do mundo por mais de um termo linguístico é apenas um dos casos que mostram que, de fato as línguas variam. Numa mesma língua, um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes, seja conforme o lugar – variação diatópica, seja conforme a situação em que se está falando. (BELINE, 2011, p. 122).

No caso do verbo em discussão, além da influência regional, o contexto de uso influencia na escolha por uma ou outra variante, pois o tipo de variação é “apenas um dos modos como uma língua pode variar” (BELINE, 2011, p. 122) e AJUDAR varia de acordo com a região e com o contexto de uso. A sua distinção acontece tanto na mão dominante, que é produzida fechada na figura 16.A, sendo sinalizada em CM 69; quanto na Figura 16.B que é sinalizada em CM01. A mão passiva também se difere, assumindo as CMs 69 e 01, como pode ser visualizado nas imagens acima.

Ainda a respeito da variação lexical, trazemos a Figura 17 para ilustrar o sinal SUPERMERCADO, em que as mãos em ambas as variantes estão lado a lado, em simetria. Observamos a variante na imagem 17.A feita com a CM 64; e a variante representada em 17.B com as mãos fechadas, CM 69. Ambas para o mesmo item lexical e mantendo-se os parâmetros de L e M.

Figura 17 - Variantes do sinal SUPERMERCADO



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

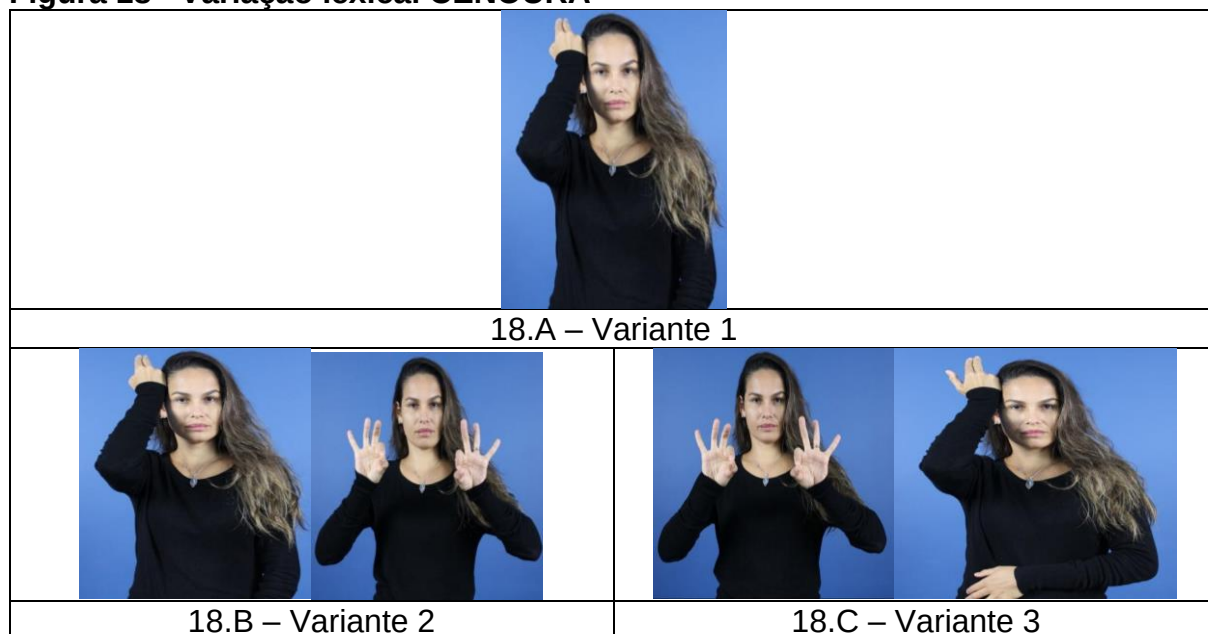
Nas variantes acima, a natureza icônica da língua de sinais explicita a ideia de “empurrar o carrinho do supermercado” e, apesar de ambas remeterem ao referente (carrinho), a variante 17.B se caracteriza mais similar à forma desse objeto quando comparada com a variante 17.A, que parecer ser motivada pela ação feita ao usar o objeto, emergindo assim, distintas possibilidades de representar algo.

Há recursos, como a utilização de classificadores, que permitem a redução do esforço pelo sinalizante e a diminuição do espaço no momento da produção. Igualmente acontece no morfema CENOURA, em que identificamos no *corpus* duas variações: o sinal composto 18.A e sinal composto 18.B. Em 18.A, temos o primeiro sinal que é o mesmo usado para COELHO realizado com a CM20, com movimento de cima para baixo com a mão posicionada ao lado cabeça e o segundo sinal produzido com a CM16 com as duas mãos com a CM17, paralelas entre si e em frente

ao corpo, em M de distanciamento entre elas (do centro para a lateral), reproduzindo o formato e comprimento comum que este legume geralmente tem.

O sinal na imagem 18.B é composto pelos mesmos sinais, porém em ordem inversa. Vejamos a Figura 18:

Figura 18 - Variação lexical CENOURA



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Neste caso, observamos no *corpus* que determinados participantes realizaram ambos os sinais: alguns produziam 18.B seguido pelo 18.A, e outros os mesmos sinais, entretanto, ordenados de forma distinta (primeiro 18.A e depois 18.B). Supomos que a escolha por qual morfema usar (se na forma simples ou composta) depende do contexto frasal que é expressado, ou ainda, se o sinalizante já está com as mãos posicionadas em frente ao corpo, opta por usar o morfema 18.B que é produzido na mesma localização do sinal anterior que o sinalizante expressou.

Assim, diferentes composições sintáticas interferem, a depender dos sinais que antecedem ou sucedem esse sinal composto. Outra possibilidade está relacionada ao aspecto semântico, pois o sinalizante pode optar pelo sinal 18.B, que inicia com o referente CENOURA, por ser um sinal mais genérico (o alimento), seguido pelo animal que se alimenta dele, possibilitando identificar a que se refere o primeiro sinal. Em síntese:

- a. CENOURA^COELHO
- b. COELHO^CENOURA

Em relação ao sinal IGUAL, no nível querológico, este pode ser produzido com uma ou duas mãos, variando tanto na CM (variantes similares), quanto no movimento, ponto de articulação e orientação da mão. Em se tratando da variação lexical, quando as diferenças no contexto de uso produzem modos diferentes de dizer IGUAL, várias são as variantes. Vejamos, na Figura 19 as imagens que utilizamos para exemplificar diferenças acontecidas com este léxico:

Figura 19 - Variação lexical IGUAL



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Os léxicos ilustrados pelas figuras 19.A e 19.B, são variações que acompanham o sentido do sinalizador a respeito do objeto foco do comparativo na frase 19.A é utilizado simultaneamente à sinalização do interlocutor, numa concordância interativa de um acontecimento idêntico. Por sua vez, o léxico 19.B acontece em um contexto comunicativo de concordância consecutiva à fala do interlocutor. Assim, a sinalização pode ser traduzida por “comigo é do mesmo modo”,

mas em momentos diferentes. Em 19.A sinalizando simultaneamente e em 19.B, após a sinalização do interlocutor.

O léxico 19.C acontece em um contexto de semelhança de objetos, por exemplo: “essas fotos são iguais”.

De outro modo, 19.D é um léxico utilizado em um contexto de sentimento de concordância muito similar ao visto em 19.B, no entanto, no primeiro caso (19.B), o sinalizador faz uso das duas mãos para a comparação entre os objetos, enquanto que em 19.D, a economia linguística de utilização de apenas uma mão designa para os parâmetros orientação da mão (Or) e movimento (M) os elementos em relação de comparação, seja uma pessoa ou objeto.

Quanto a 19.E, o léxico é utilizado para situações em que o sinalizante lida com a afirmação de que alguém mantém uma atitude como parte de sua personalidade por ser teimoso.

Para o léxico 19.F o contexto de comunicação é de pessoas que são parecidas.

Por fim, o léxico 19.G é utilizado em contextos comunicativos de confirmação de uma atitude tomada colocando um ponto final da conversa.

O grau de (in)formalidade do contexto comunicativo também interfere em como os sujeitos se expressam. A sinalização que acontece em conversação informal, por exemplo, ao articular os sinais, ao usar o espaço, podem gerar variantes e estas formas distintas precisam ser descritas e analisadas, assim como os aspectos que influenciam como o sinal é realizado.

No caso do morfema PESSOA, observável na Figura 20, temos quatro possibilidades de produção: i) o sinal 20.A, CM55, tocando o dedo médio na testa da esquerda para direita (quando produzido com a mão direita); ii) o sinal 20.B com a CM56, tocando o dedo médio na testa da esquerda para direita (quando produzido com a mão direita), sendo que esses dois sinais são variações querológicas. Temos os outros dois sinais, que são variações lexicais: iii) o sinal 20.C, produzido com a CM42 em frente ao corpo no espaço neutro, com o movimento de cima para baixo; iv) e o sinal 20.D com a CM55, em frente ao corpo no espaço neutro, com o movimento de cima para baixo.

Figura 20 - Variação lexical do sinal PESSOA

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Todas essas quatro variantes podem ser usadas, inclusive, pelo mesmo sinalizante, a depender dos graus de formalidade e informalidade comunicativa da construção sintática, mas também por conta da indicação de um ou mais referentes (singular ou plural), que determinam a escolha do sinal para respeitar a concordância frasal. Nas opções 20.C e 20.D, entendemos que as configurações sintática e semântica afetam, igualmente, a escolha lexical.

3.2.3 Classificação da Variação Linguística

No tocante ao tipo de variação sociolinguística, nos concentramos em investigar a variação diatópica - *dia* = através e *topos* = lugar (COSERIU, 1980), e a variação social advinda das diferenças de idade e sexo biológico. Em relação a variação diatópica, ela é caracterizada pelas diferenças linguísticas geográficas, portanto, entre os lugares. Vemos claramente as diferenças entre os países, estados e em regiões de fronteiras, entre os sujeitos locais e os imigrantes que chegam e trazem suas culturas tão diferentes. Essas variações:

São aquelas que ocorrem num plano horizontal, na concorrência das comunidades linguísticas, sendo responsáveis pelos chamados regionalismos, provenientes de dialetos ou falares locais. Suas manifestações contidas na comunidade por uma hipotética linguagem comum do ponto de vista geográfico que, sendo geralmente compreendida e aceita, contribui para o nivelamento das diferenças regionais. (PRETI, 2003, p. 24).

As pessoas apresentam modos de sinalizar diversos que revelam as variações regionais que são intensamente compartilhados pelos sujeitos sinalizantes, principalmente nos últimos anos com as tecnologias de informação e comunicação.

Nesse sentido, as diferenças entre estados ou regiões carregam aspectos histórico-culturais importantes. A trajetória histórica das línguas forjou seus vocabulários. Assim, apesar de percursos diferentes, tanto as línguas orais quanto as

de sinais, sofreram impacto da colonização. No caso da Libras, o fato que repercutiu no léxico, de acordo com os procedimentos dos colonizadores e das influências das comunidades de imigrantes nas diversas regiões, foi a negação da sinalização para os surdos e o seu uso clandestino nos difíceis anos do oralismo.

Na Região Sul do Brasil e em suas fronteiras territoriais e demais países vizinhos, contextos distintos atuam sobre a Libras, pois, na região, esta sofre influência de outras línguas de sinais, recebendo interferência de fatores que surgem por conta desse cenário multilíngue. De modo semelhante, na Região Norte, imigrantes e refugiados surdos também têm vindo para o Brasil, cidadãos venezuelanos que chegam em Roraima em busca de um lugar para se estabelecer. Sendo assim, não somente a localização geográfica exerce interferência sobre as línguas ocasionando variações, mas os contextos históricos e culturais se somam a essa característica na ocorrência das diferenças linguísticas.

Nesse cenário de modos diferentes de dizer, variantes fazem parte do modo de sinalizar dos surdos, compondo as escolhas dos membros da comunidade. Podemos chamar esse modo diferente de se comunicar de dialeto. Para Bagno (2007), os dialetos são a parte pulsante nos mostrando que a gramática normativa foi uma escolha descritiva da língua em um dado momento da história. As línguas naturalmente sofrem influência do contato entre os indivíduos e da localização onde estes vivem aspectos de seus lugares sociais e culturas diferentes, mais urbanas ou mais rurais, que vão desenhando a língua e as variações linguísticas.

Entre regiões diferentes, como o Sul e o Nordeste, para ilustrar, identificamos diferenças de origens diversas exercendo influência sobre os modos de produzir e sinalizar a língua, criando em cada região uma experiência específica que alimenta o seu dialeto social. A diferença, ou a variante regional estabelecida, pode revelar, inclusive, a interferência de uma região sobre a outra, fenômeno que pode ser investigado mais profundamente (que não é o caso desta pesquisa).

Na busca pela identificação e entendimento das diferentes influências para produção de variações, observamos que a variante pode ocorrer atrelada a modos de sinalizar muito particulares dos sujeitos. As variantes produzidas a partir dos lugares sociais são marcas da produção de enunciados com características pessoais e, portanto, subjetivas, podendo modificar a forma como a informação é expressa, mas sem deixar de construir significados e sentidos socialmente compreendidos. Nesse sentido, olhar com respeito para essas produções é considerar que o que foi

normatizado como sinal mais utilizado na comunidade, mas que não é hierarquicamente superior, é meramente diferente. (BAGNO, 2007)

Os ambientes de convivência, as redes sociais, o contato com as diferentes mídias e formas de aquisição de conhecimento são fatores que influenciam na variação e mudança da língua, conforme as experiências que vão se construindo. As interações sociais são também agentes influenciadores, que interferem na constituição linguística dos sujeitos, logo, as experiências socioculturais colaboram para as formas de expressão e desenvolvimento da língua, não somente individual, mas por meio do contato, na interação social com o outro.

Os grupos sociais se constituem de indivíduos conectados por afinidade. Desse modo, suas escolhas de vocabulário acabam por ter características semelhantes por causa das influências linguísticas.

A esse respeito, ao olharmos para a história da comunicação em Libras, vemos que nas décadas de 1990 e 2000, de modo geral, a convivência entre surdos habitantes dos centros urbanos acontecia em pontos de grande circulação. Esses encontros ocorriam, principalmente, em terminais de ônibus ou no centro das cidades em lanchonetes, devido a facilidade em acessar esses locais e também para se deslocar, já que esses surdos residiam em localidades distintas. São diversos os lugares que propiciavam esses contatos, dessa forma, decorrendo em processos de variação linguística. Nesse período, as tecnologias de comunicação eram escassas, enquanto, por outro lado, os encontros presenciais eram frequentes.

Por sua vez, na dimensão individual, o modo de sinalização de cada sinalizador tem suas características vinculadas à emoção, às experiências vividas, ao lugar que reside ou residiu, etc.

A variação linguística é constitutiva da língua e produzida por fatores de ordem pessoal e ambiental. Nesse sentido, o contato entre indivíduos e as relações estabelecidas por meio da língua não são iguais ou permanentes, mudam com o tempo, e conforme os encontros, porque a língua é dinâmica e viva.

Nesse contexto, a variação linguística se constitui a partir do que é usado nos grupos de interlocutores em contextos decorrentes de sexo, idade ou classe social. A variação identificada nesses casos está relacionada ao estrato social, às diferenças de classes nas camadas da sociedade e os falares dos indivíduos que as constituem e que carregam consigo tais características, de acordo com a situação vivenciada (variações entre os grupos sociais, socioculturais). Incluem-se os diferentes traços da

cultura, do social, da história, a diversidade de níveis socioeconômicos, de escolarização, de idade, de gênero, de etnia.

O aspecto socioeconômico permeia a vida em sociedade. A diversidade de condições financeiras traz distinções também na constituição linguística das pessoas, uma vez que indivíduos pertencem à grupos sociais diferentes e as experiências individuais se constroem na coletividade, nos diversos contextos sociais. Aos grupos sociais se constituem de indivíduos que se conectam por afinidade, características semelhantes, onde se mantêm interações e ocorrem as influências linguísticas. Já na dimensão individual, o modo de sinalizar de cada usuário tem suas características vinculadas à emoção, às experiências vividas, ao lugar que reside/residiu etc.

No caso dos surdos, pela própria história de negação da Libras pelo oralismo e, conseqüentemente, pela sociedade, que demandou de muitos de nós o uso clandestino da sinalização, o aspecto etário e geracional traz marcas distintivas no vocabulário de diferentes grupos de surdos, assim, também na Libras. Assim, vemos que as variantes são parte da construção da língua impactadas por fatores de ordem ambiental, do contexto histórico, da tradição e do perfil de cada indivíduo. O contato entre indivíduos e as relações estabelecidas através da língua não são iguais ou permanentes, mudam com o tempo e conforme esses encontros, porque a língua é dinâmica e viva, e há sempre ocorrências sobre ela.

Os ambientes de convivência, as redes sociais, o contato com as diferentes mídias e formas de aquisição de conhecimento influenciam na variação e mudança da língua, conforme as experiências que vão se construindo. Citamos como exemplo, indivíduos jovens que têm contato com pessoas mais velhas com uma vasta experiência linguística e identitária, e que podem vir a absorver os modos como essas pessoas se expressam, apesar das diferenças entre eles. Segundo Machado (2016):

A identidade social é produto da construção social e cultural do grupo a que pertence o indivíduo. O grupo social recebe influência linguística, de vocábulos e sinais, de diversas comunidades que convive. Cada pessoas possui seu repertório linguístico, adapta sua linguagem as diferentes situações vividas e apresenta variações de elementos gramáticas, fonéticos e lexicais. (MACHADO, 2016, p. 81).

Assim, todo encontro entre indivíduos está contido de influências ambientais e do próprio contato, porque, sendo pessoas diferentes, a interação através da língua fará com que uma se aproprie de parte ou da totalidade de aspectos e elementos linguísticos da outra (de um sinal, de uma palavra), e é possível que uma assimile o modo de falar da outra, por exemplo. Portanto, “esse tipo de variação linguística está

vinculado a um grupo de falantes que compartilham as mesmas características socioculturais, como nível cultural, classe econômica, profissão, por exemplo” (GOMES, 2015, p. 59).

Toda língua, sistema complexo e abstrato, compartilhada socialmente dentro de uma comunidade precisa ser estudada considerando a realidade da heterogeneidade linguística que a constitui e aos seus usuários, pois, mesmo dentro de grupos sociais afins, podemos identificar uma diversidade de níveis linguísticos e formas próprias de seu uso. Os sujeitos vivenciam as variações linguísticas, se deparando com a heterogeneidade, em todas as épocas e em todas as comunidades, pois a variação é constitutiva dos sistemas linguísticos.

Por isso, a atenção aos perfis dos sujeitos com seus aspectos sociolinguísticos é congruente com nossos objetivos, uma vez que este elemento é relevante para compreendermos as variações linguísticas regionais (diatópicas) que tencionamos verificar e analisar nos dados coletados de produção espontânea advindos dos enunciados sinalizados. Nossas análises, com base na Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008[1972]), enfocam as características constitutivas desses informantes, como já dito: gênero, grupo social, idade, suas individualidades (modos de ser) e constituições linguísticas (de onde vêm, sua origem).

Apesar de compor o escopo do referencial teórico por nós utilizado, a variação estilística ou diafásica, não se constitui como elemento observável em nossa pesquisa. Com relação à variação diafásica, registramos características e preferências na sinalização como o uso das mãos, por exemplo, se direita ou esquerda para determinados sinais, dificuldades e realidades sociais diferentes, aspectos do convívio social de cada informante, mas não aprofundamos a análise porque nossa pesquisa centrou-se na variação regional.

Nossa investigação buscou nos dados por características individuais e sociais advindas dos dois estados selecionados, procurando por nuances individuais em cada local, uma vez que cada sujeito carrega uma história singular e traços culturais coletivos. Dessa forma, o importante foi perceber como esses indivíduos interagem em seus grupos sociais através da língua, como forma de conhecimento.

No próximo capítulo, detalharemos o percurso metodológico desta investigação.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Em função dos objetivos da pesquisa, dividimos este capítulo em quatro seções: (1) Caracterização da Pesquisa; (2) População da Pesquisa; (3) Seleção e descrição dos dados e (4) Procedimentos de análise.

Cada uma delas contempla, respectivamente, subseções descritivas da metodologia empregada: (1) o contexto da pesquisa, questões éticas, procedimentos de eliciação dos dados, a eliciação e constituição do *corpus* para análise; (2) perfil dos participantes; (3) seleção dos dados, transcrição dos dados, descrição dos dados, apresentação dos dados; (4) Descrição dos procedimentos de análise.

4.1 Caracterização da Pesquisa

A abordagem metodológica desta pesquisa é quantitativa e descritivista com ênfase nas variações linguísticas, evidenciadas pela variação querológica e lexical da Libras, cuja modalidade é visual-gestual-espacial.

Os dados são provenientes do *Corpus* da Libras de Fortaleza e de Maceió, ambos desenvolvidos por projetos da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Federal de Alagoas, respectivamente. Os dois projetos estão vinculados ao Projeto Corpus Libras/UFSC para construção de um inventário nacional da Libras, intitulado Inventário Nacional de Libras (INDLibras) e executado pelo Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (Ipol), por meio de convênio com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Em Fortaleza, o projeto REDE SURDOS ficou sob a responsabilidade do professor Doutor Rodrigo Nogueira Machado (UFC), com o qual estamos trabalhando, juntamente com a professora Dra. Kátia Lucy Pinheiro. Em Maceió, o projeto tem como coordenador o professor Dr. Jair Barbosa da Silva, orientador desta pesquisa. Os dados deste primeiro registro nomeamos de *corpus*. O segundo registro, coletado especificamente para esta tese, foi eliciado por meio de entrevista acontecida por meio no *Google Meet* com alguns dos participantes do *corpus*. O registro foi realizado por meio de gravação de tela do computador da pesquisadora. O roteiro da entrevista foi o mesmo do realizado no projeto nacional, com a diferença de que os participantes, nesse momento, foram entrevistados individualmente e a entrevistadora perguntava sobre o reconhecimento e uso do vocabulário delimitado para o estudo, a saber: PRETO(cor), ROSA(cor), ABRIL, AGOSTO, FEVEREIRO, CUNHAD@, MÃE, PAI, AV@/VOV@,

MARACUJÁ, MELANCIA, CEBOLA, CENOURA, TOMATE. Os dados deste momento nomeamos de entrevistas pelo *Google meet*.

Recorremos aos dados do Projeto Corpus/Libras UFSC – REDE SURDOS / Libras na UFAL e a entrevistas individuais para identificar as produções linguísticas dos surdos de Fortaleza e Maceió a fim de descrevermos e analisarmos as variantes identificadas nos níveis querológico e lexical. Desse modo, buscamos identificar e descrever as ocorrências de variações nos sinais e, para tal, nos amparamos na Linguística de *Corpus* que conta com metodologia sistematizada para análise da língua em diferentes camadas, oferecendo instrumentos de descrição de forma minuciosa. O registro do *corpus* e da entrevista no *meet* foi feito em vídeo e salvo em drive específico. Para a transcrição dos dados, contamos com o *software Elan*. O referido programa nos auxiliou na organização do material linguístico transcrito para o momento da análise (ver seção 4.3.2.1).

Segundo Zavaglia, *corpus* é “um conjunto de textos produzidos em uma determinada língua natural que caracteriza e reflete o uso sincrônico dessa língua em uma comunidade linguística, podendo variar entre o registro falado e o escrito” (ZAVAGLIA, 2004, p. 27). Os *corpora* de língua podem se constituir de diferentes conjuntos de registros, materializados em diversos gêneros textuais, que podem ser dados de fala ou de escrita. As transcrições podem ser realizadas com base nos áudios de fala e transcrição, assim como os dados em vídeo, esse foi nosso caso ao usarmos o *Elan*, as planilhas no excel e os gráficosR.

Com o advento das tecnologias, os *corpora* passaram a ser registrados em outros suportes, que vão além do papel, e dessa forma, os computadores, os recursos digitais são mais utilizados, possibilitando armazenar uma quantidade significativa de dados para análises de línguas e de sistematização. No caso do *corpus* em Libras, concordamos com Knight (2011), ao afirmar que:

Semelhante aos *corpora* monomodais atuais, o conteúdo dos *corpora* multimodais, as formas como são registrados, seu tamanho e assim por diante, são altamente dependentes dos objetivos e metas que se destinam a cumprir; as questões específicas de investigação que se pretendem explorar ou as questões tecnológicas ou metodológicas específicas que requerem resposta por parte de quem desenvolve e / ou utiliza o *corpus*. (KNIGHT, 2011, p. 394, Tradução nossa)²⁹.

²⁹ Similar to current monomodal corpora, the contents of multimodal corpora, the ways in which they are recorded, their size, and so on, are highly dependent on the aims and objectives that they are intended to fulfil; the specific research questions that want to be explored or the specific technological or methodological questions that require answering by those developing and/or using the corpus. In: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/st97L7gpkK9m6gVrKxDxh6c/?lang=en>.

A seguir, abordaremos em detalhes o Projeto Corpus/Libras UFSC, que se constitui como um rico e importante patrimônio imaterial e cultural de referência, compondo o Inventário Nacional da Libras com dados coletados de várias capitais brasileiras. A coleta de dados iniciou na região da Grande Florianópolis em Santa Catarina, com a participação de homens e mulheres surdos de diferentes faixas etárias. Nessa etapa, contou com a participação também de surdos brasileiros adultos, identificados como “Surdos de Referência” na comunidade linguística, que foram selecionados pela equipe responsável pelo projeto (QUADROS *et al.*, 2018).

O Projeto Corpus/Libras UFSC contribui com os estudos linguísticos da Libras e fornece visibilidade à língua, uma vez que possibilita o levantamento de sinais, identificando, inclusive, aqueles que deixaram de ser usados, pois o interesse está em documentar a língua³⁰, independentemente de os sinais documentados continuarem sendo usados ou não, de estarem ainda em circulação ou de terem deixado de ser produzidos. O projeto funciona para registrar amostras de produções em Libras, o que é muito importante para inventariar e preservar esse patrimônio da comunidade surda.

O banco de dados com os *corpora* de Libras, é de fácil acesso, pois os arquivos estão registrados em pastas de anotações e transcrições dentro de um sistema de análise linguística previamente estabelecido. Portanto, há facilidade para a busca dos dados, uma vez que estes estão acessíveis e categorizados para investigações analíticas que utilizem o INDL³¹ como padrão.

4.1.1 Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais (INDL)

Patrimônio cultural, as línguas faladas e sinalizadas no país têm sido inventariadas por meio de ações desenvolvidas que valorizam e contribuem para a continuidade desse “[...] bem cultural brasileiro e da diversidade linguística como um todo, além de fomentar a produção de conhecimento sobre as línguas faladas no Brasil e contribuir para a garantia de direitos linguísticos”. As línguas indígenas e outras línguas minoritárias, como a Libras, fazem parte do escopo do projeto. (IPHAN, 2017)³²

³⁰ Os sinais estão sendo documentados no *Libras Signbank*, que é um banco de dados léxico para a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <https://signbank.libras.ufsc.br/>

³¹ Mais informações em: <http://www.corpuslibras.ufsc.br/>.

³² Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/indl/noticias/detalhes/4198/pesquisa-coleta-dados-para-o-inventario-nacional-de-libras>

O Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais (INDL) “é uma política voltada para o reconhecimento da diversidade linguística como patrimônio cultural, por meio da identificação, documentação e ações de apoio e fomento [...]”³³. (IPHAN, 2017)

Portanto, é um projeto com ações no âmbito nacional que promovem a preservação e o fortalecimento dessas línguas e, conseqüentemente, da cultura brasileira, viabilizado principalmente pelo registro audiovisual, que “visa ao mapeamento, a caracterização e o diagnóstico das diferentes situações relacionadas à pluralidade linguística brasileira”. (IPHAN, 2014)

Nesse sentido, considerando que a Libras é uma língua nacional que se estende por todo o território nacional, o que inviabiliza um inventário exaustivo num curto espaço de tempo, o inventário constituído buscou estrategicamente tomar vantagem de outros projetos anteriores já constituídos na área de Libras de modo a maximizar as possibilidades de inventariar informações sobre o seu uso nas diferentes regiões do país. (QUADROS *et al.*, 2018, p. 28)

Fundamentado na metodologia cultural, o INDL tem sido desenvolvido por vários pesquisadores e pesquisadoras brasileiras, dentre elas a Dra. Ronice Müller de Quadros que, após ter contato com pesquisa de *corpus* linguístico em outro país, despertou interesse em trazer essa metodologia para o Brasil de forma adaptada, pois percebeu a possibilidade de implementar esse modelo no país, podendo ser aplicada nos contextos linguísticos nacionais, das línguas minoritárias, línguas de fronteira, dentre outras. O Inventário Nacional de Libras compõe o INDL e vem sendo desenvolvido nos últimos anos, tendo como resultado várias publicações, como o livro intitulado “Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro publicado em 2018” (QUADROS *et al.*, 2018)³⁴.

O referido projeto contou com normas e organização consolidadas que, sob a coordenação da profa. Dra. Ronice Müller de Quadros, principal responsável e idealizadora do projeto, tem construído um *corpus* de Libras que está sendo disponibilizado para pesquisadores brasileiros que queriam ter acesso aos sinais e listas de perfis dos informantes documentados. Vale ressaltar que esses perfis contemplam características de sexo biológico e faixa etária, dentre outras. Todos os registros das produções dos informantes são de usuários nativos da Libras.

³³ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/140>.

³⁴ Disponível em: <http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/index?page=2>

As primeiras produções linguísticas coletadas foram de surdos residentes na Grande Florianópolis, que corresponde às cidades de: Florianópolis, São José, Palhoça, Biguaçu e Santo Amaro da Imperatriz, visando levantar as experiências sobre a convivência em espaços como: associação de surdos, pontos de encontro de surdos e momentos com amigos surdos, que tivessem uma relação de proximidade (QUADROS *et al.*, 2018).

A coleta de dados na Grande Florianópolis, para levantamento sociolinguístico, envolveu entrevistas, vocabulário *Swadesh*³⁵ e levantamento demográfico. Na primeira etapa os dados coletados advieram de um questionário aplicado para surdos e ouvintes fluentes em Libras e, na segunda etapa, foram realizadas entrevistas apenas com surdos brasileiros (QUADROS *et al.*, 2018). O supracitado Projeto seguiu os seguintes critérios de seleção de participantes surdos: i) adquiriram a Libras desde a primeira infância; ii) residem na cidade selecionada há, no mínimo, dez anos; iii) são fluentes em língua de sinais e; iv) que se reconhecem com identidade surda e convivem intensamente com outros surdos.

Posteriormente, buscou-se alcançar o território nacional, inventariando um grande *corpus* de Libras que deve contribuir com pesquisadores em suas investigações. Esta ação acontece por meio de parcerias institucionalmente estabelecidas entre a UFSC e as universidades que se interessam por contribuir com esse inventário da Libras, no caso desta pesquisa, a UFC e a UFAL.

4.1.2 Questões éticas

O projeto INDL foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH)³⁶ da UFSC³⁷, que inclui a autorização das imagens dos participantes e dos registros linguísticos para pesquisas e publicações derivadas delas. O termo de consentimento livre e esclarecido para uso de imagem em língua portuguesa (impresso em papel) e em Libras (no formato de vídeo) são entregues aos surdos convidados antes de iniciar sua participação.

³⁵ O vocabulário *Swadesh* é uma lista de cem palavras “organizada a partir de imagens representativas para eliciar o vocábulo usado pelo participante”. Essa “técnica consiste na coleta de vocabulário básico da língua que permite levantar aspectos relacionados à variação linguística em diferentes níveis – lexical, semântico, fonético-fonológico” (QUADROS *et al.*, 2018, p. 55).

³⁶ Registro CAAE: 17028413.0.0000.0121. Disponível em: <https://cep.ufsc.br/>.

³⁷ Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/169881>.

Para a presente tese foi utilizada a mesma documentação do Projeto Corpus/Libras UFSC, incluindo o modelo do termo de consentimento dos participantes. Esses procedimentos são garantidores de um padrão de parâmetros metodológicos previamente definidos no projeto (Inventário Nacional de Libras), e constituem-se como orientadores para a realização de cada etapa da pesquisa, isto é, desde a sistematização da coleta, documentação com registro dos dados, transcrição e análise em todo o Brasil. As etapas estão organizadas para guiar o trabalho que é rigorosamente padronizado para aplicação em nível nacional. A coleta dos dados ocorreu após os participantes assistirem ao vídeo explicativo sobre a pesquisa e assinarem os termos de consentimento e uso de imagens e seguiu o roteiro do Projeto INDLibras.

Nesse momento, cabe a informação de que não fizemos uso de todos os relatos documentados no *corpus* do Projeto INDLibras, uma vez que os mesmos estão voltados para registros linguísticos em geral e, nesta pesquisa, nos interessava, especificamente, investigar as ocorrências de variação linguística em Fortaleza e Maceió no conjunto de vocabulário anteriormente listado. A descrição do passo a passo do primeiro e segundo levantamentos de sinais estão nas subseções a seguir.

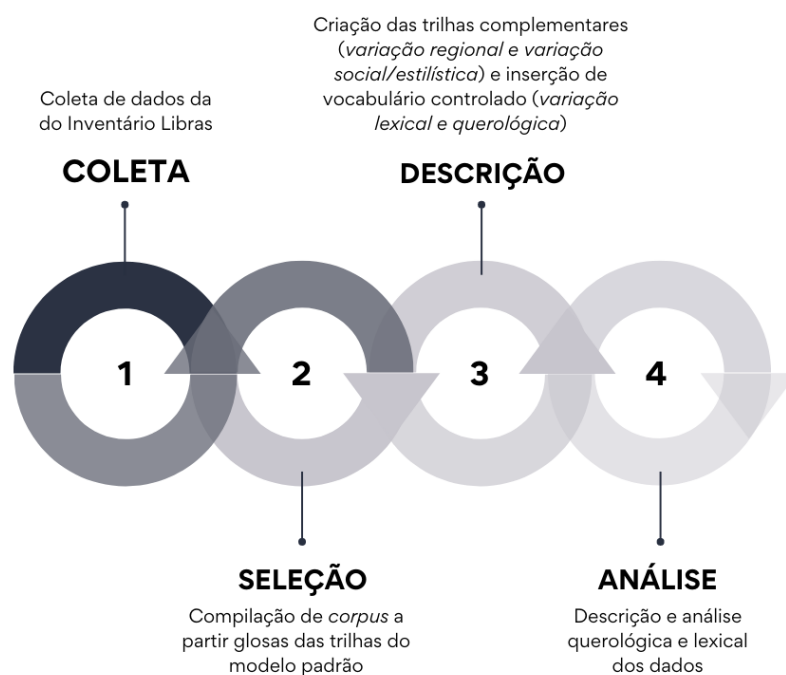
4.1.3 Coleta de dados

Para tratar da metodologia da coleta de dados, é necessário informar que esta foi feita em duas etapas de levantamento dos dados com os surdos considerados de referência para informação linguística da Libras. Os critérios para esta constituição de referência foram definidos para o INDLibras a partir da importância histórica e social destes sujeitos na comunidade surda e pelo tempo de residência superior a dez anos na região.

Os dados analisados nesta tese são oriundos de um projeto maior, denominado INDLibras, o qual surgiu na Universidade Federal de Santa Catarina - Projeto Corpus da Libras. Este projeto guarda-chuva que abriga outros projetos com o mesmo objetivo, como o da UFAL e o da UFC, de onde foram extraídos os dados para a análise aqui empreendida. Num primeiro momento, foi realizado um levantamento prévio com o objetivo de mapeamento e identificação das ocorrências de variação em Fortaleza e Maceió, nos 14 sinais definidos como objeto de nosso estudo. Nesse momento, assistimos às entrevistas de 44 surdos.

Para a etapa 1, a sequência dos procedimentos metodológicos por nós adotados está ilustrada na Figura 21 que apresenta nosso movimento de coleta, seleção, descrição e análise dos dados.

Figura 21 - Procedimentos metodológicos

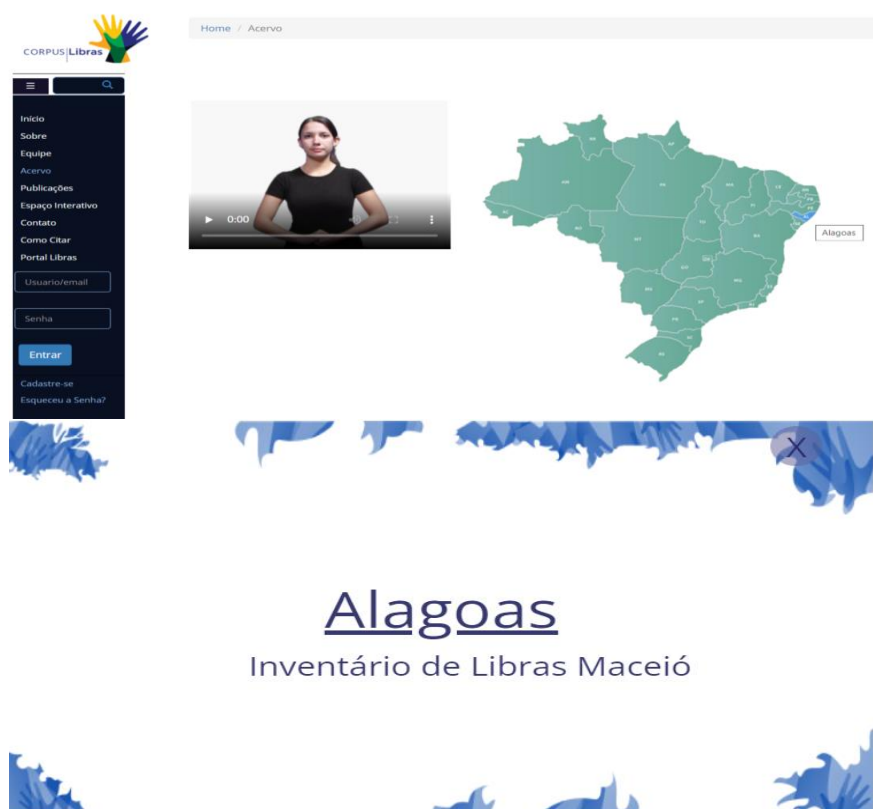


Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Nesta etapa de trabalho com o *corpus* nacional, foi necessário fazer o *download* do arquivo a ser pesquisado. Assim, foi necessário selecionar no “Inventário de Libras” os estados/cidades da União com a coleção de dados linguísticos dos acervos que nos interessavam, ou seja, Ceará/Fortaleza e Alagoas/Maceió.

Desse modo, primeiramente, entramos no site do Projeto Corpus/Libras UFSC. A tela que aparece solicita a inserção do nome do estado que tem o *corpus* de seu interesse, a partir dessa informação, veja Figura 22, os dados linguísticos inventariados no estado aparecem.

Figura 22 - Banco de dados do acervo (Projeto Corpus/Libras UFSC)



Fonte: UFSC (2020)

Todos os vídeos que compõem o acervo estão listados e, para fazer o *download*, basta clicar no lado direito inferior do vídeo, na opção correspondente ao conteúdo que interessa. No caso dos arquivos com as anotações linguísticas da trilha padrão³⁸, foi necessário solicitar liberação da universidade onde o *corpus* está sendo inventariado e ao pesquisador responsável pelo Projeto no estado. As trilhas secundárias atenderam especificamente a nossa pesquisa e as transcrições feitas a partir do ELAN foram convencionadas para atender aos nossos objetivos.

O programa ELAN é um software com sistema de transcrição que possibilita estabelecer um padrão de convenções para a representação dos sinais manuais em anotações de trilhas que atendem aos objetivos da pesquisa. A Figura 23 exemplifica como os dados estão armazenados e a imagem que aparece para o pesquisador quando este acessa o repositório.

³⁸ A trilha padrão é a sequência básica da língua de onde derivam as outras sequências e variantes que constituem as trilhas secundárias. Para tal processo utilizamos o ELAN, recurso descrito a seguir, pois o mesmo potencializa a oportunidade de criação da trilha padrão condizente com os objetivos desta pesquisa e que contribuiu com as transcrições para Libras e as traduções para a língua portuguesa.

Figura 23 - Exemplo de vídeo do acervo

Ver Dado

Showing 1-20 of 191 items.



Fonte: UFSC (2018)

O *corpus* coletado na UFC³⁹ e UFAL dentro do Projeto Corpus/Libras UFSC, são de informantes surdos que têm semelhante perfil quanto ao reconhecimento da comunidade sobre sua proficiência da Libras, contato com essa língua e com a comunidade surda a que pertence.

O ambiente onde a coleta ocorreu foi em salas reservadas nas universidades responsáveis, UFC e UFAL, onde os participantes eram gravados por quatro câmeras posicionadas em diferentes ângulos, como mostra a Figura 24 com as câmeras numeradas de 1 a 4, nas cores vermelha, verde, azul e laranja, respectivamente:

Figura 24 - Posicionamento das câmeras no estúdio da UFC



Fonte: Acervo da autora (2020)

³⁹ É necessário informar que os dados inventariados pela UFC ainda não constam no repositório do Projeto Corpus/Libras UFSC. Estão disponíveis aos pesquisadores, mas ainda não subiram para a plataforma oficial.

A figura acima é uma simulação de entrevista a fim de posicionar as câmeras, para manter a padronização orientada nas diretrizes do projeto supracitado.

Na foto, a marcação dos números 1 a 4 mostra a posição das câmeras: 1) câmera na posição horizontal, que capta a pesquisadora/entrevistadora e o(a) entrevistado(a); 2) câmera na posição horizontal que capta somente a pesquisadora/entrevistadora; 3) câmera na posição horizontal que capta somente o(a) entrevistado(a) e; 4) câmera na posição vertical com visor para baixo que capta a pesquisadora/entrevistadora e o(a) entrevistado(a).

Para organização do espaço de gravação houve o apoio do corpo técnico do projeto. Estes técnicos são responsáveis pelo enquadramento das câmeras, ajustes de iluminação, projeção dos vídeos e demais procedimentos, possibilitando uma visão completa dos participantes, capturando a sinalização não apenas por um ângulo, mas por vários. Nesse contexto, documentar as expressões dos participantes é muito importante, visto que são parâmetros formacionais que compõem as línguas de sinais, podendo advir das ENM variantes no vocabulário eliciado.

A segunda parte dos dados adveio de entrevista individual via *Google Meet*. Esta foi realizada com 10 surdos de cada região a partir da aceitação e disponibilidade de tempo dos mesmos. Destes dados incidem as ocorrências de variação querológicas e lexicais que colocamos em comparação com o *corpus* inicial que nos possibilitaram a discussão sobre conhecimento, uso e não uso das variantes em cada grupo e região investigados.

4.1.4 Instrumentos de coleta de dados

Para explicitar os instrumentos para coleta de dados adotados, usamos Quadros *et al.* (2018) para mostrar que nos apoiamos no mesmo tipo de instrumentos do Projeto Corpus/Libras UFSC, a saber: i) Entrevista ii) Conversação (Questionário); iii) Narrativa com base em histórias sem palavras; iv) Narrativa com base em vídeos; v) Produção de vocabulário *Swadesh*. No entanto, em nossa pesquisa, os dados analisados advêm apenas do vocabulário *Swadesh*. Este instrumento compõe o último momento da amostra que o Projeto produz. Figura 25 compõe o vocabulário *Swadesh* com as imagens que foram apresentadas aos participantes do INDLibras de cada instituição/cidade, dos quais suas produções compõem o *corpus* analisado nesta tese.

Figura 25 - Entrevista com vocabulário *Swadesh*.



Fonte: Quadros (2020, s. p.)⁴⁰

O vocabulário *Swadesh* foi utilizado para o *corpus*, primeira etapa da pesquisa, e para confirmação das variantes identificadas em cada grupo e região, UFC/Fortaleza e UFAL/Maceió. Na entrevista no *Google meet*, o instrumento foi utilizado a partir da tela do celular que o participante via e sinalizava o que via. A Figura 26 exemplifica a realização da entrevista, a gravação da tela e o momento de realização do sinal.

Figura 26 - Entrevista no *Google meet* para coleta dos dados de comparação com o *corpus*



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na sequência, após a sinalização do léxico visto na imagem, perguntamos quais outros sinais eram conhecidos e usados pelo participante. Nesse momento da entrevista, utilizamos a sinalização das variantes identificadas para que o participante, reconhecendo os sinais, dissesse se o usava ou não usava.

⁴⁰ Figura apresentada nos slides da disciplina “Documentação da Libras: Inventário Nacional da Libras”, ministrada pela profa. Dra. Ronice Müller de Quadros ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC, de 9 a 14 de março de 2020.

4.1.4.1 Eliciação dos dados

Para o levantamento dos dados os participantes foram informados que nos propúnhamos a investigar produções surdas e suas identidades, jeitos e modos surdos de sinalizar, na busca por trazer as formas naturais de se expressar, não sendo necessário que se preocupassem quanto a acertos e erros, pois não era esse o objetivo da pesquisa.

No momento de produção do *corpus*, ainda dentro do Projeto Corpus/Libras UFSC, no local de realização das entrevistas não havia pessoas circulando, fato que poderia distrair ou interromper a conversa. Além da pesquisadora e do entrevistado havia apenas o operador das câmeras. Sabemos que a situação de entrevista filmada poderia trazer certo incômodo para os participantes, por isso nos empenhamos em utilizar estratégias para minimizar a tensão.

Quando da realização da entrevista no *meet*, que compõe os dados comparativos do léxico estudado nesta pesquisa, foi solicitado que o entrevistado estivesse em ambiente sem movimentação de pessoas no momento da chamada por vídeo, que foi gravada por nós.

Nossa postura de entrevistadora, nesse momento, foi crucial para conduzir a entrevista de modo a estimular os participantes a se sentirem acolhidos e conversarem de forma mais natural possível, como fazem com outras pessoas, em outros locais. Sabemos que apesar de os participantes tentarem sinalizar descontraidamente, nos limites da pesquisa está o controle e autorregulação dos modos de sinalizar por causa da gravação, mas acreditamos ter sido possível um registro das ocorrências de variação muito próximo do real, pois observamos que seus modos de sinalizar na entrevista estavam condizentes ou divergentes com as variantes encontradas no *corpus*.

4.2 População da Pesquisa

Sobre a população da pesquisa, vale destacar a importância dos diferentes perfis de participantes para que pudéssemos obter dados dos diversos grupos sociais, pois as variações investigadas são relativas a essas diferenças. (LABOV, 2008[1972]).

No Quadro 2 consta a identificação etária e de sexo, além da região onde residem os participantes selecionados tanto da UFAL quanto da UFC. Se constitui

como importante registrar que a discrepância dos dados da UFAL em relação aos coletados na UFC, se deu em decorrência de não se termos conseguido o número esperado de informantes quando da coleta dos dados em Maceió.

Quadro 2 - Quantitativo de participantes na etapa 1

Instituição	Jovem- F M	Adulto- F M	Idoso- F M
UFC	6 surdas	6 surdas	6 surdas
	6 surdos	6 surdos	6 surdos
UFAL	6 surdas	2 surdas	2 surdas
	6 surdos	6 surdos	2 surdos

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Devido à grande quantidade de dados levantados, e como forma de parametrizar as informações para a tese, selecionamos, dos mesmos participantes da pesquisa nacional, 20 sujeitos, 10 de cada instituição, para entrevistarmos novamente. Dessa vez, a entrevista aconteceu via chamada de vídeo.

O Quadro 3 apresenta os 20 participantes entrevistados de acordo com a identificação etária, de sexo e região onde residem.

Quadro 3 - Quantitativo de participantes na etapa 2

Instituição	Jovem- F M	Adulto- F M	Idoso- F M
UFAL	4 surdas	2 surdas	1 surda
	1 surdo	2 surdos	
UFC		1 surdo	2 surdas
	2 surdos	1 surda	4 surdos

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Por ser um estudo descritivo que utilizou o mesmo grupo de entrevistados em duas etapas da pesquisa, pensamos não ser necessário ter todos os entrevistados da primeira etapa de eliciação dos dados. Assim, optamos por chamar para a segunda entrevista 10 participantes de cada região que aceitariam contribuir com a pesquisa a partir de sua disponibilidade de tempo e horário. No caso de não disponibilidade para a segunda entrevista, chamamos outra pessoa para contribuir com o primeiro grupo de dados.

Quanto aos critérios de inclusão dos participantes, de acordo com o INDLibras, os sujeitos para se constituírem como informantes das comunidades investigadas, e, por desdobramento, participantes nesta tese, tinham que atender aos seguintes critérios:

- i) ser nato do estado da capital onde o projeto estiver em desenvolvimento ou nela residir há pelo menos 10 anos;
- ii) ter adquirido a Libras em idade pré-escolar (até 7 anos de idade), ou no mínimo por mais de 7 anos (tempo de exposição à língua), ou com proficiência notória na comunidade;
- iii) a dupla deverá ser formada por pessoas íntimas entre si (amigos ou parentes), preferencialmente do mesmo gênero e faixa etária. Além disso, é importante que, dentre as 18 duplas a serem entrevistadas, o pesquisador local busque selecionar duplas com perfis variados, considerando critérios tais como:
 - iv) surdos que representem aproximadamente 3 diferentes gerações, incluindo jovens (até 30 anos), adultos (entre 30 e 60 anos) e idosos (a partir de 60 anos);
 - v) surdos homens e mulheres;
 - vi) surdos com diferentes graus de escolarização (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior completo). (UFSC, 2018)

E, ainda, atender ao consentimento de uso e distribuição das suas imagens.

4.2.1 Perfil dos participantes

O perfil dos participantes da pesquisa baseou-se nos critérios do Projeto Corpus/Libras da UFSC, que de surdos que:

- i) são fluentes em Libras;
- ii) moram em Fortaleza ou Maceió há, no mínimo, dez anos;
- iii) se reconhecem com identidade surda;
- iv) convivem intensamente com outros surdos;
- v) sexo feminino ou masculino;
- vi) com idade de 18 e acima de 50 anos;
- vii) sem grau de parentesco com outros participantes da pesquisa, e;
- viii) sem condição adicional à surdez (exemplo: surdocego).

Para melhor visualização da faixa etária dos participantes, os grupos pré-definidos pelo Projeto Corpus/Libras UFSC foram distribuídos no Quadro 4:

Quadro 4 - Grupos etários

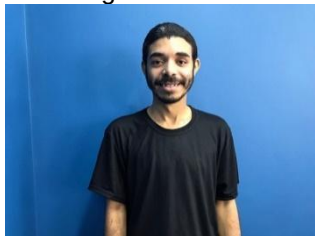
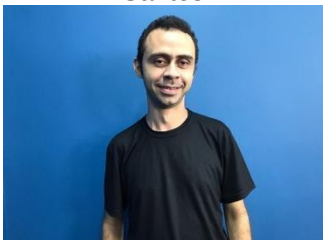
CIDADE	JOVENS	ADULTOS	IDOSOS
Fortaleza	18 a 29 anos	30 a 49 anos	Acima de 50 anos
Maceió	18 a 29 anos	30 a 49 anos	Acima de 50 anos

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Reiteramos a condição de tempo de moradia como fator de inclusão e exclusão no presente estudo, uma vez que as trocas linguísticas são parte do fator social, primordiais e a partir das quais pensamos a indissociabilidade do indivíduo com o meio

em que vive (LABOV, 2008). No Quadro 5, o grupo de jovens, feminino e masculino da UFC.

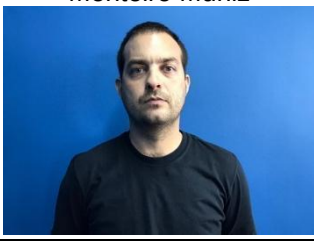
Quadro 5 - Participantes jovens de Fortaleza (UFC)

JOVENS - GRUPO FEMININO 18 a 29 ANOS		
FJ1- Ana Grasielle Araujo Pereira 	FJ2- Ana Bruna Pires de Sousa 	FJ3 - Elizabeth Lopes Guedes 
FJ4- Jessica Lemos da Silva 	FJ5- Mayara Uli Sousa Oliveira 	FJ6- Waleska dos Santos Cordeiro 
JOVENS - GRUPO MASCULINO 18 a 29 ANOS		
MJ1 – David Nascimento de Freitas 	MJ2 - Iago Pinheiro da Silva 	MJ3 -Marcelo Igor Maciel da Silva 
MJ4 -Francisco Leonardo Uchoa Santos 	MJ5 – Rafael Johnson Furtado de Castro 	MJ6- Weverson Valdivino Sabóia Martins 

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

No Quadro 6, o grupo feminino e masculino de adultos da UFC.

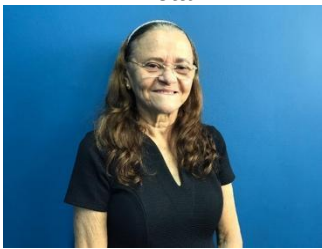
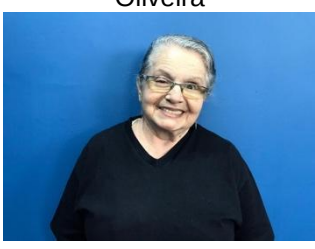
Quadro 6 - Participantes adultos de Fortaleza (UFC)

ADULTAS - GRUPO FEMININO 30 a 49 ANOS		
FA1- Débora de Vasconcelos Souza Conrado 	FA2- Germana Maria de Araújo Lima 	FA3- Júlia Renée Alves Ramos 
FA4- Karine Martins Cunha Venceslau 	FA5- Luciana Costa Silva 	FA6- Maristela Cardoso de Melo Amaral 
ADULTOS - GRUPO MASCULINO 30 a 49 ANOS		
MA1- Antônio Felipe Holanda Queiroz 	MA2- Rafael Nogueira Machado 	MA3- Marcos Rodrigo do Prado Moreira 
MA4- Rundesth Saboia Nobre 	MA5- Francisco Sandro Quintela de Melo 	MA6- Saulo Vinicuis Monteiro Muniz 

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Por fim, no Quadro 7, o grupo feminino e masculino acima de 50 anos, categorizados como idosos.

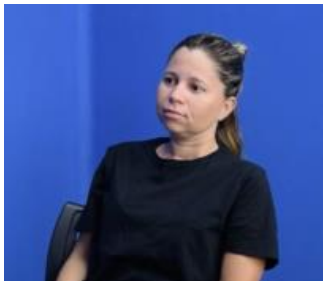
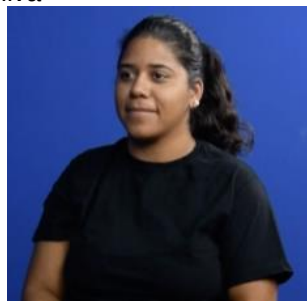
Quadro 7 - Participantes idosos de Fortaleza (UFC)

ACIMA DE 50 ANOS IDOSAS - GRUPO FEMININO		
FI1- Lucia Lima Mota 	FI2- Marilac Vicente da Silva 	FI3- Marta Maria de Farias Lima 
FI4- Nilze Mary Pax Cavalcante Santos 	FI5- Silvia Helena Felix Mota 	FI6- Zuleica Lemos de Oliveira 
ACIMA DE 50 ANOS IDOSOS - GRUPO MASCULINO		
MI1- Francisco de Assis Saraiva 	MI2- Ewerton de Farias Leite 	MI3- Evandro César Oliveira Lima 
MI4- Pedro Viana Rodrigues 	MI5- Francisco Sérvulo Gomes Lima 	MI6- Willer Cysne Prado Vasconcelos 

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Quanto ao grupo da UFAL, o Quadro 8 apresenta mulheres e homens dos grupos de jovens, adultos e idosos.

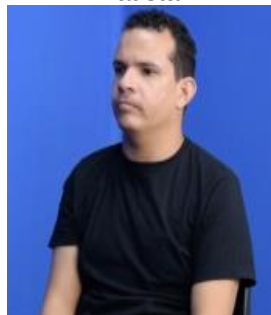
Quadro 8 - Participantes jovens de Maceió (UFAL)

JOVENS – GRUPO FEMININO 18 a 29 ANOS		
FJ1- Agnes da Silva Barbosa 	FJ2- Anne Karine Silva de Góes 	FJ3- Sâmila Fernanda Mata de Holanda 
FJ4- Juliana Luciani de M. Nascimento Mafra 	FJ5- Maria Dianelly Borba da Silva 	FJ6- Jamilly Dillanny Cunha Marinho Souza 
JOVENS – GRUPO MASCULINO 18 a 29 ANOS		
MJ1- Alisson da Silva Francisco 	MJ2- André Antônio da Silva Gomes Junior 	MJ3- Charlisson do Nascimento Gomes 
MJ4- Diogo Inacio Santos Silva 	MJ5- Klewerson de Oliveira Lopes 	MJ6- Mesaque Constâncio dos Santos Junior 

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Na sequência, o Quadro 9 apresenta o grupo de adultos, mulheres e homens, de Maceió.

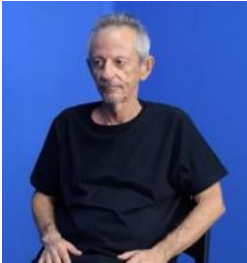
Quadro 9 - Participantes adultos de Maceió

ADULTAS - GRUPO FEMININO 30 a 49 ANOS		
FA1- Ana Claudia Luciani de Melo Nascimento Pinto	FA2- Isabel Alvim Souza Ferreira	
		
ADULTOS – GRUPO MASCULINO 30 a 49 ANOS		
MA1- Carlos Eduardo Delgado do Nascimento	MA2- Cristiano da Silva Costa	MA3- Jerlan Pereira Batista
		
MA4- Joseildo Miranda Silva	MA5- Mario Lima Oliveira Sobrinho	MA6- Rosinaldo Santos Silva
		

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Por fim, o Quadro 10 apresenta o grupo de idosos, mulheres e homens, de Maceió.

Quadro 10 - Participantes idosos de Maceió.

ACIMA DE 50 ANOS IDOSAS – GRUPO FEMININO	
FI1- Maria Hermínia Silva Melo 	FI2- Vera Denise Cabral Barros 
ACIMA DE 50 ANOS IDOSOS – GRUPO MASCULINO	
MI1- Renalvo Moyses da Silva ⁴¹ 	MI2- Ubiratan Mello de Almeida 

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Reiteramos a informação de que os participantes de Maceió foram selecionados pelos mesmos motivos e padrão linguístico dos de Fortaleza, sua presença, participação ativa e liderança na comunidade surda do município investigado.

4.3 Seleção, transcrição e Descrição dos Dados

As etapas de seleção, transcrição e descrição dos dados precederam e subsidiaram esta etapa de análise. A seleção diz respeito à constituição do *corpus* proveniente do banco de dados do Projeto Corpus/Libras UFSC e das entrevistas realizadas via chamada de vídeo.

⁴¹ O registro de qualquer língua constitui uma importante atividade histórico-cultural-linguística. Quando se trata de uma língua minoritária, como é o caso da Libras, essa atividade torna-se ainda mais importante, uma vez que a “passagem” de qualquer sinalizante implica a perda de uma parte da língua. Assim, foi com o registro da Libras expressa pelas mãos do Senhor Renalvo Moyses da Silva, componente do grupo de mais de 50 anos do Corpus de Libras da UFAL, cuja partida se deu neste ano de 2022. Aqui fica nossa reverência e homenagem ao Sr. Renalvo Moyses da Silva (*In memoriam*).

A descrição, por sua vez, abarca a transcrição descritiva no *Elan*, que incluiu a criação de trilhas complementares e a inserção de vocabulário controlado, conforme descrito a seguir.

4.3.1 Seleção dos dados

A partir da amostragem citada na seção 4.2.1, selecionamos os vídeos com a produção de sinais que compõem o vocabulário *Swadesh* desta pesquisa, escolhendo apenas as gravações que se relacionavam com nosso objeto e objetivos. A partir da transcrição base, buscamos nas glosas as ocorrências de acordo com as categorias estabelecidas para a pesquisa.

Na etapa inicial de mapeamento das variações ocorridas e que comporiam do nosso *corpus*, primeiro momento da pesquisa, visualizamos aproximadamente 300 vídeos provenientes INDLibras, na base de dados da UFC, provisoriamente em drive específico para a pesquisa, e da UFAL, já disponibilizado na plataforma oficial do inventário.

No primeiro momento da pesquisa, foi levantado um conjunto de cerca de 2.500 (dois mil e quinhentos) sinais, nos quais identificamos ocorrências de variação querológica e lexical e registramos as diferenças regionais ao compararmos o vocabulário dos sinalizantes das duas regiões.

No caso dos dados da UFC, identificamos aproximadamente 2.500 (dois mil e quinhentos) sinais produzidos por três grupos de surdos compostos por doze membros: seis homens e seis mulheres de cada faixa de idade, totalizando 36 surdos de Fortaleza.

Quanto aos da UFAL, foram identificados 1.000 (mil) sinais produzidos por 24 surdos de Maceió composto por: um grupo de jovens com duas mulheres e seis homens; um grupo de adultos com seis mulheres e seis homens; e um último grupo de idosos que tinha duas mulheres e dois homens.

No segundo momento da pesquisa, para o pareamento das informações, realizamos entrevista com 10 surdos de cada região, estes são os mesmos que compõe o quadro geral de participantes dos projetos Rede Surdos e Libras na UFAL, realizados na UFC e UFAL, respectivamente, e vinculados ao INDL via Projeto Corpus/Libras UFSC. O objetivo dessa segunda entrevista foi construir com os grupos de cada região uma averiguação do reconhecimento do *corpus* com as variantes por

nós identificadas na primeira entrevista, inquirindo se os participantes conheciam ou não conheciam, usavam ou não usavam os sinais identificados e a eles apresentados. Nessa etapa os cartões com imagens não foram utilizados, o movimento de comunicação foi de fazer o sinal para saber se ele era reconhecido e utilizado pelo entrevistado. As ocorrências reconhecidas e utilizadas se constituíam como variação reconhecida pela comunidade, se não fosse reconhecida, não se constituiria como variação, mas como ocorrência individual. Os resultados do reconhecimento foram computados e pareados.

A conversa seguia o roteiro com os 14 sinais coletados do mapeamento inicial, de modo que eles dissessem como usavam aquele sinal.

Em função da natureza quantitativa e descritivista da pesquisa, pelo volume de dados linguísticos dos Projetos Rede Surdos e Libras na UFAL⁴², vinculados ao Projeto Corpus/Libras INDLibras, o procedimento de análise ocorreu da seguinte forma:

- I. pré-seleção das variantes a serem analisadas a partir do inventário constante na UFC e UFAL pelo critério de presença nas comunicações gerais das comunidades nas duas regiões;
- II. identificação das ocorrências de variação linguística do léxico para cores (PRETO e ROSA); calendário (ABRIL, AGOSTO e FEVEREIRO); família (CUNHAD@, MÃE, PAI e AV@/VOVÓ); comidas: frutas (MELANCIA e MARACUJÁ); e legumes (CEBOLA, CENOURA e TOMATE), compondo um total de 14 sinais do vocabulário das duas cidades colocado sob análise;
- III. seleção de vinte participantes de acordo com o escopo da pesquisa, isto é, por faixa etária (jovens, adultos e idosos) e por sexo biológico (masculino e feminino), para documentar as variantes com caráter de “novidade” e as variantes recorrentes em cada subgrupo;
- IV. criação das trilhas complementares para descrição e análise das categorias de variantes identificadas (querológicas e lexicais);
- V. descrição e análise com base nas subcategorias de variantes referente aos tipos variáveis de cada vocabulário (variação querológica e lexical de acordo com cada região).

⁴² Como dito na metodologia, os projetos Rede Surdos e Libras na UFAL são projetos institucionais das universidades federais do Ceará e Alagoas.

- VI. realização de entrevistas via chamada de vídeo para coleta de informação extralinguística que duraram entre 15 e 40 minutos e foram gravadas.

Para análise das variações presentes nos dados advindos da segunda entrevista, nos ativemos a descrever e examinar, no nível querológico, como as variantes eram produzidas, explorando os cinco parâmetros da Libras (CM, M, L, OR e ENM) por identificação de variantes que se constituem em relação a mudanças se sinalização dos participantes a partir de lugares de formalidade e informalidade, de identificação de coletivos e seus modos de sinalizar como por exemplo, roqueiros, surfistas, trabalhadores em educação do ensino superior como professores. Investigamos como se constituem os sinais a partir de duas perspectivas, a variação diatópica (região) e diastrática (grupos sociais), nas categorias faixa etária e sexo biológico.

4.3.2 Transcrição dos dados

Como dito anteriormente, para transcrever os dados utilizamos o *Elan*, software de registros de dados em vídeo e suas respectivas glosas⁴³. Por sua arquitetura visual, devido sua gama de recursos para descrição linguística, o *Elan* possibilitou a visualização das sinalizações em movimento e alteração da velocidade para melhor descrição das ocorrências de variação identificadas e, por conseguinte, a sua análise.

Diferentemente de outros sistemas de busca e de fontes de dados em *corpus* estáticos, com o Elan pode-se organizar os dados em vídeo e conectá-los ao texto de análise, permitindo facilidade de busca e ótima organização. Por comportar muito bem os dados de língua de sinais, uma vez que permite a visualização em vídeo, ao mesmo tempo é possível verificar as transcrições correspondentes aos trechos assistidos, o software confere qualidade e agilidade ao pesquisador. Acerca do uso de um programa Quadros (2014) diz que:

Ao usarmos um sistema computadorizado, o sistema de busca de fenômenos linguísticos está se tornando muito mais eficiente diante de nomes dados aos sinais de forma mais consistente. Portanto, o ID representa uma forma de dar consistência às glosas (nomes) usadas para cada sinal, facilitando, dessa forma, as investigações do Inventário de Libras, bem como de outras pesquisas com a Libras. (QUADROS, 2014, p. 169-170).

⁴³ Glosa é um sistema de transcrição para representar em português os sinais manuais. São usadas palavras em letra maiúscula, sem qualquer flexão.

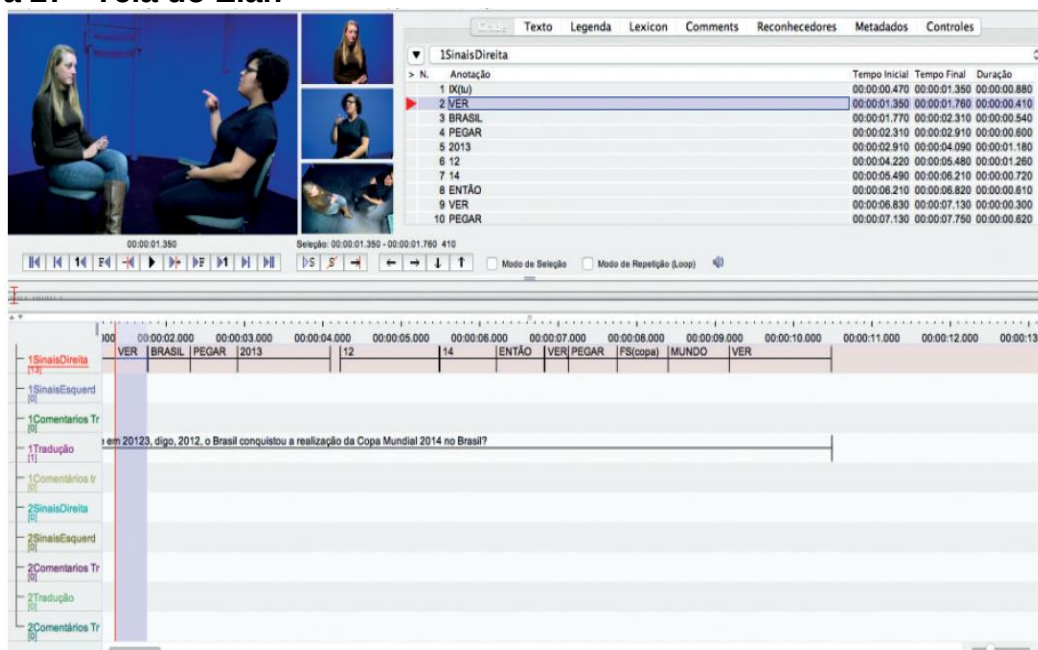
Com o *Elan* foi possível verificar inúmeras vezes as informações e os dados transcritos de maneira simultânea e em detalhes, conforme os registros de transcrições desejados de variantes linguísticas, de forma fácil e rápida. O programa tem recursos que permitiram ir e voltar nas informações no momento da transcrição, apagá-las ou aprofundar as anotações. Foi possível também trabalhar com a captura de diferentes disposições das imagens, tornando-as fotos. Desse modo, fizemos uso da recorrente visualização dos diferentes frames, de todos os ângulos filmados, para as transcrições correspondentes às ocorrências de variação dos sinais.

Todos os sinais produzidos foram transcritos um a um, considerando o início do sinal, quando o sinalizante começa a preparação para produzir o sinal, e o final, quando o movimento é de preparação para o próximo sinal, ou uma pausa.

Além da trilha do modelo padrão constante no Projeto NDLibras e, por conseguinte, aos dados dos projetos Rede Surdos e Libras na UFAL, aos quais nos reportamos para conseguir os dados para esta tese, acrescentamos duas trilhas referentes ao tipo de variação regional que identificamos em cada grupo a partir da entrevista via *Google meet*.

Para transcrever os dados do *Elan*, foi utilizado o recurso de glosas, que seguem uma forma de registro para nomear os sinais, conforme exemplo de transcrição visível na Figura 27.

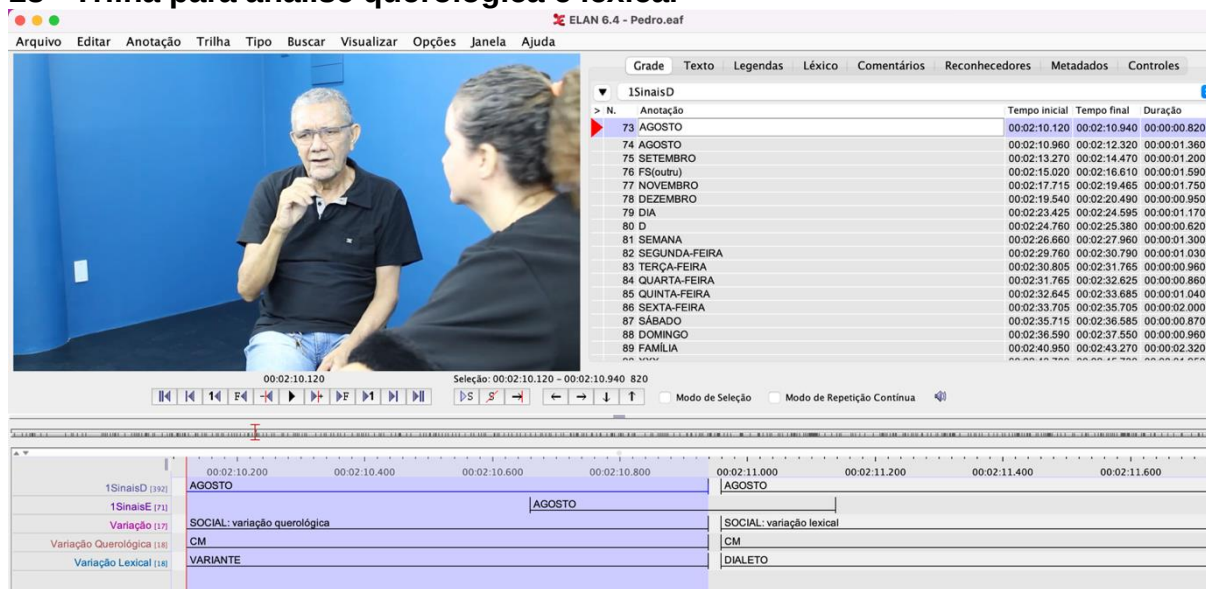
Figura 27 - Tela do Elan



Fonte: Quadros et al (2018, p. 47)

Quanto às trilhas de dados que fazem parte do *software*, pensando em colaborar com o uso por pesquisadores em todo o país, foi estruturado e convencionado um modelo pelos coordenadores do INDLibras. Portanto, trabalhamos sobre uma base já definida, o que facilitou a análise de dados, como mencionamos anteriormente. Assim, às trilhas advindas dos Rede Surdos e Libras na UFAL⁴⁴, por ser possível acrescentar descrições em novas trilhas, para atender aos objetivos da pesquisa, optamos por criar duas trilhas complementares de variação querológica e variação lexical subordinadas às trilhas padrão. Para cada uma delas, outras duas trilhas foram criadas: sexo biológico e faixa etária. A 28 ilustra o registro e os elementos analisáveis nos projetos Rede Surdos e Libras na UFAL, de onde os dados da primeira entrevista foram retirados:

28 - Trilha para análise querológica e lexical



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Para a descrição do *corpus* no nível querológico, fizemos uso de uma trilha na qual foi possível o controle de localização da ocorrência de variação nos cinco parâmetros do vocabulário estudado: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação (Or) e expressão não manual (ENM).

⁴⁴ As dez trilhas são denominadas: 1Sinais D, 1Sinais E, 1Comentários transcritor, 1Tradução B, 1Comentários tradutor, 2Sinais D, 2Sinais E, 2Comentários transcritor, 2Tradução PB e 2Comentários tradutor. Estas descrevem: i) os registros da produção do “Sinalizante 1” e do “Sinalizante 2”; ii) o registro do uso de cada mão (trilhas denominadas “D” e “E”); iii) os comentários do transcritor, com as informações relevantes sobre a transcrição; iv) a tradução em língua portuguesa, uma vez que os registros dos sinais que são feitos nas trilhas anteriores não compreendem o português nem traduções de conteúdo sinalizado ou contextualizado; e v) os comentários do tradutor, que registra informações relevantes sobre a tradução.

Para o registro e descrição da variação lexical, outra trilha foi criada, tornando possível identificar a variação social de acordo com a idade e o sexo das pessoas, além da variação geográfica. O duplo registro permitiu que fosse possível a análise do vocabulário controlado utilizando seguintes categorias linguísticas: variação querológica, variação lexical, variação regional.

Como mencionamos, as glosas correspondem a um código em português para os sinais identificados e seguem orientações padronizadas, o que torna o *corpus* organizado no âmbito nacional. Utilizamos a glosa como forma de identificação dos sinais, conforme nossos objetivos.

4.3.3 Descrição dos dados

Os dados foram descritos a partir das ocorrências de variações levantadas em duas categorias, querológica e lexical. Pequenas nuances na variação individual foram registradas como subcategorias constituídas de fatores externos à língua, pois advém de modos particulares de sinalização dos participantes. Esse modo de registro permitiu que pudéssemos quantificar as variantes e sua recorrência de acordo com as categorizações feitas quanto ao sexo biológico e a faixa etária dos grupos investigados. O trabalho de descrição considerou os participantes conforme seus perfis, documentando as ocorrências produzidas por mulheres e homens, e pelos jovens, adultos e idosos, contabilizando as formas de produzir os sinais, descrevendo se as ocorrências se dão no nível querológico ou lexical, e analisando as variantes, apontando no que se diferem e no que se assemelham, conforme os objetivos de pesquisa.

Após a identificação das ocorrências, foram descritas as variantes para cada categoria. Para isso, a documentação do *corpus* no nível querológico e lexical foi imprescindível.

Para a descrição da variação querológica, foram assistidos todos os vídeos do banco de dados das duas universidades com registros dos sinais que compõem o vocabulário compilado dos projetos Rede Surdos e Libras NA UFAL. Assim, identificamos as ocorrências com maior incidência e observamos como os sinais eram produzidos em conformidade com a apresentação do vocabulário *Swadesh*, atentando para distinções nos parâmetros da Libras, a fim de apontar as variantes observadas.

O mesmo procedimento de assistir aos vídeos foi realizado para descrição da variação lexical, momento no qual identificamos as ocorrências de variantes regionais. A vivência como usuária da Libras como L1 em Fortaleza e como estudante na UFAL, em Maceió, permeou esse processo de reconhecimento das ocorrências nas duas regiões. As variações lexicais, por vezes, contêm variações querológicas e variações regionais identificadas a partir dos coletivos de homem e mulher e diferenças de faixa etária.

As distinções no nível querológico foram de ordem mínima, isto é, diferenças nos parâmetros (CM, L, M, Or, ENMs), constituem nuances que demonstram tanto aspectos individuais quanto sociais na sinalização. Portanto, selecionamos as ocorrências identificadas que se destacaram e as classificamos com base nas categorias de faixa etária (jovens, adultos e idosos). Assim, ao documentar as variantes no nível querológico, nos ativemos a selecionar o sinal produzido na sua forma padrão e no nível mais próximo desta forma.

O *corpus* serviu para a identificação do sinal detectado como a forma que se constitui pelo modo corrente e mais comum do léxico ser utilizado nas duas regiões. Toda língua, de modo legítimo, produz modos comuns (padrão) de existência dos léxicos utilizados nas diversas situações comunicativas da realidade de seus usuários, foi assim que o sinal mais comum de uso do léxico coexistente com a diversidade de variantes que a realidade de práticas sociais das comunidades linguísticas produziram foi identificado.

Para o trabalho descritivo, utilizamos referenciais teóricos e modelos de descritores adotados por pesquisadores da área. Assim, as descrições no nível querológico ocorreram tomando como referência o quadro com 79 CMs constante na

Figura 29⁴⁵, que contribuiu com a identificação das configurações de mãos dos sinais:

⁴⁵ De acordo com Coutinho (2000) existem três categorias de CM: a) alfabeto manual; b) algarismos; c) formas genuínas.

Figura 29 - Quadro de configurações de mão da Libras

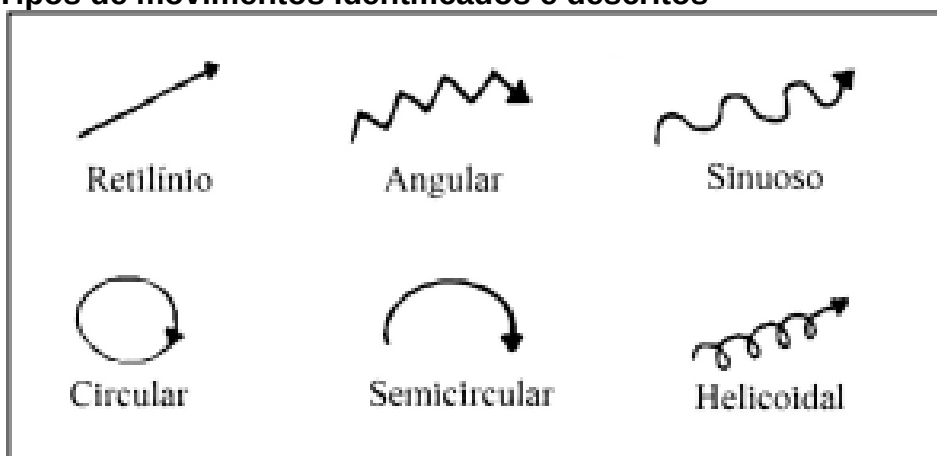


Fonte: Grupo de Pesquisa do Curso de Libras INES (2018)⁴⁶

Com relação ao movimento, utilizamos a descrição dos seguintes movimentos: retilíneo, angular, sinuoso, circular, semicircular helicoidal, os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais do espaço." (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 54). A Figura 30, retirada de Rosa; Krieger; Araujo e La Porta (2016, p. 5), ilustra os referidos movimentos:

⁴⁶ Acesso em: <https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes-1/alfabeto-manual-e-configuracao-de-maos>

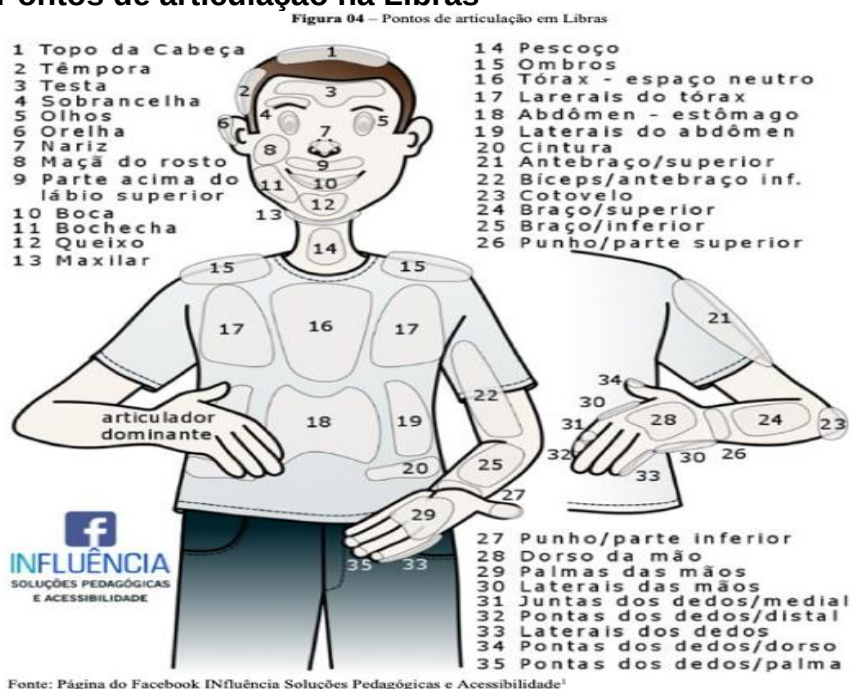
Figura 30 - Tipos de movimentos identificados e descritos



Fonte: Fajardo; Araújo, Krieger; La Porta (2016)⁴⁷

O ponto de articulação foi descrito a partir de Quadros e Karnopp (2004). Para as autoras, um movimento de direção quando ocorre é tipicamente o resultado da especificação de dois subespaços, os quais estão associados e ligados a uma locação principal. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 59). Esta locação ou ponto de articulação está detalhado na Figura 31:

Figura 31 - Pontos de articulação na Libras



Fonte: SOUZA (2019)⁴⁸

⁴⁷ Acesso em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27352/27352.PDF>

⁴⁸ Acesso em:

<https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=37612>

Para a descrição da orientação da mão, utilizamos a descrição adotada por Quadros e Karnopp (2004): para cima, para baixo, para dentro, para fora, para o lado direito, para o lado esquerdo.

Para descrevermos as expressões faciais e corporais ou expressões não manuais (ENM) utilizamos os elementos da pesquisa original de Ferreira-Brito (1995) e os elementos que Salles (2008) apresenta a partir de Brito e Langevin (1995): as expressões não-manuais situam-se no rosto, na cabeça e no tronco, sendo realizadas como "sobrancelhas franzidas", "lance de olhos", "contração do lábio superior", "bochechas contraídas", "inclinação [da cabeça] para frente", "para trás", entre outras formas. (SOUZA, 2019, p. 19)

Para o parâmetro movimento, realizamos a descrição em quadros com imagens representativas dos M identificados. Vejamos o exemplo no Quadro 11:

Quadro 11 - Exemplo de apresentação da descrição do movimento (M)

	movimento que pode ser realizado de modo curto ou longo, indicado para criar uma imagem de fatiar cebola e do chorar por ela causado.
--	---

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Para a descrição da variação lexical, consideramos que as variações lexicais de unidades distintivas e mudanças das palavras podem ser compostas por sinônimo e uso de formas lexicais diferentes. Desse modo, destacamos que a variação regional foi identificada em diferentes morfemas nos processos de comparação dos registros com as produções dos sinalizantes de Fortaleza e Maceió. Destacamos que localizamos a variação social quando comparamos os sinalizantes da mesma cidade que fazem parte dos diferentes grupos etários e sexo biológico.

Para análise da variação lexical, os dados foram colocados emparelhados a partir das categorias: mulher adolescente, homem adolescente; mulher jovem, homem jovem; mulher adulta, homem adulto; mulher idosa, homem idoso. Dessa forma, torna-se possível visualizar e mostrar os usos dos sinais pelos sujeitos desses grupos.⁴⁹ As semelhanças não foram destacadas, as diferenças foram, desse modo, esperamos que fique clara a percepção da variação linguística ocorrida dentro de cada grupo participante. Como procedimento discriminatório, os participantes foram nomeados de

⁴⁹ As diferenças entre as gerações de jovens e adultos são pequenas em termos de idade, mas há uma diferença atitudinal com relação à língua que observamos nas duas gerações, os jovens são mais maleáveis na aceitação e mudança no uso do vocabulário, os adultos mais contidos em realizar mudanças.

acordo com os grupos: FJ1- FEMININA JOVEM 1; FJ2- FEMININA JOVEM 2; FJ3 - FEMININA JOVEM 3; e assim por diante.

Nesse contexto organizacional, como parte desse processo descritivo a ser realizado, foram criados quadros com recortes da sinalização dos participantes identificando as variações querológicas e lexicais de acordo com sexo biológico, idade e região. A análise descritiva segue a cada um deles.

4.3.4 Apresentação dos dados

Na seção anterior apresentamos descrição de como a análise dos dados foi realizada. As diferenças querológicas foram descritas a partir do agrupamento dos participantes por similaridades encontradas, sendo os gráficosR de coluna utilizados para ilustração visual das diferenças ocorridas. Os gráficosR com colunas mais altas representam a localização de mais diferenças e os mais baixos de menos ocorrências de variação querológica e lexical. As cores azul e vermelho foram utilizadas como legenda para distinção dos grupos homens / mulheres, como categorias para a classificação etária: jovens, adultos, idosos, e UFC / UFAL, para variação regional, respectivamente.

O Quadro 12 apresenta a nomenclatura escolhida para os participantes a partir de suas condições de sexo biológico, faixa etária e sequência de participação na pesquisa.

Quadro 12 - Modelo de registro de ocorrências por tipo de variação de acordo com a faixa etária

Faixa Etária	UFC/UFAL
Jovens	FJ1, FJ2, FJ3, FJ4, FJ5, FJ6
	MJ1, MJ2, MJ3, MJ4, MJ5, MJ6
Adultos	FA1, FA2, FA3, FA4, FA5, FA6
	MA1, MA2, MA3, MA4, MA5, MA6
Idosos	FI1, FI2, FI3, FI4, FI5, FI6
	MI1, MI2, MI3, MI4, MI5, MI6

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

4.3.4.1 Descrição

O processo de descrição dos dados foi realizado tomando como referência o sistema de notação em palavras (FELIPE, 2006). Desse modo, destacamos do livro “Libras em contexto” os itens do sistema de notação utilizados e trouxemos para o corpo do texto a parte da convenção que utilizamos:

- 1 – Os sinais da Libras, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da língua portuguesa (LP) em letras maiúsculas.
- 2 – Um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen.
- 3 – Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com ideia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^.
- 4 – A datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada letra por letra por hífen.
- 5 – Na Libras não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal representado por palavra da língua portuguesa que possui essas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a ideia de ausência e não haver confusão.
- 6 – Os traços não-manuais: as expressões facial e corporal, que são feitas simultaneamente com um sinal, estão representadas acima do sinal ao qual está acrescentado alguma ideia. (p. 24 e 25)

4.3.4.2 Dados de variantes advindos das entrevistas no Meet

Na sequência adotada para desenvolvimento desta tese optamos, a partir da coleta original dos dados, pela descrição dos dados extralinguísticos advindos das 20 entrevistas realizadas, como já especificado, 10 em cada instituição, como forma de confirmação de quais sujeitos fazem uso de variantes. Nem todos os participantes usam variantes, por isso a necessidade de entrevistar e registrar as imagens dessas diferenças. A localização das variantes pode ser consultada e revistas pelo leitor. O registro das entrevistas está no Anexo 1.

As 10 entrevistas realizadas em cada instituição nos permitiram consolidar resultados com as variações ocorridas pelas variantes que advêm das diferentes variações no nível querológico. No que concerne aos aspectos extralinguísticos, as variações atestam as diferenças regionais existentes nos léxicos investigados.

4.3.4.3 Análise quantitativa

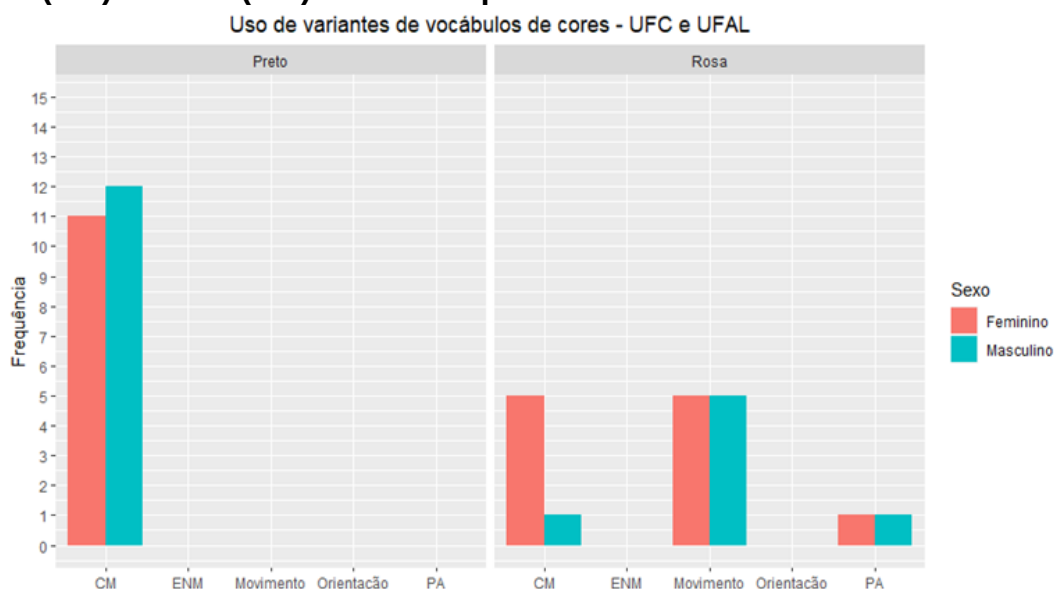
Para a descrição dos nossos dados e realização da análise quantitativa, utilizamos o programa RStudio. Esse programa utiliza o R, principal linguagem de

programação estatística no mundo, para realização de tarefas de cálculo de estatística descritiva e inferencial⁵⁰. Para este trabalho, utilizamos o princípio da estatística descritiva de frequência absoluta para contabilizar os dados obtidos. Estes dados foram colocados em gráficosR de barra para melhor visualização, os quais também foram criados e exportados com auxílio do Rstudio de modo a podermos contabilizarmos as respostas dos participantes de Fortaleza e Maceió da UFC e UFAL em relação as variações querológicas e lexicais acontecidas em cada região.

Após a realização das etapas de entrevista; categorização dos dados de variação querológica e lexical no *Elan*; identificação das variações regionais; foi possível analisar as variações que decorrem da diferença de sexo, idade e região dos sinalizadores.

No escopo da variação querológica, para a análise dos dados quantitativos, fizemos uso de gráficosR com os parâmetros formacionais dos sinais, que nos permitiu a visualização da localização das diferenças querológicas encontradas. Os números representaram a frequência de ocorrências por parâmetro formacional e alimentaram os dados para a análise quantitativa. A Figura 32 exemplifica o gráficoR de variação querológica para as cores PRETO e ROSA.

Figura 32 - Exemplo do gráficoR com amostra de variação querológica para PRETO(cor) e ROSA(cor): variantes por sexo

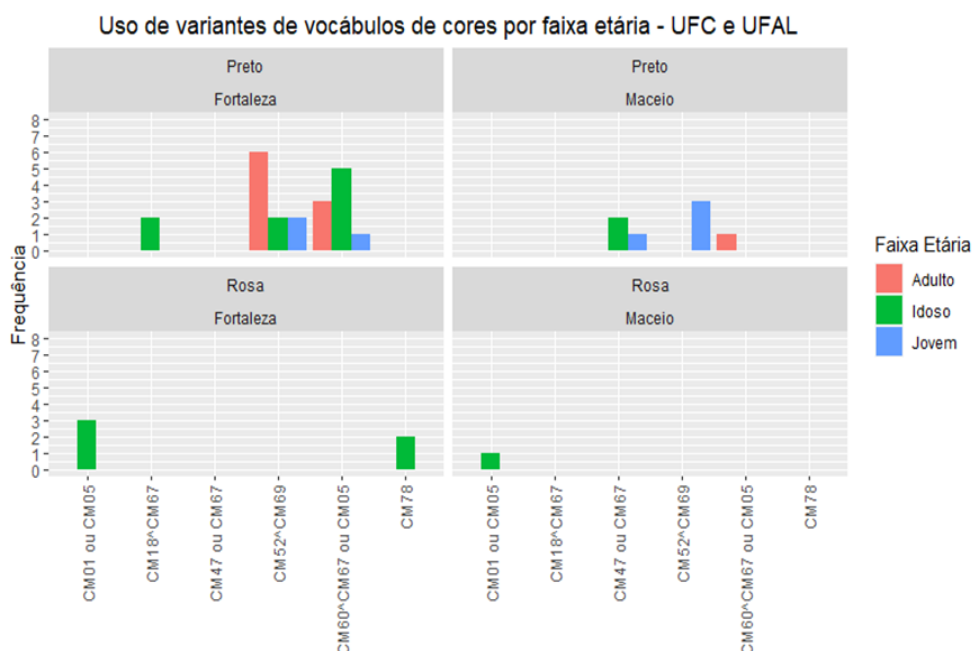


Fonte: Elaborado pela autora (2022)

⁵⁰ Para informações gerais cf. em: <https://diferenciario.com/br/estatstica-descritiva-e-estatstica-inferencial>.

Nosso objetivo com esse gráficoR foi identificar e registrar visualmente os parâmetros formacionais que mais sofreram variação querológica entre os participantes. O gráficoR foi gerado a partir dos dados quantitativos das variações querológicas identificadas e registradas em cada léxico estudado. A cor azul foi utilizada para agrupamento dos homens e a vermelha para as mulheres, independentemente das faixas etárias dos participantes. Quanto ao gráficoR representado pela Figura 33, seu objetivo foi mostrar a ocorrência das variantes querológicas de acordo com a faixa etária.

Figura 33 - Exemplo do gráficoR com amostra de variações a partir da CM por faixa etária



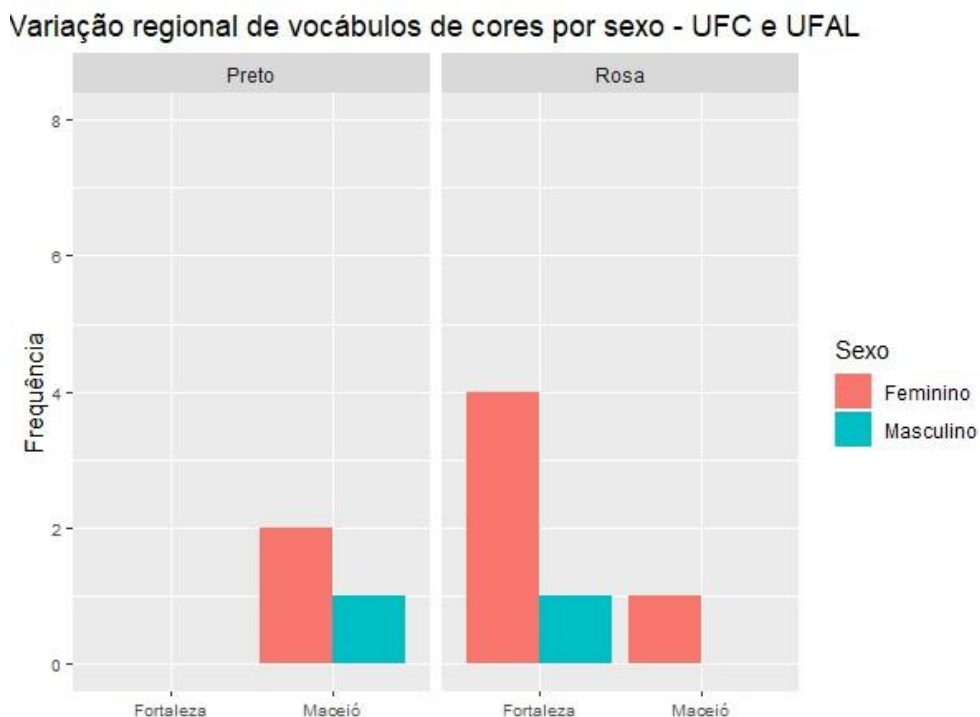
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A título de ilustração, podemos ver que variação lexical do sinal ROSA CM01 ou CM5, a partir dos lugares etários de ser jovem, adulto e idoso pode ser observada nas barras do gráficoR. Assim, foi possível localizar em cada parâmetro a variação ocorrida por idade.

A organização dos dados por região facilitou a descrição dos dados com as variações linguísticas, permitindo comparar as diferenças de léxico existentes entre as regiões. Os dados quantitativos no Excel alimentaram os gráficosR.

Na mesma perspectiva de identificação, utilizamos gráficosR para as ocorrências de variantes por sexo. Vejamos a Figura 34:

Figura 34 - Exemplo do gráficoR com amostra de variação regional para PRETO(cor) e ROSA(cor): variantes por sexo



Elaborado pela autora (2022)

Após este processo de organização, realizamos a análise descrevendo e quantificando, primeiro, as variações identificadas no *corpus* em cada região. Na sequência, colocamos em comparação as respostas à entrevista no *meet*, descrevendo, comparando e quantificando as ocorrências de variação. Os capítulos a seguir trazem registram esse processo, apresentam nossa análise do *corpus*, os resultados com as ocorrências identificadas e a discussão com as descobertas sobre as variantes encontradas nos grupos e regiões investigados.

5 ANÁLISE

Nesse capítulo apresentaremos a análise do *corpora* estudado, exibindo os processos de variação da Libras nos níveis querológico e lexical, considerando, nas produções dos sinais, as variações extralinguísticas por sexo e idade nas realidades sociais das regiões de Fortaleza e Maceió.

O capítulo está dividido em seções tematizadas pelos 14 sinais analisados. O contexto de análise descritivo-quantitativo permitiu que observássemos as ocorrências, apresentando-as descritivamente e por meio em quadros e gráficosR que contribuíram para a visualização das análises realizadas.

5.1 Apresentação do Modelo de Análise Adotado

Nesta seção, para a apresentação dos dados, buscamos construir tanto para a variação querológica quanto a lexical, um modelo de análise que retirou do *corpus* linguístico da primeira entrevista o sinal mais utilizado e as variantes identificadas na sinalização dos participantes; as variações eliciadas na segunda entrevista via *Google Meet* junto aos fatores extralinguísticos que constituem as variações por sexo, idade e região; e a análise quantitativa nos níveis querológico e lexical nas duas regiões.

Os estudos sociolinguísticos sobre as línguas de sinais podem dialogar com a teoria sociolinguística de Labov (2008 [1972]) uma vez que:

Estaremos preocupados com as formas das regras linguísticas, sua combinação em sistemas, a coexistência de vários sistemas e a evolução destas regras e sistemas com o tempo. (p. 216)

E foi nessa perspectiva que desenvolvemos nossas análises.

5.2 Análise das variantes para PRETO(cor) identificadas em Fortaleza e Maceió

As cores estão no conjunto do léxico utilizado na Libras em contextos sociais dos mais diversos. Uma vez que com esses sinais tratamos das cores de roupas, comidas, da natureza, de casas etc, todos conhecem e utilizam o vocabulário que são sua representação. Por isso, dois sinais desse grupo lexical foram escolhidos para analisarmos as ocorrências de variantes, sendo, PRETO(cor), o primeiro sinal desse grupo vocabular a ser descrito.

PRETO(cor) compõe um grupo de sinais conhecidos e utilizados por todos os membros da comunidade surda, não importando se a pessoa transita pelo mundo

acadêmico, cultural, político da comunidade. E, do mesmo modo, empiricamente, vemos nos usuários da Libras uma considerável quantidade de variantes para o sinal. Por esta razão, PRETO(cor), foi escolhido como sinal para nossa identificação querológica e lexical de variantes. Na sequência da seção veremos os por menores do que encontramos em nossa pesquisa.

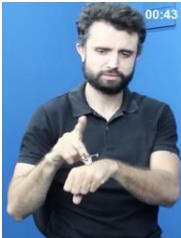
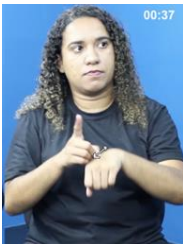
5.2.1 PRETO(cor): variantes no nível querológico

Seguimos nossas análises das variantes no nível querológico, identificando as ocorrências para representação de PRETO(cor), nos dados eliciados no grupo de Fortaleza. No contexto teórico adotado, nossa visão sociolinguística de base laboviana buscou, no fenômeno de variação encontrado, a heterogeneidade com as múltiplas formas de manifestação deste sinal.

Para esta seção, fizemos um recorte que apresenta as imagens das variantes utilizadas pela comunidade surda investigada.

Assim, temos, à esquerda, na primeira imagem, o sinal, ou seja, o sinal mais registrado, portanto, utilizado pelos participantes para PRETO(cor). À direita, destacamos sete ocorrências de sinalizações variantes registradas. Observemos o Quadro 13 a seguir:

Quadro 13 - Sinalização PRETO(cor) em Fortaleza⁵¹

Sinal	Variantes			
 MA1	 FA2	 FA4	 FA6	 FI1
	 FI5	 FI6	 MI4	

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

⁵¹ Consta no APÊNDICE A - 1 Sinalização PRETO(cor) em Fortaleza as imagens com todos os sinalizadores de Fortaleza e sua realização do sinal em tela.

A observação das escolhas querológicas utilizadas nos levam a concordância com Liddell e Johnson (1989) para a compreensão do funcionamento das regras de organização dos queremas na construção desse léxico. Em Fortaleza, vemos que 20 dos participantes dos grupos jovens e adultos adotaram os sinais com CM55 e CM52, que correspondem às letras “P” e “D” do alfabeto manual, respectivamente.

Assim, temos MA1 representando o uso do sinal com CM55Ativa^CM69Passiva com M repetido duas vezes do pulso para os dedos e Or da mão voltada para baixo e, na sequência, as variantes que foram registradas. Ao observarmos temos diferenças nas CMAtiva e CMPassiva:

- FA2 realizou o sinal com CM52Ativa^CM69Passiva;
- FA4 CM18Ativa^CM69Passiva;
- FA6 utilizou tanto a CM18Ativa^CM69Passiva quanto a CM52Ativa^CM69Passiva;
- FI1 sinalizou CM60Ativa^CM05Passiva;
- FI6 realizou o sinal com as CM18Ativa^CM67Passiva;
- E, por fim, MI4 CM60Ativa^CM76Passiva.

Diferentemente dos adultos que utilizaram CM52 e CM55, letras D e P do alfabeto manual, 08 dos participantes idosos realizam CM naturais, mas FJ6, FA3, FA4 e MA4 utilizaram também CM60 e CM18, que não correspondem a letras do alfabeto manual, para realização do sinal. As quatro CMAtiva nos dados coletados em Fortaleza constam no Quadro 14, abaixo:

Quadro 14 - PRETO (cor): configurações de mãos ativas identificadas.



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A observação das escolhas querológicas utilizadas nos levam a concordância com Liddell e Johnson (1989) para a compreensão do funcionamento das regras de organização dos queremas na construção desse léxico. Em Fortaleza, vemos que 20 dos participantes dos grupos jovens e adultos adotaram os sinais com CM55 e CM52, que correspondem às letras “P” e “D” do alfabeto manual, respectivamente.

Assim, temos MA1 representando o uso do sinal com CM55Ativa^CM69Passiva com M repetido duas vezes do pulso para os dedos e Or da mão voltada para baixo e, na sequência, as variantes registradas. Ao observarmos temos diferenças nas CMAtiva e CMPassiva:

- FA2 realizou o sinal com CM52Ativa^CM69Passiva;
- FA4 CM18Ativa^CM69Passiva;
- FA6 utilizou tanto a CM18Ativa^CM69Passiva quanto a CM52Ativa^CM69Passiva;
- FI1 sinalizou CM60Ativa^CM05Passiva;
- FI6 realizou o sinal com as CM18Ativa^CM67Passiva;
- E, por fim, MI4 CM60Ativa^CM76Passiva.

Diferentemente dos adultos que utilizaram CM52 e CM55, letras D e P do alfabeto manual, 08 dos participantes idosos realizam CM naturais, mas FJ6, FA3, FA4 e MA4 utilizaram também CM60 e CM18, que não correspondem a letras do alfabeto manual, para realização do sinal. As quatro CMAtiva nos dados coletados em Fortaleza constam no Quadro 15, abaixo:

Quadro 15 - PRETO (cor): configurações de mãos passivas identificadas.



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A mão passiva é a que apoia a realização do sinal, ela existe como parte do fenômeno da língua na estrutura que compõe o léxico, se alterando conforme o conforto linguístico do sinalizador, mas sem produzir diferença no significado do sinal.

Ressaltamos as seguintes ocorrências:

- A sinalizante FA6 usou duas variantes do sinal: um com CM55, e outro com CM52. Nossa hipótese é de que ela tem os dois léxicos como sinônimos e utiliza os dois;
- As participantes FI5 e FI6 usaram a CM18 ao sinalizar, o que parece configurar característica de variante dessas duas pessoas, uma vez que o sinal é incomum e as duas fazem parte do grupo social de idosos.

Nossa hipótese para esse léxico ser uma variante específica tem base no compartilhamento constante das duas e pelo conforto linguístico que a CM18 pode resultar. É possível, também, que o significado do sinal esteja vinculado ao ato de pintar, por isso essa CM, ela remete a ponta do lápis no papel.

Ainda, com relação às duas sinalizadoras, ao observamos que os dois léxicos são semelhantes, acreditamos que isso acontece devido às experiências de comunicação com diversos membros da comunidade, tornando os dois sinais parte dos seus repertórios, sendo usado um ou outro sinal sem muita distinção do momento de uso.

Em relação ao parâmetro movimento, foi observado que todos os participantes utilizaram o movimento retilíneo do pulso para os dedos, havendo sinalizações sem repetição e com duas repetições. Observemos o Quadro 16, a seguir:

Quadro 16 - PRETO (cor): movimentos identificados

	movimento retilíneo repetido duas ou três vezes.
	movimento produzido em linha reta e não repetido

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Em todas as sinalizações de Fortaleza, a Or das mãos, tanto ativa quanto passiva, foi com a palma para baixo. Não ocorreram ENM.

Com relação às ocorrências de variação querológica em Maceió, observamos que o sinal, representado por FA1, foi CM55Ativa^CM69Passiva, havendo quatro ocorrências de variação, como podemos observar no Quadro 17, abaixo:

Quadro 17 - Sinalização PRETO(cor) em Maceió⁵²

Sinal	Variantes				
					
FA1	FJ2	MJ4	MA3	FI2	MI1

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

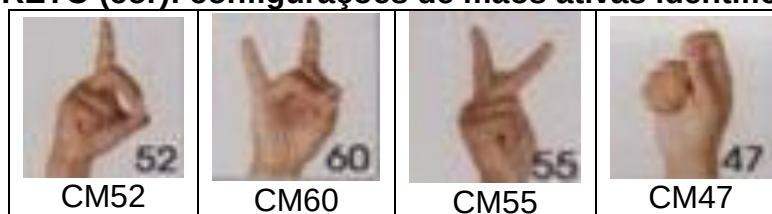
⁵² Consta no APÊNDICE A - 2 Sinalização PRETO(cor) em Maceió as imagens com todos os sinalizadores de Maceió e sua realização do sinal em tela.

Desse modo, tivemos as seguintes ocorrências de variantes:

- FJ2 sinalizou dois sinais: o primeiro com CM55Ativa^CM67Passiva e o segundo sinal com CM47 em PA na tẽmpora com M semicircular;
- MJ4 sinalizou com CM55Ativa^CM76Passiva;
- MA3 sinalizou com a CM18Ativa^CM67Passiva;
- Por fim, do mesmo modo que FJ2, FI2 e MI1 realizaram o sinal alterando não apenas a CM, mas o PA e M do sinal.

Em relação a CM, do mesmo modo que em Fortaleza, identificamos em Maceió a predominância das CM52, CM55, CM60, com o acréscimo da CM47, não utilizada na primeira região. O Quadro 18 ilustra as CMAtiva utilizadas pelos sinalizadores de Maceió:

Quadro 18 - PRETO (cor): configurações de mãos ativas identificadas



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Quanto as CMPassiva, observamos que as CM utilizadas foram a CM67, CM69 e CM76, como vemos no Quadro 19, a seguir:

Quadro 19 - PRETO (cor): configurações de mãos passivas identificadas



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Nas ocorrências de variação em Maceió, no parâmetro M, também foi o movimento retilíneo repetido, do pulso para os dedos, duas vezes, o mais utilizado. Vemos esta ocorrência nos sinais de FJ2, MJ4 e MA3. Por sua vez, de modo diferente, na sinalização de PRETO(cor) FJ2, FI2 e MI1 sinalizaram outro léxico com CM47, PA na tẽmpora e M semicircular, ou seja, um sinal com os três parâmetros básicos diferentes do sinal.

A Or, para os sinais realizados no dorso da mão passiva como PA, foi para baixo. Assim, 16 dos sinalizadores realizaram o sinal com a palma da mão para baixo. Quanto a FJ2 e MI1, a Or teve início para frente, por causa do M semicircular único, o sinal foi concluído com a palma da mão voltada para o sinalizador. FI2, fez M semicircular duplo, mas o sinal se encerrou também com a Or da mão voltada para a sinalizadora.

Com as imagens das variantes identificadas em Maceió, podemos ver que 03 dos participantes homens jovens, MJ2, MJ4 e MJ5, representados no quadro por MJ4, apresentaram a CM52, que parece proporcionar maior conforto linguístico. Além disso, há a ocorrência da CM60 na sinalização de MA3, que iniciou a sinalização com a CM55, que corresponde ao “P”, e, logo, mudou para CM60. Por sua vez, FJ2 e FI2 utilizaram a CM47⁵³, mão fechada com dedo indicador projetado e dobrado por cima do polegar, sendo uma CM diferente da formada pela mão CM67⁵⁴ com marcas da subjetividade e do poder majoritário da pessoa branca na criação de sinais⁵⁵.

Nas variantes querológicas, em relação ao M, tivemos as seguintes escolhas para uso desse parâmetro, veja o Quadro 20:

Quadro 20 - PRETO (cor): movimentos identificados

	movimento acontecido por meio de movimentos curtos repetidos foi utilizado pela 16 dos participantes.
	movimento produzido em linha reta e não repetido, foi utilizado por MJ3 e FI1.
	movimento semicircular realizado por FJ2 e MI1.
	movimento curto e repetido, articulado por FI2.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)



⁵³ O sinal realizado com a CM47 remete aos cachos crespos de cabelos de pessoas negras. Sobre racismo e etnia na Libras o artigo “Cor e Etnia, Sinais do Preto e Branco, Questões Étnicas de Raça, Cor e Identidade em Libras” de Belonia et.al. (2017) apresenta uma interessante reflexão acerca desta temática https://nuedisjornadacientifica.weebly.com/uploads/1/0/5/0/105033325/61_cor_e_etnia_sinais_do_preto_e_branco.pdf.

Com relação ao ponto de articulação, reiteramos, para as variantes realizadas por FJ2, FI2 e MI1, a ocorrência foi na testa com a Or iniciando para a esquerda, uma vez que os três sinalizadores são destros, e terminando voltada para dentro. Para os demais que realizaram o sinal tendo o dorso da mão passiva como PA, a Or da palma da mão foi para baixo.

Nossa reflexão, ao analisarmos as variantes querológicas identificadas em Fortaleza e Maceió, e, principalmente, as diferenças lexicais geradas por FJ2, FI2 e MI1, ao mudarem três parâmetros formacionais: CM, PA e M, foi de que a ocorrência de modificação na execução do sinal não nos permite dizer que essa diferença significa uma acepção similar para o léxico, ou seja, se ocorre uma mudança em progresso ou se o léxico está em processo de estabilização.

As línguas não se restringem a um sistema abstrato e homogêneo de regras, pois, suas múltiplas formas de manifestação são fruto de práticas sociais e históricas. Nesse sentido, é possível considerar que nas variantes PRETO(cor) há marcas que podem ter origem na representação racial relacionada à cor da pele das pessoas negras. Essa representação pode estar nas duas variantes lexicais utilizadas pelos grupos masculino e feminino, e de faixa etária, jovens, adultos e idosos, das duas regiões, sinalizaram sinais no nível querológico diferentes, mas semanticamente sinônimos: PRETO1 — alusão à pele, ao passarem a mão ativa sobre a mão passiva, por vezes com CM com indicação direta do alfabeto manual na letra P ou com CM sem relação com palavra em língua portuguesa, mas mantendo a pele como PA. E, PRETO2 — alusão ao cabelo crespo comum às pessoas de etnia negra.

5.2.2 PRETO(cor): variantes no nível lexical

No *corpus* coletado, em relação às variantes lexicais, como anteriormente comentado, identificamos que dois sinais sinônimos foram sinalizados: PRETO1 e PRETO2. Nosso estudo não envereda pela discussão étnica e racial, nem por racismo na Libras, mas para os dois sinais observamos relações ao fenótipo da pessoa negra. Em PRETO1, ocorre referência à cor da pele, e, PRETO2, que faz alusão ao cabelo crespo. Para esses sinais há indícios no grupo estudado que podem se tratar de variantes regionais, pois na variante identificada em Fortaleza, 35 participantes usaram o sinal PRETO1. Por sua vez, em Maceió ocorreram os dois modos de sinalização: PRETO1, 19 participantes, e PRETO2, com 02 participantes.

De acordo com Castro Junior (2014) as variantes podem sofrer ou não alteração em seu valor de uso, dependendo da mudança em progresso acontecida.

Nas palavras do autor:

As variantes podem permanecer estáveis durante um período curto de tempo ou até por séculos, como também podem sofrer mudança, quando uma das formas desaparece. Neste último caso, as formas substituem outras, as quais deixam de ser usadas. Isso configura um fenômeno de mudança em progresso. Assim, é apresentada a seleção das variáveis que servirão de base neste estudo. (CASTRO JUNIOR, 2014, p, 124)

Nesse sentido, uma vez que as duas variantes foram identificadas em pessoas de sexo biológico e faixa etárias diferentes, os resultados não apontam para uma variante na sinalização dos jovens que os distinga dos idosos. Uma leitura possível dos dados é de que pode haver mais uso do léxico PRETO2 entre os idosos de Maceió que entre os jovens e adultos.

5.2.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – PRETO(cor)

Com relação a esta produção lexical e a observação das variantes sob a perspectiva extralinguística, conferimos na entrevista utilizada como ferramenta de construção dos dados extralinguísticos, que os aspectos relacionados ao gênero e a idade parecem ser influenciadores para escolha dos parâmetros formacionais utilizados pelos participantes. Acerca desta questão, de acordo com Castro Junior (2014) ao citar Vieira (2011), podemos dizer que:

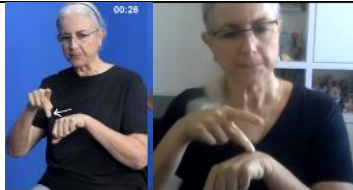
As diferenças linguísticas decorrentes do gênero existem porque a língua, como fenômeno social, está intrinsecamente relacionada às atitudes sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes, já que a sociedade lhes impôs papéis distintos e lhes cobra comportamentos distintos. A língua reflete as diferenças de gênero, que são consequências de diferenças sociais. (VIEIRA, 2011, p. 8).

Nesse sentido, observamos que as diferenças nas escolhas querológicas, nas produções dos sinalizantes de Fortaleza e Maceió, abaixo listadas, têm dois fatores orientadores, o sexo e a idade dos sujeitos. Vejamos essa condição na descrição de como cada sujeito realizou os sinais no Quadro 21:

Quadro 21 - Dados extralinguístico ROSA (cor) em Fortaleza em Maceió

FORTALEZA		MACEIÓ	
MJ1		FJ2	
			
MJ6		FJ3	
			
MI6		FJ5 ⁵⁶	
			
		FJ6	
			
		FA1	
			
		FA2	
			
		MA4	
			

⁵⁶ Com relação a FJ5, ocorreu de a imagem dela no *corpus* no INDLIBRAS não ter sido capturada pela coordenação da pesquisa. Em todos os outros vocabulários ela está presente. Sua ausência não compromete a análise dos dados.

	FI1
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Observando o quadro acima e o uso da variante com a utilização da letra P na mão passiva para a realização do sinal, nossa hipótese é de que os sinalizadores realizam um empréstimo para a realização do sinal, uma vez que P é a letra inicial para a palavra 'preto'.

Nas sinalizações dos surdos vimos, nas duas regiões, que se repetiram as mesmas sinalizações nas duas entrevistas, não havendo diferenças significativas para composição de variantes em nenhuma das categorias estabelecidas na pesquisa. Assim, 11 participantes realizaram o sinal PRETO(cor) foi realizado com a mão direita em P, CM55Ativa (sinalizador destro) no PA espaço neutro a frente do sinalizador, Or palma para baixo e mão esquerda em S na horizontal, com Or da palma da mão esquerda virada para baixo. O dedo médio da mão direita, mão ativa, toca no dorso da mão esquerda, do pulso em direção aos dedos, com movimento para a frente e para trás. Os sinalizadores destros e canhotos mantiveram também suas sinalizações.

No Quadro 22, abaixo, consta o comparativo dos dois momentos de entrevista realizados com os participantes que realizam variantes com a CM em D:

Quadro 22 - PRETO (cor): identificação do léxico em Fortaleza e Maceió

FORTALEZA	MACEIÓ
FA2	MJ4
	
MA3	
	
MI1	

	
MI2	
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Em relação às variantes observadas e realizadas com a CM52Ativa (sinalizador destro), temos: mão em D, na horizontal, palma para baixo. Mão esquerda (mão passiva) em S na horizontal. Palma da mão esquerda virada para baixo, mão direita tocando a ponta do dedo polegar no começo do dorso da mão esquerda. Movimento para a frente no dorso esquerdo. Observamos que os sinalizadores, nas duas entrevistas, realizaram esta variante tanto em Fortaleza quanto em Maceió, o que parece significar que esta é uma variante com mudança querológica na CM.

O Quadro 23 nos informa da variação querológica em dois sinalizadores jovens de Fortaleza e Maceió que acrescentaram uma variante na segunda entrevista:

Quadro 23 - PRETO(cor): variante lexical identificada em Fortaleza e Maceió

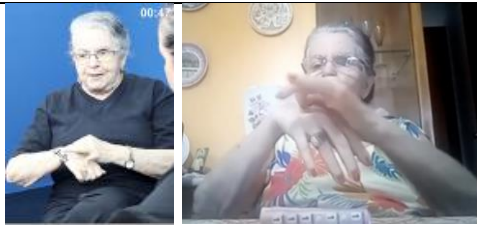
FORTALEZA	MACEIÓ
FA2	MJ4
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Os registros acima nos informam que os dois participantes acrescentaram um léxico na segunda entrevista. FA2 (Fortaleza) e MJ4 (Maceió), sinalizaram PRETO(cor) com a CM47forma_genuína (mão ativa), PA na lateral da cabeça e movimento semicircular de torcer a mão. Nossa hipótese é de que eles devem utilizar os dois modos de sinalizar e na segunda entrevista realizaram este uso.

Em relação a FI5 e FI6, as imagens das entrevistas nos informaram que sua sinalização se diferencia dos demais no parâmetro CM. Confirmamos o Quadro 24, abaixo:

Quadro 24 - PRETO (cor): Variante FI5 e IF6 para PRETO usado apenas em Fortaleza.

FORTALEZA			
FI5		FI6	
			

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Nos dados coletados não observamos essa variante em Maceió, apenas em Fortaleza. As duas idosas utilizaram a CM18Ativa^CM69Passiva, PA espaço neutro à frente da sinalizadora, M para frente e para trás no dorso da mão passiva. Na primeira entrevista, imagem à direita, as participantes têm a mão passiva na CM69 e na segunda entrevista, imagem à esquerda, as mãos das duas, mão passiva, estão abertas, sendo nossa hipótese de que isso se deve ao relaxamento advindo do conforto linguístico.

Na sequência de identificação dos aspectos extralinguísticos para PRETO(cor), observamos que MI3, residente da região de Fortaleza, e MA3, de Maceió, também produziram variantes. Suas sinalizações estão no Quadro 25, a seguir:

Quadro 25 - Variantes PRETO(cor) em Fortaleza e Maceió por MI3 e MA3

FORTALEZA		MACEIÓ	
MI3		MA3	
			

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Os dados de Fortaleza e Maceió nos informaram que mais uma CM compõe os léxicos das duas regiões, a CM59. Conforme as imagens podemos fazer a descrição de realização do sinal dizendo que ele aconteceu com a CM59 (mão direita ativa) na horizontal, palma da mão virada para baixo, dedos polegar e médio com as pontas juntas. Mão esquerda (mão passiva) em S, CM69, na horizontal, com palmas das

mãos viradas para baixo, a mão direita toca a ponta do dedo médio e polegar no início do dorso da mão esquerda com movimento para a frente e para trás.

MA3, diferente de MI3, apresentou diferença entre a primeira e segunda entrevista, realizando na segunda imagem de Maceió, o léxico com CM55, ou seja, em P. Essa variação na sinalização indica que ele pode ter sofrido influência em uma das duas sinalizações. A diferença de sua sinalização para o léxico com CM60, variante menos utilizada na região, parece informar contato com outras variantes e uma específica dessa pessoa.

5.3 Análise das variantes para ROSA(cor) identificada em Fortaleza e Maceió

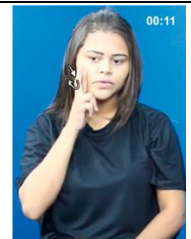
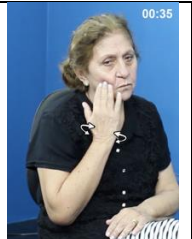
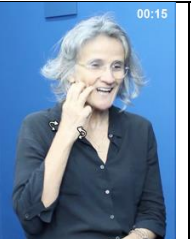
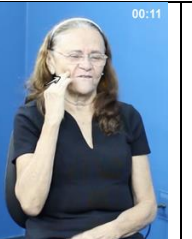
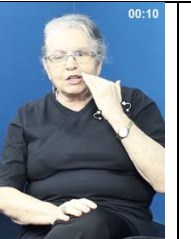
Similarmente ao léxico anterior, ROSA(cor) é amplamente conhecido, utilizado e se constitui em um grupo lexical distinto de ROSA(flor). Na sequência da seção conferiremos as variantes querológicas e lexicais que os participantes utilizaram para sua sinalização.

5.3.1 ROSA(cor): variantes no nível querológico

Como vimos em nosso referencial teórico descrito no capítulo 3 está no nível querológico, nível da unidade mínima sem significado, a possibilidade que os sinalizadores têm de produzir ocorrências de variantes, pois, o fenômeno de variação linguística, encontra-se nos modos diferentes de expressar seu léxico.

O Quadro 26, abaixo, apresenta à esquerda, na primeira imagem, o sinal, ou seja, o léxico mais utilizado no grupo da comunidade surda de Fortaleza para representar essa cor. À direita, destacamos cinco ocorrências de variantes sinalizadas pelos participantes:

Quadro 26 - Sinalização ROSA (cor) em Fortaleza⁵⁷

Sinal	Variantes				
					

⁵⁷ Consta no APÊNDICE B - 1 Sinalização ROSA(cor) em Fortaleza as imagens com todos os sinalizadores de Fortaleza e sua realização do sinal em tela.

FJ1	FI1	FI4	FI5	FI6	MI6
-----	-----	-----	-----	-----	-----

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

As variantes querológicas e lexicais identificadas foram analisadas separadamente, por isso, na sequência, apresentaremos os dados e análise de Fortaleza e, depois, de Maceió.

No quadro com as imagens das sinalizações de ROSA(cor), em Fortaleza, a variante-padrão foi realizada com a CM22ativa no PA da bochecha com M circular anti-horário. Acerca da definição de variante padrão, iniciamos dizendo que sabemos que, de acordo com McCleary (2009, p. 16), “Do ponto de vista linguístico, todas as variedades de uma língua têm o mesmo valor; não existe uma variedade “melhor” que outra. Mas do ponto de vista político e social, uma variedade é considerada a melhor: a variedade padrão”. Na sinalização de ROSA(cor), 31 pessoas utilizaram a variante ilustrada por FJ1 (Ver APÊNDICE C).

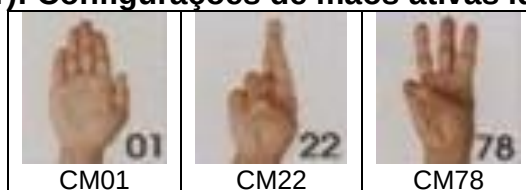
Em relação às variantes, identificamos cinco para a cor rosa. Discorreremos sobre cada uma seguindo a sequência das imagens da esquerda para a direita, observando a reprodução do quadro com as variantes, identificamos os seguintes parâmetros querológicos:

FI1 e FI6 utilizaram a CM01Ativa no PA bochecha com M semicircular repetido e Or da mão voltada para dentro. Não houve alteração na sua Or, a mão se manteve voltada para dentro. Nota-se que FI6 utiliza a mão esquerda como sendo sua mão ativa e o seu PA é mais próximo a boca que os demais.

De modo diferente, FI5 utilizou a CM01Ativa no PA bochecha, mas seu M foi transversal retilíneo sem repetição. A Or se repetiu, palma voltada para dentro.

FI4 e MI6 sinalizaram ROSA com a CM78Ativa no PA bochecha. A diferença está em como cada um realizou o movimento. FI4 fez o sinal com M semicircular repetido e Or da mão voltada para dentro. Por sua vez, MI6 realizou o M circular repetido.

Assim, como é possível conferir no Quadro 27 a seguir, houve a ocorrência de três variantes de configuração de mão identificadas, sendo a CM22Ativa, a utilizada para a construção do sinal e as CM01Ativa e CM78Ativa utilizadas nas variações identificadas em Fortaleza:

Quadro 27 - ROSA(cor): Configurações de mãos ativas identificadas


Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Assim, 32 sinalizadores utilizaram a CM22Ativa. Um idoso, MI4, sinalizou a mesma configuração de mão, mas em ponto de articulação diferente, no espaço neutro à sua frente. As variantes ocorreram com FI1, FI5 e FI6 que utilizaram a CM01Ativa e com FI4 e MI6 que utilizaram a CM78Ativa.

Quanto ao parâmetro movimento, para 27 pessoas o sinal foi realizado com movimento circular, curto e repetido, tendo sido registradas no Quadro 28, abaixo, os movimentos identificados:

Quadro 28 - ROSA (cor): Movimentos identificados

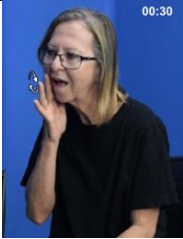
	movimento circular curto repetido, utilizado por FJ1, FJ2, FJ3, FJ4, FJ5, MJ2, MJ3, MJ4, MJ5, FA1, FA2, FA3, FA4, FA5, FA6, MA1, MA2, MA3, MA4, MA5, MA6, FI2, FI3, MI1, MI2, MI3, MI5, MI6
	movimento retilíneo vertical curto repetido, realizado por FJ6 e MI2
	movimento retilíneo duplo, MJ1 e MJ6.
	movimento semicircular repetido, realizado por FI1, FI4 e FI6.
	movimento transversal retilíneo sem repetição, articulado por FI5.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Com relação ao PA, em todos os casos, foi localizado na bochecha e a Or da palma da mão para dentro.

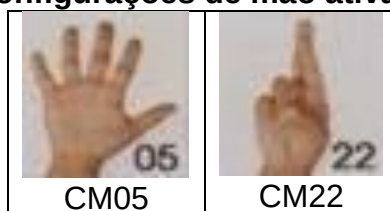
Em relação aos grupos de sinalizadores de Maceió, a observação dos dados indicou que, semelhantemente à Fortaleza, a sinalização de ROSA(cor) com a CM22Ativa foi realizada por 22 participantes, havendo a identificação de apenas duas variantes, as sinalizações de MJ5 e FI2, como podemos observar no Quadro 29:

Quadro 29 - Sinalização ROSA (cor) em Maceió⁵⁸

Sinal	Variantes	
 00:04 FJ6	 00:07 MJ5	 00:30 FI2

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Desse modo, na realização da sua variante, MJ5 realizou o sinal com a CM22Ativa^CM69Passiva com M circular no PA dorso da mão passiva e Or das mãos para baixo. Por sua vez, FI2 sinalizou com a CM05Ativa no PA bochecha e M semicircular. No Quadro 30, conferimos as CM utilizadas:

Quadro 30 - ROSA (cor): configurações de mão ativas identificadas

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Com relação ao parâmetro movimento, os registros obtidos podem ser identificados no Quadro 31:

Quadro 31 - ROSA (cor): movimentos identificados

	movimento circular curto repetido utilizado por 22 pessoas do grupo.
	movimento curto vertical repetido realizado por FJ3.
	movimento duplo em sentido para frente e para trás por MJ5.
	movimento semicircular repetido articulado por FI2.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

⁵⁸ Consta no APÊNDICE B - 2 Sinalização ROSA(cor) em Maceió as imagens com todos os sinalizadores de Maceió e sua realização do sinal em tela.

O PA mais utilizado foi a bochecha, 19 pessoas. A Or, para 20 pessoas, foi para dentro, considerando o movimento no início e final do vídeo. Observamos que 03 pessoas realizaram o sinal com a Or para fora.

Em relação a FI2, ela sinalizou com CM diferente — CM06, realizando movimento semicircular com Or para dentro. Por sua vez, MJ5, realizou o sinal usando o PA dorso da mão esquerda, na altura do abdômen, como mão de apoio para a realização do sinal que aconteceu pela CM22, com movimento para frente e para trás. A Or das palmas foi para baixo. Acreditamos ser possível que MJ5 tenha se confundido, ele viu ROSA, mas fez ROXO.

5.3.2 ROSA(cor): variantes no nível lexical

Ao tratarmos das variações lexicais vemos em Castro Junior (2014) que “a Libras já está estruturada como uma língua que obedece aos parâmetros da língua” (p. 145), o que significa que as variantes lexicais encontradas são uma parte pequena no constructo vocabular produzido pelos surdos. Nesse sentido, concordamos com Machado e Weininger (2018) que “A identificação dos sinais variantes é uma etapa muito importante para levantar hipóteses sobre a motivação da variação percebida nas sinalizações” (p. 56). As nossas, ao tratarmos das variantes do sinal ROSA (cor), são de que as variantes lexicais registradas na pesquisa se configuram mais como variantes desse grupo de idosos, pois, ao observarmos, no plano da variação lexical, as variações realizadas pelo grupo de Fortaleza, vemos que:

- Os sinais realizados por FI4 e MI6 são iguais, podendo ser considerados diacrônicos. MI6 não realizou apenas um sinal, sinalizou duas variantes lexicais que são sinônimas: a primeira, igual a FI4; a segunda, com CM em R, como os demais sinalizadores.
- FI5 apresentou um sinal que não foi realizado por nenhum outro participante, por esse motivo, concluímos que essa variante faz parte do idioleto de FI5.
- Os participantes FI1 e FI6 sinalizaram um sinal com mesma configuração de mão e movimento, podendo representar uma variante diacrônica, devido à idade das duas, com a diferença que FI6 é canhota.

A respeito das variações identificadas nos léxicos de idosos e a diacronia nos sinais de FI1 e FI, de acordo com Castro Junior (2014), é nosso papel “investigar aquilo que varia e como a variação pode ser sistematizada” (p. 67). Assim o fizemos, por isso, ao vermos que as variantes identificadas estão restritas ao grupo de idosos, assumimos, como fez Labov (1972), que a variação linguística, por ser fruto da relação entre fatores linguísticos e fatores sociais, se constitui como fenômeno sistemático, não aleatório. Desse modo, torna-se plausível pensarmos que as diferenças lexicais estão nos fatores sociais advindos da idade dos sujeitos e são, portanto, resultado de diacronia (MACHADO, 2016).

Em outro momento da pesquisa, ao enveredarmos pela análise das sinalizações do grupo de Maceió, duas variantes lexicais diferentes ocorreram: uma foi a realizada por MJ5, que parece ter sido um equívoco do sinalizante, uma vez que corresponde ao sinal da cor ROXO em Libras; e a segunda, realizada por FI2, que foi a única a realizar a variante com a CM05Ativa, por isso, consideramos, a partir da mesma reflexão feita com o grupo de Fortaleza, ser um caso de variação que pode ser explicada pela diacronia.

Para Diniz (2010), pela diacronia é possível olhar para a mudança e evolução da língua quando os mais velhos revisitam léxicos de sua juventude com motivações mais icônicas, mas que no processo no de uso das novas gerações essa motivação vai se alterando e perdendo sua vinculação com o objeto representado. Assim,

[...] em uma perspectiva diacrônica percebemos o papel crucial da motivação e da iconicidade na formação de novas palavras e construções, pois ao longo da história da língua grande parte das mudanças podem ser explicadas por meio de motivações que com o tempo acabam se perdendo (Fiorin, 2006). [...] O estudo histórico das línguas de sinais demonstra esse mesmo tipo de desenvolvimento: uma gradual perda de iconicidade dos signos ao longo do tempo, o que os torna cada vez mais arbitrários apesar de sua motivação original. (p. 27)

Em nosso processo analítico percebemos que 31 sinalizantes, de ambas as cidades, sinalizaram uma variante com CM22Ativa, o M circular e repetido e o PA na bochecha foi comum na sinalização dos participantes.

Uma variante que ocorreu nas duas localidades, mas em menor número, foi a mudança querológica no movimento, que foi realizado de modo retilíneo ao invés de circular. Ademais, uma variante inédita observada foi a realizada por FI2, de Maceió.

Houve produções que chamaram atenção nas duas localidades. Em Fortaleza, observamos que das mulheres idosas, 4 (das 6 pessoas idosas que compõe esse

grupo), apresentou uma sinalização considerada nativa ou mais próxima de um núcleo de produção de sinais que se distancia das produções influenciadas por empréstimos linguísticos e sinais soletrados (QUADROS; KARNOPP, 2004). Na variante, as 4 idosas não usaram a configuração de mão do alfabeto manual “R” (CM22Ativa), não fazendo, dessa maneira, referência à letra inicial da palavra “rosa”, em português, correspondente ao sinal mais utilizado ROSA(cor) realizado pelos outros membros da comunidade.

Diferentemente, em Maceió, foi visto que há uma maior uniformidade, uma vez que 21 pessoas, de todas as faixas etárias, usaram o sinal, o mais repetido, a ocorrência de uma variante diferente foi realizada por apenas uma mulher idosa FI2.

5.3.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – ROSA(cor)

Nesta subseção, ao analisarmos os dados relacionados aos aspectos extralinguísticos identificados, nos ancoramos na visão de que a Libras, como língua natural, se constitui dos fenômenos conduzidos por regras internas de composição dos sinais. Como vemos em Ferreira Brito (1997) e Quadros e Karnopp (2004), quando estas autoras descrevem as combinações possíveis para composição dos sinais, os contatos e o modo visual de existir dos surdos compõem a construção da sinalização. Nesse sentido, os fatores extralinguísticos são influenciadores dos sinais, estando nos contatos entre os surdos as influências externas às regras internas da língua.

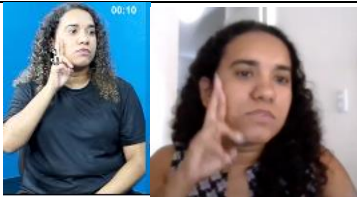
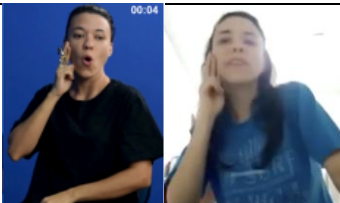
Em nossa pesquisa, a partir dos dados coletados, percebemos que há diversas modalidades de trocas linguísticas compondo as variações nas experiências de sinalização dos surdos participantes e nos seus modos de produção dos sinais. Estas influências se apresentam, principalmente, em três perspectivas de sinalização:

- Empréstimos linguísticos, originados da datilologia da palavra em língua portuguesa e com seu uso na comunidade surda se tornam sinais soletrados;
- Sinais antigos substituídos por novos sinais;
- Sinais que exigem mais da movimentação das mãos são alterados por novos mais fluídos e leves devido ao conforto linguístico de movimentação das mãos.

Assim, considerando as categorias labovianas de sexo e idade estabelecidas para a pesquisa, observamos a manutenção pelos sujeitos de suas versões de sinalização e que, com o sinal ROSA(cor), as diferenças extralinguísticas, no *corpora* coletado, são geracionais.

Em relação ao léxico ROSA(cor), o quadro 20 composto por duas colunas, uma com os participantes de Fortaleza, a outra os de Maceió, conferimos na imagem, à direita, o primeiro contexto de produção dos dados, gravação das entrevistas no *corpus* do INDLibras, nos projetos das instituições. Na segunda imagem, à esquerda, entrevista no *Google Meet*, gravação com gravador de tela da pesquisadora. Observemos o Quadro 32:

Quadro 32 - Dados extralinguístico ROSA (cor) em Fortaleza e Maceió

FORTALEZA	MACEIÓ
MJ1	FJ2
	
MJ6	FJ3
	
FA2	FJ5
	
MA3	FJ6
	
MI1	MJ4

 7:44	 5:25
MI2	FA1
 8:09	 7:37
MI3	FA2
 13:25	 11:20
	MA3
	 5:37
	MA4
	 8:07
	FI1
	 11:25

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Nossa observação dos dados nos informou que a sinalização dos participantes se manteve a mesma, apesar da distância temporal entre as duas entrevistas. Observamos que entre as duas regiões não houve variação com relação a este léxico ao serem pequenas as diferenças no M.

No entanto, podemos considerar esta diferença como parte do comportamento no contexto de produção da sinalização. As imagens à direita de cada coluna,

Fortaleza e Maceió, foram produzidas no contexto das entrevistas presenciais e as da esquerda, gravações no *Google Meet*. Assim, é preciso considerar a geração de pequenas variações na sinalização, mas que não constituem variantes.

Desse modo, é possível dizer que ROSA(cor) é, majoritariamente, um sinal produzido com a CM22Ativa no PA bochecha M circular pequeno e Or para a esquerda (sinalizador destro), constituindo-se como a variante-padrão destas regiões nos grupos investigados. No registro do *corpus* e entrevistas, consideramos a existência da articulação-boca em MJ6, MI1 (Fortaleza) e MA, FJ3, FJ5, FJ6, MA4, FI1 (Maceió), sendo que estas expressões se diferenciam de um sujeito para outro⁵⁹.

As únicas diferenças estão nas sinalizações de FI5, FI6 e MI6 que produziram variantes específicas de sua faixa de idade.

No quadro 33, vemos que FI5 repete o mesmo sinal nos dois momentos de coleta de dados, significando que este sinal é mesmo usado por ela, não importando o contexto de uso. FI5, nos dois momentos de sua produção, sinalizou com a CM78Ativa, PA bochecha, M leve de pressionar os dedos para direita e para a esquerda na face, Or para trás.

Confirmamos a sinalização de FI5 no Quadro 33:

Quadro 33 - Sinal ROSA (cor) variante FI5



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A observação do comportamento de produção do sinal ROSA(cor) por FI5 nos informa que esta forma de sinalizar se constitui como uma variação geracional, um sinal com ocorrências apenas na sua faixa etária.

Uma segunda variante identificada me Fortaleza foi sinalizada por FI6 que, nas duas gravações, manteve como sinal para ROSA(cor) a CM78Ativa no PA bochecha com M leve de pressionar os dedos na face com pequenos movimentos de um lado

⁵⁹ No estudo sobre a articulação da boca na produção dos sinais na Libras podemos entender e ter a noção da complexidade na formação lexical dessa língua. Para aprofundamento do assunto, cf. a pesquisa ARTICULAÇÃO-BOCA NA LIBRAS: UM ESTUDO TIPOLOGICO SEMÂNTICO FUNCIONAL. (PEGO, 2021).

para o outro Or para trás. FI6 é canhota. Observemos no Quadro 34, os dois momentos de sua sinalização:

Quadro 34 - Sinal ROSA (cor) variante FI6



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

FI6 manteve a mesma sinalização nas duas entrevistas. A partir da verificação desta observação, nossa hipótese é de que ela utiliza para a cor rosa sempre este sinal, uma vez que o manteve nas duas entrevistas. Assim, concluímos que FI6 produz uma variação típica de sua geração, uma vez que há semelhança com a variante sinalizada por FI5.

Ainda em Fortaleza, observamos duas sinalizações de MI6 para o sinal ROSA(cor):

- Primeira gravação, entrevista presencial do projeto Rede Surdos da UFC para o INDLibras, ele fez um sinal com a CM22Ativa, PA, bochecha, M circular, Or para a esquerda (sinalizador destro). Depois, acrescentou ao sinal a CM78, PA bochecha, M de pequena pressão na bochecha para um lado e para o outro, Or para trás.
- Segunda entrevista, no *Google meet*, MI6 utilizou a CM22, mão em R.

Isso nos indica de que o seu uso predominante para ROSA(cor) é com a mão em R e que o segundo sinal, acontecido apenas na entrevista presencial, foi uma ocorrência pelo contexto de sinalização.

O Quadro 35 contém suas duas sinalizações. Confirmamos a seguir:

Quadro 35 - Sinal ROSA (cor) variante MI6



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A partir dos dados relacionados às variantes para ROSA(cor), vimos que as variações dos idosos são variantes extralinguísticas que se deram no grupo social de idade, mas não de sexo, uma vez que houve comportamento de variante em mulheres e homens.

Como os surdos estão inseridos em contextos comunicativos que colocam em contato homens e mulheres, jovens, adultos e idosos, podemos dizer que para ROSA(cor) as ocorrências estão atreladas a geração dos idosos, possibilitando pensarmos estas variantes como típicas dessa geração.

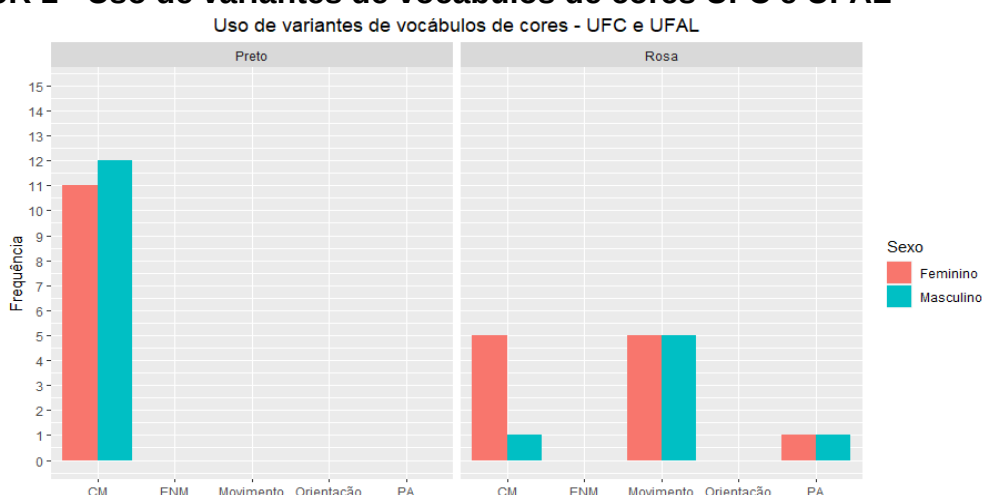
Na próxima seção do capítulo, apresentaremos a análise quantitativa das variações querológica, lexical e regional para os sinais em tela.

5.4 Análise Quantitativa: Variações Querológica, Lexical e Regional do sinal PRETO e ROSA (cores)

Nas descrições querológica, lexical e regional não houve juízo de valor acerca das variações identificadas, as destacamos como parte do trabalho da pesquisa sociolinguística que permite vermos o comportamento dos participantes nas produções dos sinais.

Referente à variação querológica dos sinais PRETO e ROSA (cores) acontecida entre os municípios de Fortaleza e Maceió, considerando os parâmetros formacionais usados pelos grupos de homens e mulheres, o GráficoR 1 nos informa quais parâmetros sofreram mais variação em cada grupo de participantes. Vejamos o gráficoR criado a partir dos dados observados:

GráficoR 1 - Uso de variantes de vocábulos de cores UFC e UFAL



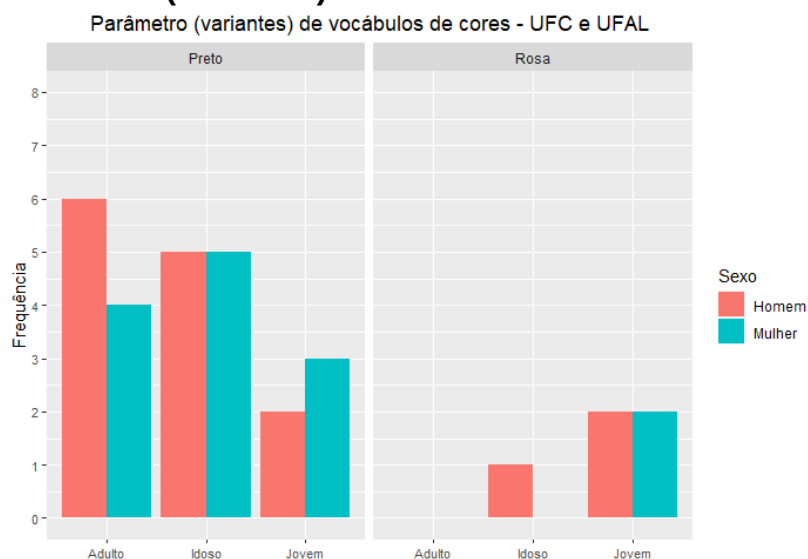
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A leitura do gráficoR nos permite ver que em PRETO apenas o parâmetro CM sofreu variações, com as ocorrências entre os homens tendo acontecido com maior frequência que entre as mulheres.

Por sua vez, em ROSA houve variação nos parâmetros CM, M e PA, tendo ocorrido com frequência variações nas CM entre as mulheres que entre os homens. No M, a frequência de variação foi comum aos dois grupos. Em relação ao PA, em mesmo número, este sofreu menos variações. Não foram identificadas variações na Or e ENM.

Ao observarmos o comportamento de sinalização considerando os grupos etários, o GráficoR 2 nos permitiu ver diferenças entre os participantes destes grupos:

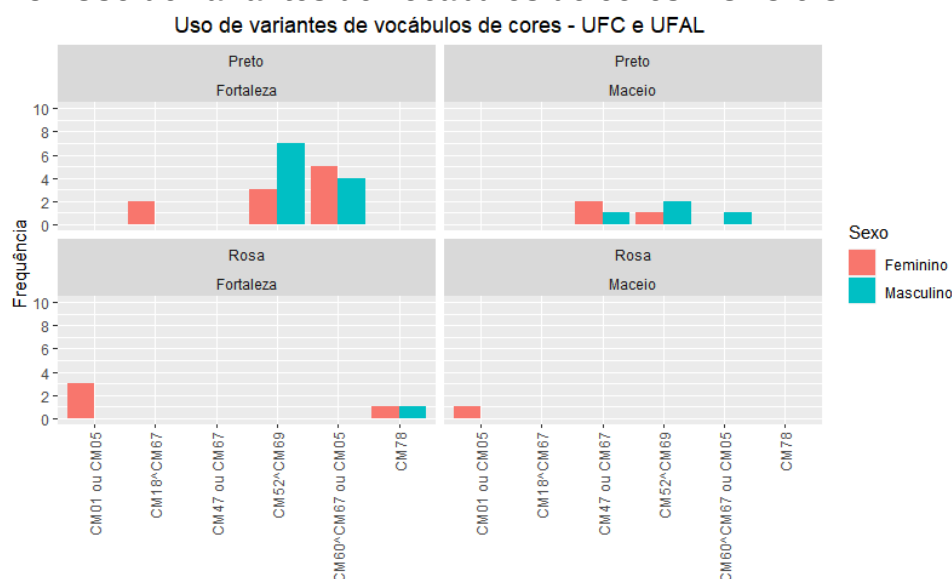
GráficoR 2 - Parâmetro (variantes) de vocábulos de cores – UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Conforme a faixa etária existiram mais variações para PRETO do que para ROSA. Para PRETO todos os grupos apresentaram variação, enquanto em ROSA não houve ocorrências entre os adultos, de nenhum dos sexos, nem entre os homens idosos, estando entre os jovens dos grupos masculino e feminino a maior frequência de variações para essa cor.

Quanto a variação lexical e regional, a leitura do GráficoR 3 nos informa que:

GráficoR 3 - Uso de variantes de vocábulos de cores – UFC e UFAL

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A leitura do gráficoR para a cor PRETO nos informa que houve ocorrência de dois léxicos para PRETO que denominamos de PRETO1 e PRETO2. O léxico PRETO2 foi identificado apenas em Maceió, descreveremos sua utilização, posteriormente.

Em relação ao léxico PRETO1, os participantes, tanto de Fortaleza quanto de Maceió, o utilizaram dos seguintes modos:

- CM em P, CM55Ativa^CM69Passiva ou CM05Passiva;
- CM em D, ou seja, CM52Ativa^CM69Passiva ou CM05Passiva;
- CMforma-genuína⁶⁰, isto é, CM18Ativo^CM67Passiva ou CM18Ativa^CM05Passiva. Nas duas formas de sinalizar, a mão passiva quando por ser usada, fechada ou aberta, havendo os dois modos, entre os dados obtidos.

No grupo de sinalizadores de Fortaleza, a sinalização de PRETO1 foi realizada com CM predominante em P passando pelo dorso da mão passiva. Nessa região, uma pessoa idosa do grupo feminino realizou o sinal PRETO1 de modo diferente, com a CM18Ativa^CM67Passiva.

⁶⁰ De acordo com Coutinho (2000), as configurações de mãos que não se enquadram como pertencentes aos grupos do alfabeto manual ou dos numerais, são chamadas de “formas genuínas” (COUTINHO, 2000, p. 31).

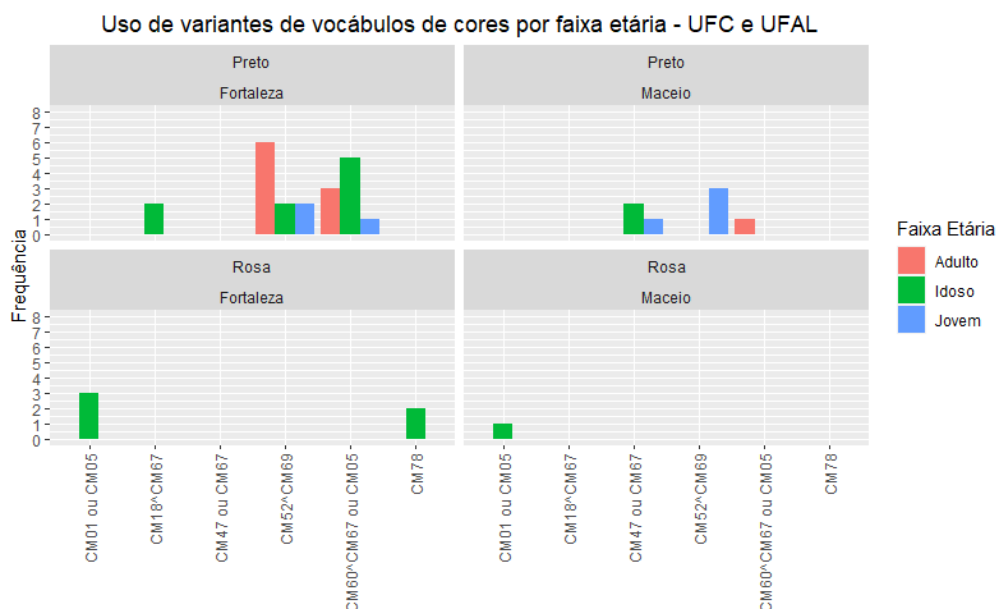
Por sua vez, no grupo de sinalizadores de Maceió, além da variante PRETO1, sinalizada com CM55Ativa^CM69Passiva ou CM05Passiva, com PA no dorso da mão passiva, Or com palmas das mãos para baixo, identificamos o sinal PRETO2.

PRETO2 é um sinal semanticamente relacionado às pessoas de etnia NEGRA, o sinal foi realizado com a CMforma-genuína, dedo indicador por cima da ponta do polegar, com PA na lateral da testa, M de meia rotação ou semicircular da mão. A variante PRETO2 faz referência à constituição crespa do cabelo de pessoas afrodescendentes.

Na leitura do gráficoR para as variações relacionadas a cor ROSA, identificamos variação em relação ao sinal realizado pelo empréstimo da letra R do alfabeto manual, tanto no grupo masculino quanto no feminino. No grupo feminino, houve ocorrências de variantes em Fortaleza e Maceió com uso da CM01 (mão aberta com dedos jutos) e CM05 (mão aberta com dedos afastados, ou seja, completamente aberta). Entre os homens idosos ocorreu de dois utilizarem a CM78 (mão do número 3).

O GráficoR4 nos permitiu identificar as ocorrências de variação quanto a faixa etária:

GráficoR 4 - Uso de variantes de vocábulos de cores por faixa etária – UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na leitura do gráficoR vemos que para a PRETO apenas entre os idosos ocorreu variações pelo uso da CM01 ou CM05. Por sua vez, nas três faixas etárias do grupo cearense, houve ocorrência nas CM52^CM69, estando entre os adultos maior

frequência de variações em relação a essas CM e nas CM60^CM67 ou CM05, mas em relação a estas CM, esteve entre os idosos a maior frequência de variação.

No entanto, pelos limites da pesquisa e eliciação dos dados, não é possível dizer que há compreensão pelos participantes da existência de diferença semântica no significado dos dois léxicos PRETO1 e PRETO2.

Ainda em Fortaleza, o grupo adulto foi o que mais utilizou o sinal com a CM em D na mão ativa e em S na mão passiva, ou seja, CM52Ativa^CM69Passiva. Outra forma diferente de CM para as mãos ativa e passiva foi CM60Ativa^CM67Passiva ou CM60Ativa^CM05Passiva, existindo mais variação querológica na escolha da CM para a mão ativa.

Vejamos, no Quadro 36, as quantidades de variantes identificadas nas duas regiões quando olhamos para a CM como aspecto gerador da variante na categoria idade:

Quadro 36 - PRETO(cor) CM na criação de variantes extralinguísticas nas regiões de Fortaleza e Maceió

Grupo por idade	CM utilizadas	Fortaleza	Maceió
Jovem	CM52^CM69	2	3
	CM60^CM67(CM05)	1	0
	CM47 ou CM67	0	1
Adulto	CM52^CM69	6	0
	CM60^CM67(CM05)	3	1
Idoso	CM52^CM69	2	0
	CM60^CM67(CM05)	5	0
	CM18^CM67	2	0
	CM47 ou CM67	0	2

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

As observações dos dados do quadro acima nos permitem inferir que:

- Em Fortaleza houve mais ocorrências de variantes que em Maceió;
- Com relação aos grupos etários, está entre os adultos e idosos de Fortaleza a maiorias das variantes da região;
- Quanto a Maceió, por ser uma região de menos variantes, observamos que 2 ocorrências de variantes lexicais com CM, PA e M estiveram entre os idosos, enquanto entre os jovens foi de apenas 1, não tendo havido entre os adultos a utilização dessa variante.
- As duas regiões compartilharam léxicos iniciados com as mesmas CM: CM52^CM69 e CM60^CM67(CM05).

Em relação à leitura de ROSA no gráficoR, identificamos que o grupo dos jovens utilizou apenas a variante construída pelo empréstimo linguístico da letra R.

Quanto a outras variantes, pudemos ver que os idosos utilizaram três diferentes sinais e que o grupo de participantes de Fortaleza utilizou o sinal realizado com a letra R, apesar da existência de variantes no repertório da comunidade.

Estas variantes apareceram, em menor quantidade, com a mão nas CM nos números 5 e 3.

Em termos numéricos, temos nos idosos as diferenças nas CM identificadas. Confirmamos no Quadro 37 as escolhas de CM feitas pelos idosos nas duas regiões:

Quadro 37 - ROSA(cor): CM no grupo etário dos idosos

Grupo etário	CM utilizada	Fortaleza	Maceió
Idosos	CM05	3	1
	CM78	2	0

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Os dados numéricos nos informam mais ocorrências em Fortaleza que em Maceió, sendo três variantes com a CM05 e duas com a CM78, enquanto em Maceió apenas 1 ocorrência de variante foi identificada.

No tocante as diferenças regionais a partir do sexo dos participantes, GráficoR 5 nos informa que:

GráficoR 5- Variação regional de vocábulos de cores por sexo – UFC e UFAL

Variação regional de vocábulos de cores por sexo - UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

O léxico PRETO, ao compararmos as colunas de dados de Fortaleza e Maceió, sofreu variação em Maceió e que esta ocorreu em maior frequência entre as mulheres.

Na leitura dos dados de ROSA, a comparação das escolhas lexicais dos dois grupos, Fortaleza (UFC) e Maceió (UFAL), nos informa que no grupo de Fortaleza as variações lexicais acontecem em maior quantidade entre as pessoas do grupo feminino, apesar da identificação de ocorrência de variação no grupo masculino. No grupo de Maceió as mulheres apresentaram variação entre as participantes, enquanto o grupo de homens não. Por esta razão não existe coluna para este grupo no gráfico R, uma vez que as colunas são resultados do registro de variações ocorridas na sinalização.

5.5 Análise das variantes para o mês ABRIL identificadas em Fortaleza e Maceió

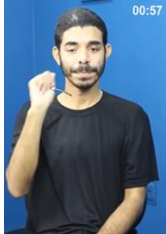
O segundo mês que selecionamos para colocar sob a lupa de nossa análise querológica e lexical, no contexto vocabular do calendário anual, foi ABRIL. Dos sinais estudados, ABRIL é um léxico sinalizado pela composição dos parâmetros formacionais como sinal e por meio da datilologia, se configurando, também, como um sinal soletrado. Na seção a seguir veremos as variantes identificadas nesta pesquisa.

5.5.1 ABRIL: variantes no nível querológico

Acerca das variantes querológicas do mês ABRIL, observamos que seus elementos composicionais têm ocorrências de variação, principalmente, nas configurações de mãos realizadas. Mas, se comparadas com FEVEREIRO, estas ocorrem em menor quantidade.

Para visualização das variantes apresentamos, no Quadro 38, o mês ABRIL com a identificação, em Fortaleza, do sinal na primeira imagem. O sinal foi realizado por MJ2 e por mais 28 participantes e, à direita, as seis variantes identificadas na sinalização dos participantes dessa região.

Quadro 38 - Sinalização ABRIL em Fortaleza⁶¹

Sinal	Variantes		
 MJ2	 FJ5	 FA6	 MA3
	 FI5	 FI6	 MI4

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A variante mais utilizada em Fortaleza, ilustrada por MJ2, foi realizada com a CM67Ativa no PA iniciado no pescoço e concluído no espaço acima da altura do ombro a sua direita. O M curto e um pouco curvilíneo foi concluído com a Or para frente. Consideramos relevante atentar para que apenas uma participante recorreu à complementação do sinal, descreveremos sua sinalização na sequência da seção.

A consideração das diferenças articulatórias dos sinais para a CM e articulação da mão ativa e da passiva foi necessária, pois uma pessoa idosa realizou o sinal por composição das duas mãos e, outra, do mesmo grupo etário, fez o sinal soletrado. A observação aos detalhes nas ocorrências de variação conforme a CM dos participantes destacamos a seguir:

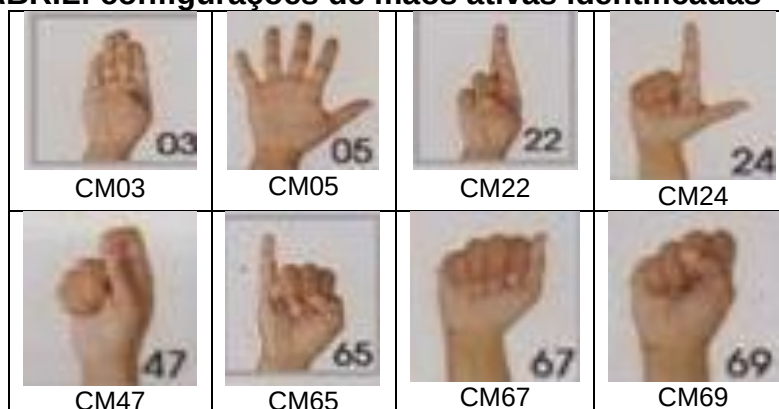
- FJ5 — CM67Ativa^CM24passiva;
- FJ6 — CM69Ativa;
- MA3 e MI4 — CM47Ativa;
- FI5 — CM05Ativa^CM67Passiva;
- FI6 e MI4 — CM67Ativa^CM03Ativa^CM22 Ativa^CM65Ativa^CM24Ativa. FI6, por ser canhota, usou como mão ativa a esquerda.

⁶¹ Consta no APÊNDICE C - 1 Sinalização ABRIL em Fortaleza as imagens com todos os sinalizadores de Fortaleza e sua realização do sinal em tela.

No contexto querológico das CM, os participantes da faixa etária dos idosos foram os que realizaram as duas configurações de mãos mais diferentes.

Abaixo, o Quadro 39, com as CM identificadas no grupo de Fortaleza:

Quadro 39 - ABRIL: configurações de mãos ativas identificadas



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Quanto ao parâmetro PA, FJ5, FJ6, MA3, FI5 compuseram o sinal no pescoço. Por sua vez, FI6 e MI4, devido ao sinal soletrado, o PA foi o espaço neutro à sua frente.

No tocante ao parâmetro querológico movimento, os registros foram de movimento curvilíneo, curto e longo, a depender do sinalizador; longo e repetido; e, no caso do sinal soletrado realizado por FI6 e MI4, foi retilíneo e constante. No caso de FI6, da direita para a esquerda, uma vez que ela é canhota. Para o caso de MI4, a soletração ocorreu da direita para a esquerda por ser destro.

O Quadro 40, ilustra os movimentos identificados:

Quadro 40 - ABRIL: movimentos identificados

 OU 	movimento curvilíneo longo ou curto, dependendo do sinalizador, pois alguns sinalizadores realizações a articulação de forma mais rápida possível. retilíneo, constante e da esquerda para a direita esse movimento foi utilizado por 34 participantes.
	movimento longo e repetido com sequência articulatória realizado por MI3.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

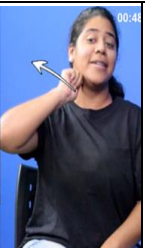
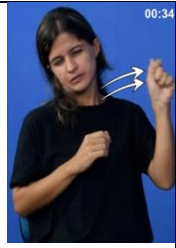
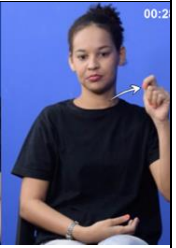
Em relação ao parâmetro Or, todos os sinais foram realizados com a palma voltada para frente.

Por fim, vimos que as ENM aconteceram de modo sutil com FJ5 e MA3 dobrando um pouco o pescoço para o lado oposto ao movimento da mão. Quanto a

FI5 e MI4, estes fizeram um movimento com a boca: FI5 de repuxo e MI4 de abertura da boca.

A sinalização do sinal ABRIL realizado pelos participantes de Maceió, o Quadro 41, a seguir, apresenta as variantes identificadas no grupo:

Quadro 41 - Sinalização ABRIL em Maceió⁶²

Sinal	Variantes					
						
MI1	FJ5	FA1	FJ1	FJ3	MJ1	FA2

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

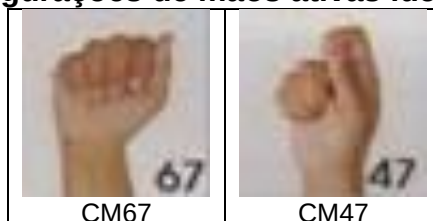
Em Maceió, o sinal, ilustrado por MI1, foi realizado com a CM67Ativa no PA iniciado no pescoço e concluído no espaço da altura do ombro à sua direita. O M duplo e longo, um pouco curvilíneo, foi concluído com a Or para frente. As variantes que registramos foram sinalizadas por:

- FJ5 e FA1 — CM67Ativa;
- FJ1, FJ3, MJ1 e FA2 — CM47Ativa.

Com relação ao parâmetro CM, não houve dados significativos de diferenças ocorridas nos grupos homem e mulher, e de faixas etárias, jovens, adultos e idosos.

Por isso, o Quadro 42, apresenta apenas as duas CM identificadas:

Quadro 42 - ABRIL: configurações de mãos ativas identificadas



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A especificidade na região se deu pelo uso da mão esquerda como mão ativa em quatro dos sinalizadores.

Acerca do PA, diferente de Fortaleza, em Maceió, este aconteceu no pescoço para todos os participantes.

⁶² Consta no APÊNDICE C - 2 Sinalização ABRIL em Maceió as imagens com todos os sinalizadores de Maceió e sua realização do sinal em tela.

Assim, no contexto de identificação de ocorrências de variação, observamos, possivelmente pelo PA utilizado, apenas dois movimentos compondo o sinal: o movimento duplo e o movimento curvilíneo. A descrição dos movimentos e seus respectivos usuários, está no Quadro 43 a seguir:

Quadro 43 - ABRIL: movimentos identificados

	movimento duplo longo e repetido com alguns movimentos alternados das mãos, utilizado por MI1, FJ3, FJ1.
	movimento curvilíneo longo ou curto, dependendo do sinalizador, pois alguns sinalizadores realizações a articulação de forma mais rápida possível. Esse movimento foi utilizado por FJ5, FA1, MJ1, FA2.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Quanto a Or, esta foi para frente em todos os sinalizadores.

Por fim, em Maceió também foram observadas sutis ocorrência de ENM em FJ5, FA1 e FJ3 que dobraram levemente o pescoço para o lado contrário ao movimento da mão e FJ5 e FJ1 que mexeram a boca durante o movimento da mão.

5.5.2 ABRIL: variantes no nível lexical

Acerca das variantes lexicais, em Fortaleza, FI6 e MI4 fizeram o sinal soletrado. Acerca deste aspecto da Libras, podemos dizer que:

Há também o que é chamado de processo de nacionalização da datilologia (KYLE; WOLL, 1985; SUTTON-SPENCE, 1994; CORMIER; TYRONE; SCHEMBRI, 2008), através do qual um sinal com soletração manual se torna um sinal. Isso ocorre quando: (a) as formas se adequam aos contornos fonológicos do léxico nativo; (b) parâmetros da forma ocorrem no léxico dos nativos; (c) elementos nativos são adicionados; (d) elementos não nativos são reduzidos (perda de letras); e (e) elementos nativos são integrados com elementos não nativos (CORMIER; TYRONE; SCHEMBRI, 2008 apud ADAM, 2012). (RODRIGUES; SILVA, 2017, p. 693)

Assim, no contexto de produção lexical do mês ABRIL temos uma “nacionalização da datilologia” e uma “integração dos elementos não nativos” (RODRIGUES; SILVA, 2017, p. 693) na formação de ABRIL por FI6 e MI4.

Devido aos dois serem do grupo de idosos, é possível considerarmos suas variantes como uma tendência dessa geração. Afinal, ao olharmos para a variação linguística na Libras apresentada por FI6 e MI4, podemos perceber esta como parte da construção histórica das línguas e de como essas duas pessoas se constituem como parte dos usuários da faixa de idade dos idosos desse sistema linguístico.

Além deste aspecto, vimos que ABRIL tem dois sinais lexicais sinônimos: o primeiro, variante padrão nas duas regiões, Fortaleza e Maceió, faz alusão à história de Tiradentes; o segundo, que consideramos variante regional, pois a ocorrência aconteceu apenas em Fortaleza, foi o sinal soletrado A-B-R-I-L, realizado no grupo de idosos. Em Maceió, não houve ocorrências de outras variantes lexicais.

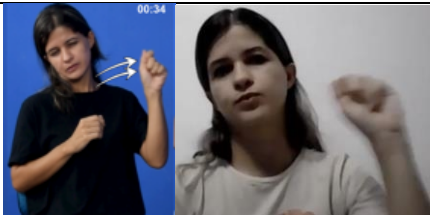
5.5.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – ABRIL

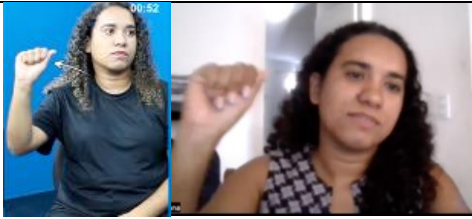
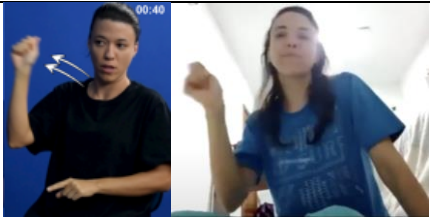
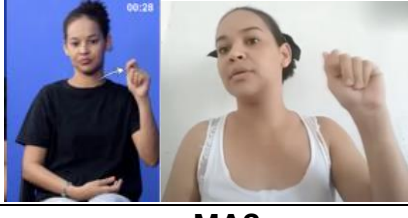
A investigação dos aspectos lexicais em ABRIL, como nos demais sinais, nos remete a reflexão de Mollica e Braga (2003), citados por Alves (2020), nos informando que:

[...] Essa heterogeneidade linguística reflete a heterogeneidade social, uma vez que os estudos sociolinguísticos levam em conta que fatores extralinguísticos, a exemplo da diversidade e a complexidade da natureza social, econômica, cultural e política, que caracterizam a sociedade, operam sobre os processos de variação e a mudança linguísticas. Faraco (2017) apresenta que esse quadro social heterogêneo revela que a língua é falada diferentemente em cada grupo ou comunidade, ou seja, há dentro do sistema linguístico, de cada comunidade de falantes, uma acomodação da variabilidade. Essa variabilidade linguística não interfere na comunicação, visto que o processo de variação não é assistemático ou desorganizado, como previam os estudos linguísticos anteriores, pois, na visão da Sociolinguística, a variação, assim como a mudança, são processos passíveis de serem descritos e analisados cientificamente. (p. 53 e 54)

Nesse sentido, os dados extralinguísticos relativos ao mês ABRIL foram analisados a cada apresentação das imagens das entrevistas realizadas. O Quadro 44, com as ocorrências observadas nas sinalizações de MJ1, MJ6, FA2, MI2, MI1 e MI6, Fortaleza, e FJ3, FJ5, FJ6, MJ4, FA1, FA2, MA3, MA4, da região de Maceió, nos permite vermos que:

Quadro 44 - ABRIL – Variantes extralinguísticas ABRIL Fortaleza e Maceió

FORTALEZA		MACEIÓ	
MJ1		FJ3	
			
MJ6		FJ5	

 12:56	 8:52
FA2	FJ6
 7:01	 15:02
MI2	MJ4
 8:18	 5:45
MI1	FA1
 17:29	 7:51
MI6	FA2
 19:49	 11:51
	MA3
	 5:50
	MA4
	 8:46

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Nas duas regiões, 14 participantes realizaram o sinal com a mão direita (mão ativa) em A na vertical, ponta do dedo polegar tocando a lateral direita do pescoço, com palma da mão virada para a frente e movimentação da mão em linha reta para a direita, uma vez. Houve uma variação pequena em duas sinalizadoras de Maceió que fizeram o sinal com pequena variação na CM, trocando a CM67 por CM46. Observamos que esta diferença pode estar atrelada ao conforto linguístico. O uso da CM67 é menos confortável, estando esta configuração de mão atrelada a letra inicial em língua portuguesa.

As ocorrências com CM69, em S, estão próximas ao sinal PUXAR-ALGO-LAÇADO-NO-PESCOÇO de onde advém a referência ao aspecto icônico desse léxico, sendo esta forma mais confortável de sinalização que o A da CM67.

Essa diferença e distanciamento da letra inicial foi observada nas sinalizações de MA3, Fortaleza, e FJ2, FI1, Maceió. Vejamos o Quadro 45:

Quadro 45 - Variantes ABRIL com a CM 46 Fortaleza e Maceió

FORTALEZA	MACEIÓ
MA3	FJ2
	
	FI1
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A observação das sinalizações do quadro acima permite vermos que a mão direita (sinalizadores destros) em CM47, na vertical, ponta do dedo polegar tocando a lateral direita do pescoço, com palma da mão virada para a frente e movimentação única da mão em linha reta para a direita. Esta sinalização se constitui como variante destas pessoas, uma vez que apenas eles utilizaram a CM47 na formação do léxico.

Quanto ao modo de sinalizar de FI5 conferimos, no Quadro 46, que:

Quadro 46 - Variante ABRIL por FI5 apenas em Fortaleza

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

FI5 realizou o sinal com a mão direita em A, CM67, com a ponta do dedo polegar tocando a lateral direita do pescoço, palma da mão virada para a frente e movimento único da mão em linha reta para a direita. A mão esquerda segura o pescoço. A ENM é de abertura da boca. Na segunda entrevista a abertura da boca foi maior que na primeira. Esta ocorrência se constitui como variante pelo modo único de segurar o pescoço.

Por sua vez, FI6 repetiu nas duas entrevistas a realização do sinal por meio da soletração do alfabeto manual A-B-R-I-L. Veja Quadro 47:

Quadro 47 - FI6 A-B-R-I-L apenas em Fortaleza

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A permanência nas duas entrevistas das mesmas sinalizações nos informa que FI6 tem essa forma como parte de seu repertório lexical, possivelmente, essa aproximação com a língua portuguesa se deve a sua idade e a forte marca da escrita da língua portuguesa na sua história de vida.

Por sua vez, MI3 tem duas respostas para ABRIL. Veja o Quadro 48:

Quadro 48 - ABRIL por MI3 apenas em Fortaleza



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Em sua sinalização MI3, na primeira entrevista, utiliza com a mão direita em A, CM67, na vertical, ponta do dedo polegar tocando a lateral direita do pescoço, com palma da mão virada para a frente e movimento da mão em linha reta uma vez para a direita. Na segunda ele acrescenta ao léxico o movimento de segurar o pescoço. Nossa hipótese é de que ele tenha comentado ou compartilhado sobre as entrevistas realizadas com FI5, uma vez foi ela a única, na região de Fortaleza, que utilizou essa variante como parte de seu repertório lexical.

O grupo de jovens acrescentou ao sinal o L, os dois idosos o “segurar o pescoço”. Para os dois casos, nossa hipótese é de trocas linguísticas entre os membros do mesmo grupo, nos levando a reflexão de que as ocorrências de variação não são fixas e atendem a necessidade de comunicação dos usuários na realidade visual-gestual-espacial da Libras, como disse Santos (2017, p. 72):

[...] devido à peculiaridade da modalidade visuoespacial, é possível observar outro processo morfológico, a iconicidade. Felipe (2006) afirma que devido à característica gestual-visual, pode-se introduzir a mímica em um contexto discursivo; um objeto, uma qualidade de um objeto, um estado, um processo ou uma ação pode mimeticamente ser representada em conjunto com a estrutura frasal.

Nesse sentido, as produções podem, inclusive, se alterar, na medida em que os participantes compartilhem ideias acerca dos léxicos que usam.

5.6 Análise das variantes para o mês AGOSTO identificadas em Fortaleza e Maceió

O segundo mês de nosso estudo foi AGOSTO. Do mesmo modo que ABRIL, esse mês está entre os léxicos sinalizados como sinal e como um sinal soletrado, tendo forte marca de empréstimo linguístico do alfabeto manual. Na seção a seguir veremos as variantes identificadas nesta pesquisa.

5.6.1 AGOSTO: variantes no nível querológico

Com o foco no emprego dos articuladores do sinal descreveremos as combinações das unidades elementares que produzem o sinal AGOSTO.

Iniciamos nossa descrição e análise apresentando, no Quadro 49, imagens que ilustram o sinal e as variantes identificadas no grupo de sinalizadores de Fortaleza. O sinal está na primeira imagem da esquerda para a direita. Na sequência, as quatro variantes identificadas. Observemos o quadro a seguir:

Quadro 49 - Sinalização AGOSTO em Fortaleza⁶³

Sinal	Variantes			
 MA6	 FI2	 MI1	 MI2	 MI3

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

O sinal ilustrado por MA6 foi realizado com a seguinte sequência: CM67Ativa^CM50Ativa no PA na altura do ombro do sinalizador com M de abrir o dedo indicador. A Or foi a palma voltada para frente. As variantes identificadas ocorreram todas entre os idosos, com prevalência dos homens. Vejamos a descrição da CM de cada variante identificada a partir de seu respectivo sinalizador:

- FI2 — CM67Ativa^CM50Ativa;
- MI1 — CM05Ativa;
- MI2 — CM67Ativa + CM50Ativa + CM05Ativa;
- MI3 — CM05Ativa + CM67Ativa + CM50Ativa + CM73Ativa + CM69Ativa + CM20Ativa + CM73Ativa.

Notamos que os participantes do grupo de homens idosos, a saber: MI1, MI2, MI3 e MI4 sinalizaram com a CM05, o que não ocorreu com as participantes do grupo de mulheres idosas.

Uma singularidade nas variantes observadas nas línguas de sinais está relacionada com a mão ativa de seus usuários, que independem do sexo biológico e faixa etária.

⁶³ Consta no anexo APÊNDICE D - 1 Sinalização AGOSTO em Fortaleza, as imagens com todos os sinalizadores de Fortaleza e sua realização do sinal em tela.

Assim, no contexto de observação da formação do sinal, a partir das regras de composição dos parâmetros formacionais dos sinais, observamos para AGOSTO a variação de apenas três CM. O Quadro 50 apresenta estas três variantes identificadas nas sinalizações:

Quadro 50 - AGOSTO: configurações de mãos ativas identificadas



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

O PA foi o espaço neutro na altura entre o pescoço e o peito para quem realizou o sinal com as CM67Ativa+CM50Ativa e, para quem utilizou a CM05, o peito do sinalizador.

Com relação ao parâmetro formacional M os registros apresentam uma diversidade maior de variantes. No Quadro 51 vemos que as ocorrências no M foram:

Quadro 51 - AGOSTO: movimentos identificados

	movimento de média semicircularidade foi realizado pela 11 participantes dos participantes.
	movimento curto e longo repetido foi utilizado por alguns participantes, e estes realizaram o movimento no sentido horizontal, foram eles: FJ2, FJ3, FA1, FA2, FA3, FA5, FA6, MA1, MA2, MA3, MA6, FI1, FI3, FI4, MAI2.
	movimento circular repetido, realizado por MI3.
	movimento retilíneo para frente e para trás, utilizado por MI1, MI2 e MI4.

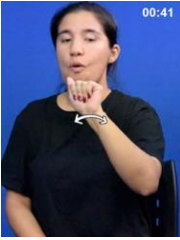
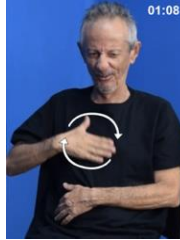
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Com relação a Or, ocorreu de ela acontecer para frente para quem sinalizou AGOSTO com as CM67^CM50, mas também com a palma ficar voltada para dentro, para quem sinalizou com a CM05.

Apesar de não se constituir uma variante, se considerarmos os parâmetros formacionais dos sinais, AGOSTO foi realizado por MJ1, MJ5, FA4, MA2, FI6, de modo diferente das demais, pois estas pessoas, por serem canhotas, sinalizaram com a mão esquerda.

Em Maceió, observamos menos ocorrências de variantes. O Quadro 52 contém três modelos para a descrição e análise dos dados relativos ao léxico AGOSTO do registro feito de variantes identificadas no grupo pesquisado.

Quadro 52 - Sinalização AGOSTO em Maceió⁶⁴.

Sinal	Variantes	
		
FA2	FJ1	MI2

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

O sinal, ilustrado por FA2, foi realizado com a CM67Ativa + CM50Ativa sinalizadas em sequência. As variantes identificadas foram realizadas por FJ1 e MI2 do seguinte modo:

- FJ1 — CM67Ativa;
- MI2 — CM05Ativa.

Um aspecto observado que independe dos grupos foi a sinalização dos participantes canhotos, estes produziram o sinal com mão esquerda. São eles: FJ1, FJ3, MJ1 e FA2.

O Quadro 53 ilustra as CM utilizadas nas variantes do mês AGOSTO:

Quadro 53 - AGOSTO: configurações de mãos ativas identificadas

		
CM67	CM50	CM05

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Duas participantes, a saber: FJ1 e FI2, sinalizaram com a mesma CM67Ativa, no entanto, com o M diferente.

O PA foi o espaço neutro próximo do pescoço, altura do ombro, para quem utilizou as CM67Ativa + CM50Ativa. Para quem realizou a CM05, o PA foi o peito.

Com relação ao movimento, as variantes acontecidas foram mais diversas. O Quadro 54 ilustra os M realizados pelos sinalizadores:

⁶⁴ Consta no APÊNDICE D - 2 Sinalização AGOSTO em Maceió as imagens com todos os sinalizadores de Maceió e sua realização do sinal em tela.

Quadro 54 - AGOSTO: movimentos identificados.

	movimento médio semicircular e repetido, realizado por FJ1 e FI2.
	movimento com dedo polegar e dedo indicador fazendo movimentos semicirculares longos repetidos. Foi utilizado por FJ3.
	movimento longo e repetido utilizado por FA1, FA2, MA1, MA2, MA3, MA4, MA5 e FI1.
	movimento circular e repetido articulado por MI2.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Ademais, cabe o registro de que na ocorrência de movimento retilíneo vertical, longo e repetido, o ponto de articulação foi em frente a boca, no espaço neutro na altura do peito, com a orientação da palma da mão para a esquerda e para a direita. Essa variante, conforme descrita, aconteceu na sinalização de FA1, FA2, MA1, MA2, MA3, MA4, MA5 e FI1⁶⁵.

Com relação a Or, esta dependeu dos parâmetros CM, PA e M, pois, para quem sinalizou com CM67Ativa^CM50Ativa, a palma ficou voltada para frente. Nos casos de CM05Ativa, o PA foi o peito do sinalizador, a Or foi a palma voltada para dentro. Por fim, para quem sinalizou a CM67Ativa com PA na altura do ombro, M circular e repetido, a Or foi para a esquerda e para a direita.

Não observamos que o sexo biológico ou a faixa etária tenha sido aspecto relevante nas ocorrências identificadas.

5.6.2 AGOSTO: variantes no nível lexical

Sobre as variantes lexicais, observamos que, em Fortaleza, MI1, MI2, MI3 e MI4 produziram variantes lexicais diferentes das outras pessoas. Além disso, MI2, MI3 e MI4 sinalizaram duas variantes lexicais. MI2 e MI4 apresentaram as mesmas variantes, mas MI3 sinalizou uma variante e, como segunda variante, a soletração A-G-O-S-T-O.

⁶⁵ Cf no APÊNDICE D - 2 a sinalização do mês AGOSTO pelo grupo de Maceió.

Identificamos que uma participante jovem (FJ1) e uma idosa (FI2) sinalizaram uma variante lexical diferente das demais pessoas do grupo. Além disso, apenas MI2 articulou uma variante lexical inédita.

Regionalmente, percebemos que em Fortaleza houve ocorrência de variantes que não foram observadas em Maceió. A primeira variante, composta pela CM67Ativa^CM50Ativa, foi realizada a partir da soletração do alfabeto manual A-G. Podemos considerar essa variante como um léxico da categoria sinal soletrado. A segunda variante foi sinalizada com a CM05Ativa, configuração utilizada para o verbo GOSTAR. Os participantes de Fortaleza MI2 e MI4 sinalizaram essas duas variantes, enquanto MI1 sinalizou apenas a segunda. Também, MI3 sinalizou duas variantes lexicais, uma composta pelo CM05Ativa mesma CM do verbo GOSTAR e outra que consiste apenas em soletração A-G.

Em Maceió, houve a ocorrência de duas variantes lexicais, a mais comum, sinalizada apenas com CM67Ativa e movimento de pulso, construindo AGOSTO com um léxico de apenas uma CM. Os outros sinalizadores, do mesmo modo que em Fortaleza, sinalizaram a variante CM67Ativa^CM50Ativa com PA na altura do ombro, movimento de abrir o dedo indicado com a Or voltada para frente.

Para os sinais com forte marca do empréstimo linguístico na soletração, o referencial teórico por nós adotado nos ajuda a refletir que:

[...] o entendimento que se tem de língua e desse fenômeno, pode sustentar uma perspectiva de soletração mais alógena ou mais nativizada, podendo fazer com que uma mesma palavra datilológica possa ser mais vista como sinal ou mais vista como representações de letras, a depender do ponto de vista de análise e descrição que se assume. Veremos, na sequência, algumas discussões acerca do sistema datilológico nas línguas de sinais que podem elucidar alguns pontos. Para tanto, não centramos a discussão na distinção entre soletração lexicalizada e neutra. (NETO; SILVA; LEITE, 2021, p. 20)

Nesse contexto teórico, ainda segundo os autores:

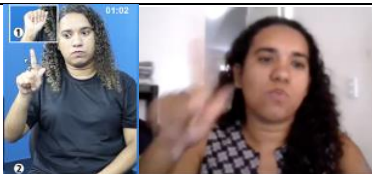
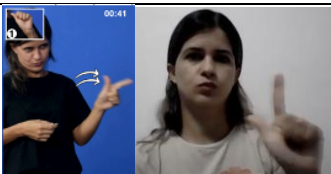
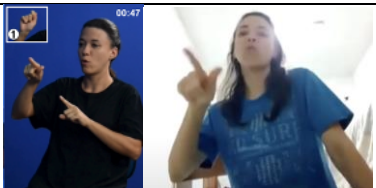
O elemento característico do padrão sistêmico da soletração, por exemplo, parece ser identificável a partir de estudos sobre a percepção. Os modelos apresentados a seguir, são resultados de uma síntese proposta por Araujo-Neto (2017) e abordam duas perspectivas encontradas acerca da soletração. Embora os modelos não sejam confluentes, ambos trazem pontos relevantes ao entendimento da estrutura da língua de sinais e da realização/percepção do escopo datilológico, reafirmando – ou não – o que se diz sobre o processo de nativização. (NETO; SILVA; LEITE, 2021, p. 22)

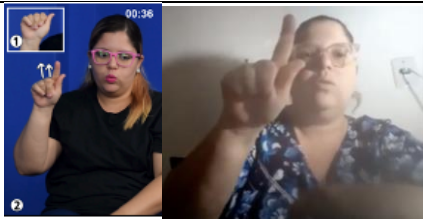
Assim, a partir da perspectiva da percepção, nativização, compreensão visual e estabelecimento cultural do mundo por meio de uma língua corporal, espacial, visual, realizamos nossas análises quantitativas.

5.6.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – AGOSTO

Os dados extralinguísticos coletados nas entrevistas foram descritos e analisados a seguir. Vaja o Quadro 55 com as sinalizações do sinal na primeira e segunda entrevistas:

Quadro 55 - AGOSTO: variantes nas regiões Fortaleza e Maceió

FORTALEZA		MACEIÓ	
MJ1		FA2	
			
MJ6		FJ2	
			
FA2		FJ3	
			
FI5		FJ5	
			
MI6		FJ6	
			
		MJ4	
			
		FA1	

	
	MA3
	
	MA4
	
	FI1
	

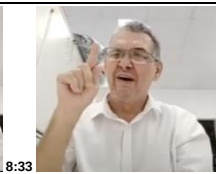
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

No quadro acima, 15 sinalizadores, tanto de Fortaleza quanto de Maceió, utilizaram A-G como léxico da Libras para o mês AGOSTO. A construção do sinal registrada nos dados foi: mão direita em A-G CM 67 e CM50 na vertical, palma da mão virada para a frente, com dedo indicador levantando e abaixando 2 vezes, com a mão pouco inclinada para a frente.

No entanto, olhando mais detidamente, foi possível vermos pequenas variações nas CM e M realizando o sinal de maneira que a identificação como AZUL(cor) ou AGOSTO(mês) dependerá do contexto. Em Maceió, quem realizou o sinal deste modo a criar dependência com o contexto foi MA4. Assim, a CM67 se constituiu como básica, mas houve CM46 e CM47 que puderam ser utilizadas sem prejuízo na produção do léxico.

No Quadro 56, observamos variantes em Fortaleza que utilizam a CM05:

Quadro 56 - Variantes para AGOSTO em Fortaleza com CM05.

FORTALEZA					
MA3			MI1		
					
	9:46	9:47	8:33		8:44
MI2					
					
		8:19	8:20		

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Das duas regiões, apenas Fortaleza utilizou a CM05 aberta na horizontal, palma da mão tocando no centro do peito, fazendo pequeno movimento circular. Esta foi uma variante específica que tem A-G como complemento. Em Maceió, esse léxico apareceu apenas no *corpus* da primeira entrevista, na segunda, não.

Ao observarmos esses dados, no contexto dos elementos extralinguísticos da segunda entrevista, o sinal GOSTO como parte do conjunto de sinais para formação do léxico AGOSTO não aparece em MA3, na primeira entrevista, mas aparece na segunda, quando ele produz A-G e na sequência GOSTO. Pode ter ocorrido a partir de contatos entre os participantes, com pessoas de outros estados ou conhecidos, uma vez que este participante utilizou, na primeira coleta, apenas A-G, esta que se constituiu uma variante da região de Fortaleza. MI1 utilizou GOSTO como primeiro sinal nas duas entrevistas, mas na sequência acrescentou A-G. Por sua vez, MI2 realizou nas duas entrevistas o mesmo léxico. Este uso repetido do primeiro sinal nos permite inferir que, para os dois participantes, GOSTO é um léxico próprio para significar AGOSTO, tendo sido o segundo, no caso de MI1, acrescentado devido a contatos sociais.

Ainda em Fortaleza, FI6 e MI3, apresentaram variante com forte marca de soletração. Veja o Quadro 57, a seguir:

Quadro 57 - Variante AGOSTO por FI6 e MI3 em Fortaleza

FORTALEZA			
FI6		MI3	
			
	26:04		14:03

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na primeira entrevista, os dois idosos utilizaram a soletração manual na construção do léxico A-G-O-S-T-O, sendo que FI6 fez uso apenas da soletração, enquanto que MI3 fez uso do sinal produzido com CM05, mão direita (sinalizador destro) aberta com a palma da mão tocando no centro do peitoral fazendo pequenos movimentos circulares significando GOSTO como parte de seu léxico AGOSTO complementado pela soletração. Na segunda entrevista ele fez uso apenas do GOSTO. Nossa hipótese é de que, no caso de FI6, a soletração foi parte efetiva de sua construção lexical. Por sua vez, MI3 não tem a soletração tão forte, fazendo uso ou não dela, tendo ocorrido de na segunda entrevista, ele não utilizar a soletração. Vemos, nesse caso, como os comportamentos linguísticos dos usuários atendem a suas demandas pessoais, não sendo fixos nem encaixotados em regras gramaticais.

5.7 Análise das variantes para o mês FEVEREIRO identificadas em Fortaleza e Maceió

Dos doze meses do ano, na categoria calendário integrante dos projetos na UFC e UFAL que constroem o *corpus* do léxico do INDLibras utilizado pelas comunidades surdas de Fortaleza e Maceió, FEVEREIRO foi o último mês analisado e descrito.

O diálogo com o referencial teórico buscou pela identificação das variações ocorridas na articulação e combinação dos parâmetros formacionais quando observados em sua cadeia construtora que une CM, PA, M, Or e ENM para a realização do sinal em tela.

Na sequência de análise das variantes querológicas e lexicais sinalizadas pelos participantes surdos de Fortaleza e Maceió, desenvolvemos a descrição e reflexão sobre o sinal e as variantes identificadas.

5.7.1 FEVEREIRO: variantes no nível querológico

Observações empíricas acontecidas no cotidiano da comunicação em Libras nos apresentam diversidade nos modos de sinalizar FEVEREIRO, o aprofundamento do nível querológico nos permitiu identificar e registrar as variações. Para o estudo, identificação e análise dos dados, realizamos o registro do sinal e as variantes identificadas. No Quadro 58, a seguir, as imagens que analisamos:

Quadro 58 - Sinalização FEVEREIRO em Fortaleza⁶⁶

Sinal	Variantes			
				
FA1	FI5	FI6	MI1	MI5

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Para apresentar o sinal⁶⁷, ou seja, sinal realizado por 32 dos participantes, utilizaram a imagem de FA1 que sinalizou FEVEREIRO com a CM19Ativa, M de tremulação da mão no PA a frente e na altura do ombro da sinalizadora, com Or da mão voltada para frente. Como variantes, identificamos quatro sinalizações diferentes realizadas por FI5, FI6, MI1 e MI5, todos do grupo dos idosos.

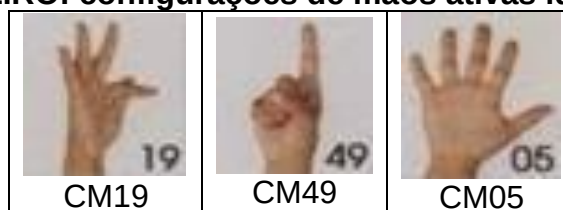
Descriminando as ocorrências de variantes querológicas, vimos 4 léxicos criados a partir da mudança das CMs. Estes foram realizados por:

- FI5, utilizou uma sequência de duas formas de CM. Primeiro, as duas mãos em CM49Ativa^CM49Ativa + CM19Ativa. É possível dizer que o sinal realizado é composto por dois léxicos consecutivos, diferentes e que têm dois significados: CARNAVAL (festa) + o FEVEREIRO (mês), configurando o sinal composto;
- FI6, utilizou um léxico simples com a CM05 que também significa MÁSCARA;
- MI1 utilizou a CM19Ativa + CM05Ativa, produzindo um sinal composto pelos léxicos com a mesma mão: FEVEREIRO^MÁSCARA para seu sinal;
- MI5 produziu o sinal com uma sequência de três CM: primeira a M05Ativa + CM19Ativa + CM49Ativa^CM49Ativa, que constituem três léxicos: FEVEREIRO (mês), MÁSCARA e CARNAVAL (festa).

Quando colocamos sob análise as CM nas sinalizações do grupo de Fortaleza, vimos que foram utilizadas as CM19, CM49 e CM05. Confirmamos o Quadro 59:

⁶⁶ Consta no APÊNDICE E - 1 Sinalização FEVEREIRO em Fortaleza as imagens com todos os sinalizadores de Fortaleza e sua realização do sinal em tela.

⁶⁷ No contexto de estudo em que esta pesquisa se insere, o termo “padrão” significa que o sinal foi o mais utilizado entre os membros da comunidade.

Quadro 59 - FEVEREIRO: configurações de mãos ativas identificadas


Fonte: Elaborado pela autora

Concernente a esse parâmetro, 35 participantes realizaram o sinal usando CM19, mas 04 participantes realizaram o sinal com outras configurações de mãos, FI5, FI6, MI1 e MI5. As diferenças nos sinais se configuram como variação lexical. Dos 04 idosos, 01 sinalizou com a CM 05, os outros 03 realizaram diferentes sinais compostos.

No tocante ao M, vimos que:

- FI5 e MI5, realizaram um movimento curto e repetido duas vezes;
- FI6 MI1 e MI5, realizaram um movimento de vibração dos dedos e tremulação das mãos;
- MI1, realizou movimento de modo curto e repetido duas vezes.

O Quadro 60, abaixo, ilustra esses movimentos:

Quadro 60 - FEVEREIRO: movimentos identificados

	movimento curto e repetido duas vezes.
	movimento de modo curto e repetido duas vezes.
	movimento de vibração dos dedos e tremulação das mãos foi realizado por todos e mesclou-se aos dois movimentos anteriores.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

O PA se alterou entre o espaço neutro, a frente dos sinalizadores e o rosto. FI6 realizou o sinal apenas no rosto. MI1 e MI5 sinalizaram no rosto e no espaço neutro a sua frente, uma vez que o léxico FEVEREIRO destes participantes foram compostos por mais de um sinal.

A Or também dependeu do léxico realizado. Assim temos que:

- FI5 com a Or voltada para frente;
- FI6 a Or foi para dentro;
- MI1, na primeira produção a Or voltada para frente e a segunda voltada para dentro;

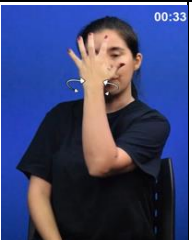
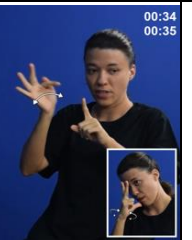
- MI5, primeira produção Or voltada para dentro, segunda e terceiras sinalizações Or voltada para frente.

A respeito das ENM, foi observado que os participantes FI6, MI1 e MI5 apresentaram movimento de cabeça.

Com relação aos modos de sinalizar dos grupos homem, mulher e suas faixas etárias, o destaque que fazemos está relacionado à observação de dois membros do grupo de idosos, FI5 e MI5. Ela e ele realizaram um possível sinônimo CARNAVAL, sinal mais visual, que representa uma possibilidade de variação na realização concreta, por ser um sinal visualmente mais próximo do contexto carnavalesco de pulos, máscaras, sombrinhas, etc., podendo ser registrado como uma variante. Além disso, para fazer alusão ao Carnaval, esses dois participantes idosos usaram o sinal MÁSCARA para indicar o mês de fevereiro, uma possibilidade para essa construção pode estar na relação visual estabelecida entre a língua e o significado concreto do sinal em Libras. Esse contexto de ocorrências de variantes nos permitem a aproximação com as conclusões de Labov (1981) de que o uso de certas variantes pelos jovens significa uma mudança em progresso. No caso dos nossos dados, as variantes ocorridas com os idosos indicam que estão em prejuízo quando colocadas em relação com as utilizadas pelos jovens. No contexto da sociolinguística, a sinalização deste segundo grupo se constitui em nossos dados como sinal, sendo a sinalização do grupo dos idosos substituída pela da nova geração.

Quanto aos dados de Maceió, a partir dos registros efetuados, tivemos 9 variantes identificadas. O Quadro 61 contém as imagens que alimentaram as análises do mês FEVEREIRO e mostram as opções de sinalização dos participantes:

Quadro 61 - Sinalização FEVEREIRO em Maceió⁶⁸

Sinal	Variantes				
 00:43 MI1	 00:33 FJ1	 00:30 FJ3	 00:34 00:35 FJ6	 00:34 MJ1	 00:33 MJ3

⁶⁸ Consta no APÊNDICE E - 2 Sinalização FEVEREIRO em Maceió as imagens com todos os sinalizadores de Maceió e sua realização do sinal em tela.



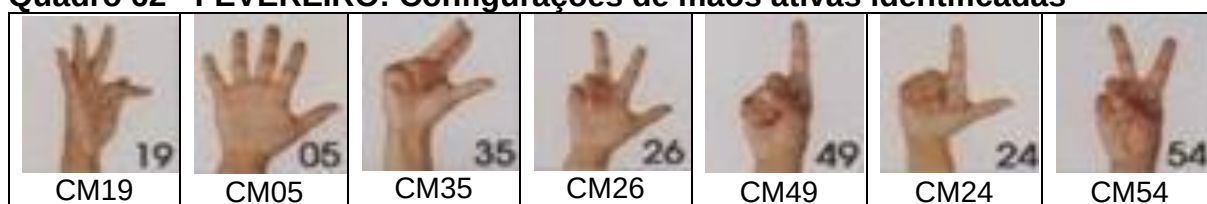
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Em relação às configurações de mãos, observamos que, de modo diferente de Fortaleza, em Maceió, as CM têm mais ocorrências de variação, não ficando restritas a CM19 e CM05. Assim, temos diferenças nas configurações observadas:

- FJ1 — CM05Ativa;
- FJ3 — CM35Ativa + CM26Ativa^CM26Ativa;
- FJ6 — CM19Ativa^CM49Ativa + CM26Ativa;
- MJ1 — CM26Ativa^CM49Ativa (sinalizador canhoto);
- MJ3 — CM26Ativa;
- MA2 — CM24Ativa;
- FI1 — CM24Ativa + CM19Ativa
- MI2 — CM19Ativa + CM24Ativa (sequência inversa a FI1);
- FI2 — CM54Ativa^CM54Ativa.

No Quadro 62 abaixo, temos as CM identificadas:

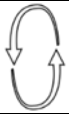
Quadro 62 - FEVEREIRO: Configurações de mãos ativas identificadas



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

O PA em todos os sinais foi o espaço neutro na frente e na altura do rosto dos sinalizadores, ocorrendo que, devido à mudança nas CM, o M realizado diferiu em vários sinais. Assim, vimos que a maior ocorrência de M foi do movimento médio semicircular e repetido, mas houve ocorrências com os movimentos registrados no Quadro 63:

Quadro 63 - FEVEREIRO: movimentos identificados

	movimento circular e repetido realizado por FJ1, FJ6, MJ1, MJ2, MJ3, FI1 com torcedura do pulso.
	movimento curto e repetido realizado por FJ3, FI2, MA1, MA3 e MI2.
	movimento retilíneo e curto realizado por MJ4 e MJ5.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

No caso da Or, esta dependeu da CM, PA e M, assim tivemos:

- FJ1 e MJ3 com a Or para dentro;
- FJ3, FJ6, MJ1, FI1, MA2 e MI2 com a Or para o lado;
- FI2 com a Or para frente.

Quanto a ENM, FEVEREIRO foi um léxico no qual alguns dos participantes realizaram o sinal também utilizando expressão facial e corporal. Registramos de que MA2 e MI2 utilizaram para a produção desse sinal o balançado com a cabeça para os lados.

Quando observamos aos dados querológicos de Maceió, temos diferenças na sinalização acontecidas nos grupos de sexo biológico e etários: jovens, adultos e idosos. Nesse contexto de ocorrências de variantes, podemos dialogar com Eckert (2000) para quem a variação advém também da significação social e estreita relação entre identidade e a língua. Talvez, por esta razão, entre os homens jovens tenham ocorrido menos variação que entre as mulheres de mesma faixa etária. No caso dos idosos, temos significativa quantidade de variantes nos dois grupos.

5.7.2 FEVEREIRO: variantes no nível lexical

Em Fortaleza, podemos dizer que o léxico FEVEREIRO é representado por diversas variantes regionais.

Estas variantes foram realizadas por FI5, FI6, MI1, MI5 e MI6 de modos diferentes. Descrevemos cada uma nomeando as variantes lexicais identificadas:

- FI5 usou a composição CM49Ativa^CM49Ativa que significa CARNAVAL + CM19Ativa, a letra F (FEVEREIRO), utilizando, assim, dois sinais para construção do léxico FEVEREIRO;

- FI6, com a CM05Ativa no PA em frente ao rosto, sinalizou MÁSCARA (sinalizadora canhota) como FEVEREIRO;
- MI1 realizou o sinal com a CM19Ativa (FEVEREIRO) e na sequência CM05Ativa (MÁSCARA) para o léxico FEVEREIRO;
- Por fim, MI5 sinalizou três variantes sinônimas: MÁSCARA, FEVEREIRO, CARNAVAL, o que pode ser pelo fato de ele conviver intensamente com pessoas surdas jovens e adultas.

Sobre as variantes lexicais acontecidas no grupo de Maceió, o sinal FEVEREIRO foi realizado com as seguintes variantes lexicais:

- MJ2, MJ3, MJ4, MJ5, MA2, MA4, MA6, FI1 com a configuração de mão em CM35Ativa (MÁSCARA) para FEVEREIRO;
- FJ1 sinalizou com a configuração de mão CM05 outra variante para MÁSCARA, usando esse sinal como léxico para FEVEREIRO;
- FJ3, utilizando as duas mãos em CM35Ativa^CM26Ativa + CM26Ativa, em frente ao rosto, realizou o sinal por incorporação e, assim, articulou CARNAVAL^MÁSCARA significando FEVEREIRO;
- FJ6 e MJ1, CM19Ativa, configuração em F + CM49Passiva, configuração de mão com dedo indicador aberto e mão fechada, sinalizaram a variante CARNAVAL como léxico para FEVEREIRO;
- FI2 utilizou outra forma para articulação do sinal CM54Ativa^CM54Ativa, duas mãos em V, variante comumente utilizada para CARNAVAL, constituindo outra variante para o léxico FEVEREIRO.

Nesse contexto de variações regionais, os dados apresentaram os seguintes resultados para as diferenças entre Fortaleza e Maceió:

FEVEREIRO, nas duas regiões tem vários sinais utilizados como seus sinônimos, são eles MÁSCARA, CARNAVAL, FREVO.

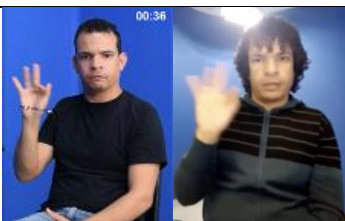
5.7.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – FEVEREIRO

O sinal FEVEREIRO, como signo para um mês do calendário anual, é comum ao conhecimento e sinalização de todos os surdos usuários da Libras. Nesse contexto, as variações extralinguísticas identificadas possibilitam aproximação com as reflexões

de Labov (1972), nos permitindo identificar uma tendência na comunidade surda das duas regiões de criar e usar sinais para FEVEREIRO, correlacionando-os com as festividades do carnaval.

Nesse sentido, acerca dos dados extralinguísticos, os registros nos mostram que a produção do mesmo sinal aconteceu tanto na primeira quanto na segunda entrevista com 5 participantes e Fortaleza e 3 de Maceió. Observamos no Quadro 64 que as ocorrências com este léxico nesse grupo se deram do seguinte modo:

Quadro 64 - Variante com F como CM no léxico FEVEREIRO em Fortaleza e Maceió

FORTALEZA		MACEIÓ	
MJ1		FJ5	
			
MJ6		FA2	
			
FA2		MA3	
			
MA3			
			
MI6			
			

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Em Fortaleza, MJ1, FA2, MA3, MI6, e em Maceió, FJ5, FA2, MA3 produziram FEVEREIRO com a mão direita (mão ativa) em F, CM19, na vertical, Or palma para frente, com M de girar o punho para a direita e esquerda 2 vezes. Esse léxico foi sinalizado com nuances ocorrências de variação no parâmetro M, quando observamos movimentos com pequenas diferenças de M entre os sinalizadores, apesar da manutenção da CM como parâmetro comum na formação do léxico. Esta variante realizada em F ocorreu mais em Fortaleza que em Maceió.

Apresentamos uma ocorrência específica realizada por FJ2 em Maceió. Veja o Quadro 65:

Quadro 65 - FEVEREIRO por FJ2 apenas em Maceió.



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

No registro da produção do léxico vemos que a participante não o repete nas duas entrevistas. Na primeira, à esquerda, ela utiliza apenas F para FEVEREIRO. Na segunda, à direita, ela faz o acréscimo da CM49 com a mão esquerda, realizando um sinal composto. Nossa hipótese é de que ela talvez utilize os dois modos, fazendo uma menção ao sinal MÊS como forma de desvinculação das festividades carnavalescas, por acontecer de o carnaval nem sempre acontecer em fevereiro, havendo a festa também em março. No entanto, como o carnaval é a grande referência para a construção do sinal FEVEREIRO, ela realizou um sinal composto pela inclusão do sinal MÊS, ficando FEVEREIRO^MÊS para o léxico FEVEREIRO.

No Quadro 66, temos as variantes produzidas em Fortaleza e Maceió por FI6, MJ4 e MA4:

Quadro 66 - Variante FEVEREIRO produzida em Fortaleza e Maceió por FI6, MJ4 e MA4

FORTALEZA	MACEIÓ
FI6	MJ4
	
	MA4
	

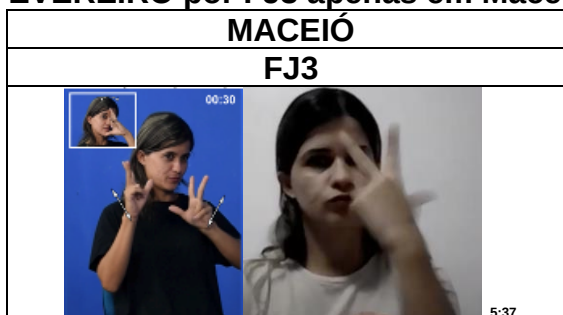
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A variante foi sinalizada do seguinte modo: mão ativa aberta na vertical, palma da mão virada para trás, dedos levemente curvados na frente do rosto, ponta do dedo médio tocando o centro da testa com movimento da mão de um lado para o outro.

Observamos, nos dados que Fortaleza e Maceió, que as duas regiões utilizam o sinal MÁSCARA a partir de CM diferentes e, assim, por léxicos diferentes, sinalizam o mês FEVEREIRO. Em Fortaleza, vimos que FI6, com a CM05, utilizou o mesmo léxico nas duas entrevistas. Por sua vez, em Maceió, MJ4 usou a CM26 e MA4 da CM25.

Em Fortaleza, FI6 utilizou o mesmo léxico formado a partir da CM05 nas duas entrevistas com a mão esquerda, sua mão ativa. Em Maceió, MJ4 e MA4 utilizaram também o mesmo léxico, mas com a CM26 e CM25, respectivamente. No caso do léxico em análise, o contexto é definidor do que o sinal representa, ou seja, o mês FEVEREIRO é significado a partir do substantivo MÁSCARA.

Quanto à sinalização de FJ3, participante de Maceió, ela utilizou uma variante com duas mãos na primeira entrevista e apenas uma mão na segunda. Vejamos sua sinalização no Quadro 67:

Quadro 67 - Variante FEVEREIRO por FJ3 apenas em Maceió.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Retoma-se na sinalização de FJ3 a diferença lexical entre Fortaleza e Maceió, ratificando que em Fortaleza não se usa as CM24, CM25 ou CM26, apesar de as três representarem FEVEREIRO, a partir da imagem do substantivo MÁSCARA. FJ3, por ser de Maceió, sinalizou com a CM26, ou seja, mão esquerda aberta na vertical, dedos separados, dedo mindinho e anelar abaixados; palma da mão direita virada para a esquerda, ponta do dedo polegar próximo ao queixo sem o tocar e ponta do dedo indicador próximo da testa sem a tocar, tremendo levemente a mão. Essa construção aconteceu nas duas entrevistas, no entanto, a complementação do sinal que conferimos na primeira imagem, originária da primeira entrevista, nos leva a hipótese de que esta não é obrigatória para construção do seu léxico, sendo utilizada ou não, a critério de sua vontade de sinalizar.

Quanto a MI3, este também usou diferentes produções do léxico nas duas entrevistas. Veja as imagens no Quadro 68, a seguir:

Quadro 68 - FEVEREIRO por de MI3 apenas em Fortaleza.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na primeira entrevista, para o léxico FEVEREIRO, MI3 utilizou apenas a CM em F como representação para o mês FEVEREIRO. Na segunda entrevista, utilizou um sinal composto, MÁSCARA^FEVEREIRO. Nossa hipótese é de que seu repertório contém as duas possibilidades e ele as usa a partir da vontade de sinalização, mas

que o uso do sinal composto não se constitui como uma construção obrigatória de sua sinalização.

Por sua vez, FA1 realizou dois sinais diferentes para o léxico em estudo. Na primeira entrevista o sinal foi produzido tomando a CM em F como parâmetro para a produção do sinal. Na segunda, não foi repetido o sinal, ela utilizou outro léxico construído pela CM25, base para mais essa variante do sinal MÁSCARA: mão direita (mão ativa) aberta na vertical, dedos separados, dedo mindinho, anelar e médio abaixados. PA na altura do rosto. Or palma da mão direita virada para a esquerda, ponta do dedo polegar próximo ao queixo sem tocá-lo. Ponta do dedo indicador próximo da testa sem tocá-la. Leve M de tremulação da mão. Observemos o Quadro 69 com suas duas sinalizações:

Quadro 69 - FEVEREIRO por FA1 apenas em Maceió.



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ao vermos as duas sinalizações de FA1, nossa hipótese é de que os dois modos de sinalizar são parte de seu repertório e ela faz uso naturalmente dos dois, mas que o léxico realizado no rosto é mais natural por não ter o empréstimo da língua portuguesa.

Na sinalização de FI5 foi identificada outra variante. Na primeira entrevista a participante usou um sinal composto para FEVEREIRO com a sequência CM19, mão em F, e depois CM49, dedo indicador levantado, demais dedos fechados. O sinal composto na primeira entrevista foi realizado na sequência: (1) Mão direita aberta na vertical, palma da mão virada para trás, dedos levemente curvados, na frente do rosto, ponta do dedo médio tocando o centro da testa e movimento da mão de um lado para o outro; (2) Mão direita em F, CM19, na vertical, girando o punho para a direita e esquerda duas vezes.

Na segunda entrevista, ela fez MÁSCARA com a CM05 e depois FEVEREIRO, CM19.

Observemos o Quadro 70 com as imagens das duas entrevistas:

Quadro 70 - Variantes de FEVEREIRO em FI5 apenas em Fortaleza

FORTALEZA		
FI5		
		

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Nossa hipótese para as duas sinalizações de FI5 é de que para o léxico FEVEREIRO ela utiliza a CM19, em F, permanentemente em seu repertório, mas que, do modo complementar, ela fez o acréscimo de outro sinal ao léxico FEVEREIRO, na primeira entrevista foi FREVO, na segunda, MÁSCARA. Assim, três foram os sinais que compuseram seu léxico FEVEREIRO.

Ainda no grupo de idosos de Fortaleza temos as variantes sinalizadas por MI1 e MI2. Confirmamos o Quadro 71 com suas imagens:

Quadro 71 - Variantes FEVEREIRO MI1 e MI2 apenas em Fortaleza.

FORTALEZA					
MI1			MI2		
					

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Observamos nas sinalizações de MI1 e MI2 uma inversão de sequência na construção do léxico. Temos as seguintes sinalizações para MI1, (1) Mão direita aberta na vertical, dedos separados, dedo mindinho e anelar abaixados. Palma da mão direita virada para a esquerda, ponta do dedo polegar próximo ao queixo sem tocar e ponta do dedo indicador próximo da testa sem tocar, tremendo levemente a mão. (2) Mão direita em F, CM19, na vertical, girando o punho para a direita e esquerda duas vezes; e para MI2, (1) Mão direita em F na vertical, girando o punho para a direita e esquerda duas vezes, (2) Mão direita aberta na vertical, dedos separados, dedo mindinho e anelar abaixados. Palma da mão direita virada para a esquerda, ponta do dedo polegar próximo ao queixo sem tocar e ponta do dedo indicador próximo da testa sem tocar, tremendo levemente a mão.

Nossa compreensão é de que as inversões podem significar que o léxico FEVEREIRO não está preso a uma ordem obrigatória de realização. Dessa maneira, é facultado a seus usuários a utilização de um conjunto de outros sinais para a composição do léxico, mas que, para eles, a sequência de utilização deste conjunto não é fechada nem fixa.

FJ6, ao produzir FEVEREIRO na primeira entrevista, realizou o sinal com uma sequência: 1) Mão direita aberta na vertical, dedos separados, dedo mindinho e anelar abaixados, CM26; palma da mão direita virada para a esquerda (sinalizadora destra), ponta do dedo polegar próximo ao queixo sem tocar e ponta do dedo indicador próximo da testa sem tocar, tremendo levemente a mão. 2) Mão direita em F, CM19, na vertical, girando o punho para a direita e esquerda 2 vezes. Na segunda entrevista, mudou as CM que dão origem ao sinal. Confirmamos o Quadro 72:

Quadro 72 - Variante FEVEREIRO FJ6 apenas em Fortaleza



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na segunda entrevista, FJ6 manteve a CM19, mão em F, mas alterou a segunda parte do sinal utilizando a CM05, mão aberta. Nossa hipótese é de que na segunda entrevista, via *Google meet*, houve influência do contexto de produção e da entrevistadora, uma vez que o sinal para MÁSCARA, em Maceió, não foi utilizado por nenhum dos participantes com a CM05. Assim, podemos considerar que esta ocorrência é fruto do contato entre as duas mulheres, configurando o compartilhamento regional como aspecto extralinguístico na construção do léxico de FJ6 na segunda entrevista.

Por fim, temos a produção da variante de FI1 que, na primeira entrevista, realizou a seguinte sequência para o sinal: Mão direita em F, CM19, na vertical, girando o punho para a direita e esquerda duas vezes e MÁSCARA em L. Na segunda, ela recorreu a uma CM diferente, CM26, apesar de as duas serem próximas. Observemos o Quadro 73 com as sinalizações de FI1:

Quadro 73 - Variante FEVEREIRO por FI1 apenas em Maceió.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A entrevistada usou na segunda sinalização para a pesquisa outro léxico para FEVEREIRO que, novamente, foi composto por dois sinais. A sequência de composição foi: a mesma CM19, em F, e, na sequência, o uso da CM26 (mão direita aberta na vertical, dedos separados, dedo mindinho e anelar abaixados), com a Or da palma da mão direita (mão ativa) virada para a esquerda, ponta do dedo polegar próximo ao queixo sem tocar e ponta do dedo indicador próximo da testa sem tocar, tremendo levemente a mão.

Nossa hipótese, nesse caso, é de que a CM19, em F, é fixa como raiz de seu léxico, no entanto, a sequência que o complementa não. Como na região de Maceió as duas CM são utilizadas pelos demais participantes, a ocorrência da variante parece ser parte do contexto sociolinguístico de influências extralinguísticas entre os membros da comunidade.

No contexto de identificação das variantes do léxico FEVEREIRO, a partir dos aspectos extralinguísticos que constituem o processo de produção de suas ocorrências, numa perspectiva de busca por variáveis, observamos que FEVEREIRO se trata de um léxico de grande diversidade de produção de variantes. Assim, a partir da compreensão laboviana de como funciona a Libras, concordamos com Alves (2020) quando coloca que:

Essa heterogeneidade linguística reflete a heterogeneidade social, uma vez que os estudos sociolinguísticos levam em conta que fatores extralinguísticos, a exemplo da diversidade e a complexidade da natureza social, econômica, cultural e política, que caracterizam a sociedade, operam sobre os processos de variação e a mudança linguísticas. Faraco (2017) apresenta que esse quadro social heterogêneo revela que a língua é falada diferentemente em cada grupo ou comunidade, ou seja, há dentro do sistema linguístico, de cada comunidade de falantes, uma acomodação da variabilidade. (ALVES, 2020, p. 53 e 54)

Nesse sentido, as várias ocorrências de variação ocorridas nas duas regiões, nem sempre com construções em comum entre os membros de cada região, nos levam à hipótese de que FEVEREIRO é um léxico flexível em quantidade de sinais na

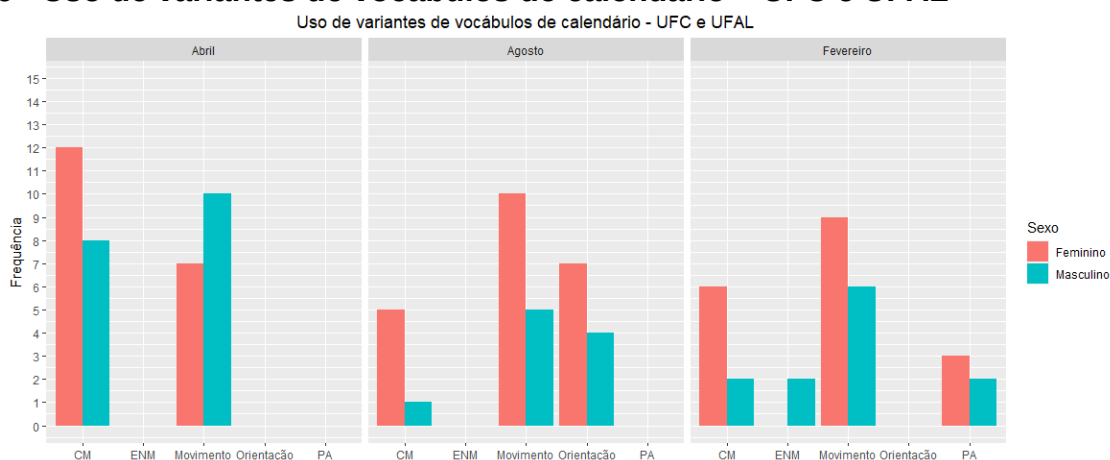
sua produção e na sequência dos mesmos. Dessa maneira, a acomodação das suas variantes parece ser parte constitutiva do sistema da Libras nas duas regiões investigadas.

5.8 Análise Quantitativa: Variações Querológica, Lexical e Regional do sinal ABRIL, AGOSTO e FEVEREIRO

Para lidarmos com o fenômeno da variação querológica e lexical do sinal ABRIL, AGOSTO e FEVEREIRO, em Fortaleza e Maceió, buscamos nos dados quantitativos a construção de relações, pois concordamos com Castro Junior (2014, p.67) de que a “heterogeneidade de fala [sinalização]⁶⁹ demonstra que cada comunidade possui características linguísticas que a distinguem das outras”. A seção a seguir contempla os dados quantitativos de ocorrências de variações identificadas.

Com relação ao GráficoR 6 com os dados quantitativos da variação querológica, observamos que:

GráficoR 6 - Uso de variantes de vocábulos de calendário – UFC e UFAL



Elaborado pela autora (2022)

A leitura da imagem do gráficoR nos permite ver que para o léxico ABRIL o grupo das mulheres realizou mais variações no parâmetro CM, tendo sido o M, o segundo aspecto querológico de maior variação nesse grupo. O grupo dos homens, por sua vez, realizou mais variações no querema M. Os parâmetros ENM, Or e PA não sofreram variação em nenhum dos grupos.

Em relação a AGOSTO, o gráficoR nos informa que a ENM e PA não foram parâmetros que sofreram variação pelos sinalizadores dos dois grupos. Por sua vez,

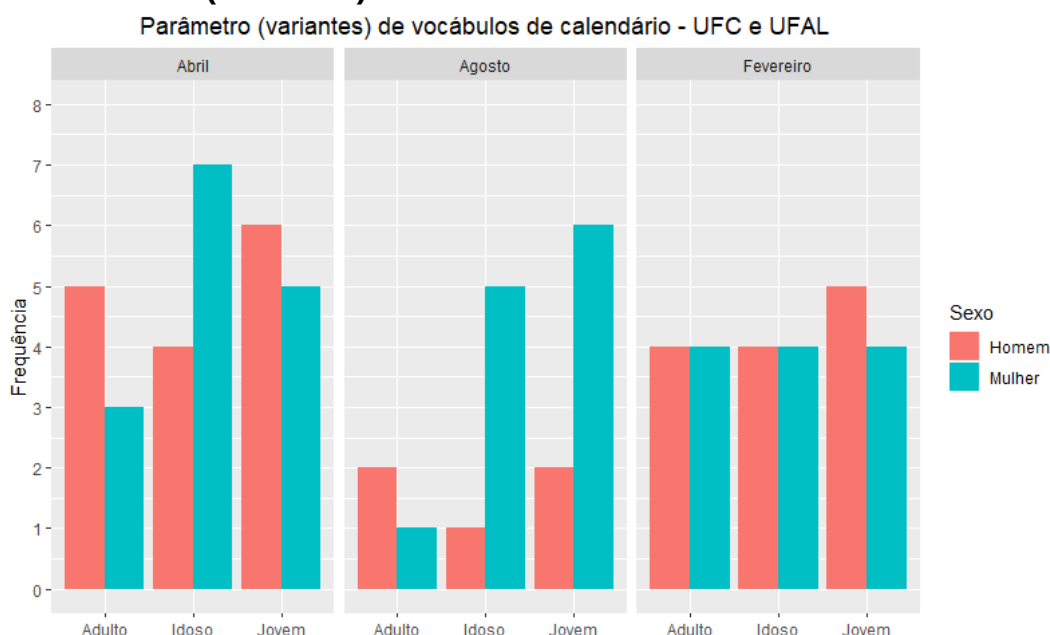
⁶⁹ Inserção nossa.

os parâmetros M, Or e CM, respectivamente, sofreram mais variação entre as mulheres. Em relação aos homens, as ocorrências de variação foram menores, tendo sido M, Or e CM, em sequência decrescente, os parâmetros que variaram entre os homens.

Na realização da variante FEVEREIRO, o parâmetro que não sofreu variação foi a Or. Entre as mulheres, M, CM e PA foram, respectivamente, os parâmetros com mais ocorrências de variação. No grupo dos homens, houve mais variação no parâmetro M, com os registros identificando a CM e PA com a mesma frequência de variações, e a ENM aparecendo como ocorrência, quando esta variação querológica não aconteceu entre as mulheres.

No GráficoR 7 pudemos observar as variantes ocorridas entre as faixas etárias:

GráficoR 7 - Parâmetro (variantes) de vocabulário de calendário – UFC e UFAL



Elaborado pela autora (2022)

Ao lermos o gráficoR relacionado ao mês ABRIL, o grupo etário onde observamos maior variação nos parâmetros formacionais foi o grupo de homens idosos, na sequência, o segundo grupo com mais ocorrência foi o dos jovens, estando entre os adultos a menor quantidade de ocorrências. Diferentemente, entre as mulheres, está no grupo das jovens a maior quantidade variações na composição de seus sinais, na sequência estão as adultas e, por fim, com menos variações em seus sinais, estão as idosas.

Sobre as mudanças querológicas identificadas, o Quadro 74, a seguir, contém a quantificação das informações de como cada grupo etário variou as CM:

Quadro 74 - Variantes ABRIL nos grupos etários

Grupo etário	CM utilizadas	UFC	UFAL
Jovem	CM69 ou CM47	1	6
	CM67^CM24	2	0
Adulto	CM69 ou CM47	9	4
Idoso	CM69 ou CM47	7	2
	A-B-R-I-L	2	0
	CM69+CM05	1	0

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ao lermos o quadro vemos que, em Fortaleza, o grupo de maior quantidade de ocorrências foi dos adultos. Na sequência, os idosos e, por fim, com menos variações, os jovens. Em Maceió, as quantidades de variação do léxico ABRIL indicam que houve menos ocorrências nessa região, estando a maior quantidade de variações no grupo dos jovens, depois, adultos e, por fim, no dos idosos.

Em relação ao mês AGOSTO, a classificação etária informa que esteve entre os homens jovens a maior frequência de variações. Na sequência, as ocorrências de variação aconteceu entre os idosos, tendo sido menor entre os homens adultos.

Foi observado estar entre as mulheres jovens e adultas a maior quantidade de ocorrência de variantes, sendo menor o número de variantes entre as mulheres idosas.

Na análise de AGOSTO observamos que as pessoas do grupo dos idosos realizaram três diferentes variantes lexicais, enquanto o grupo de adultos e jovens utilizou apenas um léxico. Em Maceió, 04 participantes jovens utilizaram para a construção do léxico as CM A-G, CM47^CM50, mas também outra forma de CM que foi a CM47, que é diferente da CM67, sendo esta última configuração mais utilizada, ou seja, o uso do A foi mais comum na produção desse léxico. O Quadro 75, abaixo, temos as variantes no parâmetro CM quantificadas:

Quadro 75 - Quantidades CM para AGOSTO

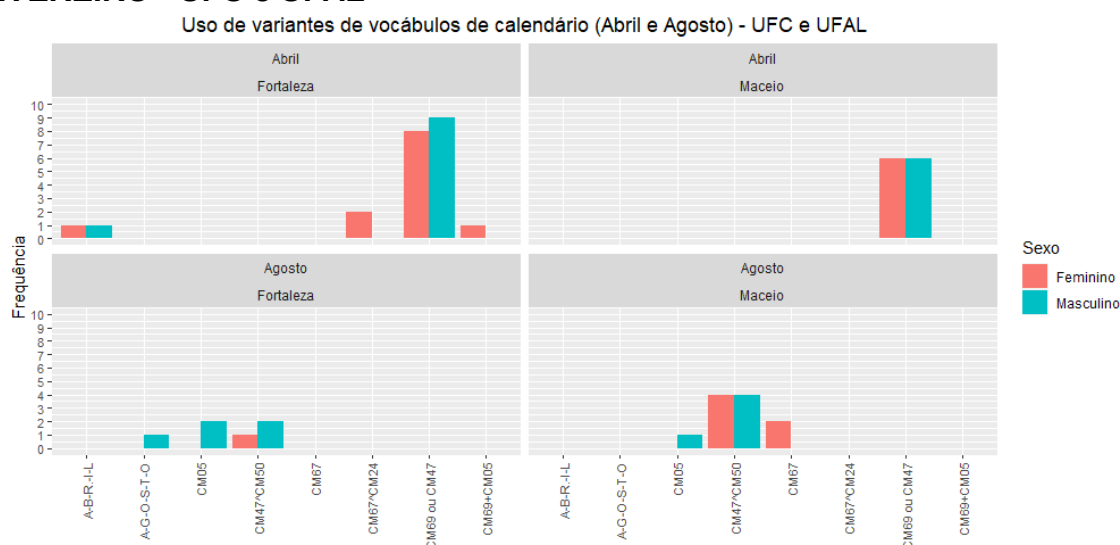
Faixa etária	CM	Fortaleza	Maceió
Jovem	CM47^CM50	1	4
	CM67	0	1
Adulto	CM47^CM50	2	3
Idoso	CM47^CM50	0	1
	CM05	2	1
	A-G-O-S-T-O	1	0
	CM67	0	1

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Para o mês FEVEREIRO, a leitura do gráficoR nos informa que entre as mulheres jovens ocorreu de elas utilizarem mais variantes que os outros grupos. Os demais participantes utilizaram o mesmo sinal, ou seja, o sinal.

Para lermos os dados com relação às variações lexical e regional, temos no GráficoR 8 a seguinte possível leitura:

GráficoR 8 - Uso de variantes de vocábulos de calendário (ABRIL, AGOSTO e FEVEREIRO - UFC e UFAL



Elaborado pela autora (2022)

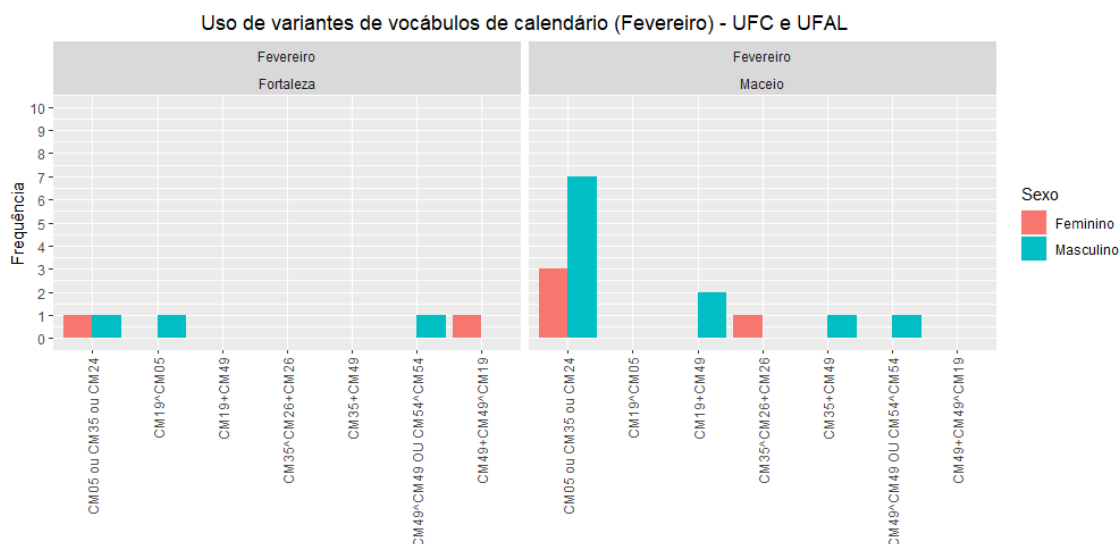
As variantes lexicais para o mês ABRIL, observáveis no gráficoR acima, mostram que 09 participantes do sexo masculino e 08 do feminino, de Fortaleza, realizaram o sinal com variação nas CM69 e CM47. Sobre Maceió, a imagem nos informa que 06 participantes do sexo masculino e 06 do feminino sinalizaram com variação nas referidas CM. Tanto os surdos de Fortaleza quanto os de Maceió utilizaram a variante realizada com o querema CM em A, tornando esta a CM para o sinal, ou seja, a CM mais comum na construção do léxico. Ocorrências de variantes se deram com o uso da CM67, CM69 ou CM47, acontecendo apenas no grupo de Fortaleza a utilização de soletração.

Em relação ao mês AGOSTO, no *corpus* construído com a comunidade de Fortaleza, o grupo masculino utilizou três variantes lexicais, com mais usuários realizando o sinal com a CM nas letras A-G, CM67, e CM50, com um idoso recorrendo ao sinal soletrado. Semelhantemente, esta variante se apresentou também em Maceió, pelo uso da inicial A, CM67, mas sem a inclusão da letra G.

Alguns sujeitos usaram outros repertórios paramétricos para o léxico. Assim, tanto em Fortaleza quanto em Maceió, homens idosos utilizaram a CM05 e também a CM47^CM50 com pequenas mudanças nas CM, com as letras A-G.

Sobre FEVEREIRO, o Gráfico 9 nos informa:

Gráfico 9 - Uso de variantes de vocábulos de calendário (FEVEREIRO) – UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Em Fortaleza houve identificação de mais variantes para FEVEREIRO entre os homens que entre as mulheres, foram três tipos de variações de CM para os homens, enquanto para as mulheres foram dois.

Acerca das ocorrências para FEVEREIRO representado pelo sinal MÁSCARA, com as CM05 ou CM35, ou CM24, esta aconteceu entre homens e mulheres na mesma quantidade.

Ocorreu de o grupo dos homens utilizar o sinal CARNAVAL, CM49^CM49 OU CM54^CM54, para FEVEREIRO, enquanto entre as mulheres houve a ocorrência de FEVEREIRO como sinal composto: CARNAVAL^FEVEREIRO, CM49+CM49^CM19, realizado por FI5.

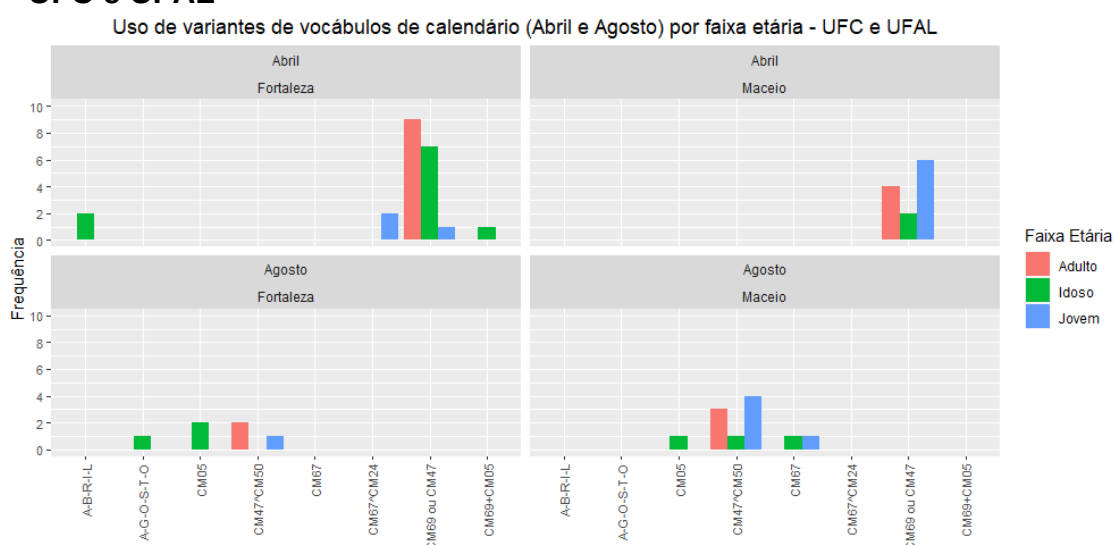
Ainda em Fortaleza, 33 participantes realizaram o sinal com a mão na configuração da letra F, CM19, em um sinal composto que utiliza como raiz os sinais FEVEREIRO e MÁSCARA, não sendo relevante a sequência das CM para a produção de FEVEREIRO. Desse modo, temos indícios de que os sinais raiz são repetidos em sinalizações de léxico composto ou como único sinal representativo do mês.

Em Maceió, o grupo utilizou de variantes com configurações de mãos não relacionadas a empréstimos da língua portuguesa para o léxico FEVEREIRO. Assim,

nessa região, aconteceu de sinalizarem MÁSCARA, com as configurações de mãos CM05, CM35 e CM24. Três outras variações lexicais ocorreram, como foi o caso de MÁSCARA^CARNAVAL, CM35^CM26+CM26, com pouca mudança na CM para CARNAVAL com as duas mãos, como, por exemplo, com a CM49+CM49 e CM26+CM26 que constroem o sinal FEVEREIRO^CARNAVAL ou só com uma mão CM19+CM49, MÁSCARA+CARNAVAL, CM35+CM49.

No estudo das variações, observando as faixas etárias, o GráficoR 10, informa que:

GráficoR 10 - Variantes de vocábulos de calendário (FEVEREIRO) por faixa etária – UFC e UFAL



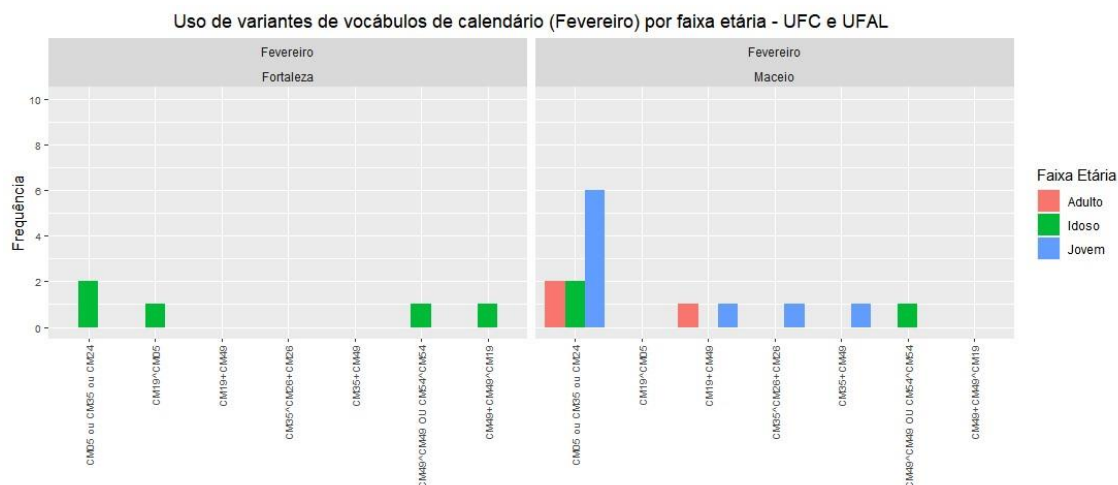
Elaborado pela autora (2022)

Em Fortaleza, apenas as pessoas idosas, dos dois sexos, utilizaram a soletração A-B-R-I-L.

Sobre o grupo das mulheres idosas, houve ocorrência de utilização do léxico composto por CM69+CM05, significando com esse sinal que o pescoço está laçado por algo que é puxado para cima com mão ativa em CM69 e a mão passiva, na CM05, sustentando o corpo. A ENM foi de enforcada. Também, na citada região, aconteceu variação da CM69 e CM47, além de ter acontecido entre as jovens a utilização das CM67^CM24 com M de puxar algo que está laçado no pescoço, terminando o sinal com M de abrir os dedos polegar e indicador formando a letra L.

Em relação a FEVEREIRO, em Fortaleza houve ocorrência de variantes apenas entre os idosos. Não foram identificadas variações entre as faixa etárias dos adultos e jovens. De outro modo, em Maceió, foi entre os jovens onde ocorreu variações com maior frequência. Vejamos o GráficoR 11:

GráficoR 11 - Variantes de vocábulos (FEVEREIRO) por faixa etária – UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A leitura do gráficoR permite inferirmos que entre os idosos houve mais frequência de variações em FEVEREIRO que entre os outros grupos, principalmente em Fortaleza, onde não houve ocorrências de variação nos grupos de jovens e adultos. Em Maceió, o grupo dos adultos foi o que menos apresentou frequência de variações, estando entre os jovens a apresentação de quatro variantes.

O Quadro 76 corrobora com os dados numéricos a informação de como os grupos, por idade, utilizaram o sinal FEVEREIRO:

Quadro 76 - Variantes FEVEREIRO nos grupos etários

Grupos etários	Variantes a partir da CM	UFC	UFAL
Jovem	CM05 ou CM35 ou CM24	0	6
	CM35^CM26+CM26	0	1
	CM19+CM49	0	1
	CM35+CM49	0	1
Adulto	CM05 ou CM35 ou CM24	0	2
	CM19+CM49	0	1
Idoso	CM49+CM49^CM19	1	0
	CM05 ou CM35 ou CM24	2	2
	CM19^CM05	1	0
	CM49+CM49 OU CM54^CM54	1	1

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

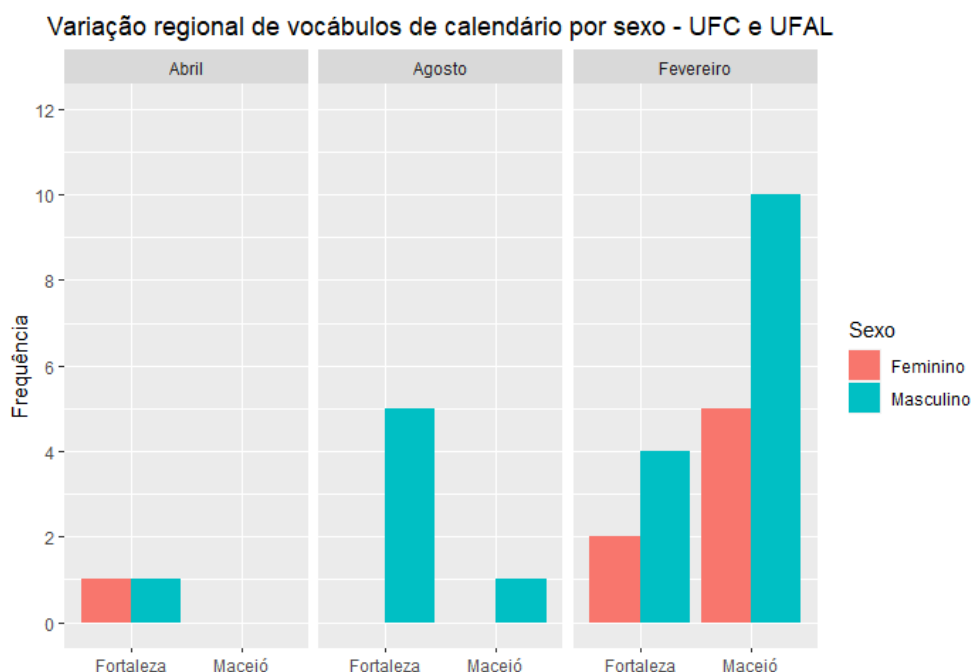
Observamos, no quadro acima, que houve uma grande variação de CM nas duas regiões, mas apenas o léxico composto pelas configurações de mãos em CM05,

CM35, CM24 é compartilhado entre as duas regiões, sendo que esse compartilhamento ocorreu entre os grupos dos idosos.

AGOSTO

Na sequência, GráficoR 12, podemos fazer a leitura das variantes regionais do sinal ABRIL, AGOSTO e FEVEREIRO nas categorias de sexo:

GráficoR 12 - Variação regional de acordo com o sexo biológico homem e mulher.



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ao compararmos os dados de Fortaleza e Maceió vemos, nos dois grupos, a utilização do sinal ABRIL como resultado de uma produção atrelada a uma sinalização mais próxima dos aspectos icônicos da língua, uma vez que 35 dos 36 participantes realizaram um sinal com a reprodução do enforcamento de Tiradentes. Apesar de esta ser a imagem construída pelo sinal, é possível que os usuários, talvez, nem façam essa associação em seu cotidiano ou tenham consciência da relação história do sinal com o mês. A ocorrência de variantes se deu em 1 sinalizador idoso que fez o sinal em duas partes: ENFORCAMENTO+A-B-R-I-L. Este foi computado único entre os 35. Nesse contexto de variação, 1 sinalizadora idosa utilizou apenas a soletração A-B-R-I-L, sinalização que é um empréstimo da língua portuguesa, foi computada em separado como variante. As duas ocorrências foram de pessoas residentes na região de Fortaleza.

Assim, no contexto teórico desta pesquisa, refletimos também acerca do processo de nativização do português na Língua Brasileira de Sinais e observamos a

presença do escopo datilológico e concordamos com Neto, Silva e Leite (2021) ao colocarem que:

Acerca dos modelos de descrição do sistema datilológico, podemos afirmar, a partir de uma releitura dos conceitos de empréstimo lexicalizado e neutro, que o modelo descritivo de estrutura datilológica letra-por-letra sustenta a ideia de soletração neutra, no sentido de que não enxerga traços sistêmicos no uso soletrado, ao passo que o modelo da evidência virtual dá suporte ao que se denomina por soletração lexicalizada. E, além disso, dá suporte a qualquer tomada de empréstimo, tendo em vista que a ideia de empréstimo lexicalizado, aceita a possibilidade de nativização ao afirmar que alguns influxos se tornam parte do léxico da língua. Em outras palavras, significa dizer que o sistema está preparado à recepção e, principalmente, à acomodação do termo alógeno. (p. 26)

Assim, ao sinalizar a partir da Língua Portuguesa, o usuário surdo transfere a base auditiva da língua de onde advém o empréstimo e a torna visual. Uma vez que:

Esse processo é capaz de gerar evidência visual, abandonando os vestígios de sonoridade e tornando a soletração estruturalmente semelhante aos sinais que compõem o fundo léxico comum da língua em questão. Contudo, ratificamos que a evidência e a estrutura de composição do sinal, são aspectos que ainda precisam ser aprofundados. (NETO, SILVA E LEITE, 2021, p. 26)

Observamos, desse modo, que as ocorrências se inserem na Libras a partir da acomodação na construção visual que sustenta a existência dos surdos.

Quanto a AGOSTO, ao compararmos os dados de Fortaleza e Maceió, as principais diferenças estão no sinal utilizado nos grupos dos homens da primeira cidade, consistindo em uma variação regional, mais próxima de um dialeto acontecido em Fortaleza.

Nesse contexto de produção dos sinais, concordamos com Machado (2016), ao citar Dubois (1997, p. 329- 330) colocando que:

A noção de idioleto acentua certos caracteres particulares dos problemas da geografia lingüística: todo 'corpus' de falares, dialetos ou línguas só é representativo na medida em que emana de locutores suficientemente diversificados; mas é, pelo menos no início, sobre bases não lingüísticas que são escolhidos esses locutores e os enunciados que eles produzem. Mesmo se o pesquisador levanta, para um dado falar, enunciados em número suficiente de todos os locutores encontrados na área estudada, ele postula implicitamente que esses locutores têm o mesmo falar. A noção de idioleto implica, ao contrário, que há variação não somente de um país a outro, de uma região a outra, de uma aldeia a outra, de uma classe social a outra, mas também de uma pessoa a outra. (MACHADO, 2016, p. 83)

Assim, a identificação de idioletos nas sinalizações de surdos participantes nos apresentou as singularidades de cada sinalizante em sua relação com o léxico da Libras.

No tocante a FEVEREIRO, a comparação dos dados de Fortaleza e Maceió nos mostra que a variação regional está representada na diferença dos sinais nos grupos de homens e mulheres, pois foi observado que há mais ocorrência de variação regional em Maceió do que em Fortaleza, apesar de neste grupo também existir variantes para o léxico.

5.9 Análise das variantes para CUNHAD@ identificadas em Fortaleza e Maceió

Do léxico que representa os membros do grupo familiar, CUNHAD@ foi o último sinal por nós estudado nessa pesquisa que busca a identificação e descrição querológica e lexical de sinais do cotidiano de surdos em Fortaleza e Maceió.

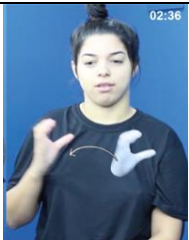
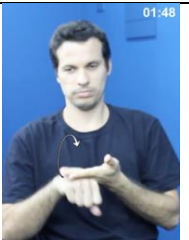
A seção segue com a descrição dos elementos querológicos e lexicais que compõe este sinal, além dos dados quantitativos identificados neste trabalho.

5.9.1 CUNHAD@ variantes no nível querológico

Por estar no conjunto dos sinais do cotidiano de todos os surdos, CUNHAD@ é um sinal conhecido e utilizado independente do sexo biológico e da idade, aspectos da diversidade dos grupos sociais estudados pela sociolinguística e escolhidos para serem vistos em funcionamento nesta pesquisa.

Os registros de imagens ilustram os sinais realizados pelos participantes de Fortaleza. O Quadro 77 apresenta uma amostra do sinal e das variantes identificadas.

Quadro 77 - Sinalização CUNHAD@ em Fortaleza⁷⁰

Sinal	Variantes		
 FA1	 FJ4	 MJ6	 MA2

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

⁷⁰ Consta no APÊNDICE F - 1 Sinalização CUNHAD@ em Fortaleza as imagens com todos os sinalizadores de Fortaleza e sua realização do sinal em tela.

O sinal realizado por FA1 se constitui da CM02ativa+CM02passiva. As amostras de ocorrências de variantes foram realizadas por:

- FJ4 - CM12Ativa;
- MJ6 – CM02Ativa +AM03Passiva;
- MA2 – CM02Ativa+CM69Passiva. Observamos que a CM02ativa de MA2 foi a esquerda, uma vez que o mesmo é canhoto.

No Quadro 78 a seguir, destacamos as CM utilizadas para o léxico em estudo:

Quadro 78 - CUNHAD@: configurações de mãos ativas identificadas.

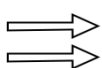


Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Com relação ao PA, todos os participantes sinalizaram no espaço neutro na altura do abdômen ou peito.

Quanto ao parâmetro M, foram observados quatro tipos diferentes, movimento único e longo, movimento circular, curto e repetido, movimento retilíneo para esquerda ou direita, a depender da mão ativa do sinalizador e movimento retilíneo duplo, também dependente desta mão. Observemos o Quadro 79:

Quadro 79 - CUNHAD@: movimentos identificados

	movimento único e longo utilizado por FJ4, MI2, MI5.
	movimento circular, curto, repetido e alternado, utilizado por 19 dos participantes: FJ2, FJ3, FJ5, FJ6, MJ1, MJ2, MJ3, MJ4, MJ5, FA1, FA5, FA6, MA2, FI4, FI5, MI1, MI2, MI3 e MI5.
	movimento retilíneo para esquerda ou para direita em direção ao dorso da mão foi utilizado por FI4.
	movimento retilíneo duplo, utilizado por FI6.

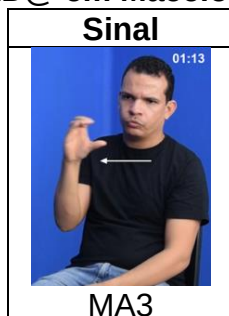
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A Or dependeu dos parâmetros CM e M realizados. Para os sinalizadores da CM02Ativa e CM03Ativa a orientação iniciou-se com a palma para baixo e término para cima. Para a sinalização com a CM12Ativa, a Or foi esquerda ou direita, a depender da mão ativa do sinalizador.

Deste modo, a identificação das variantes de uso da mão direita ou esquerda advindas nos grupos de sexo biológico e etário foram consideradas apenas com aspecto singular das línguas de sinais.

Em Maceió, houve apenas sinalização de uma variante. O Quadro 80 apresenta as imagens ilustrativas do sinal CUNHAD@ para análise dos dados referentes ao grupo de sinalizadores dessa região:

Quadro 80 - Sinalização CUNHAD@ em Maceió⁷¹



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

O sinal representado por MA3 foi realizado com a CM12Ativa. Não havendo registro de ocorrência de variantes para o léxico na região.

O Quadro 81, abaixo, apresenta a referida CM:

Quadro 81 - CUNHAD@: configuração de mão ativa identificada



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

O PA para todos os sinalizadores foi o espaço neutro em frente ao abdômen ou peito do sinalizador.

Com relação ao parâmetro M, todos os participantes utilizaram o movimento retilíneo. A direção foi para a direita do sinalizador, nenhum participante sinalizou com a mão esquerda. Vejamos o Quadro 82, a seguir, com o movimento utilizado:

⁷¹ Consta no APÊNDICE F - 2 Sinalização CUNHAD@ em Maceió as imagens com todos os sinalizadores de Maceió e sua realização do sinal em tela.

Quadro 82 - CUNHAD@: movimento identificado

	movimento retilíneo para esquerda ou para direita.
---	--

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A Or foi para a esquerda, a mão ativa de todos os participantes foi a direita.

Não ocorreu nenhuma outra variante, permitindo a inferência de que o sinal é o único utilizado na região.

5.9.2 CUNHAD@: variantes no nível lexical

Em Fortaleza, como visto nos registros de FI4, MI2, MI5 (anexo 6.b), houve duas variantes lexicais, uma com as duas mãos e CM02Ativa e outra, usada mais pelos sujeitos idosos, com uma mão em CM12Ativa. A utilização de dois sinais para CUNHAD@, na região, pode estar vinculada a diferença etária: os jovens e adultos realizaram a variante sinalizada com a CM02Ativa+CM02Passiva, com PA no espaço neutro na altura do peito do sinalizador e movimento da mão ativa iniciado com a Or da mão para baixo e concluída com a palma para cima; os idosos realizaram o sinal com a mão ativa na CM12 em “C”, PA no espaço neutro na altura do peito do sinalizador e movimento da mão ativa iniciado com a Or da mão para a direita ou esquerda a depender de o sinalizador ser destro, ou canhoto.

Quanto a ocorrência de variação na região de Maceió, não houve identificação deste fato. Colocamos em comparação as sinalizações das duas regiões, observando a presença de dois sinais para CUNHAD@ em Fortaleza, o sinal com as CM02Ativa+CM02Passiva, e uma variante, realizada com CM12, mão em “C”. O indício conclusivo sobre variantes em Maceió é de que há sinalização apenas do sinal, não havendo na região distinção de sinalização por sexo ou por idade.

5.9.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – CUNHAD@

CUNHAD@ é o último sinal do conjunto lexical relacionado à família. Acerca dos modos de sinalização dos participantes de Fortaleza, a entrevista alimentou os dados extralinguísticos e o Quadro 83, a seguir, nos informando que a variante CM02Ativa^CM02Passiva aconteceu apenas em Fortaleza. Vejamos o quadro:

Quadro 83 - Variante CUNHAD@ apenas em Fortaleza

FORTALEZA			
MJ1		MJ6	
			
MA3 ⁷²		FI5	
			

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A observação das entrevistas nos apresenta uma variante que se altera de modo mínimo em dois parâmetros, a CM e a Or. Acerca da CM, vemos a substituição da CM02 pela CM03 em MJ6. E quanto a Or, MJ1 e MJ6 mantém a Or para frente nas duas entrevistas. Por sua vez, FI5 têm uma troca de Or colocando a palma para frente. Não temos a primeira entrevista de MA3, mas o registro feito nos serve de comprovação de que a variante padrão em Fortaleza é essa.

Uma breve descrição do léxico apresenta a mão esquerda aberta na vertical (sinalizador destro), palma para a frente, mão direita aberta na horizontal, palma da mão para a frente, tocou o dorso da mão esquerda, depois virou e tocou o dorso da mão direita no dorso da esquerda.

Ainda no contexto de produção lexical com variante identificada apenas em Fortaleza, o Quadro 84 apresenta as sinalizações de MJ6 e MI6:

Quadro 84 - Variante CUNHAD@ por MJ6 e MI6 em Fortaleza

FORTALEZA			
MJ6		MI6	
			

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

⁷²Com relação a MA3, ocorreu de a imagem dela no *corpus* do INDLIBRAS não ter sido capturada pela coordenação da pesquisa. Em todos os outros vocabulários ela está presente. Sua ausência não compromete a análise dos dados.

Identificamos, no léxico em tela, sua constituição com a mão esquerda em S (sinalizador destro) palma para baixo, a mão direita aberta, palma da mão para frente, tocando o dorso da mão esquerda, depois virando e tocando o dorso da mão direita no dorso da esquerda. A sinalização dos dois participantes não se alterou em nenhuma das duas entrevistas, tendo sido mantida a CM da mão passiva em S.

Por sua vez, na primeira entrevista, MI1 sinalizou com a mão passiva a CM03, mas, na segunda, com CM em S. Observemos o Quadro 85:

Quadro 85 - CUNHAD@ por MI1 em Fortaleza



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ao observarmos esse comportamento da construção lexical, tendo na mão passiva a manutenção da CM03 em vários participantes, mas não em todos, uma vez que MI1 fez alteração na mão passiva, podemos considerar essas pequenas mudanças queréticas como um comportamento do léxico que tem na mão passiva função de apoio para a sinalização.

Em relação à sinalização de FI6, temos no Quadro 86 o seguinte:

Quadro 86 - Variante CUNHAD@ por FI6 em Fortaleza



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Foram duas as variantes sinalizadas por FI6. A primeira, com a mão em C à frente do peito da sinalizadora, realizando movimento do meio do corpo para a extremidade esquerda (sinalizadora canhota), palma voltada para direita. E outro léxico produzido com a mão direita em M, passando no centro da testa de baixo para cima duas vezes. Acerca deste segundo sinal, a participante disse que antigamente

ele foi utilizado como representante para CUNHAD@. Na atualidade, é conhecido para designação de MADRINH@/PADRINH@ ou AFILHAD@.

Ainda analisando as variantes de Fortaleza, MI2 e MI3 apresentam mais duas ocorrências. Observemos o Quadro 87, a seguir:

Quadro 87 - Variantes CUNHAD@ por MI2 e MI3 em Fortaleza

FORTALEZA					
MI2			MI3		
					
8:35			14:26 e 14:43		

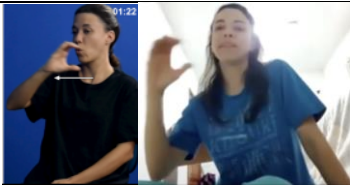
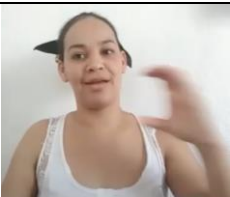
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Nas entrevistas de MI2 e MI3 temos as sinalizações das duas variantes anteriormente identificadas entre os participantes da região. Este dado nos informa que em Fortaleza existe uma aceitação dos dois modos de designação para representação deste parentesco. Assim, CUNHAD@ pode ser utilizado: (1) com a mão direita na vertical em C, palma da mão virada para frente na altura no peito, movimento é único da esquerda para a direita (sinalizador destro). (2) com a mão ativa no PA altura do peito do sinalizador, CM02 ou CM03, com a palma para baixo sobre a mão passiva em CM02 ou CM03, M de virar a palma da mão ativa para cima.

Uma identificação no *corpus*, nas duas entrevistas, foi de que existem duas formas lexicais para CUNHAD@ entre os idosos. Estas variantes que não se repete entre jovens e adultos, pois estes utilizaram apenas um léxico. Acerca dos aspectos geracionais presentes nas variações de Fortaleza dialogamos com Labov (1972), considerando a diferença de utilização lexical relevante, por ser geracional. Ou seja, as novas gerações adotaram um léxico específico, dependendo deles a presença ou apagamento da variante diferente utilizada pelos idosos.

Quanto a Maceió, o Quadro 88 nos informa que:

Quadro 88 - Variantes CUNHAD@ Maceió⁷³

MACEIÓ	
FJ2	FJ3
	
FJ5	FJ6
	
MJ4	FA1
	
FA2	MA3
	
MA4	FI1
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Não houve, em Maceió, nenhuma sinalização que recorresse às mãos ativa e passiva no sinal. Todas as sinalizações foram apenas com uma mão, ou seja, a mão em C com palma da mão virada para a esquerda ou para frente na altura no peito e movimento único da esquerda para a direita (sinalizador destro). Acerca das entrevistas, FJ6 e MA3 são os dois únicos sinalizadores que temos registros de suas produções do léxico nas duas entrevistas. Em relação aos demais, temos apenas a segunda entrevista.

⁷³ Consideramos algumas ausências dos participantes como aspectos que se constituem como limites da pesquisa, uma vez que nem todos os sinais selecionados para a pesquisa tiveram todos os participantes sinalizando-os. Em Maceió, CUNHAD@ é um desses casos em que mais participantes estiveram na segunda entrevista que na primeira.

Sobre o aspecto de variação identificado pelo uso exclusivo de apenas uma variante, configuramos o léxico com variante regional, uma vez que as produções são muito específicas desta região. E como na região o sinal é o mesmo independente da faixa etária, não havendo razões para considerar possibilidade de desuso da variante pela não aceitação do léxico pelas novas gerações.

5.10 Análise das variantes para MÃE identificadas em Fortaleza e Maceió

O segundo sinal do grupo lexical família que tivemos em vista identificar as variações querológicas e lexicais foi MÃE. Renovamos a informação de que a escolha destes sinais se deu por sua presença no cotidiano de todos os surdos sinalizadores. As seções, a seguir, descrevem as descobertas de nossa pesquisa.

5.10.1 MÃE: variantes no nível querológico

O estudo querológico de léxicos vinculados aos membros da família é um dos mais realizados na área da sociolinguística da Libras (SILVA, 2015). Nos reportamos, aqui, ao artigo “Variação sociolinguística na língua brasileira de sinais: o caso dos sinais mãe e pai em Florianópolis” (SILVA, 2015), e sua descrição das ocorrências de variação dos sinais MÃE e PAI naquela região. Em nosso referencial teórico fizemos esse registro realizando a descrição querológica do sinal MÃE.

Por nossa vez, temos sob nosso foco as regiões de Fortaleza e Maceió e as variações acontecidas nas sinalizações de surdos nelas residentes.

Os dados que ilustram nossos registros das variações no nível do querema, para o sinal MÃE, estão no Quadro 89, abaixo:

Quadro 89 - Sinalização MÃE em Fortaleza⁷⁴

Sinal	Variantes		
 MA5	 FA2	 MI4	 MI5

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

⁷⁴ Consta no APÊNDICE G - 1 Sinalização MÃE em Fortaleza as imagens com todos os sinalizadores de Fortaleza e sua realização do sinal em tela.

Na primeira imagem, à esquerda, utilizada como amostra do sinal observado na região, MA2 utilizou uma sequência de duas CM para o léxico: CM68Ativa^CM69Ativa. As variantes observadas se repetiram em alguns participantes, por isso, à direita, trouxemos a sequência das três imagens FA2, MI4 e MI5, como exemplos das variações ocorridas. As CM utilizadas foram:

- FA2 — CM68Ativa^CM69Ativa + CM78Ativa^CM71Ativa;
- MI4 — CM69Ativa;
- MI5 — CM68Ativa^CM69Ativa + CM78Ativa ^CM67Ativa^CM71Ativa.

O Quadro 90 contém as CM utilizadas:

Quadro 90 - MÃE: configurações de mãos ativas identificadas



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

O PA, como segundo parâmetro construtor do sinal, foi utilizado de modo diferente a partir da CM. Assim, para as CM68Ativa^CM69Ativa, os PA foram bochecha e queixo, respectivamente. No caso das CM68Ativa^CM69Ativa + CM78Ativa^CM71Ativa, realizadas por FA2, inicialmente, o PA foi bochecha e queixo e, depois, para a sequência em forma de sinal soletrado, foi o espaço neutro a frente da sinalizadora. FA2 realizou a contração M-E, do sinal soletrado M-Ã-E. Para a CM69, foi o queixo e, por fim, para CM68Ativa^CM69Ativa+CM78Ativa^CM67Ativa^CM71Ativa, o PA foi bochecha e queixo e, na sequência, o espaço neutro a frente do sinalizador.

Observemos que MÃE é mais um sinal que pode ser realizado por meio de um léxico constituído pelo núcleo visual-gestual-espacial da Libras, mas também de soletração por empréstimo do alfabeto manual. Nesse contexto produtivo, Santos (2017) apresenta em sua pesquisa uma representação do léxico da Libras a partir de Quadros e Karnopp (2004). Na referida representação, círculos se sobrepõem como camadas de cebola que têm em seu centro, o núcleo da Libras; na segunda camada, o léxico nativo com os classificadores; na terceira camada, a soletração manual; e, por fim, na camada mais externa, o léxico não nativo.

Assim, no processo evolutivo da língua, sinais, os sinais ou a datilologia que compõe o léxico não nativo podem passar por transformações que os aproximam do núcleo da língua, este é o caso de alguns sinais soletrados. Ainda de acordo com Santos (2017), a autora Padden (1983), ao estudar este aspecto na ASL, disse que esse processo de nativização é parte constitutiva dos processos naturais das línguas. Nas palavras de Santos (2017) “A autora argumenta que existem graus de nativização e variação conforme a acomodação dos itens lexicais às restrições articulatórias, de modo que esta organização do léxico nativo e estrangeiro transcorre em um movimento contínuo na direção núcleo-periferia”. (p. 47)

Seguindo o comportamento de atendimento às restrições das normas de composição dos sinais, observamos que a criação do sinal, quanto ao M, aconteceu pelo uso do movimento retilíneo realizado apenas uma vez, juntamente com o movimento curto e repetido duas vezes. O Quadro 91 ilustra, a seguir, os seguintes modos de uso do M:

Quadro 91 - MÃE: movimentos identificados

	movimento retilíneo realizado apenas uma vez foi realizado por 35 participantes dos sinais produzidos pelos participantes, com exceção de MI4 que fez dois movimentos.
	movimento curto e repetidos duas vezes realizado por MI4.

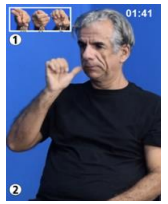
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A Or dependeu dos parâmetros anteriores, tendo sido para dentro nas sinalizações com CM que pediram movimento para trás, como foi o caso dos sinais compostos pelas CM68Ativa + CM69Ativa e, para frente, nos sinais soletrados, C78Ativa + CM71Ativa e CM07Ativa + CM67Ativa + CM71Ativa.

Não houve ocorrências de diferenciação na sinalização a partir dos grupos categorizados nos parâmetros de sexo biológico e faixas etárias jovens, adultos e idosos.

Quanto as variações acontecidas em Maceió, o Quadro 92, na sequência, permite a visualização do registro do sinal MÃE realizado:

Quadro 92 - Sinalização MÃE em Maceió⁷⁵

Sinal	Variantes	
		
MJ6	FI2	MI1

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A primeira imagem, à esquerda, com a sinalização de MJ6, ilustra o sinal utilizado pela comunidade surda de Maceió. Sua sinalização foi realizada com as CM68Ativa+ CM67Ativa. Por sua vez, à direita, FI2 e MI1 representaram as variantes ocorridas. Foram elas:

- FI2 — CM68Ativa + CM78Ativa;
- MI1 — CM78Ativa +CM67Ativa +CM71Ativa ^CM68Ativa

MI1, com esta construção, realizou o sinal soletrado M-Ã-E e, em seguida, realizou o sinal, com a CM68.

Quanto a sinalização de FJ1, FJ3, FA2, por elas serem canhotas, foi realizada com a mão esquerda. Este aspecto é específico das línguas de sinais, não alterando a formação, sequência ou parâmetros formacionais do sinal, por isso não é considerado variante.

Assim, em termos de CM, constatamos no Quadro 93, abaixo, as utilizadas em Maceió:

Quadro 93 - MÃE: configurações de mãos ativas identificadas

				
CM68	CM67	CM69	CM78	CM71

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Observamos que, diferentemente de Fortaleza, muitos participantes de Maceió utilizaram a CM68Ativa e, em seguida, a CM67Ativa.

Apenas FJ1, MJ5 e FA1 realizaram sinal com a CM68 e, em seguida, CM69. Especialmente, na sinalização de FI2, houve a CM69Ativa seguida da CM78Ativa, a qual remete à soletração com a letra M.

⁷⁵ Consta no APÊNDICE G - 2 Sinalização MÃE em Maceió as imagens com todos os sinalizadores de Maceió e sua realização do sinal em tela.

A presença do sinal soletrado em Maceió possibilita que consideremos que este processo de incorporação do alfabeto manual é parte da Libras também nessa região. Nesse contexto, vemos o sinal soletrado se constituir na comunidade a partir da composição de sinais e datilologia, em alguns casos com alteração prosódica (M) ou (M-E), em outros sem essa alteração (M-Ã-E). Seja qual o modo utilizado, a comunidade surda da região tem aceitado e utilizado essa sinalização (RODRIGUES; SILVA, 2017).

Do mesmo modo que em Fortaleza, o PA dependeu das CM utilizadas. Para alguns sinais foi entre a bochecha e a boca, para outros no espaço neutro a frente do sinalizador.

Com relação ao parâmetro M as ocorrências foram de M retilíneo na diagonal e movimento curto e repetido no sentido vertical. MI1 utilizou soletração + MULHER com mesmo movimento retilíneo na diagonal para baixo. Confirmamos o Quadro 94 com os movimentos observados:

Quadro 94 - MÃE: movimentos identificados

	movimento retilíneo na diagonal uma vez foi realizado por 18 participantes dos sinalizantes. MI1 realizou um sinal diferente com o mesmo movimento.
	movimento curto repetido retilíneo vertical, foi utilizada por FI2.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A Or, do mesmo modo que o M, dependeu dos parâmetros anteriores. Assim, foram para trás, e, em seguida, para frente, nas formações com CM67Ativa, CM68Ativa e CM69Ativa. Para os sinais soletrados, a Or foi para baixo e para frente.

Com relação às questões relativas aos grupos sociais de sexo biológico ou faixa etária, as diferenças ocorridas não foram significativas.

5.10.2 MÃE: variantes no nível lexical

Em Fortaleza, os dados dão indícios de que MÃE é sinal mais usado pelos participantes. No contexto das variações, identificamos que FA2, MA4, MI5 e MI6 apresentaram duas variantes lexicais, realizando, além do sinal, a variante soletrada M-Ã-E.

Consideramos, no entanto, que não se trata de mais uma variante com composição dos dois sinais, mas que os participantes realizaram os dois léxicos

existentes em seus repertórios. Uma variante lexical identificada em estudos descritivos da querologia da Libras consiste em tocar a lateral do nariz com o dedo indicador, mas não foi registrado na sinalização dos participantes das duas regiões investigadas.

A partir dos registros, a análise realizada nos indicou que parte dos idosos usou a soletração seguida do sinal, que é um sinal composto de dois sinais: MULHER^BENÇÃO. A descrição desse sinal é CM68Ativa+CM69Ativa. Os jovens e adultos usaram apenas a variante de soletração.

Ao deter nosso olhar reflexivo e analítico nas variantes regionais, verificamos que em Fortaleza ocorreu apenas uma variante, sendo a soletração a forma padrão de sinalização. Em Maceió, por sua vez, observamos outras variantes, que foram sinalizadas por FI2 e MI1, que apresentaram, ora a soletração M-Ã-E e, em seguida, o sinal MULHER; ora o sinal BENÇÃO e, em seguida, a soletração de M-A-E.

5.10.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – MÃE

Quanto aos dados extralinguísticos do léxico MÃE, as entrevistas mostram que 17 participantes das duas regiões recorreram ao sinal composto pelos sinais MULHER^BENÇÃO, que pode ser descrito da seguinte maneira: sinal composto, primeiro utilizando a mão direita em A, com palma da mão virada para a esquerda (sinalizador destro), ponta do dedo indicador tocando a bochecha direita, efetuando um movimento de cima para baixo. Depois, com a mão direita em A ou S, na horizontal, palma para frente, tocando o dorso da mão com os lábios uma vez.

Confirmamos o Quadro 95 com as variantes identificadas nas duas entrevistas:

Quadro 95 - MÃE: variante padrão nas regiões de Fortaleza e Maceió

FORTALEZA		MACEIÓ	
MJ1		FJ2	
			
MJ6		FJ3	
			
MA3		FJ5	
			
FI5		FJ6	
			
FI6		MJ4	
			
MI1		FA1	
			
MI3		FA2	

	
	MA3
	
	MA4
	
	FI1
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Nesse contexto de produção lexical, no sinal BENÇÃO, temos ocorrência de variantes pelo uso da CM67, CM68 ou CM69. Assim, temos o léxico formado pela articulação de dois sinais: (1) Mão direita em A(CM67) (sinalizador destro), com palma da mão virada para a esquerda, ponta do dedo indicador tocando a bochecha direita, realizando um movimento de cima para baixo. (2) Mão direita em A(CM68) ou S(CM69) na horizontal tocando o lábio com o dorso da mão. Estas ocorrências nas duas regiões. Observamos que 11 participantes utilizou a CM67, mão em A; 5 participantes usaram a CM68, mão em S; outras CMs estiveram presentes na estrutura básica MULHER^BENÇÃO, parecendo este constituir-se como o sinal.

Acerca de outras variantes, identificamos em Fortaleza, nas sinalizações de FA2 e MI6, as apresentadas no Quadro 96, a seguir:

Quadro 96 - Variantes no léxico MÃE em Fortaleza

FORTALEZA	
FA2	MI6
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A sinalização do léxico com dois sinais M-Ã-E+MÃE foi identificada apenas em Fortaleza, não havendo ocorrência semelhante em Maceió.

FA2, na primeira entrevista, utilizou o léxico duplo M-Ã-E+MÃE. Na segunda, ela sinalizou apenas, MÃE, composto pelos sinais MULHER^BENÇÃO. Isto nos indica que as duas formas fazem parte de seu repertório e ela as usa a depender do contexto, do momento de produção do sinal.

Por sua vez, MI6, na primeira entrevista, recorreu a um léxico com os mesmos dois sinais de que FA2, mas na segunda entrevista apresentou três sinais. Acreditamos que M-Ã-E e MULHER^BENÇÃO são parte efetiva de seu repertório e utilizados na região. No entanto, o novo sinal, MÃE, realizado com o dedo indicador da mão direita batendo duas vezes na lateral direita do nariz (sinalizador destro), não é utilizado nos contextos comunicativos entre os surdos da região. Nossos estudos nos mostram esse sinal na comunicação de surdos do sul do Brasil (SILVA, 2015). Uma possibilidade para a sinalização de MÃE (dedo indicador da mão direita batendo duas vezes na lateral direita do nariz), talvez, tenha sido pelo contato com um repertório relacionado a sua idade e as trocas sobre as entrevistas entre os idosos.

O uso de dois sinais MÃE+M-Ã-E para o léxico MÃE, como já dito, aconteceu apenas em Fortaleza. No caso de MI2, sua sinalização, na primeira e segunda entrevistas, nos traz dados diferentes. Inversamente, a FA2 e MI2, na primeira entrevista, ele sinalizou apenas um léxico, na segunda, dois.

Observemos o Quadro 97 com os dados referentes a MI2:

Quadro 97 - Variante MÃE Fortaleza por MI2 em Fortaleza

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Estas ocorrências de supressão e de acréscimos nos mostram a mobilidade e flexibilidade da Libras, acontecendo de o repertório do sinalizador ser acionado para um, outro ou os dois sinais. Desse modo, esses dados nos informam que mais pesquisas precisam ser realizadas para vermos em quais contextos os repertórios de sinais são acionados e porque um sinal ou outro, dentre os léxicos conhecidos que fazem parte do modo de comunicação do sinalizador, são acionados.

Nesse contexto de produção científica e identificação de acréscimos de sinais ao léxico investigado, mostrando a pluralidade do repertório dos participantes, nos remetemos às considerações de Castro Junior (2014) ao colocar que:

Os estudos que a linguística tem desenvolvido ultimamente ao analisar os fenômenos recorrentes na língua vêm aos poucos ganhando espaços dentro de alguns compêndios que servem de apoio para que os autores Surdos aproveitem as pesquisas da Libras e passam a perceber a necessidade de pesquisar e analisar o que de fato ocorre na língua. (CASTRO JUNIOR, 2014, p. 128)

Assim, no momento de análise de nossos dados extralinguísticos, vemos que há mais informações nos usos lexicais a serem investigados.

5.11 Análise das variantes para PAI identificadas em Fortaleza e Maceió

O terceiro sinal em estudo nessa tese que faz parte do grupo vocabular para família foi PAI. Esse léxico, do mesmo modo que MÃE, foi descrito e analisado em seu nível querológico por Silva (2015). Fizemos em nosso referencial teórico sua descrição. Na sequência da seção, apresentaremos os dados e análises das ocorrências em Fortaleza e Maceió nos grupos de participantes investigados.

5.11.1 PAI: variantes no nível querológico

Iniciamos, mais uma vez por Fortaleza, nossas análises do léxico PAI, no nível querológico. Para tal, selecionamos imagens ilustrativas de como os participantes realizaram o sinal e as variantes ocorridas.

Vejamos no Quadro 98 como PAI foi sinalizado pelos participantes de Fortaleza:

Quadro 98 - Sinalização PAI em Fortaleza⁷⁶

Sinal	Variantes			
 FI6	 FJ3	 FI4	 MI4	 MI5

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

À esquerda, primeira imagem do quadro, FI6 fez o sinal identificado em nosso *corpus*. Ela realizou o sinal com uma sequência de duas configurações de mãos: CM75Ativa+CM69Ativa. Se constitui como relevante na observação de que os sinais realizados por FI6, MJ1, MJ5 e MA2 foram realizados com a mão esquerda por essas pessoas serem canhotas.

Foi amplamente usada a sequência de configurações de mão CM75Ativa+CM67Ativa, constituindo estas como construtoras do sinal da região.

Observamos as variantes nas sinalizações descritas nos participantes a seguir:

- FJ3 — CM62Ativa + CM66Ativa;
- FI4 e MI4 — CM55Ativa + CM66Ativa;
- MI4 CM55Ativa + CM 66Ativa
- MI5 — CM55Ativa + CM66Ativa + CM75Ativa + CM69Ativa.

Assim, a presença de três variantes em função da configuração de mão foram observadas nas ocorrências pelo uso de CM01 seguida de CM66; CM62 seguida de CM66 e CM55 seguida de CM66.

⁷⁶ Consta no APÊNDICE H - 1 Sinalização PAI em Fortaleza as imagens com todos os sinalizadores de Fortaleza e sua realização do sinal em tela.

O Quadro 99, a seguir, contém as imagens das CM utilizadas pelos participantes de Fortaleza:

Quadro 99 - PAI: configurações de mãos ativas identificadas



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Com relação ao PA, as diferenças mais significativas aconteceram na articulação do sinal no queixo, para quem sinalizou a variante com a CM75Ativa + CM69Ativa. Por sua vez, os sinalizadores do sinal soletrado P-A-I, o PA foi o espaço neutro a frente do sinalizador, sendo o caso de FA2, MA4, FI1, MI4, MI5 e MI6.

Quanto aos usos do parâmetro M, os dados registrados apresentaram dois como os mais utilizados pelos participantes: o movimento único, circular e repetido e o movimento único e longo. Confiramos o Quadro 100 com os M registrados no *corpus*:

Quadro 100 - PAI: movimentos identificados.

	movimento único circular, curto e repetido realizado por 32 pessoas.
	movimento único e longo realizado por MJ4 e FI4.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

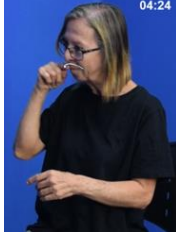
A Or da mão dependeu dos três parâmetros anteriores, CM, PA e M. No uso da CM01Ativa e CM75Ativa, PA no queixo, M da mão para construção do sinal BENÇÃO, a Or iniciou para trás e concluiu para frente. No sinal soletrado, a Or foi para frente do início ao fim.

As variações ocorridas foram diversas entre os grupos de homem, mulher e de jovens, adultos e idosos, com relação aos aspectos de sexo biológico e faixa etária, nos permitiram concluir que as variantes identificadas não foram significativas, pois não foi identificada nenhuma constância que as relacionasse aos fatores em tela.

Em relação aos dados de Maceió, os registros de imagem capturados serviram para alimentar a análise sobre como os sinalizadores da região realizaram o sinal PAI.

Observemos o Quadro 101 com uma amostra das variantes identificadas:

Quadro 101 - Sinalização PAI em Maceió⁷⁷

Sinal	Variantes		
			
MA1	MA4	FI2	MI1

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Vemos que MA1, na primeira imagem à esquerda, realizou o sinal com a CM02^CM69. Na sequência do quadro, à direita, temos as três variantes identificadas.

Sigamos para suas respectivas descrições de uso da CM:

- MA4 — CM02Ativa + CM66Ativa;
- FI2 — CM49Ativa;
- MI1 — CM55Ativa + CM66Ativa.

O Quadro 102, abaixo, contém as imagens das CM utilizadas:

Quadro 102 - PAI: configurações de mãos ativas identificadas

					
CM02	CM66	CM55	CM49	CM67	CM69

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Observamos que FJ1, FJ5, MJ6 e FA2 usaram a sequência de configurações de mão CM02Ativa + CM67Ativa. Por sua vez, FJ3, FJ4, FJ6, MJ2, MJ5, FA1, MA1, MA3, MA5 e FI1, utilizaram a sequência CM02Ativa + CM69Ativa. Especificamente, FI2, apresentou uma característica de idioleto, por sinalizar com CM49Ativa.

Os demais casos de variantes ocorreram com FJ1, FJ3 e FA2, no entanto, estas se configuram na especificidade das línguas de sinais, uma vez que os sinais foram realizados com a mão ativa de seus usuários, no caso destas mulheres, por serem canhotas, com a mão esquerda.

⁷⁷ Consta no APÊNDICE H - 2 Sinalização PAI em Maceió as imagens com todos os sinalizadores de Maceió e sua realização do sinal em tela.

Com relação ao PA, este aconteceu na altura da bochecha, entre a boca e o queixo ou na altura do peito. Além disso, ocorreu, também, a presença do PA no espaço neutro a frente do sinalizador que realizou P-A-I como sinal soletrado.

No processo de análise dos dados referentes ao parâmetro M, obtivemos os registros de que este foi curvilíneo para baixo. Confirmamos o Quadro 103:

Quadro 103 - PAI: movimento identificado

	movimento curvilíneo para baixo, curto ou longo, realizado pelas 18 participantes mais a inclusão de duas pessoas: FI2 e MI1, que realizaram um sinal diferente, mas com o mesmo movimento.
---	---

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A Or foi para trás e para a frente para os sinais realizados no PA no queixo. Para o sinal soletrado, a Or foi para frente.

5.11.2 PAI: variantes no nível lexical

Em Fortaleza, os participantes jovens demonstraram ter a tendência de sinalizar $HOMEM^{BENÇÃO}$ com a CM02Ativa + CM69Ativa ou $HOMEM$ e soletração P-A-I. Não foi possível caracterizar esta variante como específica deste grupo, porque a registramos em alguns idosos.

Alguns participantes sinalizaram com as CM62^CM66, sendo P, no queixo, e I, no espaço neutro à sua frente. Este sinal pode ser caracterizado como sinal soletrado.

Ainda em Fortaleza, sobre a sinalização de FA2, MA4, MI5 e MI6, vimos variantes lexicais com dupla articulação do léxico PAI, foram elas: $HOMEM^{BENÇÃO}+P-A-I$ ou $P-A-I+HOMEM^{BENÇÃO}$.

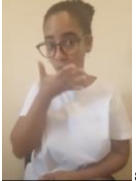
Em Maceió, observamos a prevalência do sinal $HOMEM^{BENÇÃO}$. O sinal soletrado P-A-I se constituiu como variante. Quanto a FJ4, semelhantemente ao ocorrido em Fortaleza, ela utilizou dois sinais para a composição do seu léxico, foram eles: $HOMEM^{BENÇÃO}+P-I$. Por fim, ressaltamos a observância de outra variante PAI, realizada por FI2, que faz alusão ao bigode. Esta é uma variante registrada nos referenciais teóricos de descrição da Libras como tendo sido originada no Rio Grande do Sul.

5.11.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – PAI

Os dados extralinguísticos obtidos por meio da entrevista apresentaram os modos de sinalização para o léxico PAI realizado pelos participantes das duas regiões.

Confirmamos no Quadro 104 como as ocorrências registradas expressam as escolhas lexicais dos participantes nos dois momentos da pesquisa:

Quadro 104 - Variantes PAI em Fortaleza e Maceió

FORTALEZA	MACEIÓ
MJ6	FJ2⁷⁸
	
FI5	FJ3
	
FI6	FJ5
	
MI1⁷⁹	FJ6
	
MI3	FA1
	
	FA2

⁷⁸Com relação a FJ2, ocorreu de a imagem dela no *corpus* no INDLibras não ter sido capturada pela coordenação da pesquisa. Em todos os outros vocabulários ela está presente. Sua ausência não compromete a análise dos dados.

⁷⁹Com relação a MI1, ocorreu de a imagem dela no *corpus* INDLibras não ter sido capturada pela coordenação da pesquisa. Em todos os outros vocabulários ela está presente. Sua ausência não compromete a análise dos dados.

	
	MA3
	
	FI1
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

O léxico sinalizado é um sinal composto por dois sinais HOMEM^BENÇÃO, realizado com a seguinte sequência: (1) mão direita curva com dedos juntos e polegar separado (sinalizador destro) palma da mão virada para cima, encaixa-se a mão no queixo, movimentando a palma da mão para baixo junta-se todos os dedos, fechando completamente a mão (as CM formadas podem ser A ou S). (2) aproxima-se o dorso da mão fechada do lábio.

A partir desta descrição, os dados nos mostraram pequenas variações no PA e Or, uma vez que alguns participantes colocaram a mão mais próxima da boca, outros mais distantes. Com a Or ocorreu variação do mesmo modo, a palma para trás ou para cima. São pequenas variações que podemos associar ao modo particular de sinalização de cada indivíduo.

Nessa perspectiva de entender a forma particular do sinalizador, houve variação que consideramos como mínima, portanto, parte do movimento individual do jeito de ser de cada sinalizante ao produzir o léxico. Vimos essas diferenças como parte do processo vivo da língua, pois de acordo com Dutra (2016) *apud* Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) “por a língua ser uma heterogeneidade ordenada, sistemas podem coexistir no sentido de haver formas alternativas para se dizer uma mesma coisa” (p. 209).

Assim, no caso do léxico em estudo, nas duas entrevistas, vimos que todos os participantes da discussão em tela mantiveram a mesma sinalização nos dois

momentos. Quanto a FJ2 e MI1, estes não estiveram na primeira entrevista, havendo imagem deles, apenas na segunda gravação.

Sobre as ocorrências de variantes, o quadro 104 tem as sinalizações de MA3 e MJ4, de Fortaleza e Maceió, respectivamente, que produziram um léxico com sinal soletrado. Observemos o Quadro 105:

Quadro 105 - Variante P-A-I em Fortaleza e Maceió

FORTALEZA	MACEIÓ
MA3	MJ4
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

As sinalizações de MA3 e MJ4 são sinais soletrados que trazem em sua constituição pequenas variações de movimento na soletração que incorpora o A, deixando o sinal como P-I, sem mudança no ponto de articulação e com espaço neutro próximo ao queixo.

Acerca desse processo de incorporação do substantivo da língua portuguesa para a Libras, Rodrigues e Silva (2017) dizem que “pode haver inclusive a lenição fonológica de parte das letras soletradas, garantindo mais agilidade e rapidez para a prosódia do sinal. Por isso, nomes que são constantemente soletrados tendem a ser incorporados no léxico das línguas de sinais” (p. 692). Este é o caso deste léxico no qual o A é enfraquecido visualmente e parece desaparecer no sinal.

Outra variante identificada em Fortaleza e Maceió está no nível da querética pela composição do léxico PAI a partir do uso de metade do sinal mais a soletração. Confirmamos o Quadro 106 com essa informação:

Quadro 106 - Variante PAI por junção de sinal e soletração

FORTALEZA	MACEIÓ
MJ1	MA4
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Desse modo, o léxico passa a ser constituído pela mão direita aberta (sinalizador destro), palma da mão virada para a esquerda, ponta do polegar tocando o queixo, depois a mão se movimentou para a frente mudando a configuração para a letra I, ficando **HOMEM^I**.

Assim, esse léxico é resultado da mistura duas partes distintas, de dois signos linguísticos para PAI em Libras: PAI + P-I tornando-se por junção um novo signo com o mesmo significado.

Acerca desse processo, Machado (2016) explica que “no discurso do sinalizador formas mínimas e variáveis que não alteram o significado do sinal (p. 50)” apesar de uma variante composta de duas partes de léxico diferentes terem sido colocadas juntas.

No contexto de produção do léxico PAI, vimos que em Fortaleza há mais sinais com soletração e com articulação entre sinal nativo e soletrado que em Maceió. Ao observarmos o Quadro 107, vemos que nos *corpus* da pesquisa essa realidade de soletração se confirma:

Quadro 107 - Variante PAI por FA2 e MI2

FORTALEZA			
FA2		MI2 ⁸⁰	
			
7:15		8:26 e	8:30

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

FA2 sinalizou na primeira entrevista os dois sinais como variante para o léxico PAI, produzindo na segunda entrevista apenas o sinal composto **HOMEM^BENÇÃO**. Por sua vez MI2, do qual não temos o registro de sua sinalização na primeira entrevista, na segunda usou dois sinais, dois léxicos diferentes, o sinal da região **HOMEM^BENÇÃO** e acrescentou a soletração P-I.

Ainda no contexto de produção de sinais em construção conjunta com soletração temos a sinalização de MI6. Observemos o Quadro 108:

⁸⁰Com relação a MI2, ocorreu de a imagem dela no *corpus* do INDLibras não ter sido capturada pela coordenação da pesquisa. Em todos os outros vocabulários ela está presente. Sua ausência não compromete a análise dos dados.

Quadro 108 - Variante PAI por MI6



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

No caso de MI6, os dados de sua produção nos apresentam três sinalizações. Na primeira entrevista, ele produziu um léxico com dois sinais, na segunda, com três. Foram eles:

- (1) uma ocorrência única na região, realizado com o dedo indicador curvado tocando o espaço entre o lábio e o nariz que chamamos “bigode”;
- (2) formado por $HOMEM^{BENÇÃO}$; e
- (3) sinal soletrado P-I.

A partir desses dados concluímos que em relação ao léxico $HOMEM^{BENÇÃO}+P-I$ ou $P-A-I$, este é mais presente em Fortaleza, constituindo-se como um léxico-padrão. Por sua vez, em Maceió, apesar de haver ocorrência de P-I ou P-A-I, a maioria dos sinalizadores utilizou o léxico $HOMEM^{BENÇÃO}$ para referir-se a PAI.

5.12 Análise das variantes para $AV@/VOV@$ identificadas em Fortaleza e Maceió

A comunicação de uso cotidiano e comum a todos os sinalizantes é composta por vocabulários diversos. No contexto da pesquisa sobre a composição querológica no léxico da Libras temos sinais representativos da comunicação familiar já estudados. Deste grupo lexical, selecionamos quatro sinais para investigarmos as variações que ocorrem nas sinalizações de surdos em Fortaleza e Maceió, foram eles: $AV@/VOV@$, MÃE, PAI e CUNHAD@. Nesta seção focaremos no trabalho de descrição e análise das variantes identificadas em $AV@/VOV@$.

5.12.1 AV@/VOV@: variantes no nível querológico

Iniciamos o estudo das variantes do grupo lexical família com o sinal AV@/VOV@. Em Fortaleza, nos registros obtidos para a análise dos sinais referentes a este léxico, identificamos um sinal e uma variante. As imagens ilustrativas estão no Quadro 109, abaixo:

Quadro 109 - Sinalização AV@/VOV@ em Fortaleza⁸¹.

Sinal	Variante
	
FJ3	MI4

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

No sinal ilustrado por FJ3, vemos que o léxico é um sinal soletrado construído pelas CM32Ativa^CM33Ativa. Em relação à variante identificada, ilustrada MI4, sua realização aconteceu pelo uso da CM69Ativa. Ver, no Quadro 110, as CM utilizadas em Fortaleza:

Quadro 110 - AV@/VOV@: configurações de mãos ativas identificadas.

		
CM32	CM33	CM69

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

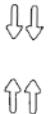
No contexto descritivo em que nos encontramos, cabe a explicitação de que MJ1, MJ5, MA2, FI6, por serem canhotos, realizaram a sinalização de AV@/VOV@ com a mão esquerda. Esta é uma particularidade das línguas de sinais, a mão ativa rege a realização do sinal, essa produção não quebra regras de composição do sinal no nível querológico e não se vincula a fatores construtores dos grupos sociais como homem e mulher ou etário: jovens, adultos e idosos, estabelecidos na pesquisa.

⁸¹ Consta no APÊNDICE I - 1 Sinalização AV@/VOV@ em Fortaleza as imagens com todos os sinalizadores de Fortaleza e sua realização do sinal em tela.

Com relação ao PA, o sinal foi realizado no espaço neutro na altura entre o peito e o pescoço para quem sinalizou o sinal. Para o sinalizador da variante, o PA foi a bochecha e o queixo.

Aprofundando o processo de descrição querológica, vimos que o sinal acontecido no sinal AV@/VOV@, com relação ao parâmetro M, foi realizado com movimento curto e repetido de abrir e fechar dos dedos indicador e médio tocando suas pontas nas pontas do dedo polegar. Por sua vez, o M da variante foi curto de aproximar a ponta do polegar da bochecha movendo-o para baixo na direção do queixo, ao chegar no queixo a mão na CM69 toca o queixo duas vezes. Vejamos o Quadro 111 com a descrição do movimento:

Quadro 111 - AV@/VOV@: movimentos identificados

	movimento curto e repetido realizado por FJ5, MJ1, MJ3, MJ4, FA1, MA1, MA3, FI3, MI4.
	movimento curto de aproximar a ponta do indicador no meio do queixo sinalizado por MJ2, MJ3 e FA1.
	movimento curto e repetido realizado por 13 dos participantes para realização do sinal simples.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

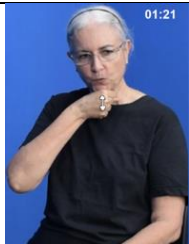
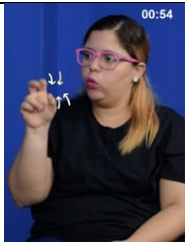
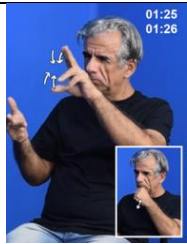
A Or para os sinalizadores do sinal foi com a palma para frente. No caso dos sinalizadores da variante, a Or foi para a direita ou esquerda, dependendo da mão ativa do participante.

Não houve ocorrências significativas de variações querológicas e lexicais no tocante as influências por grupo de sexo biológico ou faixa etária.

Seguimos nosso trabalho descritivo observando as ocorrências de variantes em Maceió.

A seguir, o Quadro 112 permite a visualização de como foi realizada a sinalização pelos participantes daquela região:

Quadro 112 - Sinalização AV@/VOV@ em Maceió⁸².

Sinal	Variantes			
 FI1	 FJ4	 FA1	 MA3	 MI1

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Em Maceió, o sinal, ilustrado por FI1, foi realizado com a CM69Ativa. As variantes identificadas foram realizadas por FJ4, FA1, MA3, MA5 e MI1. Por serem variantes que se repetiram, ilustramos com as imagens de FA1, MI1. Curiosamente, MA3 realizou uma variante diferente dos demais. Observemos as descrições com CM de cada variante:

- FJ4 — CM69Ativa + CM32Ativa^CM33Ativa;
- FA1 — CM32Ativa^CM33Ativa;
- MA3 — CM55Ativa;
- MI1 — CM32Ativa^CM33Ativa + CM69Ativa.

No caso de MA3, que sinalizou com CM55Ativa, pressupomos que o participante se equivocou, pois esta é a CM para o sinal BISAV@, por isso, registramos o dado com a ressalva de que não é uma variante para o sinal em estudo AV@/VOV@. Confirmamos no Quadro 113 as CM identificadas:

Quadro 113 - AV@/VOV@: configurações de mãos ativas identificadas

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Uma questão recorrente nos nossos registros está relacionada ao fato de FJ1, FA2 e MI1 serem canhotos e sua mão ativa ser a esquerda. Desse modo, e apesar de esta questão não estar circunscrita aos grupos, nem se constituir como variação,

⁸² Consta no APÊNDICE I - 2 Sinalização AV@/VOV@ em Maceió, as imagens com todos os sinalizadores de Maceió e sua realização do sinal em tela.

fazemos aqui o registro desta identificação para apresentar essa diferença de funcionamento das línguas de sinais.

O PA, segundo parâmetro estruturante dos sinais, dependeu da CM utilizada. Os sinalizadores da CM69 e CM55 utilizaram como PA o queixo. Já quem utilizou as CM32 e CM33, o PA foi espaço na altura do peito e pescoço.

No tocante ao M, os registros mostraram que dois principais movimentos foram realizados: M curto e repetido para baixo e para cima e M curto e repetido de abrir e fechar os dedos indicador e médio, unindo-o ao polegar. Observemos Quadro 114:

Quadro 114 - AV@/VOV@: movimentos identificados

	movimento curto e repetido para cima e para baixo realizado por FJ1, FJ2, FJ4, FJ5, FJ6, MJ2, MJ5, MJ6, FA2, MA1, FI1, FI2, MI1 e MA3.
	movimento curto e repetido abrir e fechar os dedos indicador e médio, unindo-o ao polegar realizado por FJ4, FA1, MA5 e MI1.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Ressaltamos que alguns participantes realizaram AV@/VOV@ como sinal composto, uma vez que esse léxico é construído pelos dois movimentos advindos dos sinais MULHER^VELH@.

A Or foi diferente a partir da CM, PA e M realizados. Os participantes que utilizaram a CM69Ativa e CM55Ativa, a palma ficou orientada para dentro. Os que realizaram a CM32Ativa+CM33Ativa a palma ficou para frente.

Não houve ocorrências significativas de variação querológica ao observarmos as sinalizações a partir das categorias sexo biológico e faixa etária.

Em relação à constituição do léxico como sinal ou como variante, os dados quantitativos observados nos permitem concluirmos dizer que no grupo de participantes estudado, o sinal em Maceió é variante em Fortaleza e, por sua vez, o sinal em Fortaleza é variante em Maceió. Portanto, podemos dizer que esta inversão se configura como variação regional. Discutiremos essa questão na próxima subseção das variantes lexicais.

5.12.2 AV@/VOV@: variantes no nível lexical

Acerca das variantes lexicais, observamos a presença de duas variantes nos grupos de Fortaleza e Maceió, sendo que no grupo de Fortaleza as mulheres idosas sinalizaram a variante mais nativa realizada com a CM69Ativa, configurando variante

dessa geração. Por sua vez, as participantes mulheres e homens jovens e adultos FJ1, FJ4, MJ2, FA5, MA4, MA5, MA6, FI1, FI4, FI5 e FI6 sinalizaram a variante com a CM32Ativa+ CM33Ativa, sinal soletrado.

Observamos duas variantes lexicais em FJ4 e MI1 como variantes não-padrão, pois se constituem da junção das duas variantes identificadas como composição para seu léxico. Este modo próprio do indivíduo de se comunicar faz parte da Libras como língua com complexidade, heterogeneidade e multidialetos (SEGALA; BARNEIRI, 2009).

Em relação às variantes regionais, notamos três variantes lexicais nas sinalizações dos participantes: 1) a sinalização exclusiva do sinal pela soletração, ou seja, V-O-V-O; 2) a sinalização exclusiva do sinal pelo significante “idoso”, ou seja, VOVO realizado com a mão ativa em S tocando no queixo e; 3) o léxico composto pelos dois sinais, ou seja, V-O-V-O+VOVO. Em Fortaleza, foram identificadas duas variantes lexicais: a variante formada pela soletração V-O-V-O, sinalizada por 14 participantes nos três grupos, isto é, jovens, adultos e idosos; 9 participantes, dos três grupos, sinalizaram a variante VOVO e; 13 participantes, também nos três grupos, realizaram um léxico composto por V-O-V-O+VOVO (4 participantes) e por VOVO+V-O-V-O (9 participantes). Quanto aos participantes de Maceió, a variante V-O-V-O foi sinalizada por 1 participante; a variante VOVO por 11 participantes e; a variante composta por 2 sinais, foram sinalizadas por FJ4 que fez VOVO+V-O-V-O e MI1 que sinalizou V-O-V-O+VOVO. Em relação a MA3, ele utilizou um sinal que significa BISAVO, com a CM55, apenas ele fez esse sinal.

5.12.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – AV@/VOV@

Com relação aos dados extralinguísticos eliciados a partir das entrevistas, podemos dizer que houve a repetição do léxico utilizado. Vejamos o Quadro 115, a seguir:

Quadro 115 - Variantes para AV@/VOV@ em Fortaleza e Maceió

FORTALEZA		MACEIÓ	
MJ1		MJ4	
			
MJ6		MA3	
			
FA2			
			
MI3			
			

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A sinalização de AV@/VOV@ foi realizada com a mão direita (sinalizadores destros) aberta na vertical, palma da mão para frente, dedos anelar e mindinhos abaixados e juntos ao polegar; dedos indicador e médio levantados, com M de abaixar e levantar duas vezes, construindo com esse movimento V-O-V-O. Em Maceió, MJ4 fez uso do léxico com mão em S sob o queixo. Esse sinal foi utilizado há muito tempo e substituído pelo novo V-O-V-O. Inicialmente pensávamos que V-O-V-O era um sinal antigo e durante a pesquisa descobrimos que não, que mais antigo é o sinal com a configuração de mão em S sob o queixo que remete a ideia de velho. Os dois sinais são utilizados nos contextos sociais dos surdos das duas regiões, mas no *corpus* da pesquisa apareceu apenas em Maceió, pois todos os sinalizadores de Fortaleza, no Quadro 115, utilizaram V-O-V-O.

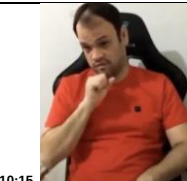
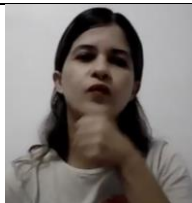
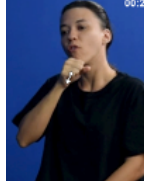
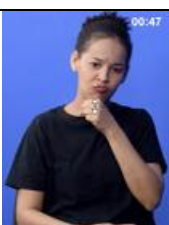
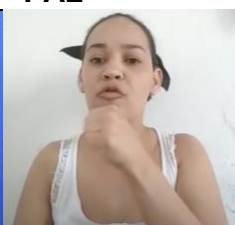
Por sua vez, em Maceió, houve a ocorrência de uma variante que nos parece fruto de uma confusão, MA3 utiliza a CM em P sob o queixo como parte do seu léxico

que contém ainda a soletração V-O-V-O. Esse é geralmente o sinal utilizado para bisavó.

Considerando o aspecto de conforto linguístico V-O-V-O é uma soletração confortável.

No Quadro 116, temos as variantes em Fortaleza e Maceió com a CM em S:

Quadro 116 - Variante para AV@/VOV@ com CM em S

FORTALEZA			MACEIÓ	
MA3			FJ2	
				
MI2			FJ3 ⁸³	
				
MI1			FJ5	
				
MI6			FJ6	
				
			FA2	
				
			MA4 ⁸⁴	

⁸³ Com relação a FJ3, ocorreu de a imagem dela no *corpus* do INDLibras não ter sido capturada pela coordenação da pesquisa. Em todos os outros vocabulários ela está presente. Sua ausência não compromete a análise dos dados.

⁸⁴ Com relação a MA4, ocorreu de a imagem dela no *corpus* do INDLibras não ter sido capturada pela coordenação da pesquisa. Em todos os outros vocabulários ela está presente. Sua ausência não compromete a análise dos dados.

	
	FI1
	
	FA1
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Acerca desta variante produzida com a CM em S, CM69 e CM 32, na vertical, com palma da mão virada para a esquerda (sinalizador destro), com a lateral esquerda da mão direita tocando o queixo duas vezes, podemos dizer que as duas regiões têm esta variante como o segundo léxico mais utilizado. Sobre como os léxicos foram produzidos e funcionaram nas duas regiões, Fortaleza, mais que Maceió, fez uso de dois sinais juntos, produzindo por composição o léxico VOV@+V-O-V-O. Por sua vez, em Maceió, mais pessoas fizeram uso da CM em S no PA sob o queixo com M de bater duas vezes no queixo como léxico para VOVO@, apesar de a outra variante (V-O-V-O) ocorrer, como fez FA1.

Por fim, temos as variantes produzidas por FI5 e FI6 que observamos no Quadro 117:

Quadro 117 - Variantes VOV@ por FI5 e FI6 em Fortaleza

FORTALEZA	
FI5	FI6
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

As duas idosas, nas duas entrevistas, realizaram o mesmo léxico com a CM em S, CM69. FI5, sinalizadora destra, realizou o sinal VOV@ com a palma da mão virada para a esquerda, com a lateral esquerda da mão direita tocando o queixo duas vezes. FI6, canhota, a palma da mão ficou voltada para a direita. Essa diferença não se configura como variação, pois é parte da constituição das línguas de sinais o atendimento à condição de predominância da mão ativa do sinalizador. As duas, do mesmo modo, sinalizaram V-O-V-O. Observamos, assim, que o léxico é parte de seu repertório e o fato de as duas serem idosas nos permite pensar que não há um fechamento de uso de uma variante em detrimento da outra, pelo contrário, as duas utilizam os dois modos.

Assim, considerando os modos de construção do léxico nos diversos grupos vimos que:

[...] não existe língua fora do contexto social e toda língua é um conjunto de variedades; língua é um sistema constituído de heterogeneidade ordenada em que fatores linguísticos e extralinguísticos funcionam como condicionadores da variação e da mudança. A língua, nessa perspectiva, portanto, não pode ser analisada separada dos seus contextos de usos e, consequentemente, de seus falantes. (RODRIGUES; SILVA, 2017, p. 689)

Por isso, ao analisarmos as produções, consideramos os contextos de uso e os participantes como indissociáveis. Assumimos, assim que,

Há uma associação forte entre língua e homogeneidade e pureza (língua pura), estando a língua sujeita a ameaças externas (estrangeirismos, empréstimos) e internas (variedades populares) [...] apesar disso, nós como falantes não analisamos estes fatos no momento de fala, e eles somente interessam a uma pesquisa histórica da língua. Percebe-se, então, que os empréstimos linguísticos não ameaçam a existência de nenhuma língua no mundo, do contrário, dão sinais de sua vitalidade e constituem registros linguísticos da história externa de uma língua. Ainda que se acredite que empréstimos, inovações (mudanças) linguísticas e contato linguístico constituam uma ameaça a determinada língua, nenhuma dessas situações põe em risco qualquer língua. Uma língua só morre quando morrem seus falantes ou se por algum fator sócio-histórico esses sejam impedidos ou deixem, com o tempo, de usar sua língua nativa. São situações extremas que levam à morte de uma língua, como guerras, processos de colonização e aculturação. (RODRIGUES; SILVA, 2017, p. 689)

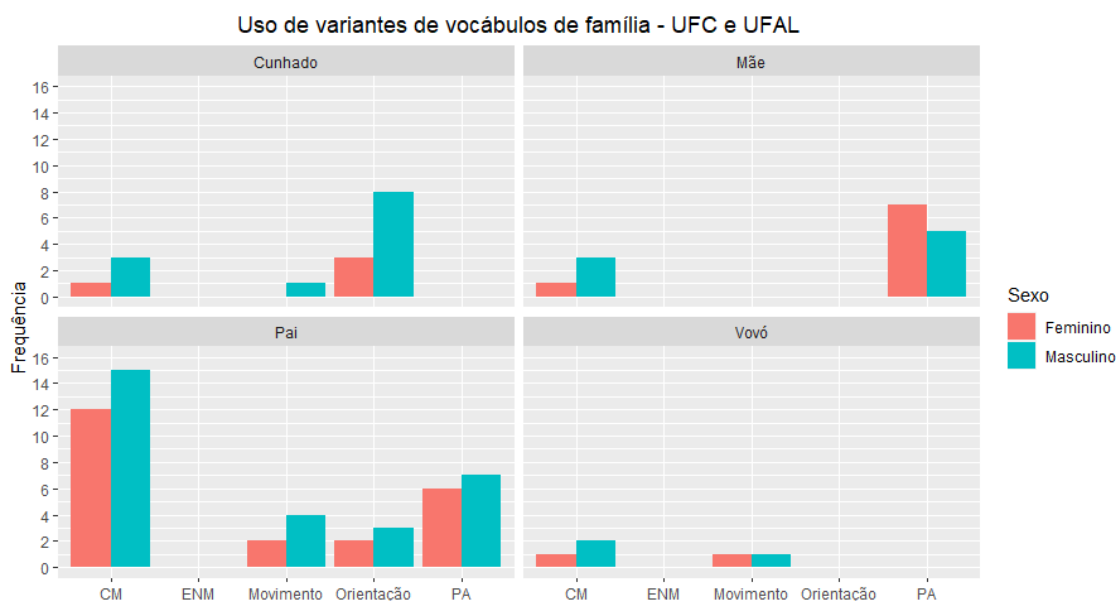
No caso da Libras as alterações estão no escopo de suas disseminações no país, por isso a relevância do registro que realizamos.

5.13 Análise Quantitativa: Variações Querológica, Lexical e Regional do sinal CUNHAD@, MÃE, PAI e VOVO/AV@/VOV@

O estudo das unidades mínimas em todas as línguas possibilita que o sinal e suas variantes sejam reconhecidos como parte da presença da singularidade dos usuários da língua, havendo muito o que ser investigado na sociolinguística da língua acerca do fenômeno da variação linguística, de modo que a compreensão sobre as normas constitutivas e construtoras dos sinais e como cada usuário seu faz uso delas, permita uma melhor compreensão do movimento da língua em sua realidade na sociedade. Os sinais CUNHAD@, MÃE, PAI e VOVO/AV@/VOV@ são objeto de nossa descrição quantitativa, a seguir.

No GráficoR 13 podemos ver como se comportaram as variantes querológicas utilizadas pelos participantes dos grupos de Fortaleza e Maceió.

GráficoR 13 - Uso de variantes de vocábulos de família – UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A leitura do gráficoR para o léxico CUNHAD@ nos permite observarmos que não houve ocorrência de variação em relação aos parâmetros de ENM e PA. Com relação aos parâmetros Or, CM e M, houve uma maior frequência de variação entre os homens. Entre as mulheres, a Or e CM foram os parâmetros de ocorrência de variação.

Para o sinal MÃE, podemos ler os parâmetros ENM, M e Or não sofreram variação em nenhum dos grupos. Quanto ao PA, tanto nas mulheres quanto nos

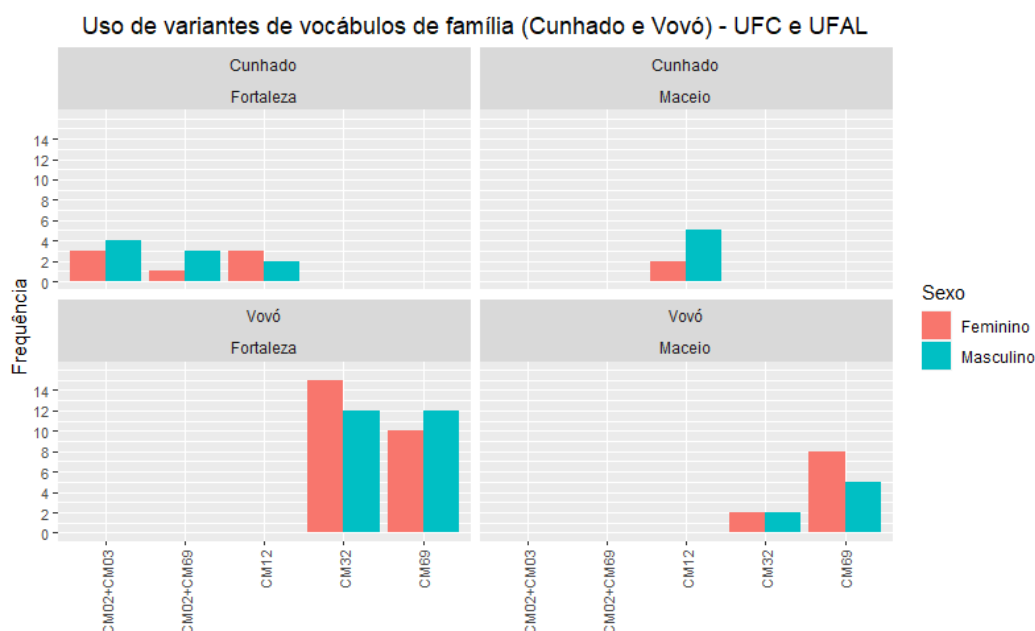
homens houve ocorrência de variação, tendo sido entre as mulheres a maior frequência de variação, 07 participantes utilizaram diferentes sinalizações no parâmetro PA. Por sua vez, o parâmetro CM teve mais ocorrência no grupo masculino.

Em relação a PAI, a leitura do gráficoR permite ver que o único parâmetro que não teve registro de variação foi ENM. Entre as mulheres, as ocorrências de variação foram identificadas, respectivamente, com a seguinte sequência CM, PA, M e Or. A CM foi o parâmetro que mais sofreu variação, estando no grupo masculino a sinalização de mais variantes desse querema. Em quantidade decrescente, entre os homens, o PA, M e Or, apresentaram informações de variação.

Quanto a VOVO/AV@/VOV@ vemos que os parâmetros ENM, Or e PA não sofreram variação em nenhum dos grupos. Entre as mulheres, a CM e M foram parâmetros com frequência de variação semelhantes. Em relação ao grupo masculino, identificamos que este grupo variou mais o parâmetro CM, tendo sido o M segundo parâmetro que mais sofreu variações.

Os dados apresentados no GráficoR 14, a seguir, possibilitam que analisemos as variações lexicais e diatópicas ocorridas nos grupos de participantes.

GráficoR 14 - Uso de variantes de vocábulos de família (Cunhado e Vovó) – UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Leitura do gráficoR para o sinal CUNHAD@ nos indica que no grupo masculino de Fortaleza os participantes produziram o sinal composto pela CM02ativa^CM02passiva e CM02, com a mesma forma ativa, tendo diferença

querética na CM da mão passiva, ficando CM02^Ativa^CM03Passiva ou CM69Passiva. Por sua vez, em Maceió, observamos a utilização da CM “C”, CM12Ativa, constituindo a variante da região.

Por sua vez, de modo diferente, em Maceió, o sinal CUNHAD@, constituído da CM12 letra “C” do alfabeto manual, se caracterizou como sinal e única variante da região. Nesse sentido, a diferença de sinalização entre as duas regiões pode ser considerada como variação regional.

Na segunda imagem houve, em Fortaleza, a existência de variantes para CUNHAD@, estando entre os homens a maior quantidade de variantes. Com relação a Maceió, nenhum grupo diferenciado a partir do sexo biológico ou idade usou o sinal CUNHAD@ realizado com pela CM02ativa+CM02passiva. Constituindo essa forma como variante regional de Fortaleza.

Vejamos o Quadro 118 com as configurações de mão nas duas regiões:

Quadro 118 - Variantes por CM em Fortaleza e Maceió

Faixa etária	CM utilizada	Fortaleza	Maceió
Jovem	CM12	1	5
	CM02+CM03	2	0
Adulto	CM12	0	2
	CM02+CM03	4	0
	CM02+CM69	3	0
Idoso	CM12	4	0
	CM02+CM03	1	0
	CM02+CM69	1	0

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Fortaleza foi a região com mais ocorrências de variantes, estando entre os adultos o maior número de variantes. Por sua vez, Maceió, praticamente, não produziu ocorrências de variantes, estando entre os jovens a maior quantidade de variantes.

Quanto ao léxico VOVO/AVO/VOV@, o grupo de Fortaleza utilizou dois léxicos: VOV@, CM69, e a soletração V-O-V-O, CM 32, quantitativamente equilibrado. Apesar do equilíbrio, mais mulheres, em Fortaleza, utilizaram o sinal soletrado V-O-V-O, CM32 e CM33. De modo contrário, ao lermos os dados de Maceió, vemos que o grupo feminino utilizou o sinal VOV@, CM69, sendo os jovens, dos dois sexos, o grupo que mais usou essa variante. Sobre o léxico construído pela soletração V-O-V-O, houve um equilíbrio na quantidade de variantes acontecidas.

Constatemos no Quadro 119 o quantitativo de variações na CM por grupo etário:

Quadro 119 - Variantes CM AV@/VOV@

Faixa etária	CM	Fortaleza	Maceió
Jovem	CM69	7	8
	CM32	8	1
Adulto	CM69	7	2
	CM32	9	2
Idoso	CM69	8	3
	CM32	10	1

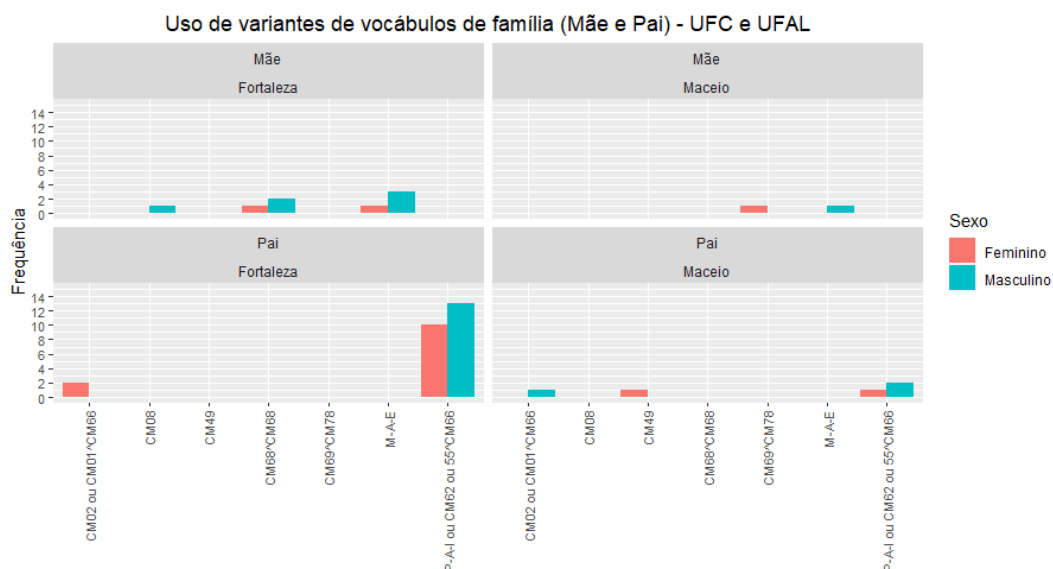
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A leitura do quadro acima nos permite ver que em Fortaleza houve mais ocorrências que em Maceió, estando entre os idosos o maior número de variantes.

Na sequência, gráficoR 15, podemos fazer a leitura das variantes regionais do sinal AV@/VOV@.

Em relação as variantes no vocabulário de família para os léxicos MÃE e PAI, o GráficoR 15 nos informa que:

GráficoR 15 - Uso de variantes de vocábulos de família (Mãe e Pai) – UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Os dados apresentam o uso do sinal soletrado M-Ã-E pelo grupo masculino das duas regiões. Em Fortaleza, 3 homens, e, em Maceió, 1 homem. Por sua vez, MÃE, sinal realizado com a CM10 no PA queixo, que significa ABENÇOE, foi usado por MI4

para MAE. Ocorreu, ainda, e apenas, em Fortaleza, a composição CM68^CM68. Em relação a Maceió, no grupo feminino, FI2 utilizou o sinal CM68^CM78. As variantes de MI4 (Fortaleza) e FI2 (Maceió) ocorreram uma única vez, no grupo de pessoas idosas. Nas duas regiões, duas composições de CM foram utilizadas para o léxico MAE, a CM68^CM68, e a composição, CM68^CM69. Em Maceió, FI2 fez uso da letra M, do alfabeto manual, e o acréscimo do sinal benção com a CM10.

Também ocorreu a soletração no grupo feminino de Fortaleza. Por sua vez, o grupo de mulheres de Maceió não utilizou a soletração.

Vejamos o Quadro 120, a seguir, com as variantes nas CM:

Quadro 120 - MÃE: variantes com as CM

Faixa etária	CM utilizadas	Fortaleza	Maceió
Adulto	M-A-E	2	0
	CM68^CM68	2	0
Idoso	M-A-E	2	1
	CM68^CM68	1	0
	CM10	1	0
	CM69^CM78	0	1

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Os dados no quadro nos permitem ver que Fortaleza tem mais variações de CM que Maceió, estando entre adultos e idosos a maior quantidade, uma vez que entre os jovens esse fato não ocorreu. Em Maceió, está entre os idosos as variações, não havendo ocorrências entre jovens e adultos.

Em relação a PAI, vimos que o grupo feminino de Fortaleza e os grupos masculino e feminino de Maceió realizaram o sinal P-A-I com soletração completa e CM55(CM62)^CM66. No cômputo quantitativo, 11 participantes do grupo masculino e 10 do feminino. Alguns participantes utilizaram a supressão de letas no ato de composição da soletração, criando uma variação na prosódia (fonema incompleto) com a sinalização primeiro do sinal soletrado P-I e segundo a colocação da mão em P (sob o queixo) e I (espaço à sua frente). Outra variante foi CM02(CM01)^CM66, a partir do referente icônico para homem que é a barba, mais a soletração incompleta I. Apesar desses léxicos terem sido realizados a partir de supressão de letras, 13 participantes homens e 10 mulheres produziram a variante de soletração P-A-I.

No gráficoR acima, observamos nos grupos de adultos e idosos de Fortaleza e Maceió a utilização do sinal PAI (CM02 (CM 01)^CM66), CM02 polegar aberto ou CM01 polegar fechado com letra I no final, mas também como sinal soletrado CM55

ou CM62^CM66, com a soletração P+I(omissão A) ou CM62+letra I. Em Maceió, também foi utilizada a CM49 no PA entre o lábio e o nariz (bigode) para construção do léxico PAI.

Vejamos, no Quadro 121, as configurações de mãos identificadas e as quantidades de usuários para cada uma:

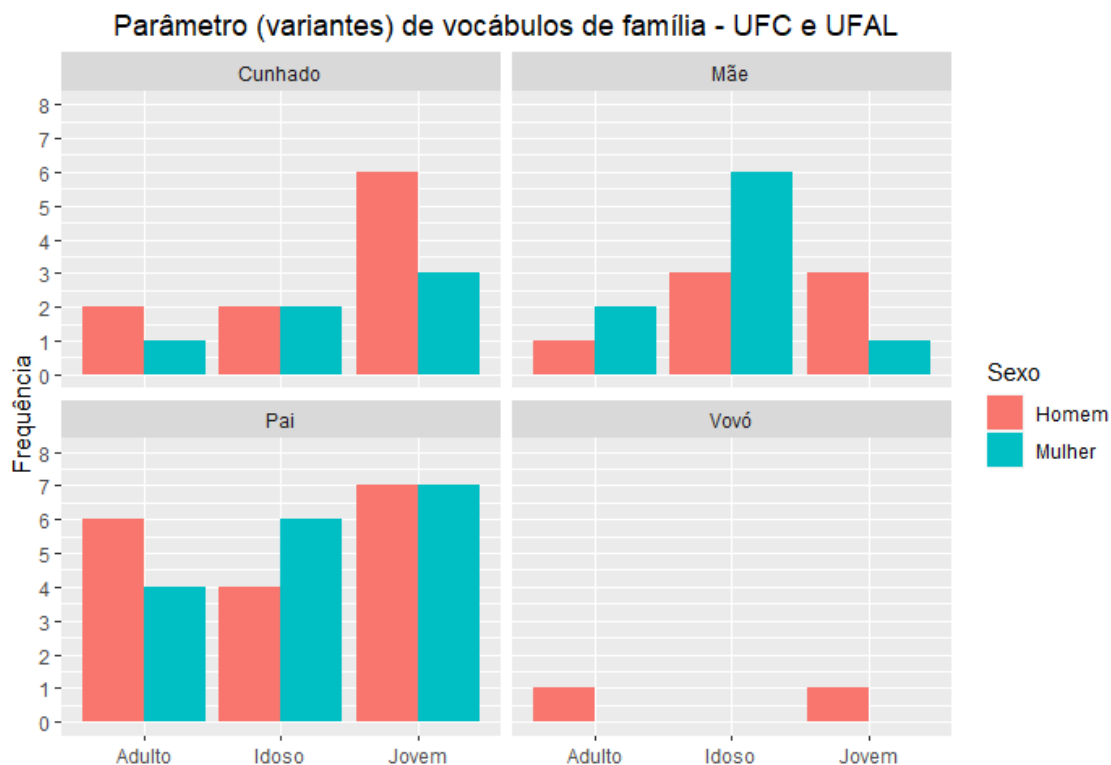
Quadro 121 - Variantes a partir da CM

Faixa etária	CM utilizadas	Fortaleza	Maceió
Jovem	P-A-I ou CM55(CM62)^CM66	8	2
	CM02(CM01)^CM66	1	0
Adulto	P-A-I ou CM55(CM62)^CM66	9	0
	CM02(CM01)^CM66	0	1
Idoso	P-A-I ou CM55(CM62)^CM66	6	1
	CM02(CM01)^CM66	1	0
	CM49	0	1

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Quanto aos dados relacionados a variações nas faixas etárias, o GráficoR 16 nos informa que:

GráficoR 16 - Parâmetro (variantes) de vocábulos de família – UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ao observarmos a ocorrência de variação para CUNHAD@, vemos que foi no grupo de mulheres jovens onde mais elas aconteceram. Apesar de em um número

menor, está também entre os homens jovens, a maior frequência de variações para esse léxico. Entre os adultos, foi entre as mulheres o maior número de variações. No grupo de idosos, as variações aconteceram em mesma quantidade.

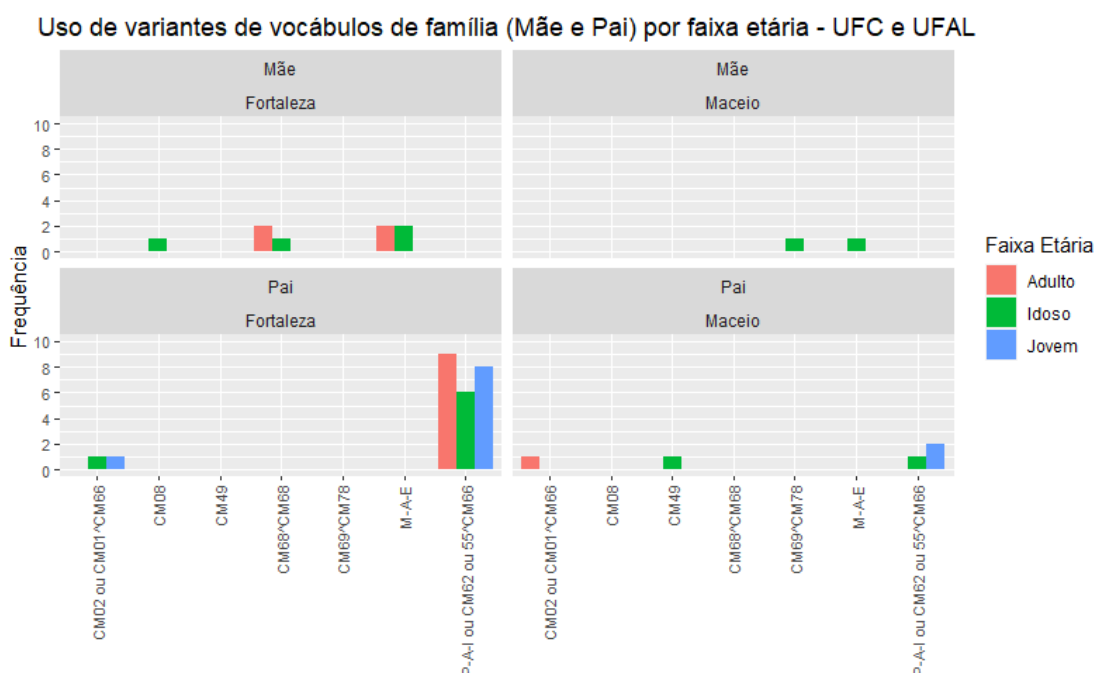
Na imagem 2, relacionada ao léxico MÃE, vemos que no grupo dos homens idosos houve ocorrência de mais variantes de parâmetros formacionais dos sinais. De modo decrescente, no grupo dos homens, adultos e jovens, houve também ocorrência de variação. Entre as mulheres, Idosas e Jovens realizaram sinais com mesma quantidade de ocorrências de variação, sendo o grupo de adultas o de menor ocorrência de variação.

PAI foi o léxico que mais variações ocorreram em todos os grupos, tendo sido entre os jovens o maior número de ocorrências, similarmente entre homens e mulheres. Entre os adultos, foi o grupo das mulheres que mais apresentou mais variações e, de modo, inverso a ele, entre os idosos foi entre os homens onde mais variações foram identificadas.

Por fim, ao lermos os dados de VOVO/AV@/VOV@, as variantes ocorreram tanto nos grupos de jovens e adultos do sexo feminino, enquanto no grupo de idosas e nos três grupos dos homens não houve ocorrências de variação.

O Gráfico 17 nos permite constatar as variações por faixa etária e identificar que:

Gráfico 17 - Uso de variantes de vocábulos de família (Mãe e Pai) por faixa etária – UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

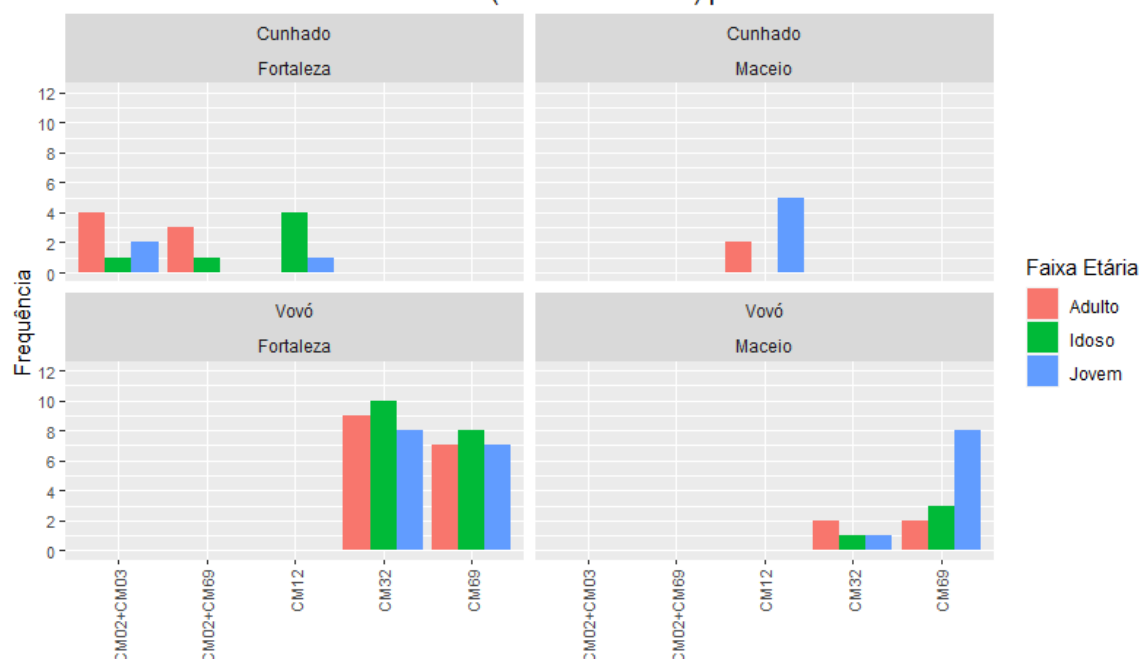
Em MÃE, na região de Fortaleza, o grupo dos idosos é o que apresenta mais variação, seguido dos adultos. Não foram identificadas variações entre os jovens. Em Maceió, apenas no grupo dos idosos foi identificado variação.

Quanto a PAI, em Fortaleza, houve ocorrência nos três grupos, mas foi entre os adultos a maior frequência de variação para o sinal soletrado P-A-I e CM do alfabeto manual. Em Maceió, ocorreram menos variações, mas elas aconteceram também nos três grupos de participantes.

O GráficoR 18 possibilita da leitura das variantes ocorridas de acordo com a faixa etária para os léxicos CUNHAD@ e VOV@. Assim, é possível identificar que:

GráficoR 18 - Uso de variantes de vocábulos de família (Cunhado e Vovó) por faixa etária – UFC e UFAL

Uso de variantes de vocábulos de família (Cunhado e Vovó) por faixa etária - UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

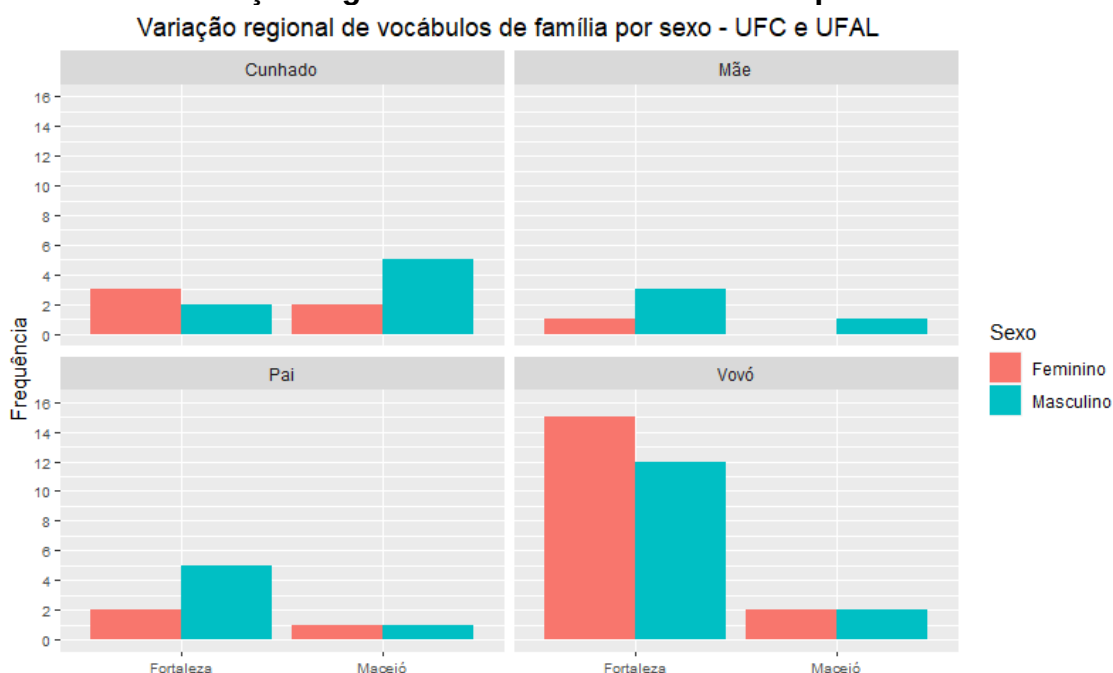
Na imagem do gráficoR nos é permitido ver que para o léxico CUNHAD@, em Fortaleza, entre os idosos é um sinal com variações nas CM02+CM03, CM02+CM69 e CM12. A CM12 não foi identificada na faixa etária dos adultos, tendo ocorrido entre os jovens. Entre os adultos foram observadas variações com CM02+CM03 e CM02+CM69. nas faixas etárias as variantes ocorrem mais em sinais realizados pelos homens que entre as mulheres. Em Maceió não ocorreram variação nos sinais dos idosos. Entre os adultos e jovens a CM12 foi a identificada.

Acerca deste aspecto, para Castro Junior (2014), o uso comum constitui a base paramétrica que torna o sinal. Assim:

[...] é a condição de uso paramétrico da configuração de mão, a nível de representação, que caracteriza as variações regionais de uso de uma determinada região e quanto mais regiões utiliza esta forma, esta será escolhida a forma padrão do termo. (p. 164)

Em relação aos registros acerca da variação regional, podemos observar no GráficoR 19 que:

GráficoR 19 - Variação regional de vocábulos de família por sexo – UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

CUNHAD@ é um léxico que em ao ser colocado em comparação entre participantes de Fortaleza e Maceió mostra que houve ocorrência de variação nas duas regiões. Essas diferenças nos sinais caracterizaram opção por uma variante, pois apenas uma pessoa jovem de Fortaleza usou o mesmo sinal que os sinalizantes de Maceió. Os dados não nos permitem inferir se houve contato desta pessoa com moradores dessa região e quais fatores motivaram o participante desta região a assumir um léxico não utilizado entre aqueles com os quais ela compartilha comunicação.

Quanto a MÃE, ao compararmos os dados de Fortaleza e Maceió, pudemos perceber as diferenças de sinal na utilização do grupo de homens da região de Fortaleza. No caso da variação regional acontecida entre as mulheres, o grupo de sinalizadoras de Maceió não apresenta variação. Assim, lemos os dados quantitativos

como um acontecimento relacionado aos valores lexicais escolhidos por essa comunidade de mulheres que mantém o mesmo léxico entre todas. No caso do grupo masculino, vimos que houve ocorrência de variante, sendo possível que esta tenha ocorrido como registro da existência de dialeto.

No tocante a PAI, os dados entre Fortaleza e Maceió nos mostram que no grupo dos homens de Fortaleza há maior quantidade de variações que no de Maceió.

Esse resultado nos permite inferir que, na primeira região, a participação no grupo não significa prevalência de valor para definição de um sinal para o grupo masculino. Ainda em Fortaleza, o grupo das mulheres utilizou mais variantes que o masculino. Enquanto em Maceió, nos dois grupos, masculino e feminino são iguais às quantidades de variantes. O gráficoR permite lermos que ocorre equiparação lexical sinalizando-nos variação regional a partir destas diferenças de sinais nas duas regiões.

Sobre VOVO/AV@/VOV@, a comparação entre os participantes de Fortaleza e Maceió mostra que a variação regional aconteceu com maior ocorrência nas diferenças de sinal acontecidas em Fortaleza e no grupo feminino, enquanto no grupo masculino as variações ocorreram em menor quantidade. Em Maceió, ocorreram menos variações, nos dois grupos, homens e mulheres.

5.14 Análise das variantes para MARACUJÁ identificadas em Fortaleza e Maceió

Para nosso estudo sobre a variação querológica e lexical na Libras utilizada nas regiões de Fortaleza e Maceió selecionamos dois sinais de frutas, MARACUJÁ e MELANCIA. De acordo com Labov (1982) a busca pela sistematicidade da língua acontece em relação com os fatores sociais desta. Assim, no campo de estudos das línguas de sinais e, especificamente, da Libras o recente reconhecimento desta língua torna os estudos sociolinguísticos sobre essa língua um campo vasto para pesquisas. Desse modo, na realidade em que esta tese se insere, uma vez que ainda não ocorreram pesquisas sobre variação linguística nos níveis querológico e lexical com o léxico representativo das frutas, como é o caso de MARACUJÁ, nas regiões de Fortaleza e Maceió, buscamos, de modo pioneiro, encontrar as variantes ocorridas no *corpus* investigado.

Empiricamente, MARACUJÁ está contido no grupo de vocábulos que, como usuários nativos da Libras, percebemos não apenas o uso dos parâmetros manuais, mas também a presença das ENM em alguns sinalizadores. Castro Junior (2014), acerca das condições paramétricas de composição das línguas de sinais e, portanto, da Libras, coloca que:

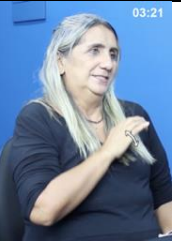
A riqueza da Libras repousa justamente nos elementos chamados de condição paramétrica, e estes, nas línguas de sinais, constituem a estrutura gramatical, semântica e discursiva, tais como movimentos de sobrancelhas, jogo de olhares, meneação de ombros e de cabeça, "balanço" ao sinalizar, leveza ou ênfase no movimento, duração do olhar ou do movimento no ar, maior ou menor amplitude do espaço de sinalização, dentre outros. (CASTRO JUNIOR, 2014, p. 127)

Nesse contexto teórico, observamos como estas condições são utilizadas pelos utentes dessa língua. Percebamos, no seguir da seção, como as condições paramétricas constituem as variantes para MARACUJÁ nos níveis querológico e lexical.

5.14.1 MARACUJÁ: variantes no nível querológico

Com relação aos registros de imagem relativos aos modos de sinalizar MARACUJÁ do grupo de participantes de Fortaleza, o Quadro 122, a seguir, nos informa as seguintes variantes:

Quadro 122 - Sinalização MARACUJÁ em Fortaleza⁸⁵

Sinal	Variantes			
 MJ6	 FI2	 FI3	 FI4	 MI4

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

O sinal, ou seja, o mais utilizado entre os usuários de Fortaleza, foi o realizado por MJ6 e tomado aqui como exemplo. A formação do sinal foi: CM37Ativa no PA lateral do olho, M de abrir e fechar dos dedos indicador e polegar com ENM de

⁸⁵ Consta no APÊNDICE J - 1 Sinalização MARACUJÁ em Fortaleza as imagens com todos os sinalizadores de Fortaleza e sua realização do sinal em tela.

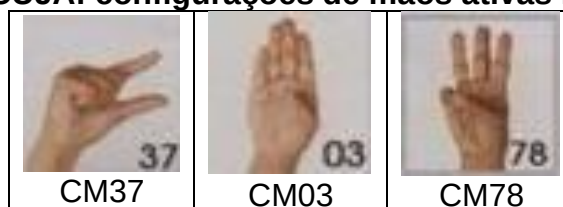
fechamento do olho. Todos os jovens e adultos realizaram o sinal com esta CM: FJ1, FJ2, FJ3, FJ4, FJ5, FJ6, MJ1, MJ2, MJ3, MJ5, MJ6, FA1, FA2, FA3, FA4, FA5, FA6, MA1, MA2, MA3, MA4, MA5, MA6, FI1, FI5, FI6, MI1, MI2, MI3, MI5, MI6.

Ilustramos as variantes, a partir do parâmetro primário CM, com as sinalizações de:

- FI2 – CM03Ativa^CM37Ativa;
- FI3 – CM37Ativa;
- FI4 – CM37Ativa^CM03Ativa;
- MI4 – CM78Ativa.

O Quadro 123, a seguir, apresenta as CM utilizadas:

Quadro 123 - MARACUJÁ: configurações de mãos ativas identificadas



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Identificamos na sinalização de FI2 e FI6 que estas utilizaram duas configurações de mão em sequência, a saber: CM03Ativa^CM37Ativa. A diferença entre as duas está na sinalização de FI6 ser realizada com a mão esquerda, devido a esta ser canhota.

Por sua vez, FI3 realizou a variante com a CM03Ativa na altura do peito.

FI4 realizou variante utilizando a sequência CM37Ativa + CM03Ativa, realizando o sinal ao contrário da variante utilizada por FI2 e FI6.

De modo singular, MI4 foi o único participante a utilizar a CM78ativa, trazendo para seu léxico o querema M, ou seja, fazendo um empréstimo linguístico pelo uso do alfabeto manual para a realização do sinal.

Os participantes canhotos MJ1, FA4, MA2, além de FI6, realizaram o sinal com a mão ativa, ou seja, a esquerda, mas esta diferença não altera as regras paramétricas de composição dos sinais utilizados na região, estando na singularidade da Libras que é uma língua visual-gestual-espacial, estando o aspecto gestual vinculado à dominância da mão do sinalizador.

Com relação ao parâmetro formacional PA, dois foram utilizados: o PA na lateral do olho e o PA encostando no peito na altura do coração.

Assim, nas sinalizações realizadas a partir da CM37Ativa, o PA foi a lateral do olho, remetendo ao princípio ativo do MARACUJÁ que é relaxante e sonífero. Esse sinal da região exige do usuário atenção ao contexto e conteúdo da comunicação, uma vez que a CM37Ativa também pode ser utilizada na composição do sinal SONO.

No caso das sinalizações com a variante lexical CM03Ativa, o PA foi o peito do sinalizador. O princípio calmante do maracujá permanece como motivador do sinal, mas com ação em uma região diferente do corpo. Também exige do sinalizador atenção ao contexto comunicativo, uma vez que pode ser usado como sinal CORAÇÃO.

Observamos que na construção do sinal MA4, MI2, MI5, realizaram as duas variantes.

Em relação a M, foram observados os seguintes movimentos contidos no Quadro 124:

Quadro 124 - MARACUJÁ: movimentos identificados

	movimento retilíneo curto e repetido. O ponto de articulação foi na altura dos olhos e a orientação da palma da mão para a esquerda ou direita.
	movimento curto e longo. A outra variante apresentou o movimento curvilíneo curto ou longo, com o ponto de articulação entre o peito e o coração. A orientação da palma da mão, nesses casos, foi para trás.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Quanto a Or, esta dependeu da CM. Na variante com CM37Ativa, a Or foi para a esquerda nos sinalizadores destros e para a direita nos canhotos. Na variante com a CM03, a Or foi para trás.

Por fim, em relação às ENM, foi observado que alguns participantes fizeram expressão de sono, fechando os olhos, como se estivessem dormindo, embora não tenham sido todos.

Com relação às variantes ocorridas a partir dos grupos sociais feminino e masculino, e faixa etária, observamos que no grupo feminino idoso, FI2, FI3, FI4, MI4 realizaram o léxico com variações.

Em Maceió, Quadro 125 temos a sinalização de MARACUJÁ com sinalizadores que exemplificam as variantes ocorridas na região:

Quadro 125 - Sinalização MARACUJÁ em Maceió⁸⁶

Sinal	Variantes		
 02:24 FJ6	 1:46 MJ1	 01:38 01:39 FA1	 02:31 MI2

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

O sinal, ilustrado por FJ6, foi realizado com a CM05Ativa no PA do peito da sinalizadora, com M de tremulação dos dedos e Or da mão para trás. As sinalizações de MJ1, FA1 e MI2 foram as variantes identificadas.

O Quadro 126 contém as imagens das CM utilizadas pelos sinalizadores de Maceió:

Quadro 126 - MARACUJÁ: configurações de mãos ativas identificadas

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Foi observado que houve a utilização da CM05 por grande parte dos participantes jovens e adultos, tendo sido eles: FJ1, FJ3, FJ4, FJ6, MJ2, MJ3, MJ4, MJ5, MJ6, FA1, FA2, MA1, MA2, MA3, MA4, MA5 e MA6, independentemente, de serem homens ou mulheres. O movimento alternado dos dedos, no PA peito, com a Or da palma para trás, indica a sensação de palpitação no coração, decorrente de fortes emoções, estresse ou ansiedade, remetendo ao efeito calmante do MARACUJÁ.

Os demais participantes realizaram o sinal com as seguintes variantes do parâmetro CM:

- MJ1 — CM05Ativa+ CM43Ativa+CM43Ativa;
- FA1 — CM05Ativa+CM37Ativa;
- MI2 — CM37Ativa.

⁸⁶ Consta no APÊNDICE J - 2 Sinalização MARACUJÁ em Maceió as imagens com todos os sinalizadores de Maceió e sua realização do sinal em tela.

Diferenças nas mãos ativas foram registradas em função de algumas participantes serem canhotas, foram elas: FJ1, FJ3 e FA2.

O PA dependeu da CM utilizada. Para os sinais acontecidos com a CM37Ativa, o PA foi a lateral do olho, para os constituídos pela CM05, o PA foi o peito do sinalizador. Especificamente MJ1, pelo uso de CM43Ativa+CM43Ativa, além do PA no peito, o espaço neutro a sua frente foi utilizado junto a estas CM.

Em relação ao parâmetro M, este dependeu da CM e PA. O Quadro 127, a seguir, apresenta os movimentos identificados:

Quadro 127 - MARACUJÁ: movimentos identificados

	movimento curto e repetido de fechar e abrir os dedos indicador e polegar. MI1 e MI2, pessoas idosas do gênero biológico masculino, utilizaram para a formação do sinal o movimento de dedo indicador em direção ao polegar. O ponto de articulação foi a altura dos olhos e a orientação da palma da mão foi para esquerda ou para direita.
	movimento alternado dos dedos ocorreram com oscilação nos dedos na lateral do peito perto do coração. A orientação da mão para dentro, voltada para o sinalizante.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Vimos essa utilização quando a CM37 foi usada na sinalização de MI1 e MI2, o movimento realizado foi retilíneo, curto e repetido entre o polegar e o indicador.

Na realização de uma variação única, MJ1 sinalizou uma sequência de duas configurações de mão: primeiro, a CM05, assim como os outros participantes, e, segundo a CM43Ativa+CM43Ativa, de forma simétrica, construiu um classificador com o formato redondo da fruta, esta parte do sinal sem M.

Em relação a Or, esta aconteceu a partir da CM, quando esse parâmetro primário foi CM37, a Or da palma foi para esquerda ou para a direita, dependendo da mão ativa do sinalizador. Essa sinalização, como já visto, também significa SONO. Apenas idosos usaram essa variante. Quando a variante foi realizada com a CM05, a Or foi para trás, a palma voltada para o sinalizador.

Por fim, quanto a ENM, alguns participantes usaram a expressão facial de sono, outros não.

5.14.2 MARACUJÁ: variantes no nível lexical

Em Fortaleza, as variantes lexicais observadas foram as duas descritas anteriormente. Entretanto, alguns sujeitos usaram as duas como um léxico composto,

foram eles: MA4, MI2 e MI5. Ressalta-se que mais pessoas idosas usaram a variante que também representa o sinal SONO. Por fim, somente uma pessoa adulta usou somente a variante com a CM03.

Em Maceió, 17 dos sujeitos da pesquisa usaram a variante com CM05 no peito, configurando este como sinal naquela região. Devido à dominância da mão esquerda nos canhotos, FJ1, FJ3 e FA2, estes fizeram o mesmo sinal com a esquerda não com a direita.

Apenas sujeitos idosos usaram a variante realizada com a CM37Ativa direita no PA na lateral do olho, M de abrir e fechar o dedo indicador e polegar, Or para a esquerda e ENM de fechar os olhos, que também significa SONO. Esta sinalização, que se tornou também parte do léxico que se refere a fruta maracujá, é resultado de um processo de mudança linguística.

De acordo com Rodrigues e Silva (2017), os estudos linguísticos que dão atenção a variação e mudança linguística o fazem a partir do escopo de conhecimento sobre os usos e desempenho dos usuários, aspecto desconsiderado pela teoria estruturalista. Assim, citando Weinreich; Labov; Herzog (2006, p. 87), consideramos que a análise linguística:

Precisa dar conta daquilo que é parte constitutiva e fundamental de toda língua, a saber, a mudança linguística, e que fora, de certo modo, deixado de lado pelos estruturalistas, ocupados principalmente com a descrição sincrônica. A problematização do pensamento saussuriano é construída por WLH a partir da própria definição estruturalista de sistema: “se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menos sistematicidade. (RODRIGUES e SILVA, 2017, p 689)

Acerca da pergunta feita vimos, a partir dos dados e da história da Libras, que os momentos de menos sistematicidade são ricos de negociações de significado e sentido, momentos nos quais as diversas gerações e grupos sociais assumem o protagonismo de ação e escolhas lexicais.

Ainda no contexto de produção do léxico MARACUJÁ, vimos que apenas uma pessoa desta pesquisa, FA1, usou as duas variantes na composição do sinal, sinalizando uma variante com CM05Ativa + CM37Ativa.

Comparando as variantes observadas em cada uma das cidades, foi percebido em Fortaleza a ocorrência de sinal homônimo a SONO, esta variante foi realizada por 27 dos participantes. Ocorreu também a sinalização de um léxico composto pelos sinais SONO + CORAÇÃO que foi realizado por 7 participantes, 1 adulto e 6 idosos. Houve, ainda, o registro da variante produzida apenas pelo sinal CORAÇÃO, realizada

por FI3. A diferença na variante MARACUJÁ com a CM05, do sinal CORAÇÃO também realizado com a CM05, está no parâmetro M, uma vez que o sinal MARACUJÁ é realizado com os dedos tremulando na altura do peito, enquanto que para a realização do sinal CORAÇÃO, o movimento é de balançar da mão com o pulso encostado no peito. Ainda em Fortaleza, o léxico MARACUJÁ produzido a partir da inserção do sinal CORAÇÃO tem movimento diferente do léxico realizado em Maceió, pois em Fortaleza o movimento foi o de balançar a mão para cima e para baixo com o punho fixo no PA do peito.

Em Maceió, apenas FA1 usou as duas variantes lexicais para composição do seu léxico. Além disso, a variante que alude ao coração foi sinalizada com configuração de mão diferente daquela usada em Fortaleza. Por fim, apenas MI1 e MI2 sinalizaram de modo que foi possível transcrever MARACUJÁ como SONO.

5.14.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – MARACUJÁ

Acerca dos dados extralinguísticos, observamos que não houve ocorrências de compartilhamento comum do léxico para MARACUJÁ. Assim, as discussões desta seção têm quadros específicos das variantes de Fortaleza e, depois, de Maceió.

Em Fortaleza, com relação aos dados extralinguísticos obtidos pelas entrevistas, foi possível destacar que houve apenas uma variante significativa descrita a seguir. Vejamos o Quadro 128, abaixo:

Quadro 128 - Variantes MARACUJÁ em Fortaleza

FORTALEZA	
MJ1	MJ6
	
FA2	MA3
	
FI6	MI1



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A leitura dos dados nos mostra que os usuários, acima, usaram apenas um léxico para representar a fruta MARACUJÁ. Veremos, posteriormente, que em Fortaleza existe composição de outro sinal ao SONO para produção do léxico MARACUJÁ, que foi SONO^CORAÇÃO. Esta construção não ocorreu em Maceió.

Quanto ao PA, em Fortaleza, ocorreram pequenas variações na bochecha, onde o sinal acontece. Em relação as ENM, estas foram de vários tipos: fechamento de olho, expressão de sono, boca com um pequeno bico, etc.

Ao tratarmos do léxico com composição de dois sinais, temos MI2 e FI6 como representantes desta construção. O Quadro 129 nos possibilita ver suas produções:

Quadro 129 - Variante MARACUJÁ por MI2 e FI6 em Fortaleza



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A observação dos dois idosos mostrou que eles utilizam a composição de dois sinais para a formação do léxico MARACUJÁ. MI2, na primeira entrevista, sinalizou com a mão direita em L na vertical (sinalizador destro), palma da mão para a esquerda, com a localização na lateral do olho direito, ponta dos dedos polegar e indicador se tocando duas vezes. Na sequência, sinalizou com a mão aberta, colocando-a sobre o coração e balançando o pulso duas vezes. Assim, ele produziu o léxico SONO^CORAÇÃO para MARACUJÁ. Na segunda o conjunto de sinais foi o mesmo, no entanto, a sequência foi invertida, ou seja, CORAÇÃO^SONO.

Por sua vez, FI6, na primeira entrevista, sinalizou com a mão esquerda aberta (sinalizadora canhota) colocada sobre o coração e balançando o pulso duas vezes. Na sequência, a mão esquerda em L, palma da mão para a direita, PA na lateral do olho esquerdo, ponta dos dedos polegar e indicador tocando-se duas vezes, CORAÇÃO^SONO. Na segunda entrevista, ela inverteu a sinalização, fazendo SONO^CORAÇÃO.

Vemos em suas sinalizações um aspecto interessante e relevante neste tipo de composição, a inversão dos sinais que compõem o conjunto lexical não gera sem prejuízo para o sinal.

Ainda em Fortaleza, temos mais um dado de alteração de sinalização entre as entrevistas. Este foi observado em MI3. Vejamos as imagens no Quadro 130, a seguir:

Quadro 130 - Variante MARACUJÁ por MI3 em Fortaleza



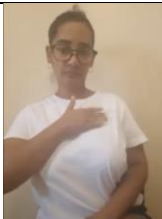
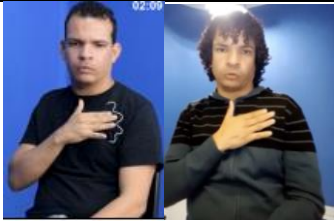
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Em sua primeira entrevista, MI3 sinalizou apenas SONO como representação para MARACUJÁ. Na segunda entrevista, ele, novamente, sinalizou SONO, mas acrescentou o classificador para objetos redondos por meio do uso da CM13 com as duas mãos, juntando as pontas dos dedos indicador e polegar formando, assim, uma imagem esférica.

Outras sinalizações podem mudar a CM para a CM43 e aumentar ou diminuir seu diâmetro sem prejuízo para o significado. Esta é uma composição possível e presente no léxico em Libras. Nossa hipótese é de que o léxico depende do contexto, uma vez que pode acontecer associação ao SONO como sensação pessoal, por isso, o acréscimo da forma, para que não houvesse dúvida para a pesquisadora de que se tratava da fruta MARACUJÁ.

Em Maceió, houve mais ocorrências da variante CORAÇÃO para designação da fruta MARACUJÁ. Vejamos o Quadro 131, a seguir:

Quadro 131 - Variante MARACUJÁ em Maceió

MACEIÓ	
FJ2⁸⁷	FJ3
 8:58	 6:30
FJ5	FA1
 9:28	 8:29
FA2	MA3
 12:58	 6:35
MA4	
 10:08	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

O léxico MARACUJÁ foi realizado com a mão ativa aberta na horizontal, palma da mão encostada no peito esquerdo com os dedos tremeluzindo. Apesar de remeter ao mesmo órgão, o coração, as regiões de Fortaleza e Maceió utilizaram léxicos diferentes para ele. Em Fortaleza, o sinal CORAÇÃO foi realizado no peito, com a mão aberta e dedos juntos, movimento de mover a mão para cima e para baixo. Por sua vez, em Maceió, CORAÇÃO foi realizado no mesmo PA, a mão com os dedos abertos, e movimento dos dedos em pequenas batidas alternadas no peito.

FA2, na primeira entrevista, utilizou a CM com os dedos juntos e apenas o mindinho separado. Na segunda entrevista utilizou os dedos todos separados.

⁸⁷ Com relação a FJ2 e FJ5, ocorreu de a imagem dela no *corpus* do INDLIBRAS não ter sido capturada pela coordenação da pesquisa. Em todos os outros vocabulários ela está presente. Sua ausência não compromete a análise dos dados.

Vimos nos dados da primeira entrevista que FA1 utilizou dois sinais para designar a fruta MARACUJÁ, foram CORAÇÃO e SONO. Na segunda, ela usou apenas CORAÇÃO. Para nós, isso significa que seu repertório é composto pelos dois sinais e ela usa o que acreditar melhor para o contexto de uso ou das influências do momento. Observemos as sinalizações de FJ6 e MJ4 no Quadro 132 a seguir:

Quadro 132 - Variantes MARACUJÁ por FJ6 e MJ4 em Maceió

MACEIÓ					
FJ6			MJ4		
					
02:24		16:03	01:54	6:53	6:56

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Os dois jovens realizaram na primeira entrevista o mesmo sinal, CORAÇÃO para representar MARACUJÁ. No entanto, na segunda entrevista suas sinalizações se alteraram. FJ6 disse usar SONO com a mão direita em L, a palma para a esquerda, PA na lateral do olho direito, ponta dos dedos polegar e indicador tocando-se duas vezes, ou CORAÇÃO, a mão direita aberta na horizontal, palma da mão encosta no peito esquerdo com os dedos tremendo. Também apresentou outro sinal: Mão direita em L na vertical, palma da mão para a esquerda, com a localização na lateral do olho direito, ponta dos dedos polegar e indicador de tocando duas vezes. E MJ4 utilizou CORAÇÃO ou SONO. Não realizaram sinal por composição, construindo um léxico com dois sinais. Disseram que ser mais frequente o uso do léxico CORAÇÃO para MARACUJÁ, mas também utilizaram SONO, dependendo do contexto.

Por fim, no Quadro 133, a seguir, temos a variante de FI1:

Quadro 133 - Variante MARACUJÁ por FI1 em Maceió

MACEIÓ	
FI1 ⁸⁸	
	
	12:06

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

⁸⁸ Com relação a FI1, ocorreu de a imagem dela no *corpus* do INDLibras não ter sido capturada pela coordenação da pesquisa. Em todos os outros vocabulários ela está presente. Sua ausência não compromete a análise dos dados.

Não temos de FI1 o seu léxico MARACUJÁ na primeira entrevista, apenas na segunda. No entanto, essa ausência não prejudica ou invalida a pesquisa. Na entrevista, ela realizou o sinal por composição fazendo, primeiro com as duas mãos, a forma do maracujá com a CM13 palma a palma na frente do peito. Na sequência, com a mão direita em L na vertical, palma da mão para a esquerda, com a localização na lateral do olho direito, ponta dos dedos polegar e indicador tocando os dedos duas vezes. A composição realizada por FI1 se constituiu como uma ocorrência que produziu uma variante diferente, porque ao invés de fazer SONO e, depois, classificador para fruta redonda, como todos os participantes anteriores, ela primeiro apresentou a forma, depois SONO.

Esta inversão é interessante porque, mais uma vez, nos mostra que no léxico MARACUJÁ a sequência dos sinais que pode ser invertida em sua composição sem interferência na construção do seu significado.

5.15 Análise das variantes para MELÂNCIA identificadas em Fortaleza e Maceió

Nesta seção, o léxico MELÂNCIA se constitui como objeto de nossa descrição e análise das variantes para sinais da categoria alimentos, subcategoria frutas. Para tal, desenvolvemos descrição e análise a seguir.

5.15.1 MELÂNCIA: variantes no nível querológico

Nesta altura da pesquisa, os dados compõem as informações querológica e lexical na categoria alimentação, subcategoria frutas. As imagens no Quadro 134 ilustram as variantes para MELÂNCIA realizadas pelos participantes de Fortaleza:

Quadro 134 - Sinalização MELÂNCIA em Fortaleza⁸⁹

Sinal	Variantes				
 FA5	 FJ3	 MJ4	 MJ5	 MA3	 FI4
	 FI6	 MI2	 MI3	 MI4	 MI6

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Na imagem, à esquerda, FA5 ilustra o sinal identificado em Fortaleza. O sinal foi realizado com a CM59Ativa^CM69Passiva. O PA foi o espaço neutro a sua frente, M duplo de tocar duas vezes com a ponta da unha do dedo médio no dorso da mão passiva, como que batendo com o dedo médio na melancia para ver se está madura. A Or foi a palma voltada para baixo.

Com relação às ocorrências de variação no parâmetro CM, estas foram dez. Segue abaixo a descrição das CM utilizadas:

- FJ3 — CM15Ativa^CM15Ativa;
- MJ4 — CM78Ativa^CM78Ativa;
- MJ5 — CM15Ativa^CM15Ativa+CM59Ativa^CM69Passiva;
- MA3 — CM15Ativa^CM15Ativa;
- FI4 — CM08Ativa^CM08Ativa;
- FI6 — CM59Ativa^CM05Passiva;
- MI2 — CM78Ativa^CM78Ativa;
- MI3 — CM59Ativa^CM05Passiva;
- MI4 — CM59Ativa^CM05Passiva+ CM15Ativa^CM15Ativa;
- MI6 — CM59ativa^CM69passiva+ CM15ativa^CM15ativa.

⁸⁹ Consta no APÊNDICE K - 1 Sinalização MELÂNCIA em Fortaleza as imagens com todos os sinalizadores de Fortaleza e sua realização do sinal em tela.

Uma observação que fizemos está na variante realizada por FI6, MI3 e MI4 (quando realiza a primeira sequência do sinal), sendo CM59Ativa^CM05Passiva com a Or da palma voltada para cima. Acontece que CM59ativa significa realização do movimento com a mão ativa que para FI6 é a mão esquerda, uma vez que a mesma é canhota.

Assim, observamos novamente que este tipo de diferença na sinalização independe de qualquer um dos grupos sociais homem, mulher, jovens, adultos e idosos, nos quais buscamos informações sobre prevalência de variantes nos quais os participantes foram categorizados.

Na sequência, o Quadro 135, contém o registro das CM identificadas:

Quadro 135 - MELÂNCIA: configurações de mãos ativas identificadas



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

O sinal feito com duas mãos teve muitas ocorrências com a CM59Ativa^CM69Passiva. Observamos estas ocorrências em: FJ1, FJ2, FJ6, MJ1, MJ2, MJ3, MJ6, FA1, FA2, FA3, FA4, FA5, FA6, MA1, MA2, FI2, FI3 e MI5. Nesse caso, esta é a variante padrão, ou seja, o sinal mais comum utilizado entre os surdos de Fortaleza.

Outra ocorrência de variação que observamos foi com a CM59Ativa^CM05Passiva (tem variantes com a mão levemente aberta e variantes com a mão aberta normal) com a Or da palma voltada para baixo. Estas variantes foram sinalizadas por: FJ4, FJ5, MA4, MA5 e MI1. As pessoas idosas FI6 e MI3 utilizaram um modo diferente de sinalizar, utilizaram a CM59 e bateram na palma da mão com a CM02. Por sua vez, MI4 sinalizou primeiro a forma da melância CM15, depois sinalizou da mesma forma que MI3 com a CM59 batendo na palma da mão.

Uma terceira variante ocorreu com as CM59Ativa^CM69Passiva e CM15Ativa^CM15Ativa. Esta foi realizada por MJ5 e MI6, havendo entre os dois a diferença de que MJ5 realizou a sequência CM15Ativa^CM15Ativa +

CM59Ativa^CM69Passiva e MI6 a sequência CM59Ativa^CM69Passiva+CM15Ativa^CM15Ativa.

Ocorreram as variações realizadas por MJ4 e MI2 a partir de da mesma CM78. Os dois realizaram o sinal com a CM78Ativa^CM78Ativa. A diferença foi de que MJ4 uniu os pulsos colocando as duas mãos na Or palma a palma. Por sua vez, a sinalização de MI2 foi feita com as duas mãos em CM78Ativa, realizando o M de um círculo para “desenhar” uma melancia no espaço, apresentando, assim, M semicircular com as duas mãos no espaço neutro à sua frente.

Outra variante foi o uso da CM12Ativa^CM12Ativa por FJ3 e MA3. Nessa variante, as duas mãos estão ativas e, em simetria, realizam o sinal. A diferença entre os dois sinalizadores foi que MA3 realiza a ENM de movimento de sopro com pressão da língua entre os dentes, como se estivesse a “cuspir” as sementes da melancia.

Por fim, FI1, FI4 e FI5 sinalizam MELÂNCIA com a CM08. Esta foi outra versão da CM para um classificador que cria a imagem de uma fatia da melância. É uma simulação que se está segurando um pedaço de melância. FI1 e FI4 compõe o sinal com a ENM com movimento de abertura dos lábios apresentando com isso os dentes como que numa simulação de mordida da fruta.

O PA para todas das variantes foi espaço neutro na altura do peito e abdômen dos sinalizadores.

Com relação ao parâmetro formacional M, quatro foram os movimentos identificados para formar o sinal. Observemos no Quadro 136, a seguir:

Quadro 136 - MELÂNCIA: movimentos identificados

	movimento duplo de baixar a mão ativa até tocar duas vezes com a ponta da unha do dedo médio no dorso da mão passiva, como que batendo com o dedo médio na melancia para ver se está madura, foi realizado por FJ1, FJ2, FJ5, FJ6, MJ1, MJ3, MJ5, MJ6, FA1, FA2, FA3, FA4, FA5, FA6, MA1, MA2, MA4, MA5, MI1, MI5, MI6.
	movimento de tocar uma vez a ponta da unha do dedo médio da mão ativa no dorso da mão passiva ou na sua palma e soltando-o como que batendo com o dedo médio na fruta para ver se está madura, realizado por FJ4, MJ2, FI2, FI3, FI6, MI3, MI4.
	movimento médio e semicircular repetido, sinalizado por FJ3, MA3, FI1, FI4, FI5.
	movimento circular para “desenhar” a melancia realizado por MI2.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

A Or dependeu do parâmetro CM, assim, temos várias ocorrências identificadas a partir das combinações das CM. Ilustramos estas a partir dos participantes tomados como exemplo das CM utilizadas em cada variante:

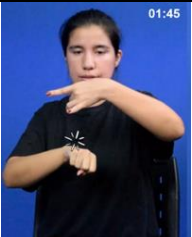
- FJ3 — $CM15Ativa^CM15Ativa = Or\ para\ cima;$
- MJ4 — $CM78Ativa^CM78Ativa = Or\ palma\ a\ palma;$
- MJ5 — $CM15Ativa^CM15Ativa = Or\ para\ cima\ e$
 $CM59Ativa^CM69Passiva = Or\ para\ baixo;$
- MA3 — $CM15Ativa^CM15Ativa = Or\ para\ cima;$
- FI4 — $CM08Ativa^CM08Ativa = Or\ para\ cima;$
- FI6 — $CM59Ativa = Or\ para\ baixo\ e\ CM05passiva = Or\ para\ cima;$
- MI2 — $CM78Ativa^CM78Ativa = Or\ palma\ a\ palma;$
- MI3 — $CM59Ativa = Or\ para\ baixo\ e\ CM05Passiva = Or\ para\ cima;$
- MI4 — $CM59Ativa = Or\ para\ baixo\ e\ CM05Passiva = Or\ para\ cima\ e$
 $CM15Ativa^CM15Ativa = Or\ para\ cima;$
- MI6 — $CM59Ativa^CM69Passiva = Or\ para\ baixo\ e$
 $CM15Ativa^CM15Ativa = Or\ para\ cima.$

Quanto ao parâmetro ENM, observamos em FJ3 e MA3 que foi utilizado o movimento de boca semiaberta, lábio inferior um pouco inflado para comer. Em FI1 e FI4, boca semiaberta e dentes aparecendo.

Nas variantes identificadas em Fortaleza não foram observadas diferenças significativas nos sujeitos para considerarmos nas categorias sexo biológico ou faixa etária.

Em relação às ocorrências de variantes no grupo de Maceió, iniciamos com a apresentação do Quadro 137, a seguir, com imagens dos participantes da região, tomados como exemplo para nosso trabalho de descrição e análise. Confirmamos o quadro:

Quadro 137 - Sinalização MELÂNCIA em Maceió⁹⁰

Sinal	Variantes				
 FJ2	 FJ1	 FJ5	 MA2	 MA5	 FI2
	 MA3	 MA4			

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Identificamos como sinal, ou seja, o mais utilizado entre os participantes, a variante sinalizada por FJ2, aqui tomada como exemplo: CM12Ativa^CM12Ativa com PA no espaço neutro a frente da boca da sinalizadora, M médio e semicircular repetido, e Or da mão voltada para trás.

As demais variantes ocorridas estão exemplificadas por:

- FJ1 — CM59Ativa^CM69Passiva;
- FJ5 — CM12Ativa^CM12Ativa, estando sua variação no parâmetro ENM;
- MA2 — CM59Ativa^CM15Passiva;
- MA5 — CM59Ativa^CM15Passiva, estando sua variação com relação a MA2 no parâmetro Or;
- FI2 — CM12Ativa^CM12Ativa, estando sua variação no parâmetro Or;
- MA3 e MA4 — CM08Ativa^CM08Ativa, com a orientação da mão diferente, para dentro e na vertical.

Observamos que FJ1, por ser canhota, sinalizou com a mão esquerda. Esta forma de sinalização não se constitui como variante e independe da categoria ao qual ela pertence, mulher jovem.

⁹⁰ Consta no APÊNDICE K - 2 Sinalização MELÂNCIA em Maceió as imagens com todos os sinalizadores de Maceió e sua realização do sinal em tela.

O Quadro 138, a seguir, contém imagens ilustrativas das CM utilizadas nas variantes em Maceió:

Quadro 138 - MELÂNCIA: configurações de mãos ativas identificadas



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

A variante mais utilizada em Maceió e registrada em nossa pesquisa como sinal foi realizada por: FJ2, FJ3, FJ5, FJ6, MJ1, MJ4, MJ5, MJ6, FA2, FI1, FI2 e MI1, que usaram as CM12Ativa^CM12Ativa de modo simétrico e simultâneo, configurando um classificador instrumental, uma vez que simula o ato de segurar a melancia.

Em relação à variante ocorrida a partir da CM59Ativa^CM69Passiva, esta foi realizada por FJ1, FJ4, MJ2, FA1 e MA6, com a mão ativa representando uma ação e bater com dedo para ver se a fruta está madura. Cabe o destaque, com informação que será retomada no parâmetro PA, que MJ3 realizou o M no braço e não no dorso da mão, como os demais participantes que sinalizaram esta variante.

A variante CM59Ativa^CM15Passiva foi identificada apenas entre os homens adultos e sinalizada por MA1, MA2 e MA5. Um parâmetro aqui destacado foi a Or, retornaremos a ele na sequência. Uma vez que MA2 realizou o sinal com a Or palma da mão voltada para cima.

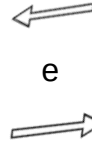
Por fim, a variante CM08Ativa^CM08Ativa, sinalizada por MA3 e MA4, à semelhança da variante CM12Ativa^CM12Ativa, se constitui de um classificador instrumental que representa uma fatia da melancia na forma de triângulo.

O PA foi o espaço neutro a frente dos sinalizadores na altura do pescoço e peito, com pequenas variações de aproximação e distanciamento da boca.

Dois destaques relacionados ao PA: o primeiro, identificado em FJ3 e MA4 de aproximação maior entre as mãos na realização da CM12Ativa^CM12Ativa. Os dedos mindinhos nas duas sinalizações praticamente se tocam; o segundo, MJ3, realiza o M de abrir e fechar o dedo médio no braço, não no dorso da mão.

Em relação ao movimento os dados apresentam os seguintes resultados. Confirmamos o Quadro 139, a seguir:

Quadro 139 - MELÂNCIA: movimentos identificados

	movimento de bater o dedo na mão passiva uma vez. MA2 realizou esse movimento em dois pontos, as pontas dos dedos polegar e médio. De modo diferente, FJ1, FJ4, MJ2, MJ3 e MA1 realizaram o movimento com a orientação da palma para baixo e o ponto de articulação o espaço neutro em frente ao abdômen e peito.
	movimento semicircular e repetido, realizado por FJ2 e FJ6. O ponto de articulação o espaço neutro na altura do peito e a orientação, a palma para trás.
	movimento retilíneo distanciando para frente e para trás. O movimento retilíneo, apareceu em MJ5 e MJ6.
	movimento único curvilíneo e longo em FJ3, FJ5, FA2, MA3, FI1, FI2 e MI1. O ponto de articulação foi o espaço neutro na altura do peito, com orientação da palma para trás.
	movimento da mão ativa e do dedo batendo na mão passiva duas vezes. No grupo adulto, ocorreu especificamente em FA1, MA5, MA6 e FA1.
	movimento retilíneo curto e repetido foi realizado por MA4. O ponto de articulação foi o espaço neutro na altura do peito e a orientação da palma para cima.
	movimento duplo em sentido contrário. MJ1 e MJ4 utilizaram para a formação do sinal o ponto de articulação no espaço neutro na altura entre peito. A orientação da palma da mão foi para trás.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

A Or dependeu da CM utilizada. Assim, para os sinalizadores das CM12Ativa^CM12Ativa, a orientação da mão foi para trás, voltada para o sinalizador. A não ser FI2, que usou a CM12Ativa^CM12Ativa, mas a Or palma a palma. Para 22 participantes, a variante sinalizada foi com CM59Ativa^CM69Passiva, Or foi palma para baixo. A variante composta por CM59Ativa^CM15Passiva, com a Or dá para baixo, foi realizada por 3 participantes.

Além desta diferença, não foram observadas diferenças significativas nos sujeitos ao focarmos nas categorias sexo biológico ou faixa etária.

5.15.2 MELÂNCIA: variantes no nível lexical

Em Fortaleza, no tocante as variantes identificadas na região, observamos que a mais comum foi aquela que lembra o ato de verificar se a melancia está madura, batendo o dedo no dorso da mão passiva. Outra, menos comum, foi realizada por FJ3, MA3, FI1, FI4, FI5 e MI5, e simulava o ato de comer uma melancia e apresentava

expressão facial marcada, como vemos nas imagens contidas no quadro 125, anteriormente mostrado. Observamos que MI5 realizou duas variantes lexicais diferentes, sendo seu segundo léxico o realizado com a CM59Ativa^CM69Passiva.

Por fim, MJ4 e MI2 usaram uma terceira variante composta pelo parâmetro primário CM78+CM78, com MI2 acrescentando a ela o M semicircular como a “desenhar” a melancia no espaço.

Quanto as variantes lexicais acontecidas em Maceió, observamos a ocorrência da variante não-padrão em todos os grupos analisados, isto é, metade dos participantes usaram a variante que simula o ato de comer uma melancia, que consiste em usar a CM12 ou CM08 na função de classificador instrumental. A outra metade dos sujeitos recorreu à variante que simula o ato de verificar se a melancia está madura.

Em Fortaleza, observamos a presença de três variantes, enquanto, em Maceió, a ocorrência de duas, as mesmas de Fortaleza, menos a variante formada pelo parâmetro CM78+CM78, no PA pulsos juntos, palma a palma formando uma imagem redonda.

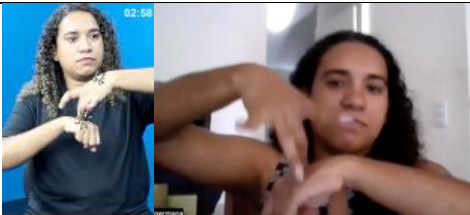
Fortaleza e Maceió realizaram os mesmos sinais e, algumas diferenças se apresentaram no PA, M e Or de variação querológica, configurando mudança de parâmetro, podem ser consideradas variações regionais.

5.15.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – MELÂNCIA

MELÂNCIA é um dos léxicos com mais variantes nas duas regiões investigadas, e as ocorrências estão entre homens e mulheres, jovens, adultos e idosos do mesmo modo.

Vejamos, com relação aos dados extralinguísticos, que o Quadro 140 nos apresenta uma sinalização comum entre Fortaleza e Maceió para o léxico MELÂNCIA realizado por MJ1, FA2 e FA1:

Quadro 140 - Variante MELÂNCIA em Fortaleza e Maceió

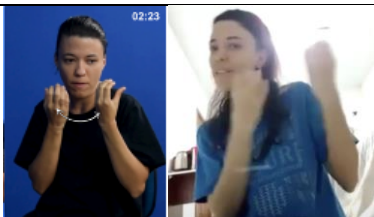
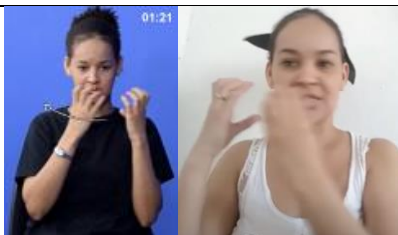
FORTALEZA		MACEIÓ	
MJ1		FA1	
			
FA2			
			

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ao observarmos a produção do léxico, vemos a mão esquerda passiva em S na horizontal (sinalizador destro), com a palma da mão para baixo. Mão direita na horizontal, dedos levemente encurvados com a palma da mão para baixo, ponta dos dedos médio e polegar juntas e unha do dedo médio batendo duas vezes na palma da mão esquerda. Ambas as mãos em frente ao corpo. Nas duas regiões a sinalização é semelhante, ocorrendo, apenas, de FA2, de Fortaleza, na primeira entrevista estar com a mão passiva em S e na segunda estar com ela aberta, mas esta variação não altera o léxico. A participante, que é canhota, na primeira entrevista recorreu à mão ativa, mas na segunda entrevista, ela usou a mão passiva como mão ativa para realizar o sinal.

Continuando nossa análise de léxicos em comum nas regiões de Fortaleza e Maceió, observamos que as duas regiões têm em comum fatia^COMER. Observemos o Quadro 141, a seguir, no qual os usuários sinalizaram MELÂNCIA, do seguinte modo:

Quadro 141 - Variantes comuns entre Fortaleza e Maceió

FORTALEZA		MACEIÓ	
MA3		FJ2	
			
FI5		FJ3	
			
		FJ5	
			
		FJ6	
			
		FA2	
			
		FI1	
			

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Em relação à variante comum entre Fortaleza e Maceió produzida com as mãos direita e esquerda na vertical, ambas em C, palmas das mãos para trás, na altura da

boca, sem tocar, movimentando na frente da boca da direita para a esquerda, com a expressão facial mastigando ou cuspidando uma semente. Observamos no *corpus* coletado que esta variante, apesar de comum, está mais presente em Maceió. Entre os usuários de Fortaleza, os jovens e adultos utilizam de modo mais predominante a CM12, entre os idosos CM10. Outro aspecto de diferença entre as gerações é o PA. Entre os jovens e adultos o PA foi com as mãos mais próximas do peito, com os adultos, mais da boca. Em Maceió, o mesmo aspecto da CM se repete, com o acréscimo entre jovens da ENM de cuspir as sementes. Este elemento não se apresenta em Fortaleza.

Observamos, ainda, que ocorreram alterações de complementação da ENM em alguns participantes, enquanto outros retiraram esse parâmetro. Por exemplo, FJ3, na primeira entrevista, fez o sinal as mãos direita e esquerda na vertical, ambas em C, palmas das mãos para trás, na altura da boca, sem tocar, movimentando na frente da boca da direita para a esquerda. E na segunda entrevista construiu o léxico acrescentando a ele “cuspir-sementes”. Inversamente, FJ5, na primeira sinalização, utilizou a ENM “cuspir-sementes” e não repetiu o sinal ao léxico na segunda entrevista.

De modo geral, existe entre os usuários a omissão da ENM “cuspir-sementes”. Uma ocorrência produzida apenas em Fortaleza por MI3 está relacionada a diferença em sua sinalização nas entrevistas. Veja O Quadro 142 com as imagens:

Quadro 142 - Variante MELÂNCIA por MI3 em Fortaleza



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Assim, na segunda entrevista, ele realiza o sinal com a mão esquerda na horizontal, dedos levemente encurvados, com a palma da mão para baixo. Mão direita na horizontal, dedos levemente encurvados com a palma da mão para baixo, ponta dos dedos médio e polegar juntas e unha do dedo médio batendo duas vezes no dorso da mão esquerda. Ambas as mãos em frente ao corpo. A diferença de PA no toque

da unha na mão passiva, que na primeira entrevista foi na lateral da mão e na segunda no dorso, não altera o léxico, mas nos mostra que MI3 recebeu influência da sinalização de outra pessoa entre a primeira e segunda gravação. Esta diferença não significa um problema, mas, sim, que a segunda forma lexical se apresentou como novo léxico em seu repertório, tornando-se parte de seu patrimônio linguístico.

Quanto a FI6, o Quadro 143 mostra suas duas entrevistas:

Quadro 143 - Variante MELÂNCIA por FI6 em Fortaleza



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ao vermos sua sinalização nas duas entrevistas, identificamos a manutenção do mesmo léxico, ou seja, com a palma da mão passiva voltada para cima e com a unha do dedo médio tocando nela. Isso significa que esta é realmente uma forma de produção do sinal que faz parte do repertório da participante, uma vez que não se alterou nas duas entrevistas.

Por sua vez, MI1 apresenta duas sinalizações. Observemos o Quadro 144, a seguir:

Quadro 144 - Variante MELÂNCIA por MI1 em Fortaleza



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na primeira entrevista MI1 realizou o sinal para melancia como os demais. Na segunda, realizou um léxico com acréscimo de VERMELHO ao sinal original, ficando sua sinalização na segunda entrevista do seguinte modo: mão direita com palma para baixo (sinalizador destro), ponta dos dedos médio e polegar juntas e unha do dedo médio batendo duas vezes no dorso da mão esquerda, os dedos levemente curvos

com a Or da mão para baixo, ambas as mãos no espaço neutro a frente do sinalizador. Mais, dedo indicador tocando o lábio. Este acréscimo nos permite conjecturar que MI1 sentiu a necessidade de deixar a informação mais clara acrescentando VERMELHO, cor de referência da fruta.

De modo específico, MI2 produziu um léxico diferente de todos os outros participantes. Na primeira entrevista, ele fez com as duas mãos em CM79 com movimento de fazer uma bola. Confirmamos o Quadro 145:

Quadro 145 - Variante MELÂNCIA por MI2 em Fortaleza



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na segunda entrevista, MI2 realizou o léxico COMER^{FATIA}+VERMELHO. Nossa hipótese é de na primeira ele tenha criado esse léxico a partir da imagem de uma melância que lhe foi apresentada no vocabulário *Swedesh*. De outro modo, no momento da entrevista pelo *Google meet*, fez uso do léxico corrente na comunidade, utilizando a variante com o complemento VERMELHO. Neste momento, MI2 deixou a CM mais fechada que os demais usuários de sua região.

Quanto aos outros sinalizadores, nenhum deles sentiu essa necessidade de complementação, utilizando apenas a primeira parte do sinal.

Temos as variantes sinalizadas por MJ6 e MI6 que acrescentaram ao sinal o classificador redondo para compor o léxico MELÂNCIA. Vejamos o Quadro 146:

Quadro 146 - Variante MELÂNCIA por MJ6 e MI6 em Fortaleza



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ao vermos as entrevistas observamos que MJ6 na primeira realiza um léxico único com a mão esquerda em S na horizontal, com a palma da mão para baixo. Mão direita na horizontal, dedos levemente encurvados com a palma da mão para baixo, ponta dos dedos médio e polegar juntas e unha do dedo médio batendo duas vezes na palma da mão esquerda. Ambas as mãos em frente ao corpo. Na segunda entrevista foi que ele acrescentou a forma da melancia via classificador redondo. Por sua vez, MI6 repete o mesmo léxico nas duas entrevistas. Nesse sentido, podemos entender que a primeira parte se constitui como a raiz do léxico, não havendo impedimento ou restrição gramatical para acréscimos que os usuários queiram fazer para dar mais clareza aos sinais que realizam.

Com relação a produções específicas de Maceió, os dados nos apresentam a sinalização de MA3 e MA4 que constroem o léxico MELÂNCIA com diferenças entre a primeira e segunda entrevistas. Vejamos as imagens no Quadro 147:

Quadro 147 - Variante MELÂNCIA por MA3 e MA4 em Maceió

MACEIÓ					
MA3			MA4		
					
02:57		6:30	02:23		10:02
		6:32			10:05

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na primeira entrevista, os dois participantes realizaram sinal com as mãos direita e esquerda na vertical, palmas das mãos para cima, juntando as pontas dos dedos de cada mão próximo à altura da boca e movimentando da direita para esquerda com a expressão facial de estar mastigando. Na segunda, repetiram esse mesmo sinal, mas acrescentaram dois sinais antes dele. A sequência da sinalização foi a seguinte:

- 1º: mãos direitas e esquerda abertas e com dedos curvos, palma a palma, em frente ao corpo.
- 2º: mão esquerda com dedos levemente curvos, palma da mão voltada para baixo. Mão direita acima da esquerda, dedos levemente encurvados, palma da mão para baixo, ponta dos dedos médio e polegar juntas e unha do dedo médio batendo 2x no dorso da mão esquerda. Ambas as mãos em frente ao corpo.

- 3º: mãos direita e esquerda na vertical, palmas das mãos para cima, junta as pontas dos dedos de cada mão, na altura da boca e movimenta da direita para esquerda com a expressão facial de estar mastigando.

Identificamos que o léxico, em duas partes, identificado também em Fortaleza, tem diferença na sequência do sinal de uma região para outra. Enquanto em Fortaleza primeiro foi realizada a parte de “testagem” da melancia pelo toque do dedo médio no dorso da mão, em Maceió, o léxico tem início com a forma redonda da melancia.

Por fim, a sinalização de MJ4, de Maceió, que realizou duas variantes para MELÂNCIA.

Confirmamos o Quadro 148 com suas sinalizações:

Quadro 148 - Variante MELÂNCIA por MJ4 em Maceió



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

MJ4 também usou dois léxicos nos dois momentos de registros dos dados. No primeiro ele produziu léxico para MELÂNCIA com as mãos direita e esquerda na vertical, palmas das mãos para cima, juntando as pontas dos dedos de cada mão, na altura da boca e movimentando da direita para esquerda com a expressão facial de estar mastigando.

Na segunda entrevista, fez o sinal com a mão esquerda na horizontal, dedos levemente curvos, palma da mão para baixo. Mão direita na horizontal, dedos levemente curvados com a palma da mão para baixo, ponta dos dedos médio e polegar juntas e unha do dedo médio batendo duas vezes no dorso da mão esquerda. Ambas as mãos em frente ao corpo.

Como os dois léxicos fazem parte do repertório da região, existindo, inclusive, a variante que acrescenta ao léxico COMER[^]FATIA a ENM de cuspir, que não foi utilizada por ele, consideramos que as duas formas de sinalização fazem parte de seu repertório e ele as utiliza indistintamente.

A quantidade de variantes do léxico MELÂNCIA nos remetem a reflexão laboviana sobre a heterogeneidade das línguas, quando estamos na perspectiva

social de compreensão do seu movimento comunicativo a partir do qual a comunidade de fala⁹¹ mobiliza seu funcionamento. (RODRIGUES; SILVA, 2017)

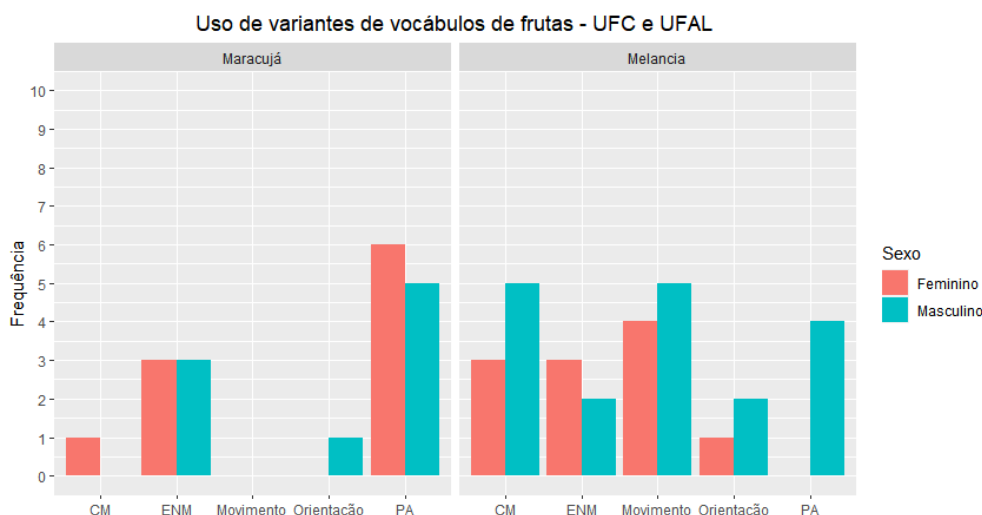
5.16 Análise Quantitativa: Variações Querológica, Lexical e Regional do Sinal MELÂNCIA E MARACUJA

Sobre o objetivo do estudo da variação linguística nos níveis querológico e lexical do sinal MARACUJÁ, nas regiões de Fortaleza e Maceió, constatou-se, a partir das descrições anteriormente realizadas, a existência de variação regional. Seguindo nossos estudos e buscando aprofundar o conhecimento acerca do comportamento dos grupos sociais de homem e mulher, jovens, adultos e idosos, empreendemos, na sequência, o desenvolvimento da análise quantitativa das ocorrências de variantes em MARACUJÁ e MELÂNCIA.

Os dados estatísticos da variação querológica do sinal MARACUJÁ possibilitaram a seguinte leitura: nas duas regiões, entre homens e mulheres, há diferenças nas escolhas dos parâmetros formadores do sinal e o tratamento das informações na dimensão quantitativa da pesquisa, nos permitiram observar que MELÂNCIA é um sinal com variantes ocasionadas por diferenças em todos os parâmetros formacionais dos sinais.

Os dados registrados no GráficoR 20 nos permitem conferir a variação querológica ocorrida.

GráficoR 20 - Uso de variantes de vocábulos de frutas - UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

⁹¹ Mantivemos o termo para ficar compreendido que também compartilhamos a ideia de que “fala” se constitui como a materialidade da língua no ato comunicativo, não importando se a comunidade usa a modalidade 1, fala oral, ou da modalidade 2, sendo nosso caso, fala sinalizada.

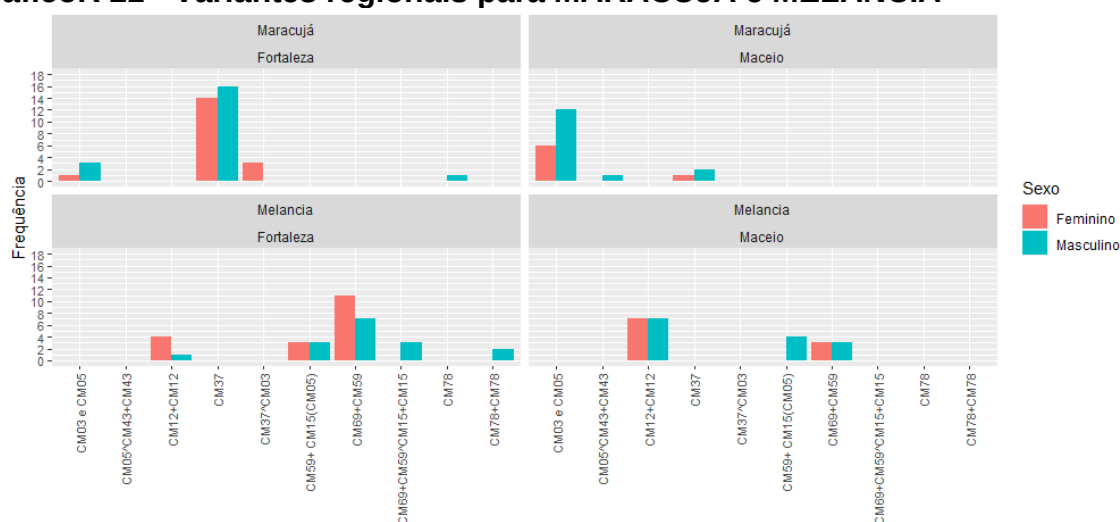
Quando olhamos para o gráficoR, colocando em paralelo as duas frutas, observamos que em MELÂNCIA houve ocorrências de variação em todos os parâmetros, enquanto em Fortaleza, em relação ao M, não aconteceu variação.

Ao considerarmos as categorias mulher e homem como norteadoras de nossa análise, identificamos que MARACUJÁ, entre as mulheres, houve ocorrências de variação nos parâmetros PA, ENM e CM, respectivamente. Uma especificidade de produção de variantes entre os dois grupos, pois entre as mulheres ocorreu variação na CM, mas não na Or. Enquanto entre os homens foi de não ocorrência de variação na CM.

Em relação à MELÂNCIA os dados de Fortaleza e Maceió nos mostram que no grupo masculino aconteceu variação em todos os parâmetros, enquanto entre as mulheres não houve ocorrência de variação no PA, mas o M, CM e ENM foram os parâmetros com mais ocorrências nesse grupo. A Or, entre as mulheres, teve menos frequência de variações. Entre os homens, MELÂNCIA foi um sinal com variações na CM e M, ENM e Or, com variação em quantidades iguais.

O comportamento das variantes lexicais e regionais do sinal MELÂNCIA e MARACUJÁ podem ser observados no GráficoR 21:

GráficoR 21 - Variantes regionais para MARACUJÁ e MELÂNCIA



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ao observarmos os participantes da categoria homens de Fortaleza e Maceió, vimos que eles não utilizaram o sinal que pode ser transcrito para a escrita em língua portuguesa como composto pelas palavras SONO^CORAÇÃO. Por sua vez, entre as mulheres de Fortaleza, esta variante foi identificada. Entre os homens de Fortaleza houve 15 variantes com a CM37, enquanto com essa mesma CM, em Maceió, 2

homens a realizaram. Podemos observar que entre as mulheres de Maceió ocorreram mais variantes ao tomarmos o uso do sinal CORAÇÃO, CM05, para representar a fruta. De outro modo, CORAÇÃO em Fortaleza é realizado com a CM03, a mesma CM e movimento utilizado na formação de sinal coração. Dessa forma, vemos que as duas cidades, apesar de estarem representando MARACUJÁ a partir do mesmo órgão, não sinalizam do mesmo modo. Em relação ao sinal para SONO, este acontece pela CM37 e tanto em Maceió quanto em Fortaleza 15 pessoas do grupo dos homens utilizaram essa CM. Em segundo lugar, 14 mulheres, do mesmo modo, utilizaram o sinal SONO para significar MARACUJÁ.

Sobre a variante que em língua portuguesa pode ser registrada como CORAÇÃO, esta foi a variante mais utilizada entre os homens, havendo ocorrência entre as mulheres, mas em menor quantidade. Considerando a categoria região na realização dessa variante, ela foi maior em Maceió que em Fortaleza.

Por fim, quanto a variação lexical transcrita para a língua portuguesa como SONO, esta esteve presente nos dois grupos independentes da região.

Sobre MELÂNCIA. Fortaleza e Maceió utilizaram do sinal “segurar-melância” com a CM12^CM12. No grupo feminino dos participantes de Fortaleza, 11 mulheres, sinalizou o léxico MELÂNCIA composto por CM69Ativa^CM59Passiva que significa BATER-UNHA-NO-DORSO-DA-MÃO e utilizou da mão ativa “bater-unha” na mão passiva aberta CM05+CM59.

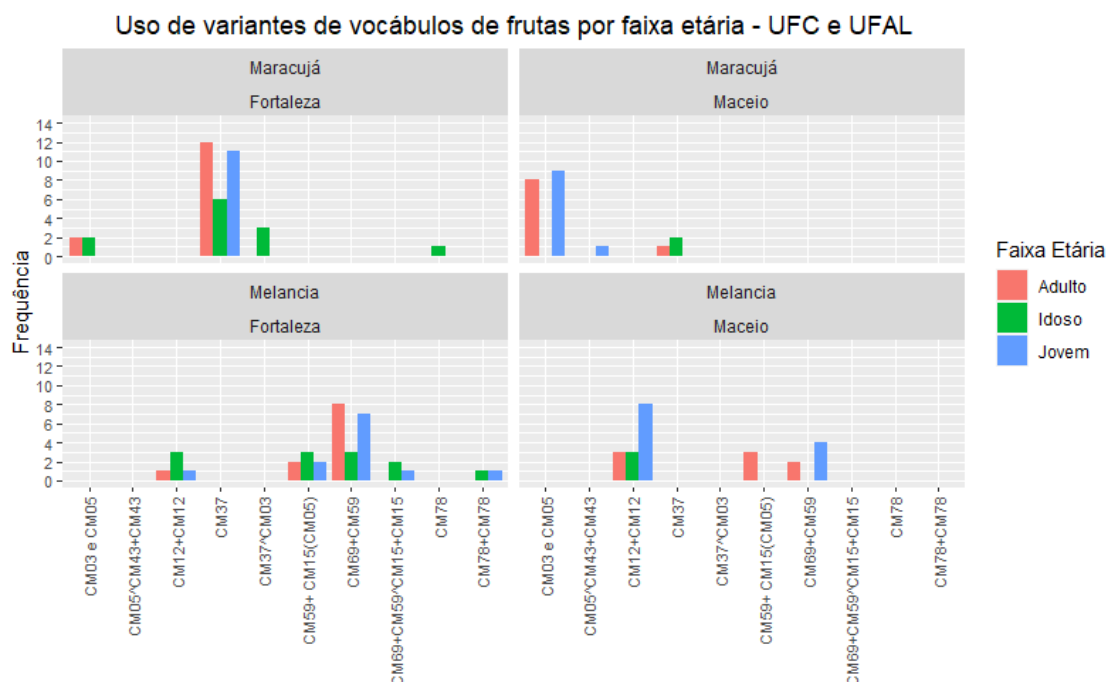
Nenhuma das mulheres realizou a variante composta CM69Ativa^CM59Passiva+CM15Ativa^CM15Ativa que é o sinal melancia pela icônica forma da melância, agregando ao léxico uma segunda composição de objeto redondo via classificador.

Por sua vez, foi justamente essa a composição lexical que o grupo masculino fez. Um sinal similar, mas com uma variação, o acréscimo por dois homens do grupo dos idosos, do classificador para objeto redondo compondo o sinal MELÂNCIA^CÍRCULO.

Em Fortaleza, os grupos jovens e idosos masculinos utilizaram o sinal significado por muitos como mamão CM78+CM78. Nesse caso, nossa hipótese é de que eles acompanharam a letra inicial M, utilizando-a para melância.

O GráficoR 22 nos informa o comportamento da Libras em relação à faixa etária dos participantes.

GráficoR 22 - Uso de variantes de vocábulo de frutas por faixa etária – UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ao olharmos no gráficoR para o movimento de escolhas dos participantes em relação a MARACUJÁ nas categorias jovens, adultos e idosos, em Fortaleza, vemos as variantes que podemos registrar como SONO^CORAÇÃO, CM03^CM37, e SONO, CM37, estiveram presentes entre os jovens e os idosos, mas não houve ocorrências entre os adultos. No entanto, ocorreu variante com sequência ao contrário CM37^CM03. Assim, primeiro foi utilizada a CM37 e, segundo a CM03 para composição da sequência do léxico.

O grupo feminino utilizou em menor quantidade a variante lexical CORAÇÃO, enquanto o grupo masculino fez mais uso desta variação, CORAÇÃO, como representante lexical para MARACUJÁ. Desse modo, as CM05^CM43+CM43 compuseram o sinal MARACUJÁ^forma-de-círculo (duas mãos) para a representação da fruta maracujá. Em Maceió, uma pessoa idosa utilizou o sinal apenas com a letra M. Nossa hipótese é de que ela pode não ter se lembrado do sinal para maracujá e também não saber o nome completo em língua portuguesa, por isso ela fez M, CM78. Esta variante não se constitui como sinal e parece ser uma tentativa para lembrar o nome da fruta. Assim, a pessoa sinalizou apenas a letras M. Não houve ocorrência dessa sinalização por outro participante.

Ainda analisando as ocorrências por faixa etária, vimos que para significar MARACUJÁ, entre jovens, adultos e idosos de Fortaleza, foram 29 pessoas

produzindo o sinal SONO, CM37, tendo sido 11 jovens, 12 adultos e 6 idosos, os sinalizadores desse léxico. Em Maceió, 3 pessoas, 1 adulto e 2 idosos. Por sua vez, para o uso do sinal CORAÇÃO, CM05, vimos que 2 adultos e 2 idosos em Fortaleza fizeram uso desse sinal, não tendo ocorrido entre os jovens. Em Maceió, o gráfico R nos mostra que 9 jovens e 8 adultos utilizaram essa CM.

O Quadro 149, a seguir, contém as informações quantitativas referentes as CM utilizadas para construção do léxico:

Quadro 149 - Variantes para MARACUJÁ a partir das CM

Faixa etária	CM utilizadas	Fortaleza	Maceió
Jovem	CM37	11	0
	CM03 ou CM05	0	9
	CM05^CM43+CM43	0	1
Adulto	CM37	12	1
	CM03 ou CM05	2	8
Idoso	CM37	6	2
	CM03 ou CM05	2	0
	CM37^CM03	3	0
	CM78	1	0

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Conforme o quadro acima, vemos que aconteceram mais ocorrências de variação em Fortaleza que em Maceió, estando entre os idosos a maior quantidade de diferenças nos usos das CM.

Em relação à MELÂNCIA foi possível observar que está entre os jovens e adultos a utilização da variante BATER-NA-MELÂNCIA, CM59+CM69, realizada pelo grupo de adultos de Fortaleza que utilizou outras variantes para o léxico MELÂNCIA. Por sua vez, entre os idosos foi observado o sinal com a forma de bola com a segunda maior quantidade de pessoas utilizando a CM12+CM12 na utilização da variante que cria a imagem de segurar a melancia com expressão facial ou sem.

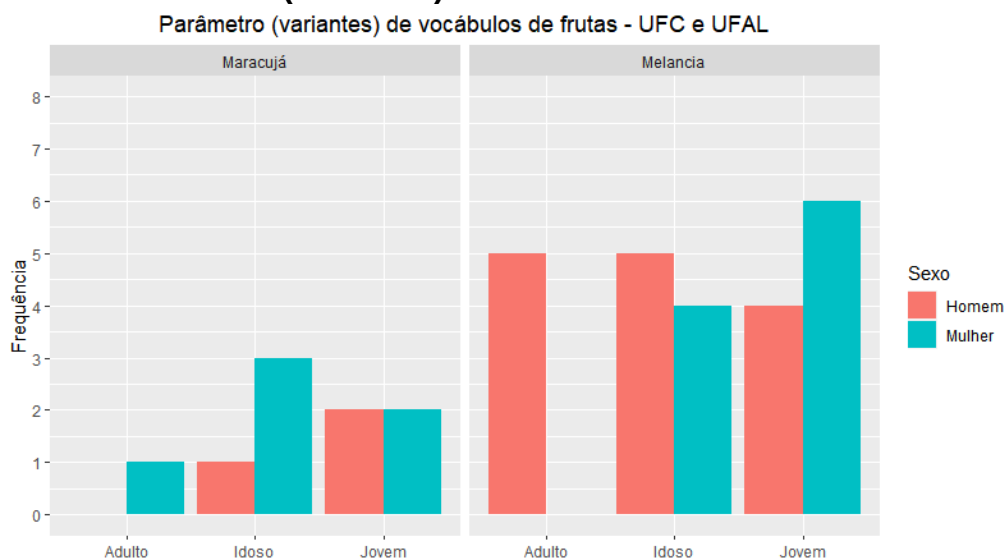
O Quadro 150, a seguir, nos apresenta as quantidades nas variantes nas CM utilizadas em Fortaleza e Maceió:

Quadro 150 - MELÂNCIA: Variantes por CM em Fortaleza e Maceió

Faixa etária	CM utilizadas	Fortaleza	Maceió
Jovem	CM59+CM69	7	4
	CM59+CM15(CM05)	2	0
	CM12+CM12	1	8
	CM59+CM69^CM15+CM15	1	0
	CM78+CM78	1	0
Adulto	CM59+CM69	8	2
	CM59+CM15(CM05)	2	3
	CM12+CM12	1	3
	CM59+CM69	3	0
Idoso	CM59+CM15(CM05)	3	0
	CM12+CM12	3	3
	CM59+CM69^CM15+CM15	2	0
	CM78+CM78	1	0

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Em relação às variações acontecidas nas categorias etárias de jovens, adultos e idosos, o GráficoR 23 nos informa que:

GráficoR 23 - Parâmetro (variantes) de vocábulos de frutas – UFC e UFAL

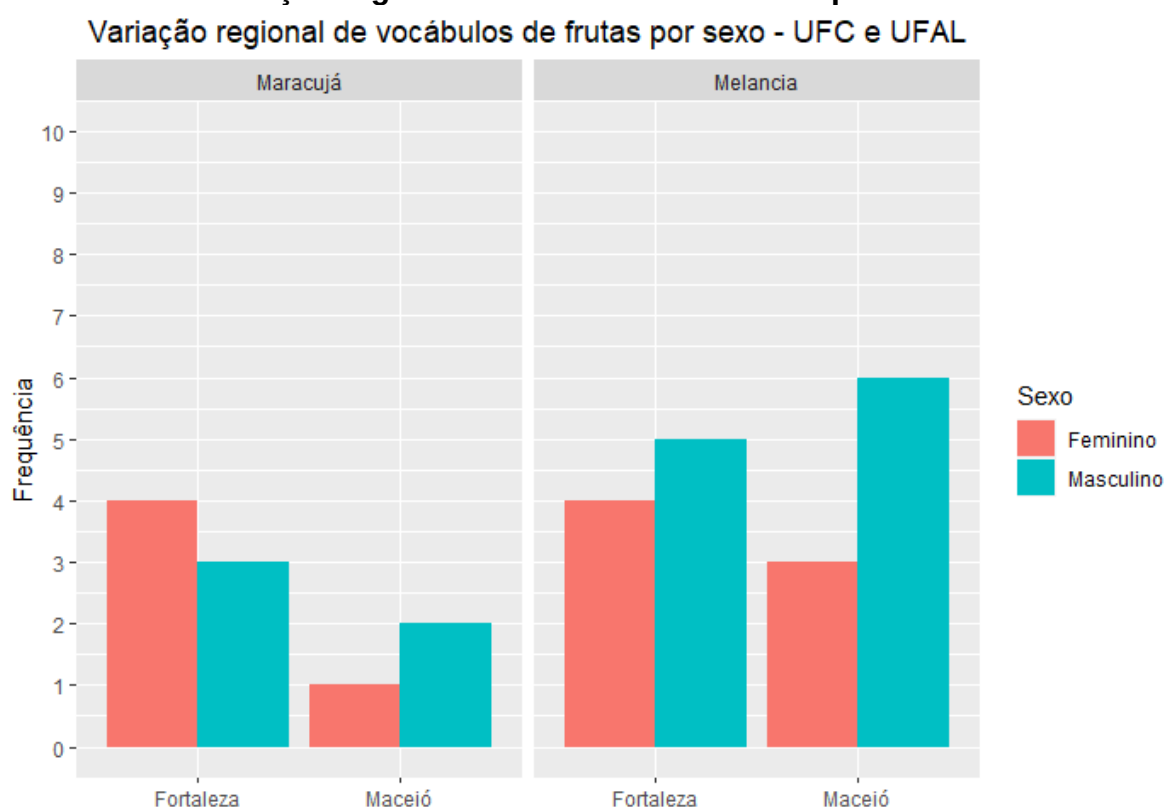
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Em MARACUJÁ existe uma frequência maior de ocorrência de variantes no grupo social composto por 3 mulheres idosas. Quanto ao grupo de pessoas jovens, houve ocorrência de variantes entre homens e mulheres na mesma quantidade, 2 pessoas de cada sexo. Por fim, no grupo dos adultos, categoria, homem, não existiram variantes para a fruta em discussão.

Quanto a MELÂNCIA, segunda imagem do gráficoR, observamos variantes nos parâmetros que foram utilizadas mais pelo grupo mulheres de jovens. Essa mesma variante foi localizada também entre os 5 idosos e 5 adultos do grupo dos homens. Não foram observadas variantes entre os grupos de mulheres adultas, indicando não existir variantes para MELÂNCIA nesse grupo.

O GráficoR 24 a seguir, nos possibilita observar a constituição de variação regional para o sinal MARACUJÁ e MELÂNCIA

GráficoR 24 - Variação regional de vocábulos de frutas por sexo – UFC e UFAL.



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ao compararmos os dados de Fortaleza e Maceió para MARACUJÁ, é possível vermos que as ocorrências de variantes aconteceram mais em Fortaleza que em Maceió. Em relação aos grupos feminino e masculino, no grupo feminino de Fortaleza houve mais ocorrências de variação. O gráficoR também nos mostra que Maceió foi a região onde as mulheres produziram menos variantes.

Sobre MELÂNCIA, ao compararmos os registros de Fortaleza e Maceió vemos que, nas duas regiões, foi entre os homens a maior frequência de variações, mas que em Maceió esse número foi ainda maior.

5.17 Análise das variantes para CEBOLA identificadas em Fortaleza e Maceió

A categoria legumes é o quinto e último bloco lexical no qual estudamos as ocorrências de variação linguística desta pesquisa. Composto por três sinais de legumes: CEBOLA, CENOURA e TOMATE, buscamos, nestes, as ocorrências de variantes nas comunicações dos participantes para, assim, construir um quadro que nos possa revelar processos evolutivos e estruturais da Libras, uma vez que acreditamos que este é o papel dos estudos da variação linguística.

Na perspectiva da investigação sociolinguística adotada nesta pesquisa, o vocabulário *Swadesh* foi o instrumento por meio do qual capturamos nossos dados, ele permitiu retirarmos, do conjunto das entrevistas realizadas, o léxico para estudo e análise.

Assim, trabalhando a partir da perspectiva de que “para a sociolinguística, não existe língua fora do contexto social e toda língua é um conjunto de variedades” (RODRIGUES; SILVA, 2017, p. 689) e “língua é um sistema constituído de heterogeneidade ordenada em que fatores linguísticos e extralinguísticos funcionam como condicionadores da variação e da mudança” (RODRIGUES; SILVA, 2017, p. 689), localizamos, nas possibilidades de organização e ordenação dos parâmetros formacionais, variações na composição do léxico possíveis apenas nas línguas de sinais. Nesse contexto investigativo, abordaremos, nesta seção, CEBOLA, o primeiro legume com o qual nos ocupamos em buscar por suas variantes querológicas e lexicais, nas regiões de Fortaleza e Maceió.

5.17.1 CEBOLA: variantes no nível querológico

Em Fortaleza, a sinalização de CEBOLA, que alimentou os dados da pesquisa, está no Quadro 151 a seguir:

Quadro 151 - Sinalização CEBOLA em Fortaleza⁹²

Sinal	Variantes				
 MI2	 MJ3	 FA6	 FI4	 MI1	 MI4

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

A sinalização de MI2 foi representativa do sinal na região, tendo o mesmo léxico sido utilizado por FJ1, FJ2, FJ3, FJ4, FJ5, FJ6, MJ1, MJ5, MJ6, FA1, FA2, FA3, FA4, FA5, MA2, MA4, MA5, MA6, FI1, FI2, FI5, M12. O sinal foi realizado com a CM49Ativa no PA em frente ao olho do mesmo lado da mão ativa, M duplo de abrir e fechar o dedo, com Or da palma para trás. Houve cinco ocorrências de variantes, foram elas:

- MJ3, FA6, MA1, MA3, FI3, FI6, MI3, MI5 e MI6 sinalizaram a variante com a CM65Ativa, PA em frente ao olho direito (sinalizador destro), M de abrir e fechar do dedo mindinho duas vezes, Or da palma voltada para trás;
- FI6 sinalizou uma variante diferenciada da anterior pela CM. Ela fez CM66Ativa, PA em frente ao olho esquerdo (sinalizadora canhota), M de abrir e fechar do dedo mindinho duas vezes, Or da palma voltada para trás;
- FI1 utilizou a CM24Ativa, PA em frente ao olho direito (sinalizador destro), M de abrir e fechar do dedo mindinho duas vezes, Or da palma voltada para trás;
- MJ3 e FI4 realizaram um sinal no qual dois blocos querológicos foram utilizados para a construção do léxico: (1) CM66Ativa, PA em frente ao olho esquerdo (sinalizadora canhota), M de abrir e fechar do dedo mindinho duas vezes, Or da palma voltada para trás. (2) CM02Ativa^CM12Passiva, PA espaço neutro a frente do sinalizador na altura do abdômen, M retilíneo único representando o ato de fatiar uma

⁹² Consta no APÊNDICE L - 1 Sinalização CEBOLA em Fortaleza as imagens com todos os sinalizadores de Fortaleza e sua realização do sinal em tela.

vez na mão passiva, Or da mão na CM02Ativa voltada para a esquerda (sinalizador destro), Or da mão na CM02Ativa^CM12Passiva para baixo;

- MI4, sinalizou: (1) CM24Ativa, PA em frente ao olho direito (sinalizador destro), M de abrir e fechar do dedo mindinho duas vezes, Or da palma voltada para trás. (2) CM67Ativa, PA espaço neutro a frente do sinalizador na altura do peito com Or da palma voltada para a esquerda ao mesmo tempo, em que balança a cabeça para a esquerda e para a direita;
- MJ1, FA2, MA2, FI6 são canhotas, por isso, sua sinalização aconteceu com a mão esquerda. No entanto, sua produção não se constitui como variação linguística.

Após a descrição das ocorrências de variação, seguimos com a apresentação dos parâmetros formacionais identificados, iniciando pelas CM ilustradas no Quadro 152 a seguir:

Quadro 152 - CEBOLA: configurações de mãos ativas identificadas

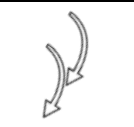


Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Com relação ao PA, nas variantes de Fortaleza, identificamos três: o espaço em frente ao olho, face próximo ao nariz e o espaço neutro a frente do sinalizador na altura do abdômen.

Quanto ao parâmetro M, quatro foram os tipos de registro identificados. O Quadro 153, abaixo, contém a descrição do movimento realizado:

Quadro 153 - CEBOLA: movimentos identificados

	Movimento curto de abrir e fechar do dedo indicador ou do mindinho em frente ao olho duas vezes foi utilizado por 34 participantes.
	Movimento retilíneo único representando o ato de fatiar uma vez na mão passiva.
	Movimento retilíneo único representando o ato escorrer de uma lágrima pela bochecha do
	Movimento de balançar da cabeça para a esquerda e para a direita.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

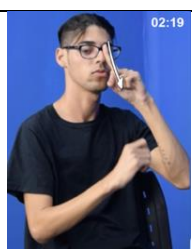
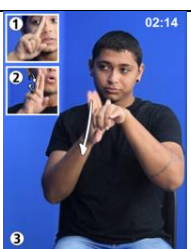
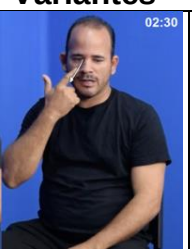
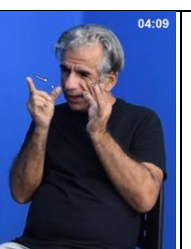
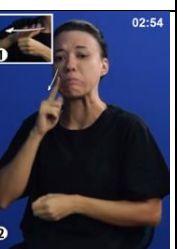
Sobre a Or, esta dependeu da CM e PA. Assim, a articulação do sinal que utilizou as CM49, CM24, CM 65, CM66 e o PA em frente ao olho e face do sinalizador, a palma ficou voltada para trás. Quando o PA foi o espaço neutro na altura do abdômen, a Or da mão ativa (sinalizadora destra) virada para a esquerda e da mão passiva para baixo.

Não houve ocorrências de ENM.

Não foram registrados dados significativos com os quais possamos categorizar as variantes encontradas como parte dos grupos de homem e mulher ou das faixas etárias jovens, adultos e idosos.

Em Maceió, os registros de imagem sobre como o grupo sinaliza CEBOLA estão no Quadro 154:

Quadro 154 - Sinalização CEBOLA em Maceió⁹³

Sinal	Variantes				
 01:32 MA6	 02:19 MJ1	 02:14 MJ3	 02:30 MA5	 04:09 MI1	 02:54 FJ6

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ilustramos o sinal encontrado foi com a sinalização de MA6, no quadro acima. Usaram a mesma variante FJ3, FJ4, FJ5, MJ2, MJ6, FA1, MA3 e MA6, com a seguinte sinalização: CM49Ativa, PA face, canto do olho perto do nariz, M de descer o dedo indicador pela face com se uma lágrima escorresse. FJ6, FI1 e FI2 trocaram a sequência sinalizando FATIAR+LAGRIMA, Or da palma voltada para a esquerda (sinalizadora destra) + CM02Ativa^CM12Passiva, PA espaço neutro a frente do sinalizador na altura do abdômen, M da CM02Ativa, de cima para baixo, raspando sobre a CM12Passiva, como se estivesse fatiando a cebola.

Observemos na sequência a descrições das variantes encontradas em Maceió:

- FJ2, MJ1, MJ4, MJ5, FA2, MA1, MA2 e MA4 utilizaram a CM49Ativa no PA face, canto do olho perto do nariz, M de descer o dedo indicador pelo

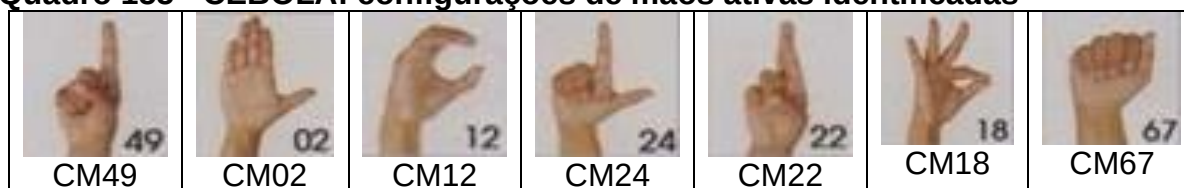
⁹³ Consta no APÊNDICE L - 2 Sinalização CEBOLA em Maceió as imagens com todos os sinalizadores de Maceió e sua realização do sinal em tela.

rosto, com se uma lágrima escorresse. Or da palma voltada para a direita (sinalizador canhoto);

- FJ6, FI1 e FI2 sinalizaram, na primeira sequência de formação da mão: (1) CM02Ativa^CM12Passiva, PA, espaço neutro a frente do sinalizador, altura do abdômen ou peito, M da mão ativa, Or da palma voltada para baixo, passando sobre a mão passiva, Or para trás + (2) CM49Ativa, PA face, lado do olho próximo ao nariz, M de escorrer de uma lágrima e ENM de repuxo da boca como a conter o choro;
- FJ3, MJ2 sinalizou: (1) CM49Ativa no PA em frente ao olho, do mesmo lado da mão ativa, M duplo de abrir e fechar o dedo, Or da palma para trás + (2) CM02Ativa^CM12Passiva, PA, espaço neutro a frente do sinalizador, altura do abdômen ou peito, M da mão ativa, Or da palma voltada para baixo, passando sobre a mão passiva, Or da palma para baixo;
- MA5 utilizou a CM24Ativa, PA face, canto do olho perto do nariz, M de descer o dedo indicador pela face como se uma lágrima escorresse, Or da palma voltada para trás;
- MJ3 sinalizou com: (1) CM49Ativa no PA em frente ao olho, do mesmo lado da mão ativa, M duplo de abrir e fechar o dedo, Or da palma para esquerda (sinalizador destro) + (2) CM22Ativa no PA em frente ao rosto, M circular e Or palma para frente com ENM de “O” com a boca + (3) CM02Ativa^CM12Passiva, PA, espaço neutro a frente do sinalizador, altura do abdômen ou peito, M da mão ativa, Or palma para a esquerda passando sobre a mão passiva, Or palma para baixo.
- MI1 utilizou a CM18Ativa^CM18Passiva, PA em frente aos olhos, M simétrico de abrir e fechar os dedos indicador e polegar, Or palma a palma.

Não observamos ocorrências que possam ser associadas a comportamentos dos grupos categorizados por sexo ou faixa etária relacionadas às diferenças nas sinalizações da região de Maceió.

Confirmamos no Quadro 155 as CM utilizadas:

Quadro 155 - CEBOLA: configurações de mãos ativas identificadas

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Os PA foram dois: face perto do olho e do nariz e espaço neutro a frente do sinalizador.

Com relação ao M, este dependeu do PA, tendo sido registrados os movimentos constantes no Quadro 156, a seguir:

Quadro 156 - CEBOLA: movimentos identificados.

	movimento que pode ser realizado de modo curto ou longo, indicado para criar uma imagem de fatiar cebola e do chorar por ela causado. Esse movimento foi repetido duas vezes. Utilizaram na formação do sinal FJ3, FJ5, MJ2, FA2, MA3 e MA6.
	movimento duplo longo e um movimento retilíneo para baixo uma vez. Utilizado por FI1.
	movimento retilíneo de uma vez a frente das bochechas. Um grupo significativo de participantes FJ2, FJ6, MJ1, MJ3, MJ4, MJ5, MJ6, FA2, MA1, MA2, MA4, MA5, FI2 utilizaram esses parâmetros.
	movimento tocando o olho e abrindo os dedos indicador e polegar. MI1 foi seu sinalizador.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A Or dependeu do PA, quando este foi a bochecha a palma da mão ficou voltada para o sinalizador, quando foi o espaço neutro a frente do sinalizador para a realização do movimento de fatiar, a palma da mão ficou voltada para baixo.

5.17.2 CEBOLA: variantes no nível lexical

Para Castro Junior (2014) “Na comunicação cotidiana, o falante usa o vocabulário ativo, que compõe o acervo lexical comum, porém, em situações específicas, as unidades lexicais que pertencem ao vocabulário passivo são ativadas e atualizadas no discurso. (FAULSTICH, 2002, p. 94, apud Salles et. al.)” (p. 129). Assim, buscando que todos os sinalizantes do grupo pesquisado recorressem ao léxico foco deste estudo, escolhemos grupos de sinais que estivessem no cotidiano de todos os participantes. Nesse contexto, identificamos a utilização dos seguintes léxicos para representação do legume CEBOLA.

Sinalização com uma só mão sofrendo variantes nos parâmetros CM e M. Vejamos sua descrição e a região onde esta ocorreu:

- CM49Ativa, PA em frente ao olho do mesmo lado da mão ativa, M duplo de abrir e fechar o dedo, Or da palma para trás, acontecida em Fortaleza é com uma variante acontecida pela variação da CM alterada de CM49 para CM65 = CEBOLA⁹⁴;
- CM49Ativa, PA, face, lado do olho próximo ao nariz, M de escorrer de uma lágrima = CEBOLA.

E sua variante a partir da diferenciação pela CM:

- CM24Ativa, PA face, lado do olho próximo ao nariz, M de escorrer de uma lágrima = CEBOLA. Os dois, de Maceió.

Articulação construída pela composição de duas sequências de sinais do mesmo classificador:

Em Fortaleza, este tipo de variante se constituiu a partir da seguinte sequência:

- (1) CM66Ativa, PA em frente ao olho esquerdo (sinalizadora canhota), M de balançar o dedo mindinho, estendendo-o e dobrando-o duas vezes, Or da palma voltada para trás, ou seja, uma variante para o sinal cognato ESPANHOL + (2) CM02Ativa(FATIAR)^CM12Passiva(Classificador de objeto meio circular que representa a cebola), PA espaço neutro a frente do sinalizador na altura do abdômen, M retilíneo único representando o ato de fatiar uma vez na mão passiva, Or da mão na CM02Ativa voltada para a esquerda (sinalizador destro), Or da mão na CM02Ativa^CM12Passiva para baixo = CEBOLA;
- Ainda em Fortaleza, MI1 utilizou, para construir o sinal, a sequência CEBOLA^ÁCIDO pelo CM49Ativa^CM67Ativa, com a mão abanando a frente do olho com balançar da cabeça e MI4 que utilizou para a produção do sinal, CEBOLA^ÁCIDO, com ENM de repuxar da boca e cerramento dos olhos.

Com relação à variação regional identificamos que:

⁹⁴ Acerca das variantes para CEBOLA, existe uma semelhante ao sinal ESPANHOL. Em conversa com uma das participantes, ela nos falou da confusão lexical que essa semelhança gera. Que para facilitar a compreensão, criou-se uma alteração no parâmetro M. Quando o dedo indicador em frente ao olho faz o movimento circular, é ESPANHOL, quando abre e fecha, é CEBOLA. Mas esse combinado não tem valor de acordo linguístico para a comunidade inteira. Existem pessoas que realizam CEBOLA com esta variante com dedo fazendo círculo, mas nossa informante disse que prefere o movimento de fechar e abrir do dedo para diferenciar os dois sinais.

Em Maceió, o sinal CEBOLA, com sequência de dois sinais, foi realizado do seguinte modo:

- CM49Ativa “D”, PA na face, M de escorrer de uma lágrima (CHORAR) mais a articulação da sequência com CM12Ativa, PA espaço neutro a frente do sinalizador, altura do abdômen, M para baixo raspando pela CM02Passiva (classificador de objeto semicircular) uma cebola, ou seja, CHORAR+FATIA^algo-semicircular = CEBOLA;
- Ocorreu a troca da sequência em alguns sinalizadores, ou seja, FATIA^algo-semicircular + CHORAR = CEBOLA;
- Houve uma ocorrência, de MI1, que realizou o léxico com CM18Ativa^CM18Passiva, PA em frente aos olhos, M simétrico de abrir e fechar os dedos indicador e polegar, Or palma a palma, remetendo ao abrir e fechar do olho com a acidez da cebola. Esta sinalização, no conjunto de variantes encontradas, se constituiu como uma variante apenas dele.

As línguas como sistemas dinâmicos, nesse sentido, parte dos seus processos significação se constitui pela produção de variantes por seus usuários que exteriorizam, de modo único, alguns signos de seu cotidiano. Essas variantes não são fixas, pelo contrário, por serem vivas, estão sempre se refazendo a depender dos contextos de comunicação e contatos entre os sujeitos. Nesse contexto de construção lexical, no qual as diversas variantes nos apresentam as possibilidades de produção querológica, e como este parâmetro alimenta o léxico da Libras, confirmamos que os processos lexicais ou gramaticais são resultados da ocorrência de variantes nas comunidades, advindo, dessas relações comunicativas, as criações lexicais.

Observamos, ainda, que os dados de Fortaleza e Maceió apresentaram diferenças nos modos como os participantes das duas regiões sinalizaram CEBOLA, a partir dos sinais cognatos ESPANHOL e CHORAR, que foram formados com CM diferentes. Nas composições dos léxicos com duas sequências de sinais, este foi alterado pela posição dos verbos CORTAR e CHORAR que, ora alguns sinalizadores fizeram CORTAR^algo-semicircular-em-fatias+CHORAR, ora, CHORAR+CORTAR^algo-semicircular-em-fatias.

5.17.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – CEBOLA

Quanto aos dados extralinguísticos, na comparação entre o *corpus* e a entrevista via *Google meet*, identificamos as ocorrências descritas a partir Quadro 157, a seguir:

Quadro 157 - Variantes em Fortaleza com CM em D

FORTALEZA	
MJ1	MJ6
	
FA2	
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

No grupo acima, a variante ocorrida se repetiu nas duas entrevistas. Eles utilizaram a CM em D, M de abrir e fechar do dedo indicador, mas houve quem fizesse o movimento circular do dedo na frente do olho. Assim, temos, nos dois momentos de coleta dos dados, as mesmas produções, acontecendo de a variante ocorrer apenas em Fortaleza, não tendo sido identificada em Maceió.

Ainda com relação às produções específicas de Fortaleza, no Quadro 158, temos as sinalizações de MI3 e MI6:

Quadro 158 - Variantes por MI3 e MI6 em Fortaleza

FORTALEZA	
MI3	MI6
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Os dois idosos produziram, nas duas entrevistas, as mesmas variantes com a mão em I, palma da mão para trás, ponta do dedo mindinho na frente do olho direito, fazendo pequenos movimentos circulares. Em Fortaleza, as variantes com M de circular o dedo indicador ou mindinho na frente do olho, ou abrindo e fechando os dedos, como movimento alternativo, foram específicas da região, não havendo nenhuma dessas produções em Maceió.

Em mais uma produção lexical de Fortaleza temos as sinalizações de MA3, FI6 e MI2. Vejamos o Quadro 159, a seguir:

Quadro 159 - Variantes por MA3, FI6 e MI2 em Fortaleza

FORTALEZA					
MA3			FI6		
		11:13			28:04
MI2					
					9:14

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A observação dos dados nos informaram que os participantes realizaram o sinal com mão direita (para um sinalizador destro. FI6, canhota, usou a esquerda) em D na vertical, palma da mão virada para baixo ou para trás, ponta do dedo indicador apontando para o centro do olho direito, fazendo pequenos movimentos circulares. MI2 usou a mão em I, palma da mão para baixo, ponta do dedo mindinho na frente do olho direito, realizando pequenos movimentos circulares.

Outros dados de variação se apresentaram a partir da informação de MA3 e FI6 que, na primeira entrevista, sinalizaram com a CM em I e, na segunda entrevista, trocam a CM para D.

Por sua vez, MI2, na primeira entrevista, sinalizou com a CM em D e, na segunda, com D e I. A questão do movimento foi relevante de ser considerada devido aos dois movimentos presentes na região. MA3, FI6 e MI2 realizaram o sinal com

movimento circular do indicador na frente do olho. Poderiam ter utilizado o movimento de baixar e levantar o dedo, mas utilizaram o de circular.

Diante desta situação, acreditamos que os dois modos de sinalizar fazem parte do repertório lexical dos participantes, uma vez que as duas variantes estão presentes na comunidade surda da região. Entendemos, assim, que esses participantes têm contato com os dois modos de sinalizar CEBOLA, recebendo influência do contexto de produção do sinal, uma vez que o léxico não é fixo.

Ainda em Fortaleza observemos a sinalização de FI5 no Quadro 160, a seguir:

Quadro 160 - Variante por FI5 em Fortaleza



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na sinalização de FI5 identificamos variação na segunda entrevista. Ao analisarmos os dois vídeos, *corpus* e entrevista via *meet*, percebemos que, na primeira entrevista, ela realizou o sinal com a CM em D, realizando círculo na frente do olho. Na segunda entrevista, no entanto, ela acrescentou uma ENM fechando o olho e franzindo o nariz. A razão para a variação, disse ela na segunda entrevista, foi motivada pela acidez da cebola. Esse tipo de ENM pode aparecer e ser suprimida conforme a necessidade de gerar informação do sinalizador, pois não é fixa.

Por fim, a última produção de variante, em Fortaleza, foi realizada por MI1. Confirmamos o registro de sua sinalização no Quadro 161:

Quadro 161 - Variante por MI1 em Fortaleza.



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

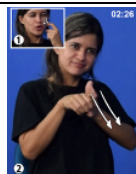
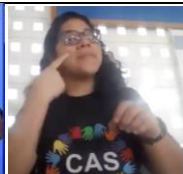
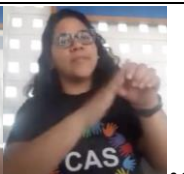
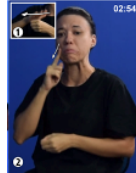
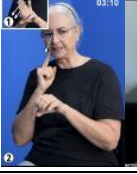
A produção de CEBOLA, por MI2, foi de um sinal com sequência nos dois conjuntos de dados, mas com variação na segunda entrevista. Na primeira, dados do *corpus*, ele sinalizou um léxico composto por duas partes: (1) mão direita em D (sinalizador destro), na vertical, palma da mão virada para baixo, ponta do dedo indicador apontando para o centro do olho direito, fazendo pequenos movimentos circulares e (2) sequência do léxico com abano da mão na frente do olho e fez ENM de piscar devido à acidez da cebola. Na segunda entrevista, MI2 manteve a primeira parte do sinal, sinalizando com a mão direita em D na vertical, palma da mão virada para baixo, ponta do dedo indicador apontando para o centro do olho direito, fazendo pequenos movimentos circulares. Mas, na segunda parte do léxico, ele utilizou o verbo CORTAR^objeto-circular com ENM de irritação no olho devido ao ácido da cebola.

Nossa análise de sua sinalização nos indica que a mão em D e movimento circular parece ser raiz em seu sinal, mas o CORTAR^objeto-circular parece ser influência dos contatos com a comunidade surda da região, uma vez que ocorreu a passagem do tempo entre as entrevistas. A ocorrência da variação, em outros momentos de sinalização do léxico CEBOLA, pode ser mantida ou suprimida, isso dependerá do contexto de produção do sinal.

Em Maceió, vimos utilizarem um sinal diferente dos que foram sinalizados pelos participantes de Fortaleza, pois os participantes da região não utilizaram o dedo indicador ou mindinho circulando, ou subindo e descendo na frente do olho. Eles produziram o sinal como de uma lágrima escorrendo pelo rosto com acréscimo do sinal FATIAR para compor o léxico. Ou seja, em Maceió, o verbo CHORAR pode ser produzido para representar o legume CEBOLA.

Observemos o Quadro 162 as sinalizações de alguns participantes:

Quadro 162 - Variante padrão CEBOLA em Maceió

MACEIÓ					
FJ3			FJ5		
					
7:01			9:39		
FJ6			FA1		
					
16:44			8:41		
MA3			FI1		
					
6:52			12:36		

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Os dados nos mostraram que o léxico sinalizado por 12 participantes foi composto por dois sinais: (1) Mão direita na vertical em D, palma da mão para trás, ponta do indicador tocando em baixo do olho direito e descendo até o final da bochecha; (2) Mão esquerda em S na horizontal, palma da mão virada para frente e mão direita aberta na vertical, dedos juntos, com palma da mão virada para a esquerda, passando a palma da mão direita na lateral da mão esquerda de cima para baixo duas vezes. Nas sinalizações entre a primeira entrevista, do *corpus*, e a segunda, via *Google meet*, as respostas foram semelhantes, a não ser FJ6, que fez a sequência do sinal invertida.

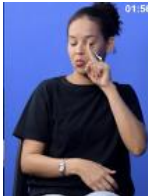
O movimento de FATICAR a cebola foi duplo, em alguns casos triplo. Lembrando que, em Fortaleza, houve ocorrências no movimento do “FATICAR” de um, dois e três cortes.

Ao observarmos o parâmetro Or, vimos que houve diferenças entre as duas entrevistas, por haver ocorrências de a Or estar com a palma para baixo e de a palma estar para a esquerda (sinalizador destro). Em relação ao movimento, houve quem fizesse o movimento de escorrer da lágrima desde a ponta do olho, próximo ao nariz, até perto do queixo. Outras pessoas realizaram o movimento de correr da lágrima pelo meio da bochecha.

FJ3, na entrevista do *corpus*, fez o movimento de abrir e fechar o dedo indicador, tocando sua ponta na bochecha, ao invés de ESCORRER^LÁGRIMA, passando o dedo desde perto do olho pela bochecha. Na segunda entrevista, do *Google meet*, seguiu o sinal da região e “escorreu lágrima” com o dedo desde o olho até o canto da boca.

Em relação a outras variantes da região de Maceió, o Quadro 163 apresenta as sinalizações de FA2 e MA4:

Quadro 163 - Variantes CEBOLA por FA2 e MA4 em Maceió

MACEIÓ					
FA2			MA4		
					
13:16			10:34		

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Os dois adultos fizeram sinalizações diferentes nas entrevistas. Na primeira, fizeram o sinal com a mão ativa em D (FA2 é canhota e MA4 é destro) desde o canto do olho descendo até o final da bochecha.

Na segunda entrevista, realizaram um sinal composto, mas em sequências diferentes. FA2 sinalizou (1) Mão esquerda na vertical em D, palma da mão para trás, ponta do indicador tocando embaixo do olho direito e descendo até o final da bochecha. (2) Mão direita em C ou O na horizontal, palma virada para baixo. Mão esquerda com a palma da mão virada para direita passando a palma da mão esquerda na lateral da mão direita de cima para baixo duas vezes.

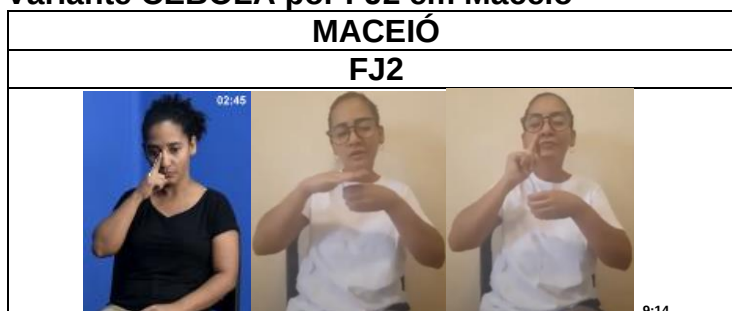
Quanto a MA4, a sequência de sua sinalização foi o oposto: (1) Mão esquerda em C ou O na horizontal, palma virada para baixo. Mão direita com a palma da mão virada para esquerda passando a palma da mão direita na lateral da mão esquerda de cima para baixo duas vezes. (2) Mão direita na vertical em D, palma da mão para trás, ponta do indicador tocando embaixo do olho direito e descendo até o final da bochecha.

O dado de alternância da sequência na produção dos léxicos de FA2 e MA4 nos informou que a sequência dos sinais não é fixa, podendo ser alterada sem perda para o significado do léxico. O sinalizador não está preso a uma única forma de

produção, pois a possibilidade de sequência de sua sinalização depende das escolhas das partes no momento da comunicação.

A sinalização de FJ2, no quadro 164, abaixo, nos mostra como a Or é representativa de uma ocorrência, mas não de mudança lexical. Confiramos o Quadro 164:

Quadro 164 - Variante CEBOLA por FJ2 em Maceió



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A sinalização de FJ2, na primeira entrevista, foi apenas de mover a mão em D desde a ponta do olho até o queixo. Na segunda entrevista a participante fez um léxico composto dos seguintes sinais: (1) Mão esquerda em O na vertical, palma da mão virada para direita e mão direita aberta na horizontal, dedos juntos, com palma da mão virada para baixo, passando a palma da mão direita por cima da mão esquerda, da esquerda para a direita duas vezes. (2) Mão direita na vertical em D, palma da mão para a esquerda, ponta do indicador tocando em baixo do olho direito e descendo até o final da bochecha.

A ocorrência de variante está na Or da mão, uma vez que seu sinal de FATIAR, diferente dos demais, ao ser realizado na horizontal.

Em Maceió, a última ocorrência de variante foi realizada por MJ4. Confiramos no Quadro 165:

Quadro 165 - Variante CEBOLA por MJ4 em Maceió



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A sinalização de MJ4 foi a mesma nas duas entrevistas. Ele manteve o mesmo léxico, apesar do tempo entre uma entrevista e outra, pois poderia ter acontecido de ele receber influências de outras pessoas e acrescentar FATIAR à sua sinalização, como muitos fizeram, ou acrescentar um classificador REDONDO, como forma complementar do sinal.

Observamos que, em Maceió, o léxico CEBOLA foi realizado pela composição de dois sinais: CHORAR^FATIAR, com ocorrência de FATIAR^CHORAR, em outros participantes. Esta alteração entre uma entrevista e outra não foi seguida por MJ4.

A variação regional identificada no léxico CEBOLA foi, principalmente, no movimento do dedo indicador em frente ao olho. Em Fortaleza, o movimento foi de abrir e fechar o dedo — indicador ou mindinho — ou circular esse dedo na frente do olho. Por seu turno, em Maceió, o movimento foi o de passar com o dedo por toda a face, como se fosse o escorrer de uma lágrima.

5.18 Análise das variantes para CENOURA identificadas em Fortaleza e Maceió

Especificamente para este grupo lexical, por conta da quantidade de léxicos com sequência de articulação de dois sinais, realizamos a descrição querológica com encadeamento da articulação do léxico, apresentando nas descrições os traços distintivos localizados. Iniciamos nossa descrição desta categoria observando as ocorrências de variação querológica e lexical de CENOURA.

5.18.1 CENOURA: variantes no nível querológico

Para a análise dos dados referentes ao legume CENOURA. O Quadro 166, abaixo, apresenta as imagens da sinalização dos participantes de Fortaleza:

Quadro 166 - Sinalização CENOURA em Fortaleza⁹⁵

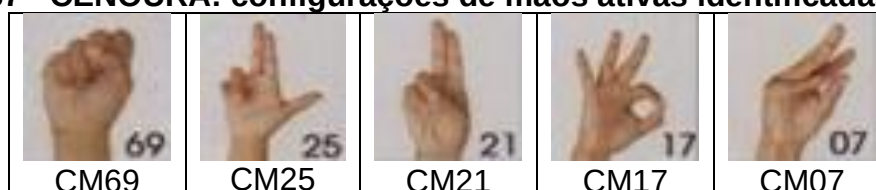
Sinal	Variantes				
 MA4	 FJ2	 MJ3	 MJ4	 FA3	 FI1
	 FI2	 FI5	 MI1	 MI3	 MI6

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Tomamos como exemplo a sinalização de MA4 para ilustrar o sinal utilizado na região com as CM25Ativa+CM69Ativa. O sinal é iniciado com CM25Ativa, PA na lateral da cabeça, M de balançar os dois dedos. Na sequência, CM69Ativa, PA espaço neutro a frente do sinalizador, M de aproximar a mão da sua boca com a Or voltada para a esquerda (sinalizador destro).

Observamos, em Fortaleza, dez variantes que na descrição realizada foram agrupadas por traço distintivo opositivo.

A seguir, no Quadro 167, as CM utilizadas:

Quadro 167 - CENOURA: configurações de mãos ativas identificadas

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Três foram os PA identificados: (i) a lateral da cabeça; (ii) o espaço neutro a frente do sinalizador próximo a boca e (iii) o espaço neutro a frente do sinalizador na altura do estômago.

⁹⁵ Consta no APÊNDICE M - 1 Sinalização CENOURA em Fortaleza as imagens com todos os sinalizadores de Fortaleza e sua realização do sinal em tela.

Com relação ao parâmetro M, as ocorrências observadas foram registradas no Quadro 168. No entanto, devido à quantidade de variações, colocamos como parte da descrição deste parâmetro o ponto de articulação e a orientação da mão. Observemos o quadro:

Quadro 168 - CENOURA: movimento identificado

	movimento semicircular repetido, foi utilizado pela maior parte dos sujeitos. O ponto de articulação foi a lateral da cabeça e a orientação para trás.
	movimento longo e repetido duas vezes. Realizado por FI2, MI3, MI4 o ponto de articulação foi ao lado da testa e a orientação para frente ou para trás.
	movimento um único movimento retilíneo longo. Utilizado por MA1, MA4, MA5, MA6, MI6. A mão ativa na lateral da cabeça com a palma da mão voltada para trás significando COELHO.
	movimentos utilizados de diferentes formas com de modo curto e repetido. O ponto de articulação foi ao lado da boca e a orientação da mão para dentro.
	movimento de fechar os dedos movendo a diagonal para direita e para esquerda em direção as extremidades do corpo. O ponto de articulação foi o espaço neutro na altura entre o peito e o abdômen. A Orientação foram as palmas de frente uma para a outra.
	movimento retilíneo para frente, unindo as pontas dos dedos. O ponto de articulação foi o espaço neutro na altura do peito. A orientação para trás.
	movimento simétrico de tocar alternado, diagonal para direita e para esquerda em direção as extremidades do corpo. O ponto de articulação foi o espaço neutro na altura do peito e a orientação, palmas de frente uma para a outra.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

A partir do parâmetro M, vimos que a Or dependeu da CM e PA. Desse modo, observamos que algumas ocorrências de variação se deveram a este parâmetro, tendo a distinção ocorrido devido à mão estar voltada para frente e não para trás, como no sinal.

Com relação às ENM identificamos repuxos de boca, apresentação e cerrar de dentes.

Vejamos as descobertas de nossa pesquisa na região de Fortaleza:

- FA1, FI1, FI3, FI4, FI6 com CM21Ativa com PA lateral da cabeça, M semicircular de balançar dos dedos indicador e médio com Or da palma para trás, sinalizaram COELHO. Esta ocorrência se constitui significativa por ser um sinal comum ao grupo feminino idoso, não acontecendo de a mesma variante ter sido utilizada de modo tão uniforme nos outros grupos. O traço distintivo do grupo das idosas para o grupo FJ1, MA2, FI5, MI1, I2 está na CM25, no mais, o léxico foi construído com os mesmos parâmetros. A não ser FI5 que realizou o sinal de maneira simétrica, ou seja, com as duas mãos: CM25Ativa^CM25Passiva no PA lateral da cabeça, M semicircular de balançar dos dedos indicador e médio, Or da palma para trás.
- FJ5, MJ1, MJ2, FA3, FA5, MA3, MA5 usaram a CM69Ativa com PA no espaço neutro próximo a boca e M de aproximar a mão com Or da palma para a esquerda (sinalizadores destros), sinalizaram COMER^CENOURA.
- FJ2, FJ3, FA4, FA6, MA1, MA4, MA6, MI5 realizaram um léxico com a sequência: (1) CM25Ativa + (2) CM69Ativa, iniciando o sinal com a CM25Ativa com PA na lateral da cabeça e M semicircular de balançar dos dedos indicador e médio com Or da palma para trás. Na sequência, trouxe a CM69Ativa para o PA em frente a boca com M de aproximação desta, construindo CENOURA a partir da junção de COELHO+COMER^CENOURA.

Observamos que 16 participantes realizaram o sinal com a Or para a esquerda, aproximando a mão da boca pelo lado da frente, dos dedos polegar e indicador. Neste sinal, o traço distintivo da variante foi realizado por FJ2 e FA6 que são destros e usaram a Or para a direita, aproximando a mão da boca pelo lado de trás da mão, o do dedo mindinho.

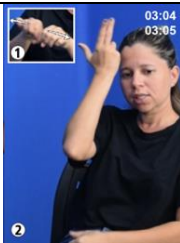
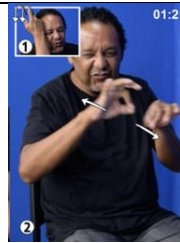
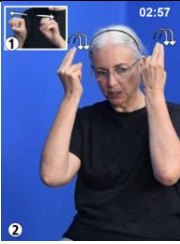
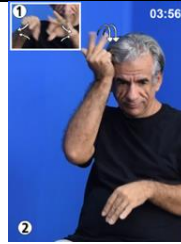
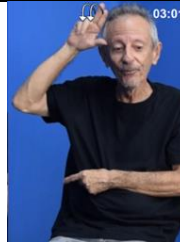
- FJ4, FJ6, MJ5, MJ6, FA2, o traço distintivo está na sequência de realização do sinal, iniciado com CM69Ativa no PA em frente a boca com M de aproximação desta. Depois, a CM25Ativa com PA na lateral da cabeça e M semicircular de balançar dos dedos indicador e médio com

Or da palma para trás. Desse modo, este grupo sinalizou COMER^CENOURA+COELHO. No entanto, FA2 realizou o sinal de modo um pouco diferente: primeiro fez a sequência da mão na boca pelo lado de trás da mão e, na sequência, realizou a sequência com a CM25 no PA na lateral da cabeça.

- MJ4 sinalizou CENOURA utilizando a CM17Ativa + CM17Ativa de modo simétrico no PA no espaço neutro a sua frente na altura do estômago, M de afastamento das mãos para as extremidades do corpo, Or da palma para frente. O traço distintivo identificado em MJ3 foi o início do sinal pelo uso da CM25Ativa no PA na lateral da cabeça com M semicircular dos dedos e Or da palma para trás, acrescentando, assim, o sinal COELHO ao léxico.
- MI3 tem o seguinte traço distintivo em relação à variante padrão: primeiro ele realizou a sequência CM25Ativa no PA lateral da cabeça M semicircular de balançar dos dedos Or da palma para frente. Esse conjunto de parâmetros é significado como CAVALO. Na sequência, o sinal foi composto por CM07Ativa^CM07Passiva no PA no espaço neutro na altura do estômago com M de afastamento das mãos em direção às extremidades e fechamento dos dedos, formando um classificador para CENOURA. Também FI2 utilizou o sinal CM25 (CAVALO).
- MI6 produziu variante com relação a MI3 devido a CM21Ativa na primeira sequência do sinal e a CM17Ativa + CM17Passiva para formar um classificador para o legume. Usualmente, o sinal CM17Ativa + CM17Passiva, PA no espaço neutro na altura do estômago, M de afastamento das mãos em direção às extremidades, Or da palma para frente é usado como representação do alimento LINGUIÇA.
- FJ2, FA3, FA4, FA5, FA6, MA3, MA5, MA6, MI5 realizaram o sinal com ENM de cerrar os dentes.
- E, MJ1, FA2, MA2, FI6 sinalizaram com a mão esquerda por serem canhotos. Esta diferença não significa uma variação, mas o registro atende a explicitação diferenciadora de mão ativa presente nas línguas de sinais.

Em relação às variantes identificadas em Maceió, o registro da sinalização do sinal CENOURA está no Quadro 169 a seguir:

Quadro 169 - Sinalização CENOURA em Maceió⁹⁶

Sinal	Variantes				
 MJ5	 FJ2	 FJ4	 MJ1	 MA2	 MA6
	 FI1	 FI2	 MI1	 MI2	

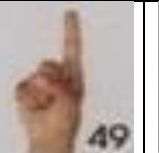
Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Ilustramos o sinal na região foi com a sinalização de MJ5 que foi: CM21Ativa no PA na lateral da cabeça com M semicircular de balançar os dois dedos e CM69Ativa no PA espaço neutro a frente do sinalizador com M de aproximar a mão da sua boca com a Or voltada para a esquerda.

Foram identificadas nove variantes, agrupadas e descritas pelos traços distintivos de oposição dos parâmetros formacionais que as compuseram.

As CM utilizadas estão no Quadro 170, abaixo:

Quadro 170 - CENOURA: configurações de mãos ativas identificadas

						
CM69	CM21	CM25	CM17	CM24	CM49	CM73

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Três foram os PA identificados: (i) a lateral da cabeça; (ii) o espaço neutro a frente do sinalizador próximo a boca e (iii) o espaço neutro a frente do sinalizador na altura do estômago.

⁹⁶ Consta no APÊNDICE M - 2 Sinalização CENOURA em Maceió as imagens com todos os sinalizadores de Maceió e sua realização do sinal em tela.

Com relação ao parâmetro M, o Quadro 171 a seguir contém o registro do que foi identificado:

Quadro 171 - CENOURA: movimentos identificados

	movimento semicircular repetido realizado por 16 participantes. O ponto de articulação foi ao lado da testa e a orientação para trás e para a frente.
	movimento tocando repetidamente com dedos fechado e para frente e para trás utilizados por FJ2, FJ5, FJ6, MJ1, MJ3, MJ5, MJ6, FA2, MA1e MA3.
	movimento retilíneo, suave para cima. Realizaram o sinal a partir desse movimento FJ1, FJ3 e FA2 de modo invertido. O ponto de articulação ao lado da testa e a orientação para baixo e para a trás.
	movimento curto e repetido continuamente um pouco para frente e para trás Quanto a FA1 e FI2 utilizaram o ponto de articulação no espaço neutro na altura entre o abdômen e o peito e a orientação da mão para a trás.
	movimento alternado, diagonal para direita e para esquerda. FJ4, MA6 formaram o sinal com o ponto de articulação no espaço neutro na altura do pescoço e do abdômen. A orientação palma a palma, ou seja, uma de frente para a outra.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

A Or, do mesmo modo que em Fortaleza, foi um parâmetro que, por oposição, gerou uma variante para o sinal. Desse modo, observamos que algumas ocorrências estão neste parâmetro, acontecendo a distinção devido à mão estar voltada para frente e não para trás, como no sinal.

Com relação ao parâmetro ENM, 19 dos participantes usou movimento no lábio, deixando os dentes um pouco a mostra, como se estivessem representando o dente proeminente dos coelhos.

A seguir as ocorrências identificadas em Maceió:

- FJ2, MJ1, MJ2, MJ3, MJ4, MJ6 utilizaram a CM69Ativa com PA no espaço neutro próximo a boca e M de aproximar a mão com Or da palma para a esquerda (sinalizadores destros). Temos, assim, com esse grupo de participantes, COMER^CENOURA para representar o legume;
- FJ3 CM25Ativa, PA lateral da cabeça, M semicircular de balançar dos dedos, Or da palma para frente. E, para esse participante, um conjunto de parâmetros que é significado como CAVALO;

- FA2 sinalizou em uma sequência diferente. Primeiro com a CM69 ela fez o movimento de COMER^CENOURA, depois foi que sinalizou com a CM25 para dentro as orelhas do coelho;
- FJ5, FJ6, MJ5, FA1, MA1, MA3 sinalizaram a CM21Ativa, utilizando, assim, o sinal. Na sequência do sinal utilizaram a CM69Ativa com PA no espaço neutro próximo a boca e M de aproximar a mão com Or da palma para a esquerda (sinalizadores destros). CAVALO+COMER^CENOURA, se constituiu, assim, como conjunto de parâmetros para essa variante do léxico CENOURA;
- FJ1, MA5 utilizaram, ao contrário, a CM69Ativa, PA em frente a boca, com M de aproximação desta e depois a CM21 e CM25Ativa, PA na lateral da cabeça e M semicircular de balançar dos dedos indicador e médio, Or da palma para trás. Desse modo, este grupo sinalizou COMER^CENOURA+COELHO;
- MI2 realizou o sinal com CM25Ativa, PA lateral da cabeça, M semicircular de balançar dos dedos indicador e médio, Or da palma para frente, sinalizando CAVALO para representar CENOURA;
- MA2 e MA4 sinalizaram com CM25Ativa com PA lateral da cabeça, M semicircular de balançar dos dedos indicador e médio com Or da palma para trás, sinalizando COELHO para representar CENOURA;
- FJ4 sinalizou CENOURA por meio da seguinte construção CM25Ativa no PA lateral da cabeça, M semicircular dos dedos, Or da mão para trás, na primeira sequência do sinal, construindo o sinal COELHO, e CM73Ativa + CM73Passiva para formar um classificador para o legume. Usualmente, o sinal CM73Ativa + CM73Passiva, PA no espaço neutro na altura do estômago, M de afastamento das mãos em direção às extremidades, Or da palma para frente, na segunda parte. Este conjunto lexical é, geralmente, utilizado como representação do alimento LINGUIÇA. MA6 realizou uma sequência contrária. A sequência diferente foi realizada com a CM17Ativa + CM17Passiva. MI1 realizou uma variante que se distinguiu por iniciar CM17Ativa + CM17Passiva, PA no espaço neutro na altura do estômago, M de afastamento das mãos em direção às extremidades e, na sequência, segunda parte do

signal, CM21Ativa, no PA lateral da cabeça, M semicircular dos dedos, Or da mão para trás;

- FI1 realizou seu sinal CM73Ativa + CM73Passiva, PA no espaço neutro na altura do estômago, M de afastamento das mãos em direção às extremidades, Or da palma para frente. Na segunda parte, realizou o sinal de maneira simétrica, ou seja, com as duas mãos: CM21Ativa^CM21Passiva, PA lateral da cabeça, M semicircular de balançar dos dedos indicador e médio, Or da palma para trás;
- FI2 que utilizou a CM24Ativa^49CMPassiva no PA no espaço neutro a sua frente na altura do estômago, M de passar o dedo indicador da mão ativa sobre o dedo indicador da mão passiva, Or da palma voltada para dentro.

Nas ocorrências observadas não foram identificadas variantes que pudessem ser atribuídas a diferenças de gênero ou de faixa etária.

Observamos que houve a identificação de diferenças na produção dos sinais no grupo feminino conferidas a FJ1, FJ3, FA2, mas estas estão relacionadas ao fato de as participantes serem canhotas, não se constituem como variações querológicas.

5.18.2 Variantes lexicais – CENOURA

Variantes foram localizadas na produção do léxico CENOURA pelo modo diferente que os participantes deram para o valor cognato do legume a sinais como COELHO, CAVALO, LINGUIÇA. Nesse contexto de composição lexical, observamos, também, composições de dois léxicos como COELHO+COMER^CENOURA, CAVALO+COMER^CENOURA, CAVALO^LINGUIÇA e COELHO^LINGUIÇA.

No caso de MJ4, como apenas ele utilizou LINGUIÇA para representar CENOURA, podemos dizer que esta variante se constitui como idioleto.

Vimos que a principal divisão lexical esteve na sinalização do sinal CENOURA pelo uso da CM69, como um classificador para o legume, e do sinal COELHO como representante do legume.

Os sinais compostos sofreram variação na sequência de sua composição devido à variação nas CM. Ocorreram variantes compostas por CENOURA^COELHO, CENOURA^CAVALO, mas também o inverso COELHO^CENOURA como CAVALO^CENOURA. Em alguns casos, CENOURA foi representada pela CM69, um

classificador, em outros, pela CM17, pela CM73 e ainda a CM07, todas CM com função de classificador para o legume.

Ao observarmos o comportamento comunicativo em Fortaleza, vimos que houve ocorrência de variante na articulação querológica e estas foram realizadas por MJ3 e MJ4, que utilizaram como estrutura lexical o sinal LINGUIÇA para CENOURA. Por sua vez, FI5 utilizou, de modo único, a simetria das duas mãos na composição do sinal.

Em relação aos dados de Maceió, vimos que nesse grupo houve variante no processo lexical com marcas de iconicidade na construção do sinal. Acerca deste tipo de construção lexical, concordamos com Cuxac (2000) ao colocar que a capacidade de iconicidade é parte intrínseca das línguas de sinais e que todas fazem uso deste recurso em suas várias de suas construções, inclusive as lexicais.

Os registros mostraram, do mesmo modo que em Fortaleza, ocorrências da formação do léxico por composição CENOURA^COELHO, uso de CM69^CM21 e COELHO^CENOURA, com inversão da sequência CM21^ CM69.

Diante dos elementos de formação dos sinais nas línguas sinalizadas, identificamos que alguns sinalizadores utilizaram a região da boca e o movimento de aproximação da mão na CM69 como representação do léxico CENOURA. Para nós, este é um recurso de facilitação na produção do léxico. Outros participantes da região apenas utilizaram o sinal COELHO como CENOURA.

Assim, no plano da análise lexical, concluímos que Fortaleza e Maceió realizaram semelhantemente o sinal CENOURA, apesar do uso de pares opostos nos parâmetros e na sequência da articulação, além da utilização de outras formas pouco usuais como RASPAR^CENOURA feito por FI2 de Maceió e MJ4, em Fortaleza, que sinalizou apenas LINGUIÇA.

5.18.3 Entrevista — Dados extralinguísticos — CENOURA

Acerca dos dados extralinguísticos, em Fortaleza e Maceió, observamos que as sinalizações dos sujeitos, a seguir, foram semelhantes Quadro 172, a seguir:

Quadro 172 - Variante CENOURA em Fortaleza e Maceió

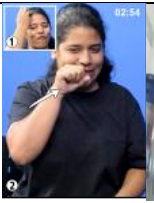
FORTALEZA		MACEIÓ	
MJ1		FJ2	
			
		MJ4	
			

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

O léxico utilizado por estes participantes, devido a sua iconicidade, constrói diretamente a imagem de que se está comendo uma cenoura. Assim, o léxico pode ser descrito pelo uso da mão direita (sinalizador destro) em S na vertical, movimentando-a em direção à lateral direita da boca, com a expressão facial como se estivesse roendo o alimento. As pequenas variações observadas ocorreram no PA onde a “cenoura” era colocada: mais adiante da boca ou mais à direita, ou esquerda, no caso do sinalizador canhoto.

Outra variante ocorrida, nas duas regiões, foi a construída pela combinação do sinal COELHO com COMER^CENOURA. Vejamos as sinalizações no Quadro 173, a seguir:

Quadro 173 - Variante CENOURA com dois sinais Fortaleza e Maceió

FORTALEZA			MACEIÓ		
MJ6			FJ5		
					
FA2			FA1		
					
			MA3		
					

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Observamos, no conjunto de sinalizadores de Fortaleza e Maceió, a composição do léxico pelo uso de dois sinais, COMER-cenoura^COELHO ou COELHO^COMER-cenoura.

Em Fortaleza, o sinal composto foi realizado com a seguinte sequência: (1) Mão direita em S na vertical, palma da mão para frente, movimentando em direção à lateral direita da boca, com a expressão facial como se estivesse roendo. (2) Mão aberta na vertical, palma da mão para trás, mão direita encostada na lateral direita da cabeça, com os dedos mindinhos e anelares abaixados e os dedos indicadores e médio movimentando para cima e para baixo duas vezes.

Não havendo obrigatoriedade de manutenção da sequência, houve alterações na sequência dos sinais. Por exemplo, o homem jovem, MJ6, fez a sequência COMER-cenoura^COELHO. Observamos, também, que houve a ocorrência de alteração da CM de CM21 para CM25, esta segunda tendo o dedo polegar aberto.

Outra variante foi detectada no PA, a mão ficou na lateral da testa, mas houve participante que a colocou na bochecha.

Na sequência, FA2 inverteu a Or, colocando a palma da mão para a direita (sinalizadora destra), diferente de todas as outras pessoas que sinalizaram com a

palma da mão para a esquerda (sinalizadoras destrás). Sua sinalização foi a mesma nas duas entrevistas.

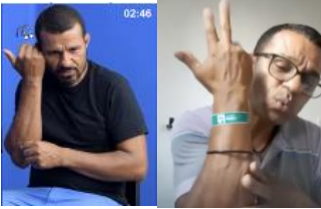
Em Maceió, primeiro foi sinalizado COELHO, depois, COMER-cenoura. Assim, tivemos uma sequência invertida em relação à Fortaleza. Quanto a MA3, FA1 e FJ5 realizaram o sinal com sequência: (1) mão direita aberta na vertical, palma da mão virada para trás, dedos mindinho e anelar abaixados, dedos médio e indicador juntos, na lateral direita da cabeça os dedos médio e indicador levantam e abaixam duas vezes. (2) Mão direita em S na vertical, movimenta em direção à lateral direita da boca, com a expressão facial como se estivesse roendo. Houve, ainda, o uso da ENM na segunda entrevista com acréscimo de apresentação dos dentes e franzimento da testa.

Também ocorreu nas duas entrevistas de FA1 sinalizar do mesmo modo que FJ5.

Por fim, MA3 trocou a sequência dos sinais. Na primeira entrevista ele havia feito COELHO^COMER-cenoura, na segunda ele fez COMER-cenoura^COELHO.

Outra variante identificada foi realizada por FI6, MI2, MA4. Observemos o Quadro 174 a seguir:

Quadro 174 - Variantes CENOURA entre Fortaleza e Maceió FI6, MI2 e MA4

FORTALEZA	MACEIÓ
FI6	MA4
	
MI2	
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A descrição para todos os sinais deste grupo pode ser a seguinte: mãos abertas na vertical, palmas das mãos para trás, mão direita encosta na lateral direita da cabeça e mão esquerda encosta na lateral esquerda da cabeça, com os dedos mindinhos e anelares abaixados e os dedos indicadores e médio movimentando para cima e para baixo duas vezes.

No caso de FI6, a variação apresentada por ela foi no PA. Na primeira entrevista ela sinalizou COELHO na bochecha.

Quanto a MI2, também a variação está no PA, uma diferença pequena de localização na lateral da testa entre o primeiro e o segundo sinal. Este tipo de alteração não muda o léxico em termos de significado.

Por sua vez, MA4 sinalizou a mesma variante nas duas entrevistas, utilizando o mesmo PA. Sua produção nos permitiu considerar a força de seu padrão comunicativo com um sinal sem sequência para complementação de informação lexical, significando que ser preciso atenção ao contexto de comunicação para entender que o sinal COELHO pode significar CENOURA.

No entanto, esse é o tipo de léxico que, na ausência de informações de contexto para alimentar *input* comunicativo, se faz necessário a complementação linguística com mais elementos lexicais que informem sobre o que se está tratando.

Acerca desta variação, ela ocorreu apenas em Fortaleza. Confirmamos o Quadro 175, a seguir:

Quadro 175 - Variante CENOURA por MA3 em Fortaleza



Fonte: Elaborado pela autora 2022)

Identificamos que MA3 sinalizou dois léxicos diferentes. Na primeira entrevista COMER-cenoura, na segunda COELHO. Ele não fez o uso de complementação e em cada entrevista utilizou um único sinal. Nossa hipótese é de que ele poderia estar lidando com o léxico como alternativa em seu repertório, mas ele não fez o sinal OU, indicativo de que estava apresentando um novo sinal. A CM utilizada foi com o polegar aberto.

A sinalização de FI5 não sofreu alteração nos parâmetros principais nas duas entrevistas. Vejamos o Quadro 176, abaixo:

Quadro 176 - Variante por FI5 em Fortaleza

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A sinalização dela foi: mãos abertas na vertical, palmas das mãos para trás, com a mão direita encostada na lateral direita da cabeça e mão esquerda encostada na lateral esquerda da cabeça, dedos mindinhos e anelares abaixados e dedos indicadores e médio movimentando para cima e para baixo duas vezes, polegares abertos. Uma diferença entre um dado e outro foi o uso da expressão facial na segunda entrevista. Acerca da compreensão do léxico, o contexto foi a marca de sua compreensão. Por ser o mesmo sinal nas duas entrevistas, essa variante pode ser considerada em seu repertório.

Tratemos da sinalização de MI1. Observemos o Quadro 177, a seguir:

Quadro 177 - Variante por MI1 em Fortaleza

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na primeira entrevista, MI1 utilizou o léxico COELHO com a mão direita aberta, palma da mão virada para trás, dedos mindinhos e anelar abaixados, dedos médio e indicador juntos, na lateral direita da cabeça. Os dedos médio e indicador levantaram e abaixaram duas vezes. No início da segunda entrevista, ele repetiu o mesmo sinal, mas no decorrer dela lembrou de outro léxico realizado com a mão direita em U na lateral da testa, palma para frente e a mão esquerda em S na vertical, movimentando em direção à lateral direita da boca, com a expressão facial como se estivesse roendo. Esta foi uma expressão natural dele. Foi como se ele tivesse lembrado que havia outro sinal em seu repertório composto por sinais simultâneos, apesar de assimétricos, ou seja, CM, PA, M e Or diferentes, mas realizados no mesmo momento.

A sinalização de MI3 teve também sua singularidade. Vejamos o Quadro 178, abaixo:

Quadro 178 - Variante por MI3 em Fortaleza



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

MI3 utilizou o sinal CAVALO^forma-de-cenoura (CM25^CM07+CM07) com a mão direita aberta, palma da mão para a frente, dedos mindinhos e anelar abaixados, a ponta do polegar tocando o lado direito da cabeça e dedos indicadores se movendo para cima e para baixo duas vezes. Na primeira entrevista estranhámos que ele tenha utilizado CAVALO, mas o complemento CENOURA criou a informação linguística coerente para o léxico. Na segunda entrevista, ele realizou apenas CAVALO. Confirmando nossa hipótese de que a sinalização se constitui de uma variante sua do legume CENOURA.

Quanto a sinalização de MI6, observemos o Quadro 179:

Quadro 179 - Variante por MI6 em Fortaleza



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

MI6 realizou a sinalização COELHO^forma-de-cenoura (CM21^CM17+CM17) para significar CENOURA, construindo um sinal composto: (1) Mão direita na vertical, palma da mão para trás, a mão direita encosta na lateral direita da cabeça, dedo mindinho e anelar abaixados e os dedos indicador e médio movimentando para cima e para baixo duas vezes; (2) Mãos em O na horizontal, na altura do peito, palmas das mãos viradas para a frente, mãos juntas nas laterais, mão direita se afasta para a direita e mão esquerda se afasta para a esquerda concomitantemente. Tanto na

primeira quanto na segunda entrevista, sua sinalização foi igual. Ocorreu-nos estranhar em seu modo de construir “forma de cenoura”, devido a CM17 utilizada, pois os dedos polegar e indicador ficaram juntos. Geralmente, são utilizados outros classificadores para a representação da cenoura, por exemplo, a CM em S. Acreditamos que isso significa que se trata de uma variante sua, ou seja, seu modo próprio de sinalizar. A forma que a mão toma não interfere no significado, se com dedos abertos, se todos fechados, seja qual for a forma para cenoura, a complementação da informação do sinal ocorre pelo uso de algum desses elementos que alimentam, pela imagem, a compreensão sobre o que se trata.

Em Maceió, ocorrências de variantes foram realizadas por FJ3. Observemos o Quadro 180:

Quadro 180 - Variante por FJ3 em Maceió



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na primeira entrevista FJ3 realizou uma variante com sinal composto COELHO^CENOURA, mas CENOURA foi realizado de dois modos diferentes, um em cada entrevista: (1) Mão direita aberta na vertical (sinalizadora destra), palma da mão virada para frente, dedos mindinhos e anelar abaixados, polegar aberto, dedos médio e indicador juntos, na lateral direita da cabeça, os dedos médio e indicador levantaram e abaixaram duas vezes. (2) Mão direita em S na horizontal, na altura da boca com movimento de aproximar como se estivesse roendo.

Sobre segunda entrevista, ela sinalizou outro léxico composto por dois sinais: (1) Mão direita aberta na vertical (sinalizadora destra), palma da mão virada para trás, dedos mindinhos e anelar abaixados, polegar aberto, dedos médio e indicador juntos, os dedos médio e indicador levantam e abaixam duas vezes. (2) Mãos fechadas na altura do peito, com os dedos polegar e indicador de ambas as mãos levemente curvados, palmas das mãos viradas para a frente, mãos juntas nas laterais, mão direita se afastando para a direita e mão esquerda para a esquerda, concomitantemente.

Ela mudou completamente o léxico, nada aproveitou do outro. Nossa hipótese é de alteração de consciência lexical a partir de desenvolvimento pessoal. Havia feito CAVALO e percebeu que este não é o sinal mais comum na região e o substituiu por outro.

As duas sinalizações de FJ6 e FA2 mostram uma supressão de sinal entre a primeira e a segunda entrevista. Vejamos as imagens no Quadro 181, a seguir:

Quadro 181 - Variante por FJ6 e FA2 em Maceió



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

As duas mulheres realizaram o sinal na primeira entrevista utilizando uma composição COELHO^COMER-cenoura. Na segunda entrevista, o sinal COELHO do seu léxico foi retirado ficando apenas COMER-cenoura.

Nossa hipótese é de que as duas tenham considerado não haver necessidade de remeter ao animal para representar o legume e, por isso, a retirada da primeira parte do sinal. Por fim, a sinalização de FI1. Vejamos o Quadro 182:

Quadro 182 - Variante por FI1 em Maceió



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

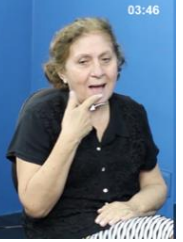
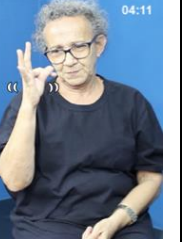
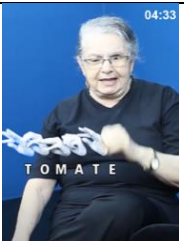
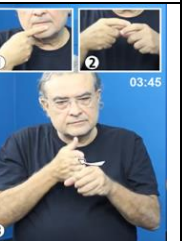
As duas mulheres realizaram o sinal na primeira entrevista utilizando uma composição COELHO^COMER-cenoura. Na segunda entrevista, o sinal COELHO do seu léxico foi retirado, ficando apenas COMER-cenoura.

Nossa hipótese é de que as duas tenham considerado não haver necessidade de remeter ao animal para representar o legume e, por isso, a retirada da primeira parte do sinal.

5.19.1 TOMATE: variantes no nível querológico

Com relação ao sinal TOMATE, os exemplos da sinalização dos participantes do grupo de Fortaleza constam no Quadro 183:

Quadro 183 - Sinalização TOMATE em Fortaleza⁹⁷

Sinal	Variantes				
	 FJ4	 FA2	 MA3	 FI1	 FI2
 MJ5	 FI3	 FI5	 FI6	 MI1	 MI2
	 MI4	 MI5	 MI6		

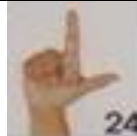
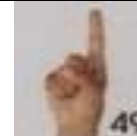
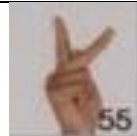
Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Em Fortaleza, a variante padrão para TOMATE foi exemplificada por MJ5 e utilizada por FJ2, FJ3, FJ6, MJ3, MJ6, FA1, FA3, FA5, FA6, MA1, MA2, MA4, MA5, MA6. O sinal foi realizado pela articulação da CM49Ativa, PA lábio, M de abrir e fechar o dedo, Or da palma para trás + CM02Ativa^CM12Passiva, PA no espaço neutro a frente do sinalizador na altura do estômago, com a CM02Ativa passando em M retilíneo duplo pela CM12Passiva. A Or da mão ativa para a direita (sinalizador destro) e da mão passiva para baixo.

Foram identificadas treze variantes em Fortaleza. As CM utilizadas estão exemplificadas no Quadro 184, a seguir:

⁹⁷ Consta no APÊNDICE N - 1 Sinalização TOMATE em Fortaleza as imagens com todos os sinalizadores de Fortaleza e sua realização do sinal em tela.

Quadro 184 - TOMATE: configurações de mãos ativas identificadas

 CM02	 CM12	 CM24	 CM49
 CM43	 CM20	 CM55	 CM73
 CM77	 CM67	 CM71	 CM74

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

O PA dos sinais dependeu da CM. Todos os sinais realizados com as CM49Ativa e CM24Ativa tiveram sua realização no lábio. Variantes com a CM20Ativa ocorreram no espaço neutro na altura do pescoço. E, as variantes com as CM02Ativa^CM12Passiva, CM43Ativa^CM43Passiva e CM43Ativa, foram realizadas no PA espaço neutro a frente do sinalizador, na altura do abdômen.

Com relação Movimento, este dependeu da CM e PA. O Quadro 185 registra os M observados:

Quadro 185 - TOMATE: movimentos identificados

	movimento assimétrico, curto e repetido duas vezes foi utilizado por FJ1, FJ4, FJ5, MJ1, MJ3, MJ5, FI4, FA1, FA4, FA6, MJ1, MJ3, MJ5, FI4, FA1, FA4, GA6, MA1, MA2, MA4, MA5, MA6, MI1 e MI6.
	movimento retilíneo de uma vez fatar repetidamente na mão passiva, tocando repetidamente no queixo com dedos indicador e polegar ou dedos indicadores e sem polegar, comum movimento leve no dedo de gancho apertado. Nos registros sobre FJ2, MJ2, FA2, FI5, MI2, FI1, FI3, observamos que utilizaram o ponto de articulação no espaço neutro na altura entre o peito e o abdômen, a orientação foi a palma da mão para baixo.
	movimento curto repetidos três vezes, como se estivessem a fatar repetidamente com a mão passiva como referente do alimento fatiado. O ponto de articulação foi o espaço neutro na altura entre o peito e o abdômen. A orientação foi palma da mão para baixo. Foram os sinalizadores com estes parâmetros FA3, FA5, MA3.
	movimento de balanço repetido do antebraço para direita e para esquerda. O ponto de articulação foi o espaço neutro na altura do pescoço e posição lateral e a orientação foi a palma da mão para esquerda ou para direita. Estes movimentos foram utilizados por FJ3, MJ6, FI2 para sinalização.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Do mesmo modo, a Or dependeu dos parâmetros CM e PA. Variantes com CM49Ativa e CM24Ativa, Or para trás. Nos casos das variantes com uso das duas mãos, a mão ativa ficou para a esquerda (para destros) e a mão passiva para baixo. Para os sinais soletrados, Or para frente.

Vejamos as descrições dos sinais com a identificação das variantes e os pares opositivos que geraram as variações:

- FJ1, FJ5, MJ1, MJ2, FA4, realizam o sinal na sequência invertida do sinal. Desse modo, a variante teve sequência CM02Ativa^CM12Passiva, PA no espaço neutro a frente do sinalizador a altura do abdômen, com a CM02Ativa passando em M retilíneo duplo pela CM12Passiva. A Or da mão ativa para a direita (sinalizador destro) e da mão passiva com a Or para baixo + CM49Ativa, PA, lábio, M de abrir e fechar o dedo, Or da palma para trás;
- FI3 utilizou a CM24Ativa, PA lábio, M de roçar o lábio com o dedo no sentido vertical para baixo, Or para trás + CM43Ativa, PA espaço neutro na altura do abdômen, Or para a esquerda (sinalizadora destra);
- FI5 realizou variante em relação a FI3 porque seu sinal foi composto por CM49Ativa, PA lábio, M de roçar o lábio com o dedo no sentido horizontal para o lado direito, Or para trás + CM43Ativa no PA espaço neutro na altura do abdômen, Or para a esquerda (sinalizadora destra);
- FA2 e MA3 sinalizaram: CM20Ativa + CM02Ativa^CM12Passiva. Para FA2, na parte inicial do sinal, CM20Ativa, o PA foi entre o queixo e o lábio. Para MA3, nesse momento do sinal, o PA foi o espaço neutro a sua frente, na altura do pescoço. Na sequência, CM02Ativa (para FA2 a esquerda) + CM12Passiva, PA no espaço neutro a frente do sinalizador na altura do abdômen, com a CM02Ativa passando em M retilíneo duplo pela CM12Passiva. A Or da passiva para a direita (sinalizadora canhota) e Or da mão passiva para baixo (os dois sinalizadores);
- FI1, FI4, MI3 sinalizaram com CM24Ativa, PA lábio, M de dobrar o dedo roçando-o no lábio, Or da palma foi para trás. Esta variante também foi representada como a cor VERMELHO;
- FI2 sinalizou uma variante única ao realizar o sinal com outra CM, sua variante foi: CM20Ativa, PA espaço neutro à frente da sinalizadora na

altura do pescoço, M de balaço do antebraço para a direita e para a esquerda, Or para a esquerda (sinalizadora destra);

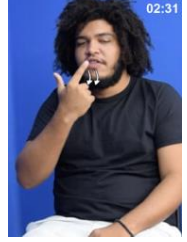
- FI6, MI1 e MI4 realizaram variantes soletradas do sinal. Vamos à descrição de cada sinalizador:
- FI6 utilizou a forma datilológica com mão ativa CM20^CM73^CM77^CM67^CM20^CM71, ou seja, T-O-M-A-T-E, PA espaço neutro à sua frente na altura do peito, Or da palma voltada para frente;
- MI1 sinalizou CM24Ativa, PA lábio, M de dobrar o dedo roçando-o no lábio, Or da palma foi para trás. Esta variante também foi representada como a cor VERMELHO + CM20^CM73^CM67^ CM77, ou seja, T-O-A-M, sendo um processo de lexicalização por soletração manual. O número de letras da palavra original foi reduzido, não compondo, assim, a datilologia completa da palavra. A velocidade empreendida para a realização do sinal pode ter sido fator para que a soletração se reduzisse as letras TOAM;
- MI4 sinalizou CM20^ CM67^CM77^CM67^CM20^ CM67, ou seja, T-A-M-A-T-A, + CM24Ativa, PA lábio, M de dobrar o dedo roçando-o no lábio, Or da palma foi para trás;
- MI2 realizou o sinal com tripla articulação: CM49Ativa, PA lábio, M de abrir e fechar o dedo, Or da palma para trás + CM43Ativa+ CM43^Passiva, PA espaço neutro, altura do abdômen, Or palma a palma + CM74Ativa com Or para trás raspando no espaço da CM12^Passiva, PA espaço neutro na altura do abdômen, Or palma voltada para trás;
- MI5 também sinalizou uma variante com tripla articulação: CM24Ativa, PA lábio com M de dobrar o dedo roçando-o no lábio no sentido horizontal, Or da palma para trás + CM55Ativa, PA ao lado da bochecha, M circular, Or para dentro + CM02Ativa passando em M retilíneo duplo pela CM12Passiva. A Or da mão ativa para a direita (sinalizador destro) e da mão passiva para baixo.

Observamos que MJ1, FA2, FA4, MA2 realizaram suas variantes com a mão esquerda.

Não identificamos nas variantes características de agrupamento dos participantes a partir de seus perfis de homem e mulher, jovens, adultos e idosos.

Em relação a Maceió, dos dados de imagem registrados, selecionamos os sinalizantes no Quadro 186 como exemplos das variantes encontradas na região

Quadro 186 - Sinalização TOMATE em Maceió⁹⁸

Sinal	Variantes				
 FJ5	 FJ2	 FJ6	 MJ1	 MJ2	 MJ4
	 MA5				

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Com FJ5 exemplificamos o sinal realizado. Utilizaram a mesma variante MA1, MA2 e MA3. FJ6 trocou a sequência FATIAR+VERMELHO. A sinalização foi a seguinte: CM24Ativa, PA lábio, M de abrir e fechar o dedo, roçando-o no lábio inferior, Or foi com palma para trás + CM02Ativa^CM12Passiva, PA no espaço neutro a frente do sinalizador na altura do estômago com CM02Ativa passando em M duplo e curto pela CM12Passiva. A Or da mão ativa foi para a direita (sinalizadora destra) e Or da mão passiva para baixo.

FJ3, FJ4, MJ5, FA1, FA2, MA6, CM49Ativa+FATIAR. Com a mesma CM, MJ6, FI1, MI1 trocaram a sequência e sinalizaram FATIAR+VERMELHO.

MJ2 utilizou apenas um sinal — VERMELHO, com a CM24.

Por sua vez, MA5 e MI1 também utilizaram apenas um sinal — VERMELHO, no entanto, com a CM49.

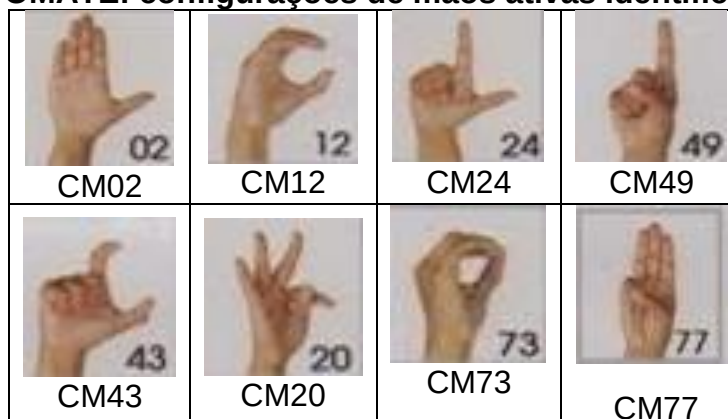
Foram identificadas seis variantes, quando contabilizadas as sinalizações dos participantes em relação ao sinal que se repetiu mais vezes.

⁹⁸ Consta no APÊNDICE N - 2 Sinalização TOMATE em Maceió as imagens com todos os sinalizadores de Maceió e sua realização do sinal em tela.

Após a apresentação da identificação de cada parâmetro, realizamos a descrição das variantes a partir dos parâmetros formacionais dos sinais.

O Quadro 187, a seguir, contém ilustrações das CM encontradas nas variantes de Maceió:

Quadro 187 - TOMATE: configurações de mãos ativas identificadas

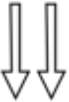


Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Foram dois os PA nas variantes da região, o lábio e o espaço neutro a frente do sinalizador na altura do abdômen.

Em relação ao M, os registros nos informam que estes dependeram da CM e PA. Os dados foram transcritos para o Quadro 188, a seguir:

Quadro 188 - TOMATE: movimentos identificados

	movimento curto repetido duas vezes. FJ1, FJ2, FJ3, FJ5, FJ6, MJ3, MJ4, MJ5, MJ6, FA1, FA2, MA1, MA2, MA3, FI1 utilizaram o movimento FATIAR repetidamente na mão passiva. O PA foi o espaço neutro na altura do peito e a orientação da palma da mão para baixo.
	movimento duplo de abertura e fechamento do dedo indicador roçando no lábio inferior.
	movimento retilíneo uma vez para fatiar repetidamente na mão. FJ4 e MI1 realizaram esse movimento no ponto de articulação no espaço neutro na altura do peito, a orientação da palma foi para baixo.
	movimento curto repetido três vezes. Por fim, MA6 utilizou o movimento de fatiar repetidamente na mão passiva, o ponto de articulação foi espaço neutro na altura entre o peito e o abdômen. A orientação da palma para baixo.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Quanto a Or, esta dependeu da CM e PA para cada mão, ativa e passiva. Assim, a partir destes dois parâmetros básicos identificamos a Or para trás, para a esquerda ou direita e para baixo na mão passiva.

Vejamos as descrições das variantes encontradas:

- MJ3 e MJ4 utilizaram CM02Ativa^CM12Passiva, PA no espaço neutro a frente do sinalizador na altura do estômago com CM02Ativa passando em M duplo curto pela CM12Passiva. A Or da mão ativa foi para a direita (sinalizadores destros) e Or da mão passiva para baixo.
- MJ6, FI1, MI1, CM02Ativa^CM12Passiva, PA no espaço neutro a frente do sinalizador na altura do estômago com CM02Ativa passando em M duplo curto pela CM12Passiva. A Or da mão ativa foi para a direita (sinalizadora destra) e Or da mão passiva para baixo + CM49Ativa no PA lábio com M de abrir e fechar o dedo, roçando-o no lábio inferior, a Or foi com palma para trás.
- MJ1 CM43Ativa^CM43Passiva no PA no espaço neutro a frente do sinalizador na altura do abdômen, Or da mão ativa palma a palma + CM49Ativa no PA lábio com M de abrir e fechar o dedo, a Or para trás.

Identificamos duas variantes relativas ao parâmetro CM, foram elas:

- MA5 e MI2 sinalizaram CM49Ativa, PA lábio, M de dobrar o dedo roçando-o no lábio, Or da palma para trás. Esta variante também representa a cor VERMELHO;
- MJ2 sinalizou CM24Ativa, PA lábio, M de dobrar o dedo roçando-o no lábio, Or da palma para trás. Esta variante também representa a cor VERMELHO.

Encontramos variantes em um grupo de sinalizadores com variação no acréscimo de um movimento ao parâmetro, vejamos:

- FJ4 — CM49Ativa, PA lábio, M de abrir e fechar o dedo, roçando-o no lábio inferior, Or da palma para trás + CM02Ativa^CM12Passiva, PA no espaço neutro a frente do sinalizador na altura do estômago com CM02Ativa passando em M de um corte curto pela CM12Passiva. A Or da mão ativa foi para a direita (sinalizadora destra) e Or da mão passiva para baixo;
- FJ3, FJ5, FA1, FA2 — CM49Ativa, PA lábio, M de abrir e fechar o dedo, roçando-o no lábio inferior, Or para trás + CM02Ativa^CM12Passiva, PA no espaço neutro a frente do sinalizador na altura do estômago com CM02Ativa passando em M duplo e curto pela CM12Passiva. A Or da

mão ativa para a direita (sinalizadora destra) e Or da mão passiva para baixo; CM49Ativa, PA lábio, M de abrir e fechar o dedo, roçando-o no lábio inferior, Or foi com palma para trás + CM02Ativa^CM12Passiva, PA no espaço neutro a frente do sinalizador na altura do estômago com CM02Ativa passando em M triplo curto pela CM12Passiva. A Or da mão ativa para a direita (sinalizadora destra) e Or da mão passiva para baixo;

- FJ2 — CM20^CM73^CM77, ou seja, soletrou com alfabeto manual T-O-A-M + CM49Ativa, PA lábio, M de dobrar o dedo roçando-o no lábio, Or da palma foi para trás + CM02Ativa^CM12Passiva, PA no espaço neutro a frente do sinalizador na altura do estômago, com CM02Ativa passando em M duplo e curto pela CM12Passiva, Or da mão ativa para baixo e Or da mão passiva para a esquerda (sinalizadora destra).

Não observamos ocorrências significativas de diferenciação e criação de variantes a partir da categorização de sexo biológico e faixa etária.

5.19.2 TOMATE: variantes no nível lexical

Estudamos o léxico da Libras nas regiões de Fortaleza e Maceió em busca dos modos de sinalizar dos surdos e, assim, da cultura linguística de produção dos sinais nessas comunidades.

Nesse contexto investigativo, constatamos as ocorrências de variantes lexicais a partir da compreensão de que “ao se produzir uma mudança, uma variação querética da estrutura do léxico, produz-se uma mudança natural de elementos linguísticos” (MACHADO; WEININGER, 2018, p. 58).

Este processo natural das línguas “Segundo Labov (1972), são marcas pessoais da fala, traços linguísticos e variações particulares de uma pessoa, que se relacionam com o seu gênero e status social”. (MACHADO; WEININGER, 2018, p. 58).

Assim, os registros de variação lexical do léxico TOMATE apontam para práticas individuais e coletivas das comunidades investigadas, nas quais identificamos formas diferentes de produzir o sinal, foram elas:

- VERMELHO, única articulação na qual TOMATE foi representado, que podemos chamar de cognato;

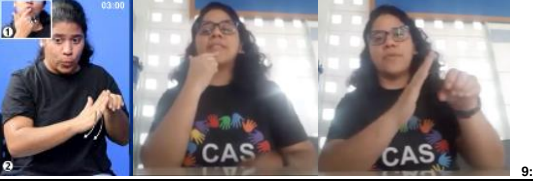
- Diferenciação de variantes do parâmetro CM para VERMELHO, sinal usado como TOMATE, com a formação do sinal pela CM em L (CM24) e em D (CM49), como foram os casos de MJ2, MA5 e MI2;
- Articulação do parâmetro M nas sinalizações com CM em L (CM24) e em D (CM49) na direção vertical ou horizontal;
- Dupla articulação em variantes com diferentes combinações de dois conjuntos de queremas: um com uso das duas mãos, a ativa e a passiva e, na sequência, uso apenas da mão ativa, por exemplo, FATIAR^VERMELHO. Mas também o inverso, sinal formado pela combinação de uma mão ativa e, na sequência, uso da mão ativa e passiva, produzindo o mesmo léxico com o conjunto de queremas invertido VERMELHO^FATIAR;
- Diferenciação por produção do sinal como sinal soletrado. Nesses casos, houve ocorrências em Fortaleza de aproximação do léxico com a datilologia por escrita manual da palavra T-O-M-A-T-E, sinalizado por FI6; T-A-M-A-T-A, por MI4, por inteiro (o equívoco na grafia pode ser devido a esquecimento ou falta de domínio da escrita da palavra em língua portuguesa), e, por supressão, na ocorrência de retirada de letras no sinal, por exemplo: T-O-A-M sinalizado por MI1 em Fortaleza e T-O-M, por FJ2 em Maceió;
- O parâmetro M que foi utilizado no conjunto do sinal composto por VERMELHO^FATIAR ou FATIAR^VERMELHO, como movimento único, duplo e triplo na construção do verbo FATIAR e em TOMATE quando sinalizado como VERMELHO na direção vertical ou horizontal no momento de o dedo passar pelo lábio inferior.

Observamos, ainda, que em Fortaleza houve mais ocorrências de variação que em Maceió.

5.19.3 Entrevista - Dados extralinguísticos – TOMATE

Os dados extralinguísticos alimentados pela entrevista possibilitam a análise como a composição dos sinais acontece em Fortaleza e Maceió. Vejamos o Quadro 189, a seguir:

Quadro 189 - Variantes semelhantes em Fortaleza e Maceió

FORTALEZA	MACEIÓ
MJ6	FJ3
	
MI6	FJ5
	
	FJ6
	
	FA1
	
	FA2
	
	MA3
	
	FI1

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A observação das entrevistas nos mostra que o sinal produzido foi composto do seguinte modo: (1) Mão direita na vertical em D, palma da mão para trás, ponta do indicador tocando o meio do lábio inferior, empurrando levemente para baixo duas vezes. (2) Mão esquerda em O ou S, ou C na horizontal, palma da mão virada para frente e mão direita aberta na vertical, dedos juntos, com palma da mão virada para a esquerda, passando a palma da mão direita na lateral da mão esquerda de cima para baixo duas vezes. Mas esta sequência não é fixa, tendo havido ocorrências de inversão entre o primeiro e segundo sinal.

Uma diferença observada entre as sinalizações está na quantidade de vezes no movimento de cortar/fatiar. Em Fortaleza, o movimento de cortar/fatiar, acontecido uma vez, foi realizado por 3 jovens, FJ1, FJ2 e MJ2, e, 1 adulta, FA2. Em Maceió, por 1 jovem, FJ4, e, 1 idoso, MI1. O movimento de CORTAR/FATIAR duas vezes, em Fortaleza, foi sinalizado por 15 participantes dos três grupos: jovens, adultos e idosos. Os participantes foram: FJ5, FJ6, MJ1, MJ3, MJ5, FA1, FA4, FA6, MA1, MA2, MA4, MA5, MA6, MI5, MI6; em Maceió, o movimento de CORTAR/FATIAR duas vezes também foi realizado por 15 participantes: FJ1, FJ2, FJ3, FJ5, FJ6, MJ3, MJ4, MJ5, MJ6, FA1, FA2, MA1, MA2, MA3, FI1. Com relação a três movimentos para o verbo CORTAR/FATIAR, em Fortaleza, foram 5 participantes: FJ3, MJ6, FA3, FA5, MA3. Em Maceió, apenas MA6 realizou movimento triplo.

Outra diferença entre jovens e idosos ocorreu no PA e Or. Enquanto os jovens realizaram o sinal VERMELHO com a mão na vertical, os idosos o fizeram na horizontal.

Mais um aspecto diferenciador foi a CM. Nas duas entrevistas os jovens mantiveram a mesma sinalização, enquanto isso, os adultos alteraram a CM abrindo o dedo polegar na realização do sinal VERMELHO.

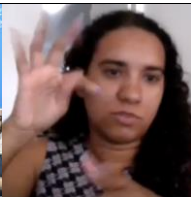
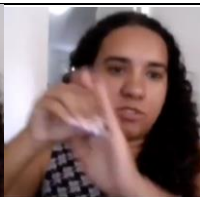
Todos esses detalhes mínimos são parte da descrição fina das variações querológicas.

Sobre as regiões, em Maceió, a quantidade de variações foi maior quando comparamos a primeira entrevista com a segunda. Os dados de realização são diferem na minúcia do movimento da mão para a realização do sinal VERMELHO, que ocorreu com a mão na vertical e depois na horizontal ou mais para a lateral, etc. Por exemplo, FJ6, na primeira entrevista, fez FATIAR+VERMELHO, na segunda trocou, fazendo VERMELHO+FATIAR.

Assim, vemos que ocorreram trocas na sequência dos sinais que compõe o léxico, mas também pequenas variações de CM, PA e M. Além de como se posicionaram as mãos ativa e passiva que assumiram pequenas mudanças entre uma entrevista e outra.

A seguir, o Quadro 190 apresenta as variantes advindas de FA2 e MA3. Observemos o quadro:

Quadro 190 - Variante por FA2 e MA3

FORTALEZA					
FA2			MA3		
					

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ao observarmos as sinalizações, temos que FA2, na primeira entrevista construiu o léxico pelos sinais: TOMATE a partir da CM em T, no queixo + FATIAR + VERMELHO, com a mão em L, mais o sinal de FATIAR. Na segunda entrevista, ela fez apenas o T, mais o FATIAR. Apesar da força da variante com uso do VERMELHO na região, ela não fez uso dessa variante, optando por uma outra forma de sinalização.

A diferença na sinalização de MA3 na primeira entrevista está na quantidade de cortes que ele faz, 3 vezes. Na segunda entrevista, ele substituiu o T por VERMELHO e diminuiu a quantidade de cortes, fazendo o sinal FATIAR com dois movimentos.

Nossa hipótese é que as diferenças advêm do repertório de sinais dos participantes e que as pequenas variações no PA e CM não alteram esse repertório.

Uma outra variante foi realizada por MJ1. A seguir, observemos o Quadro 191:

Quadro 191 - Variante por MJ1 em Fortaleza

FORTALEZA	
MJ1	
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A diferença entre a primeira e segunda entrevista está na supressão do sinal VERMELHO na segunda imagem. Nela, MJ1 realiza o sinal apenas com a mão direita em C, palma da mão virada para baixo, mão esquerda aberta na vertical, dedos juntos, com palma da mão virada para a direita, passando a palma da mão esquerda na lateral da mão direita de cima para baixo duas vezes. A retirada do sinal VERMELHO pode causar confusão de compreensão acerca do que ele está cortando. Esta é uma ocorrência de variante, mas acreditamos que ele se fixou ao contexto de produção com clareza de que o uso, em outros contextos, pede o acréscimo do sinal VERMELHO para melhorar a compreensão do interlocutor.

A realização do sinal por FI5 vemos no Quadro 192, a seguir:

Quadro 192 - Variante por FI5



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A realização do sinal por FI5, na primeira e segunda entrevista, não sofreu alteração. O sinal foi realizado em duas etapas: (1) Mão esquerda na horizontal em D, com a palma da mão voltada para trás, passando a ponta do dedo indicador no queixo da direita para a esquerda. (2) Mão direita em O na horizontal, palma da mão virada para a esquerda, na frente do corpo.

O modo de construir a forma para o tomate parecer ser próprio da participante. Não havendo certo ou errado nessa forma, uma vez que são utilizadas as mais diversas combinações de CM para criação do classificador com a forma do tomate, tornando seu modo de representar o legume⁹⁹ por meio da sua forma redonda uma criação específica.

A variante por FI6 está apresentada no Quadro 193, abaixo:

⁹⁹ Tomate é fruta por vir da flor do tomateiro, mas, como não é doce, é geralmente comido com outras verduras e legumes em saladas. Por causa desse contexto alimentar as pessoas o nomeiam como legume, o que também não está errado. Cf. em <https://www.agrolink.com.br/noticias/tomate-e-fruta>.

Quadro 193 - Variante por FI6 em Fortaleza

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na primeira entrevista FI6 fez uso da soletração para o léxico TOMATE, tendo feito T-O-M-A-T-E. Na segunda entrevista, mudou a sinalização, fez VERMELHO^FATIAR. Em sua Libras a presença da soletração é muito forte, mas é possível que ela tenha sido influenciada de alguma forma e, por isso, na segunda entrevista sua sinalização mudou. Essa mudança faz parte do processo da língua nos sujeitos. Nossa hipótese é de que a soletração tenha sido, apenas, uma ocorrência.

Na sequência de nossa análise temos a variante apresentada por MI1, Quadro 194, abaixo:

Quadro 194 - Variante por MI1 em Fortaleza

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na primeira entrevista, FI6 recorreu à soletração para o léxico TOMATE, tendo soletrado T-O-M-A-T-E. Na segunda entrevista, mudou a sinalização, fez VERMELHO^FATIAR. Em sua Libras a presença da soletração é muito forte, mas é possível que ela tenha sido influenciada de alguma forma e, por isso, na segunda entrevista sua sinalização mudou. Essa mudança faz parte do processo da língua nos sujeitos. Nossa hipótese é de que a soletração tenha sido, apenas, uma ocorrência.

Na sequência de nossa análise temos a variante apresentada por MI1, Quadro 195, abaixo:

Quadro 195 - Variante por MI3 em Fortaleza

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na primeira entrevista, a realização do sinal aconteceu com a mão em L, na horizontal, no queixo, com pequeno movimento do lábio. Na segunda entrevista, ele alterou a CM fechada, o dedo polegar aberto e acrescentou a forma tomate, utilizando a CM43, com apenas os dedos indicador e polegar abertos, mas curvos. Dentre as várias formas para TOMATE, esta é mais uma. A grande questão em sua sinalização, como dado linguístico, está no acréscimo da forma para tomate pelo classificador para algo redondo. A sinalização de VERMELHO parece ser a raiz de sua sinalização do legume, uma vez que se manteve, apesar da pequena alteração na CM.

A seguir, com MI2 identificamos mais uma variante. Observemos o Quadro 196:

Quadro 196 - Variante por MI2 em Fortaleza

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ainda em Fortaleza, temos a sinalização de MI2. Na primeira entrevista, ele sinalizou, VERMELHO^objeto-redondo^CORTAR¹⁰⁰, numa sequência de três sinais. Na segunda entrevista, suprimiu o verbo CORTAR e manteve apenas VERMELHO^objeto-redondo.

A supressão de uma parte do que foi sinalizado na entrevista anterior faz parte do processo da língua. Temos dados de outras sinalizações em que no primeiro

¹⁰⁰ Na transcrição de MI2 optamos pela palavra CORTAR para o verbo sinalizado por ele, pois este se aproxima mais da ação de cortar que foi sinalizado de FATIAR.

momento ocorreu três informações e no segundo duas. Pode acontecer de que a uma parte seja acrescentada à informação linguística, mas o sinal tem três partes, isso não se mantém o mesmo, uma quarta parte não é acrescentada, pelo contrário, pode acontecer de uma parte ser retirada. Nossa hipótese é de que em sinais com três sequências é impossível a manutenção dessa cadeia de informação. Ocorrendo, com certa frequência, de na segunda coleta de dados acontecer supressão de uma parte, sendo esta parte, a menos significativa para a constituição do sinal. Nesse processo de supressão, quando o léxico for composto por dois sinais, pode acontecer de um ser retirado. O limite de sequência de construção é de três sinais, sendo difícil encontrar a mesma quantidade de dados quando o sinal tem vários complementos.

Este foi o caso de MJ2, ele fez, na primeira entrevista, uma sequência de três sinais, na segunda, suprimiu uma parte do sinal, o verbo CORTAR.

Esta retirada é significativa e faz sentido no conjunto do sinal, porque a parte forte do léxico, a sua raiz, é VERMELHO. Essa é a parte que não pode faltar no sinal. E, em tendo sido colocada, o restante é complemento, tendo ele optado por “objeto-redondo”.

Assim, na segunda entrevista, o sinal ficou composto por duas partes: (1) Mão direita na horizontal em L, palma da mão para trás, ponta do indicador tocando o lábio inferior, movimentando da esquerda para a direita. (2) Mão direita na vertical, palma da mão virada para a esquerda, dedos médio, anelar e mindinho abaixados e dedos polegar e indicador levemente curvados.

A grande referência do sinal é VERMELHO, a partir dele, os outros elementos foram acrescentados.

Em Maceió, as ocorrências de variantes se deram com FJ2, MJ4 e MA4. Vamos às descrições de cada um.

O Quadro 197 contém os dados de FJ2. Vejamos suas sinalizações a seguir:

Quadro 197 - Variante TOMATE por MJ2 em Maceió



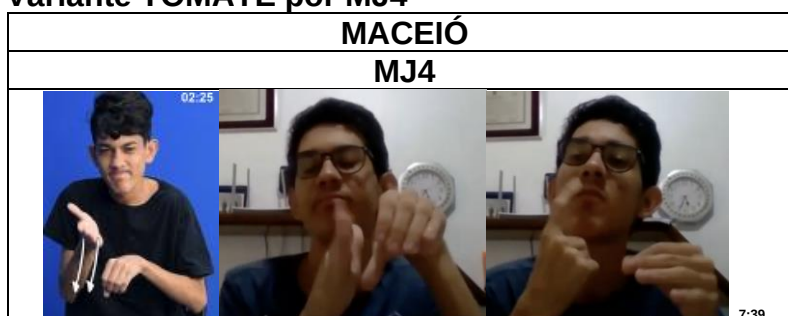
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na primeira entrevista, FJ2 sinalizou uma sequência de três sinais iniciada com: (1) soletração de T-O-M + (2) mão direita na vertical em D, palma da mão para trás, ponta do indicador tocando o meio do lábio inferior, empurrando, levemente para baixo, duas vezes + (3) mão esquerda em O, na horizontal, palma da mão virada para direita e mão direita aberta na horizontal, dedos juntos, com palma da mão virada para baixo, passando a palma da mão direita por cima da mão esquerda, da esquerda para a direita, duas vezes.

Do mesmo modo que MJ2, na segunda entrevista, ela suprimiu T-O-M, realizando o sinal com VERMELHO^FATIA-objeto-redondo. Isso ocorreu porque a soletração não é parte fundamental do sinal. Ficaram, para a realização do léxico, seus os elementos fundamentais. Às vezes, em um primeiro momento, as pessoas sinalizam com soletração considerando deixar a informação mais clara por meio da escrita manual, mas, na comunidade sinalizadora, este tipo de composição tripla de sinais para os léxicos não é o comum. O sinal tem VERMELHO como referente raiz e, depois, FATIAObjeto-redondo. Ou, em alguns casos, VERMELHO^objeto-redondo. Não houve ocorrências de repetição de sequência de três sinais entre a primeira e segunda entrevistas. Como já visto, o comum em um sinal composto por três léxicos, é acontecer de, na segunda entrevista, ele ter sido reduzido para dois.

No caso de MJ4, aconteceu o inverso, na primeira entrevista ele realizou um sinal simples, na segunda, um sinal composto. A sinalização de MJ4 está no Quadro 198:

Quadro 198 - Variante TOMATE por MJ4



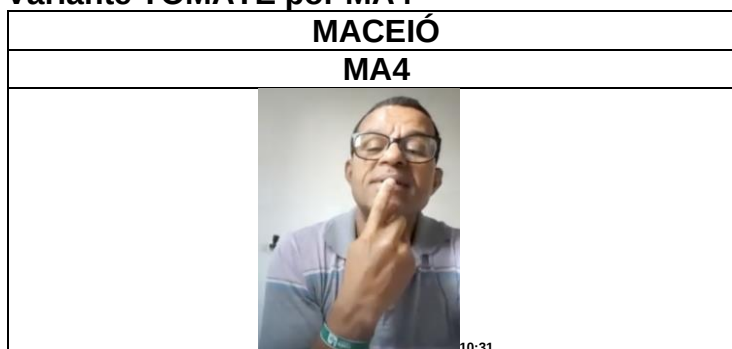
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na sinalização da primeira entrevista, ele fez apenas o sinal FATIAR. Na segunda, VERMELHO^FATIA-objeto-redondo. O acréscimo do verbo, na segunda entrevista, nos informa que passado o tempo, apenas ele, como significante, não foi suficiente para que o participante se sentisse seguro da informação na sinalização. Talvez, a mudança de local, apesar do mesmo contexto de comunicação, entrevista, e da

imagem, o vocabulário *Swadesh*, ser novamente o instrumento de eliciação, o tempo entre uma entrevista e outra fez MJ4 sentir a necessidade de complementação da informação. Assim, ele acrescentou VERMELHO após o verbo FATIAR.

Por fim, no conjunto de variantes de Maceió, temos a sinalização de MJ4¹⁰¹. Vejamos sua sinalização no Quadro 199:

Quadro 199 - Variante TOMATE por MA4



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Não temos a primeira entrevista realizada por MA4, no entanto, essa ausência não compromete o conjunto da pesquisa nem o processamento da análise dos dados. Na entrevista via *GoogleMeet* sua sinalização foi apenas VERMELHO, ou seja, sinal simples com a mão direita na vertical em D, palma da mão para trás, ponta do indicador tocando o meio do lábio inferior, movimentando levemente para baixo duas vezes.

Acreditamos que esta informação, com o tempo, poderá se alterar, gerando, posteriormente, uma ocorrência com sinal composto.

O contexto de produção dos dados utilizou a imagem do tomate. É possível que sem ela, ele mude sua sinalização, pois a comunicação se altera a partir dos contextos comunicativos e, nesses momentos, o sinal pode passar a ser composto, uma vez que existe nos sinais a necessidade de presença de uma raiz informativa, a partir da qual, outros elementos são acrescentados. Este é um comportamento padrão nas línguas, aproveitar a raiz, para nela, fazer um acréscimo que dê segurança à informação.

Em nossas reflexões sociolinguísticas sobre a Libras, partir das observações aos dados, vimos que há diversas mudanças possíveis a partir da raiz referência de cada sinal. Nesse sentido, concordamos com Rodrigues e Silva (2017) que, ao

¹⁰¹ Com relação a MA4, ocorreu de a imagem dela no *corpus* do INDLibras não ter sido capturada pela coordenação da pesquisa. Em todos os outros vocabulários ela está presente. Sua ausência não compromete a análise dos dados.

abordar o tema a partir de Weinreich; Labov; Herzog (2006, p. 688) disseram: “nem toda variação leva à mudança, mas toda mudança pressupõe um período anterior de variação”.

Esse contexto produtivo nos mostra que as línguas de sinais são constituídas por uma capacidade de auto-organização singular, a de sequência de construção do sinal composto a partir do momento de sinalização do indivíduo, não sendo prejuízo para o léxico alterações na sequência usada. Assim, concordamos com Castro Junior (2014), para quem o estudo do léxico da Libras, cada vez mais, trará mais clareza sobre o comportamento empírico da língua e a constituição teórica que os pesquisadores estão construindo sobre ela. São estes estudos que, à luz da ciência linguística da Libras, nos mostra que as regras de aplicação restrita diferem das regras de uso geral. Nas palavras do autor:

[...] o estudo do léxico da Libras, firmada nos princípios da teoria linguística da língua de sinais, dispõe de recursos para diferenciar regras de aplicação restrita de regras de uso geral, regras de mudança estrutural de regras de implementação e, com princípios e condições, dirime a capacidade de muitas regras e alcança generalizações. Mostra-nos, sobretudo, como olhar para os fatos da língua à luz de princípios universais. É incontestável que, funcionando como unidades lexicais ou unidades terminológicas, certos sinais-termo tendem a agrupar-se e a sofrer as mesmas regras, constituindo um padrão lexicográfico paramétrico natural, ou seja, dois ou mais segmentos constituem um padrão lexicográfico paramétrico natural se for necessário para especificar a informação do termo, um número de traços menor do que o número necessário para caracterizar cada traço isoladamente. O que a teoria da variação linguística no estudo do léxico da Libras tem mostrado é que o padrão lexicográfico paramétrico natural tem análises mais simples que as não naturais. (CASTRO JUNIOR, 2014, p. 91)

Nessa perspectiva, as descobertas sobre as variações em Fortaleza e Maceió, a partir do comportamento extralinguístico dos participantes ao sinalizarem de modo semelhante ou diferente nas duas entrevistas, nos leva a pensar que o caminho da sociolinguística da Libras é profícuo, havendo muito, ainda, o que ser estudado.

Assim, finalizamos esta seção sabendo que, com referência ao fenômeno da variação na Libras, vários aspectos ainda precisam ser estudados, considerando as diversas modalidades de variação identificadas em nossa pesquisa. Listamos, a seguir, os aspectos que precisam ser ainda mais aprofundados:

- Empréstimo linguístico pelo uso da soletração manual, na totalidade da palavra ou com supressão de letras;
- Diferenças lexicais acontecidas por acréscimo ou supressão de sinais que constituem o léxico, devido ao espaço temporal entre uma entrevista e outra;

- Acréscimo, supressão, apresentação, não apresentação, alteração, na sequência dos seguimentos que constituem um léxico composto por dois sinais;
- Produção com alteração da sequência dos seguimentos entre uma entrevista e outra;
- Ocorrências querológicas e morfológicas advindas dos modos particulares de sinalizar de cada sujeito;
- Mudanças nos processos de construção lexical no nível querológico e morfológico, ou seja, lexical;
- Variantes presentes apenas em um sinalizador como aspecto da singularidade deste participante com uso de ENM ou não;
- Variantes de um grupo específico como aspecto da singularidade da comunidade;
- Diferenças nas sinalizações a partir das comunidades de gênero e faixa etária;
- Influências sociais acontecidas devido a contato e trocas no cotidiano que propiciam que os sujeitos alteram suas produções;
- Características querológicas e sociais das variantes a partir dos lugares sociais dos participantes e suas construções no nível da fonologia/querologia, morfologia, e também na sintaxe e semântica.

Pelos aspectos levantados na pesquisa, mais estudos e aprofundamento sobre variação linguística precisam ser realizados.

Para conclusão deste capítulo de análise, precisamos dizer da impressionante capacidade humana de cultivo do acontecimento linguístico, das diversas possibilidades que constituem a produção dos sinais e, por conseguinte, o fenômeno da variação linguística. São tão profundos os aspectos intrínsecos à variação linguística que o tempo da pesquisa não daria conta de todos os sinais contidos no *corpus* do INDLibras registrado pelos projetos Rede Surdos e Libras na UFAL, por isso, a seleção dos catorze sinais que investigamos. Nossa expectativa é de que o estudo aqui apresentado possa se tornar relevante para a sociolinguística da Libras, a comunidade surda, a garantia do direito inalienável a Libras e a compreensão da multiplicidade de ocorrências de variação na criação do seu léxico.

A Libras é uma construção social extremamente valiosa, advinda das experiências individuais e subjetivas dos indivíduos surdos, seu papel é estruturante desse coletivo, uma vez que, por seu uso, acontecem as trocas entre pares surdos, nos diversos agrupamentos possíveis para estes sujeitos: homens e mulheres, jovens, adultos e idosos, dentre tantos outros grupos que constituem a diversidade da comunidade surda. O tempo de uso da língua pelos sujeitos dentro de suas faixas etárias, seu cotidiano, história pessoal com a língua, cultura e demais aspectos da vida, se constituem como parte imprescindível da sua experiência com a sua língua, e que, pelos limites de um trabalho de pesquisa de doutorado, não foram contemplados.

Nos próximos capítulos, resultados e discussão, a partir das categorias que elegemos para o nosso estudo, sexo biológico, faixa etária de jovens, adultos e idosos, nas regiões investigadas, olharemos mais profunda e detidamente os casos das ocorrências de variantes identificadas e discutiremos cada elemento encontrado.

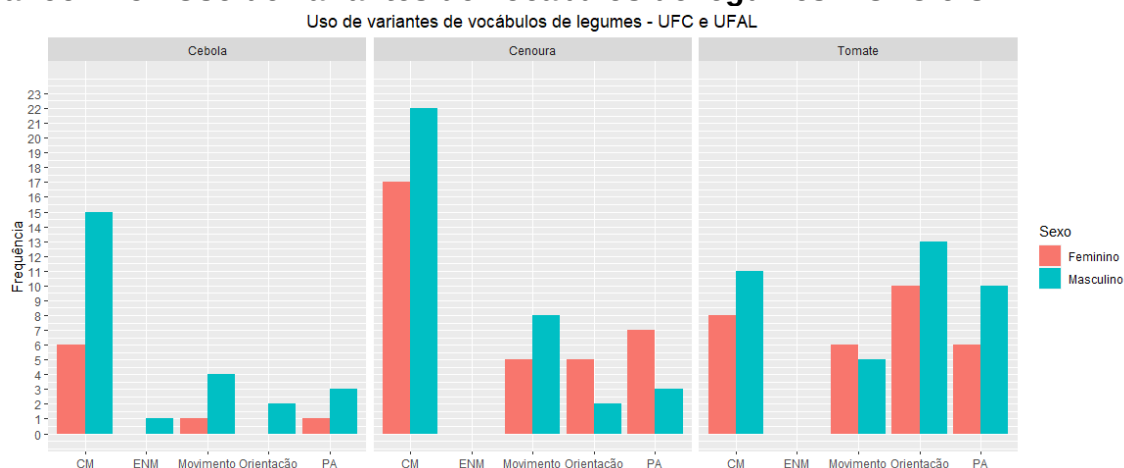
Apesar de nossos esforços, sabemos que não esgotamos o assunto, sendo nossa expectativa de que esta pesquisa contribua para o desenvolvimento da ciência e da linguística das línguas de sinais.

5.20 Análise Quantitativa: Variações Querológicas, lexical e Regional dos sinais CEBOLA, CENOURA e TOMATE

Acerca da variação do sinal CEBOLA, CENOURA e TOMATE, no contexto da pesquisa sociolinguística, os dados quantitativos são necessários para averiguação do comportamento dos grupos sociais (LABOV, 2008[1972]). No desenvolvimento da análise quantitativa dos léxicos realizamos o pareamento das informações querológicas e lexicais com os aspectos de sexo biológico e faixa etária, considerando, nesse contexto, as regiões de onde advém os sujeitos.

O GráficoR 25 identifica que as variações querológicas aconteceram do seguinte modo:

GráficoR 25 - Uso de variantes de vocábulos de legumes – UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na primeira imagem do gráficoR, ao compararmos os legumes nos grupos masculino e feminino, pudemos observar em CEBOLA, uma diferença de produções de variação do parâmetro CM, uma vez que identificamos variação em 15 pessoas do grupo dos homens e 6 pessoas das mulheres. Identificamos que as ocorrências estão na CM porque a realização do sinal teve CM formadas pelas letras L ou I, mas também por outras CM. Os parâmetros M, PA Or e ENM tiveram menores frequências de variação nesse léxico.

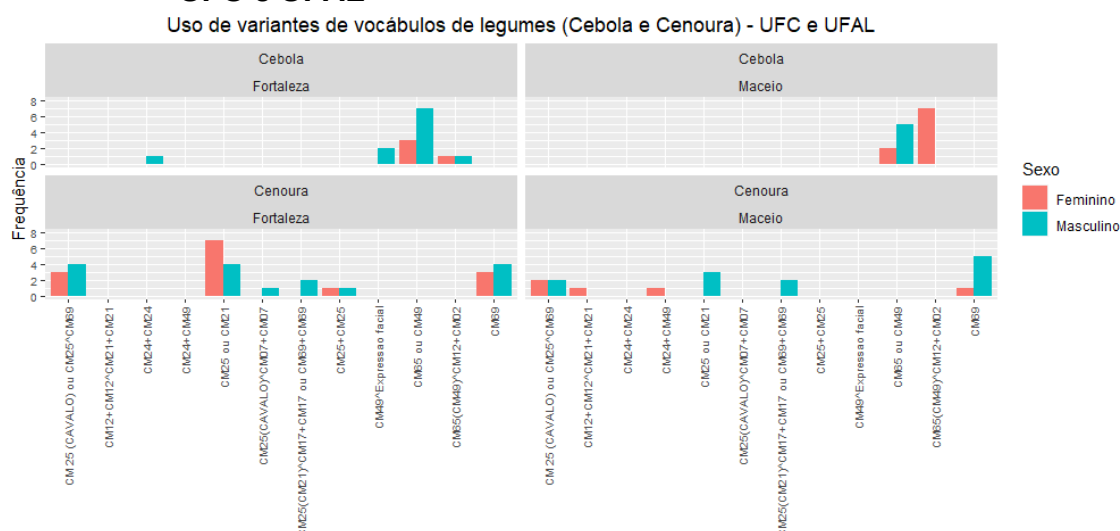
A observação do comportamento de produção do léxico CENOURA entre os grupos de homens e mulheres das regiões de Fortaleza e Maceió, permitiu a identificação de que está entre os homens a maior quantidade de variantes, pois 22 pessoas desse grupo sinalizaram com variação no parâmetro CM. Entre às mulheres, a quantidade de variação foi menor, 17 pessoas realizaram sinal com CM diferente. Em segundo lugar, o PA foi o parâmetro onde mais ocorreram variações. Em relação ao parâmetro formacional ENM, não houve ocorrências significativas de variantes. Observamos esse resultado pela ausência de barras no gráfico.

Quanto ao léxico TOMATE, observamos o parâmetro PA, houve 13 pessoas, nas ocorrências de variação no grupo masculino de Fortaleza e Maceió. Em segundo lugar, vemos que também ocorreu variação no parâmetro CM, com quantidade de 11 pessoas, do grupo dos homens, enquanto do grupo das mulheres foram 8. Consideramos a existência de uma diferença na sequência dos sinais ao haver sinais com duas sequências de CM e sinais com uma sequência. No caso do sinal de sequência única, ele torna mais complexa a significação, pois, havendo duas

possibilidades de significados, por exemplo, para a cor (vermelha) ou a alimentação (tomate), o contexto precisa ser utilizado como o elemento esclarecedor do sinal.

Os dados no GráficoR 26 apresentam as escolhas dos sinais dos participantes para usos cotidianos do sinal CEBOLA, CENOURA, TOMATE. Os resultados foram de que:

GráficoR 26 - Uso de variantes de vocábulos de legumes (Cebola e Cenoura) – UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

No grupo feminino de Fortaleza, elas utilizaram para o sinal CEBOLA a mão ativa na letra D (CM49). Poucas pessoas de Maceió usaram variante com essa configuração de mão. Ainda sobre variações nas CM, o grupo feminino de Fortaleza utilizou a configuração de mão em letra I (CM65). Os sinalizadores de Fortaleza não utilizaram para o sinal a CM49^Expressão facial e as mãos em D, mas, sim, foram utilizadas a CM49+Expressão facial.

Em Maceió, o grupo masculino utilizou mais o sinal CEBOLA(CM65 ou CM49), no número de 7 pessoas. Essa quantidade foi a maior entre as variantes. No grupo das mulheres, foi utilizado CEBOLA^FATIAR (ou cortar) com CM65(ou CM49)^CM12+CM02 para, por composição, criar o léxico CEBOLA. Foram 7 pessoas a produzir esse léxico.

Em Fortaleza, o léxico composto foi realizado por 3 participantes. Com relação ao sinal simples, nessa região. Ele foi produzido por 31 participantes, por meio do balançar o dedo na frente do olho. Em Maceió, por 12. Ainda nessa mesma região, o sinal simples de passar o dedo pelo rosto no sentido do escorrer de uma lágrima, ou seja, chorar, foi realizado por 9 participantes.

Em Fortaleza, MI1 e MI4, utilizaram o sinal com expressão facial (CM49+expressão facial) diferente das expressões dos demais participantes.

Em Maceió, um idoso utilizou o sinal molhado, com a CM24+CM24, abrindo e fechando os dedos, simetricamente, na frente do olho.

CEBOLA foi um léxico em que houve ocorrência do uso da expressão facial na realização do sinal.

Para CENOURA, as sinalizadoras de Fortaleza e Maceió, do grupo feminino, utilizaram o sinal CENOURA^COELHO, variante ocorrida pela troca da sequência COELHO^CENOURA (CM25^CM69). Houve no grupo feminino de Fortaleza mais variantes pela utilização da CM21, sinalizando COELHO, ou da CM25, representando CAVALO. Os dois modos configuraram um léxico simples para significar CENOURA. Observamos que signo para o animal COELHO e o legume CENOURA foi o mesmo, ou seja, sem complementação com outro sinal que agregue mais informação linguística ao alimento. Houve ocorrência de uso da CM69, classificador que remete ao ato de comer cenoura. A partir dessas informações vimos que CENOURA se constituiu como um vocabulário que demanda atenção ao contexto de comunicação, uma vez que o sinal pode atender a categoria dos legumes ou a representação para o animal coelho.

Em Fortaleza, MJ3 e MI6, e, em Maceió, FJ4, MA6 e MI1, realizaram a sinalização pela sequência CM25ouCM21^CM17+CM17ouCM73+CM73, produzindo COELHO + forma-de-cenoura.

Em Maceió, a idosa FI1, utilizou uma variante com o sinal forma-de-cenoura^COELHO, CM73^CM73+CM21^CM21, realizando a primeira sequência com duas mãos e, depois, a segunda sequência também com as duas mãos.

Por sua vez, FI2 utilizou o sinal CORTAR como componente do léxico, sinalizando CM24+CM49 para forma-de-cenoura^CORTAR, ou seja, CENOURA+CORTAR.

De outro modo, FI1 utilizou uma variante com o sinal cortar de cenoura CM24+CM49.

Tanto em Fortaleza quanto em Maceió foi utilizado o sinal CAVALO, CM25, como representação para CENOURA. Também com duas mãos, CM25+CM25, nas laterais da cabeça. No entanto, CAVALO não é um sinal estabelecido nas comunidades como representação para CENOURA, por isso, foi utilizado com complemento um classificador que remeteu iconicamente a forma do legume. Assim,

a sinalização CM25^CM07+CM07 foi um composto lexical para CENOURA que aconteceu via junção do sinal CAVALO + (classificador)forma-de-cenoura, de modo que os usuários não confundam com o sinal do animal cavalo. O mesmo aconteceu com outro sinal, também composto, que foi CAVALO^CENOURA(comer), com as CM25^CM69.

Em Fortaleza, 10 participantes sinalizaram COELHO sem complemento nem construção de sinal composto, usando, apenas, as CM25 ou CM21. No grupo das idosas, a CM25+CM25 foi utilizada de modo simétrico com as duas mãos ativas por FI5.

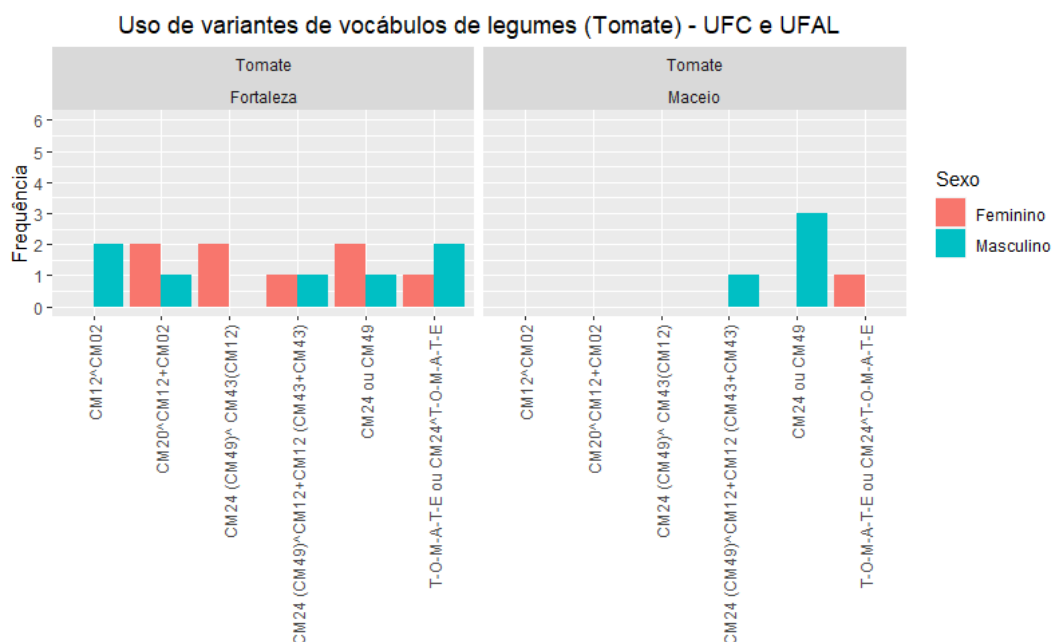
Também houve ocorrência do sinal COELHO a partir da composição CM25 ou CM 21^CM17+CM17, ou seja, COELHO^forma-de-círculo-de-cenoura, realizado por MJ3 e MI6.

Desse modo, na região de Fortaleza, houve ocorrências de variantes para CENOURA com apenas um sinal, mas também pelo sinal composto por COELHO^COMER que juntos constroem a informação via classificador, ou seja, pelo substantivo COELHO^verbo COMER-com-mão-em-S. Este sinal foi realizado por 13 participantes.

Nos três grupos masculinos, houve a utilização de quatro formas lexicais, existindo variantes entre os homens nas três faixas etárias.

Quanto a TOMATE o GráficoR 27 nos informa que:

GráficoR 27 - Uso de variantes de vocábulos de legumes (Tomate) – UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Em relação à utilização das variantes, a maior ocorrência foi do léxico composto pelos sinais combinados pelas CM49^CM12+02, ou seja, VERMELHO^FATIAM. Estas foram identificadas tanto em Fortaleza quanto em Maceió. O léxico, em tela, foi um dos que mais sofreu variação, estando em Maceió a utilização do sinal VERMELHO com as CM24 ou CM49. Entre os homens, foi onde ocorreu o maior número de variantes, 3 pessoas. Uma ocorrência específica, em Maceió, de dois homens jovens que utilizaram apenas CORTAR/FATIAM, CM12+CM02, sem composição indicativa do que seria. A produção do sinal sem composição dificulta a compreensão se a conversa estiver descontextualizada. Nesse sentido, é relevante para o léxico TOMATE o acompanhamento da informação VERMELHO ao verbo FATIAM.

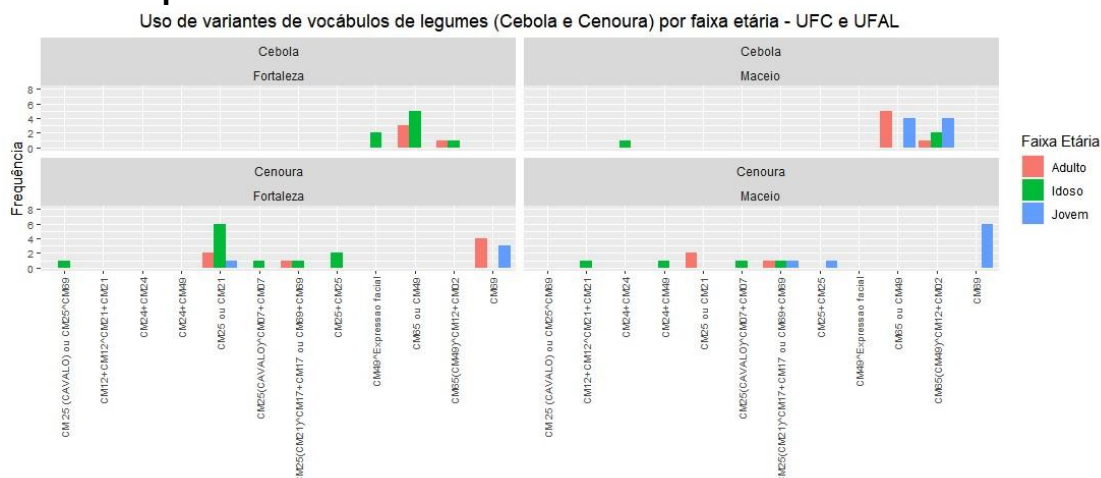
O menor número de ocorrência de variantes esteve no uso da soletração manual, apesar de estas terem acontecido nas duas regiões, em uma mesma quantidade.

Podemos ler também que, tanto em Fortaleza como em Maceió, no grupo masculino, alguns homens utilizaram para o sinal apenas VERMELHO, CM24 ou CM49, com pouca diferença na CM que, por exemplo, foi em L ou 1, sem uso de complemento de outro sinal. Algumas pessoas produziram de diferentes modos a forma de esférica do legume. Por exemplo, a CM43 ou CM12 com uma mão, apenas. E outra forma com CM12+CM12 ou CM43+CM43, utilizando as duas mãos, VERMELHO^forma-de-círculo, CM24(CM49)^CM43(CM12), ou CM24(CM49)^CM12+CM12(CM43+CM43). Desse modo, a variação acontecera na realização do sinal VERMELHO com sequência “forma de círculo” com uma só mão ou com as duas mãos.

E, por fim, foi em Fortaleza onde mais ocorrências aconteceram da produção de soletração, completa ou incompleta, e também do sinal formado pela soletração mais o substantivo vermelho, ou o verbo cortar. Um exemplo desse léxico foi T-O-M-A-T-E ou CM24(vermelho)^T-O-M-A ou T-O-M^CM12(forma de tomate)^CM12+CM02(CORTAR ou FATIAM) e CM20(T)^CM12+CM02 (CORTAR ou FATIAM).

Veamos o que nos diz o GráficoR 28 acerca das variantes ocorridas em CENOURA em relação à categoria faixa etária:

GráficoR 28 - Uso de variantes de vocábulos de legumes (Cebola e Cenoura) por faixa etária – UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na imagem para o léxico CEBOLA, os idosos homens, na quantidade de 5, e no grupo adulto das mulheres, também com 5 pessoas, utilizaram a mão em D (CM49) e I (CM65) na realização do sinal. Os idosos, utilizaram mais a variante com as CM65 e CM49. Alguns acrescentaram ao movimento de “chorar”, o verbo “FATIAM”, ou seja, CM65 ou CM49+FATIAM ou CM12+CM02, com expressão facial de choro. A segunda maior quantidade de variantes esteve no grupo das mulheres jovens, 4, utilizaram os sinais CEBOLA^FATIAM, (CM65(CM49)^CM12+CM02).

No Quadro 200, abaixo, uma síntese das variantes ocorridas:

Quadro 200 - CEBOLA: variantes a partir das CM

Faixa etária	CM utilizadas	Fortaleza	Maceió
Jovem	CM65 ou CM49	0	4
	CM65(CM49)^CM12+CM02	0	4
Adulto	CM65 ou CM49	3	5
	CM65(CM49)^CM12+CM02	1	1
Idoso	CM65 ou CM49	5	0
	CM65(CM49)^CM12+CM02	1	2
	CM49^Expressao facial	2	0
	CM24+CM24	0	1

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Houve mais variantes com alteração nas CM em Maceió que em Fortaleza, estando entre jovens e adultos o maior número de ocorrências.

Sobre CENOURA, em Fortaleza, com relação ao léxico único COELHO, identificamos que ele foi realizado com a CM 21 ou CM 25, havendo entre os idosos da região uma quantidade maior de ocorrências para essa variante, 8 pessoas.

Em Maceió, entre os jovens, houve maior quantidade de ocorrências pela utilização da CM 69 simulando o segurar de uma cenoura para comer, 6 pessoas. Desse modo, o sinal utilizado foi formado por CM69, classificador para forma-de-círculo-de-cenoura. Foi menos presente entre este grupo a composição de sinal por meio de dois léxicos para CENOURA.

Ainda em Maceió, outra construção foi CM25 ou CM21^CM17+CM17ou CM73+CM73, realizada por MJ3 e MI6. Observamos que não houve entre os idosos de Maceió ocorrências de variantes com apenas o léxico CENOURA. Entre os grupos de homens e mulheres, jovens e adultos houve ocorrências do léxico CENOURA+COELHO.

A seguir, o Quadro 201 contém os dados numéricos das ocorrências a partir da CM:

Quadro 201 - CENOURA: variantes a partir da CM

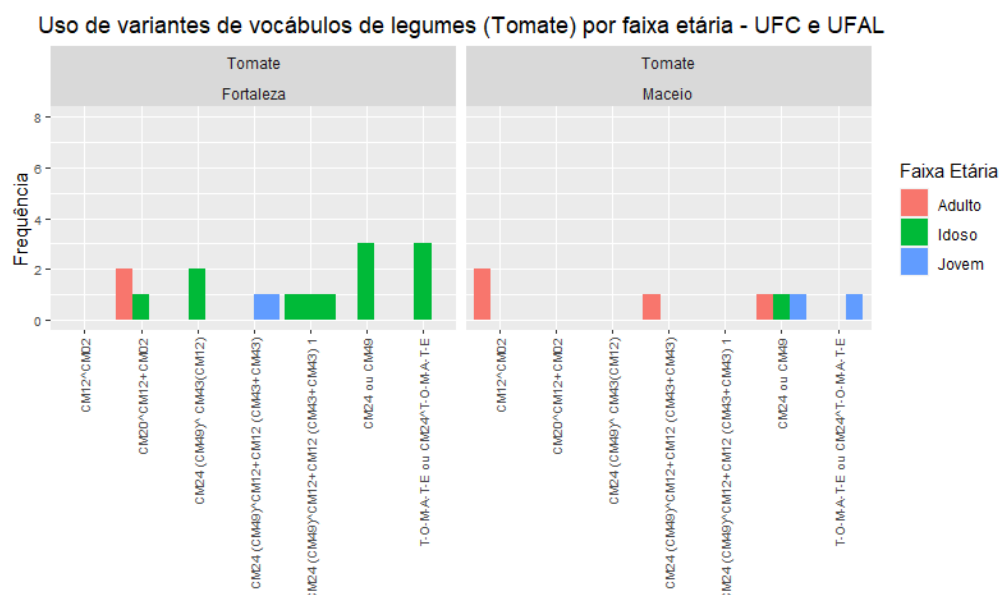
Faixa etária	CM utilizadas	UFC	UFAL
Jovem	CM69	3	6
	CM25 ou CM21	1	0
	CM25ouCM21^CM17+CM17ouCM73+CM73	1	1
	CM25+CM25	0	1
	CM25^CM69	4	1
Adulto	CM69	4	0
	CM25 ou CM21	2	2
	CM25ouCM21^CM17+CM17ouCM73+CM73	0	1
	CM25^CM69	4	3
	CM25 ou CM21	8	1
Idoso	CM25ouCM21^CM17+CM17ouCM73+CM73	1	0
	CM25+CM25	1	0
	CM25^CM07+CM07	1	0
	CM25^CM69	1	0
	CM73+CM73^CM21+CM21	0	1
	CM24+CM49	0	1

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Os dados numéricos mostram que houve mais ocorrências de variação em Fortaleza que em Maceió. Observamos, ainda, que poucas foram as CM que as duas regiões compartilharam para a formação de variantes a partir delas.

Sobre TOMATE, os dados no GráficoR 29 nos informam que:

Gráfico 29 - Uso de variantes de vocábulos de legumes (Tomate) por faixa etária – UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Sobre TOMATE, observamos que no grupo dos idosos, 13 foram as pessoas que usaram VERMELHO, CM24 ou CM 49, sem formação com outro sinal. TOMATE é um léxico no qual é preciso considerar o contexto de produção do sinal, pois sem composição, signo e significante podem ser confundidos. No uso do sinal composto, observamos 32 sinais construídos pelo uso do sinal VERMELHO em primeiro plano. Na sequência da produção de variantes, identificamos FATIAR^forma-de-circulo, remetendo ao formato do tomate, CM24(CM49)^CM43(CM12). Ainda tivemos variantes com uso da soletração, 3 foram os participantes que fizeram uso desse empréstimo acrescentando FATIAR/CORTAR na composição do sinal.

Participantes de Fortaleza utilizaram o sinal VERMELHO (CM24 ou CM49) com a soletração (T-O-M-A-T-E) como variantes. Foram 3 os participantes sinalizadores dessa variante.

Observamos, ainda, que 10 participantes entre jovens, adultos e idosos recorreram ao sinal FATIAR+ VERMELHO, CM12+02^CM49, sendo esta uma variante comum nas duas primeiras faixas etárias, mas pouco utilizada pelas pessoas idosas das duas localidades, uma vez que apenas 1 idoso de Maceió realizou esse sinal.

Por fim, no grupo dos jovens outras variantes diferentes de VERMELHO^FATIAR foram pouco utilizadas. Observemos o Quadro 202 com as CM utilizadas:

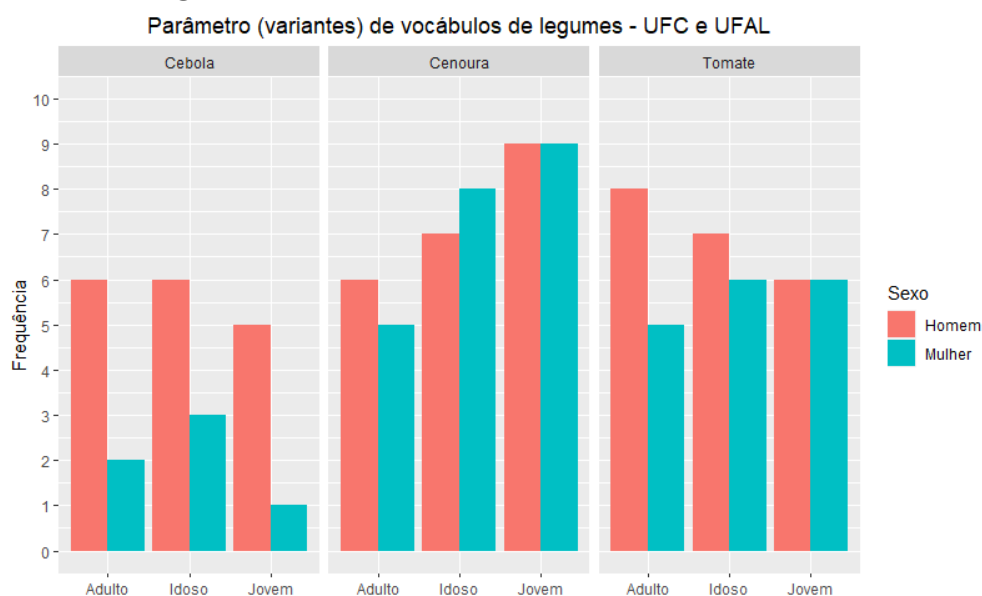
Quadro 202 - TOMATE: variantes a partir das CM

Faixa etária	CM utilizadas	Fortaleza	Maceió
Jovem	CM24 ou CM49	0	1
	CM24(CM49)^CM12+CM12(CM43+CM43)	1	0
	T-O-M-A-T-E ou CM24^T-O-M-A-T-E	0	1
Adulto	CM24 ou CM49	0	1
	CM24(CM49)^CM12+CM12(CM43+CM43)	0	1
	CM20^CM12+CM02	2	0
	CM12^CM02	0	2
Idoso	CM24 ou CM49	3	1
	CM24(CM49)^CM12+CM12(CM43+CM43)	1	0
	CM24(CM49)^CM43(CM12)	2	0
	CM20^CM12+CM02	1	0
	T-O-M-A-T-E ou CM24^T-O-M-A-T-E	3	0

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ao observarmos o quadro vemos que na região de Fortaleza existem mais variações que em Maceió. Também que as quantidades de variantes de tipos de CM são pequenas, estando entre os idosos de Fortaleza o maior número de variações por CM.

A seguir, no GráficoR 30, conferimos os dados referentes aos aspectos etários dos participantes e o analisamos do seguinte modo:

GráficoR 30 - Parâmetro (variantes) de vocábulos de legumes – UFC e UFAL

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Observando no gráficoR o léxico CEBOLA, vimos que nos grupos dos homens, idosos e adultos, foi onde mais houve ocorrência de variantes, tendo sido 6 idosos e 6 adultos a utilizarem variantes lexicais. No grupo dos homens jovens foram 5 as variantes identificadas. No grupo das mulheres, entre as idosas, foi onde mais ocorrências foram identificadas, 3. Entre as mulheres adultas, 2 e, entre as jovens, apenas 1. O gráficoR nos mostra que no grupo de mulheres foi onde menos variação lexical ocorreu.

Quanto a CENOURA, houve mais variantes acontecidas nos parâmetros formacionais dos sinais nos grupos categorizados por faixa etária do seguinte modo: em primeiro lugar, nos mais jovens, feminino e masculino, 9 pessoas de cada grupo. O segundo grupo com mais variantes foi o de homens idosos, com 7 variações, e dos homens adultos, com 6. Entre as mulheres, ocorreu mais variações no grupo das idosas, com 8 variações. Por fim, o grupo das mulheres adultas foi que menos teve variações, apenas 5.

Para TOMATE foram 8 ocorrências de variantes no grupo de homens adultos. O segundo maior número de ocorrências aconteceu no grupo dos idosos, com 7 pessoas sinalizando variantes. Observamos variantes no grupo dos jovens homens, mas em menor quantidade, 6 pessoas. Quanto aos grupos das mulheres, as ocorrências foram maiores entre as jovens e idosas, 6 pessoas, em cada grupo. Entre as adultas a quantidade foi de 5 pessoas.

Identificamos que as variantes ocorrerem em duas sequências diferentes — VERMELHO+FATIAIR e FATIAR+VERMELHO.

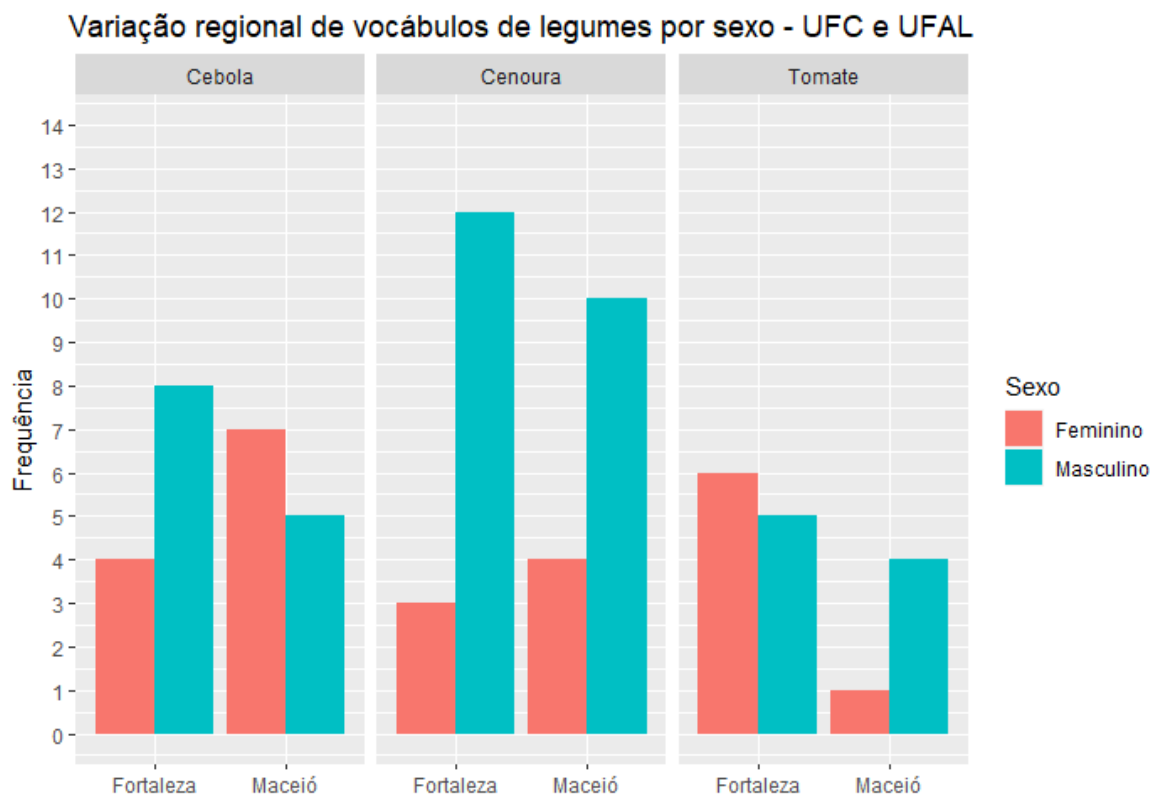
Acerca da sequencialidade nos sinais, Xavier (2006) reflete sobre o papel do trabalho de descrição linguística ao criar uma proposta para estruturas sublexicais. Nas palavras do autor:

Diante dessas evidências, Liddell (1984) propôs, para os sinais das línguas sinalizadas, uma estrutura sublexical que, diferentemente da proposta por Stokoe, é regida pelo princípio da sequencialidade, à semelhança do que ocorre nas línguas orais. Além de incorporar a sequencialidade na realização dos sinais, é importante dizer que, a partir do trabalho de 1984, Liddell & Johnson (2000 [1989]) desenvolvem um sistema de representação não apenas capaz de capturar a sequencialidade observada na realização dos sinais, mas capaz também de capturar uma riqueza muito maior de detalhes envolvidos na articulação destes. (XAVIER, 2006, p. 7)

Nesses sistemas os pesquisadores incorporam as diferenças de abertura e fechamento do polegar, deixando mais fina as distinções nos traços descritivos nos trabalhos com as línguas de sinais.

O GráficoR 31 mostra a ocorrência da variação regional acontecida nos grupos masculino e feminino:

GráficoR 31 - Variação regional de vocábulos de legumes por sexo – UFC e UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na leitura do gráficoR vimos que as ocorrências de variação nos três sinais ocorreram de modos diferentes grupos dos homens e das mulheres. Em relação à CEBOLA, houve mais variação entre os homens de Fortaleza que as mulheres. Para CENOURA, tanto em Fortaleza quanto em Maceió, o número de variações ocorreu em maior número entre os homens. A comparação dos dados entre Fortaleza e Maceió localizou diferenças de utilização de variantes do sinal CENOURA, entre o grupo masculino e feminino. Nesse processo, identificamos que houve mais variações nos grupos dos homens 12 pessoas, em Fortaleza, e 10 pessoas, em Maceió. Ao colocarmos em paralelo os grupos de mulheres e as variações ocorridas entre Fortaleza e a Maceió, identificamos que entre as mulheres foi menor o uso de variantes no nível lexical. Em relação a TOMATE, ao compararmos Fortaleza e Maceió, vimos que as diferenças de sinal ocorreram na quantidade de 6 pessoas no grupo feminino de Fortaleza. O segundo maior uso de sinais diferentes acontecera

nos grupos dos homens das duas regiões, tendo sido entre as mulheres de Maceió onde menos variações aconteceram nesse léxico.

Com a análise do conjunto vocabular dos legumes, encerramos o processo de análise dos dados. Nos próximos capítulos apresentaremos nossas reflexões sobre os resultados e realizaremos discussões acerca deles.

6 RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos nossos resultados sobre o fenômeno da variação linguística nas regiões de Fortaleza e Maceió. Buscamos por variações acontecidas nas dimensões querológica e lexical, identificando, a partir do estudo, as variantes regionais em cada comunidade.

Os achados nos permitem que confirmemos nossa hipótese de que há variações querológicas e lexicais influenciadas pelas variantes sexo e idade, nas duas regiões estudadas. Essas conclusões, advêm de nosso corpora de pesquisa: o corpus, primeira entrevista analisada, advinda do INDLibras, desenvolvido, em Fortaleza, pelo projeto Rede Surdos e, em Maceió, pelo projeto Libras na UFAL; e da entrevista realizada via *Google Meet*, que realizamos com 20 surdos, 10 de cada região.

Colocados sob análise, esses dados nos apresentaram como os participantes sinalizaram na primeira e segunda entrevistas, informando as variações realizadas nos parâmetros formacionais dos sinais e as variantes lexicais advindas desse processo.

Assim, desenvolvemos nossos achados sobre os resultados, primeiramente, no nível querológico e lexical, comentando as variações de cada sinal.

Em relação ao sinal PRETO(cor), as variações observadas foram:

- Mão ativa variou a CM52 para a CM55, ou seja, P para D;
- Mão passiva variou de CM69 para CM15, ou seja, de uma produção mais contida para uma de mais relaxada.

Ao analisarmos os dados para o léxico PRETO(cor), observamos a variante para a CM46, PA na região temporal, com M semicircular.

Nos resultados de variação para o sinal ROSA(cor), observamos que entre uma entrevista e outra, ele sofreu alterações nos níveis da CM e M:

- CM05, PA bochecha, M de pressionar a bochecha sendo alterado para CM79 ou CM06, com PA um pouco mais abaixo da bochecha, ficando a mão perto da boca e mesmo M de pressão dos dedos;
- CM22, mão em R, com variação no M, ocorrendo de um momento retilíneo único ou duplo para circular na maçã da bochecha.

A quantidade de ocorrências para o sinal ROSA(cor), pela configuração de mão em R (CM22), foi de 32 vezes, em Fortaleza.

Entre as idosas, tanto em Fortaleza quanto em Maceió, aconteceu de observarmos as variantes com a CM06 e CM07. Essa variante não ocorreu entre jovens e adultos de nenhum dos dois sexos.

Acerca do sinal ABRIL, as ocorrências de variação observadas mostraram diferenças nas CM e se deram como sinal iniciado pelas configurações de mãos em A (CM67), S (CM69) ou forma genuína (CM47). Assim, as variações entre o primeiro conjunto de dados e o segunda foram:

- CM69 para CM67;
- CM69 para CM47;
- CM47 para CM69;
- CM47 para CM67;
- CM67 para CM47;
- CM67 para CM69.

Ainda como ocorrência de variações encontradas, observamos no sinal realizado a partir do PA do pescoço, movimento com e sem ENM de enforcamento.

Em relação à variante como sinal soletrado, A-B-R-I-L, esta ocorreu no PA espaço neutro à frente do sinalizador, ocorrido entre os idosos das duas regiões.

As ocorrências para AGOSTO se deram pela realização do sinal de três formas:

- CM em A^G (CM67^CM50);
- CM47^G;
- A^GOSTAR.

No caso do sinal A^GOSTAR, observamos variação no M que, em um momento, foi circular no peito e, em outro, foi para cima e para baixo.

As variações em FEVEREIRO foram as sinalizações com:

- CM19, para CM18, um relaxamento na formação do F, sem alteração do M de balançar o pulso para a direita e para esquerda no espaço neutro à frente do sinalizador;
- Léxico simples com mão em F e, no outro momento, o participante realizar o sinal composto e simultâneo FEVEREIRO (com a mão ativa) + CARNAVAL (com a mão passiva);
- MÁSCARA(CM26), forma genuína, de modo simples, sinal único, e, no outro momento, o léxico ser trocado para MÁSCARA (CM26) e, na sequência, com as duas mãos, CARNAVAL(CM49), forma genuína, realizando um sinal composto;

- FEVEREIRO(CM19), F, e, em outro momento, MÁSCARA(CM05), forma genuína;
- CARNAVAL(CM249) com as duas mãos, com variação para CARNAVAL(CM54) com as duas mãos.

Nesse contexto de variação das CM, as ocorrências foram:

- MÁSCARA teve três tipos de CM: CM05, CM24 e CM26;
- CARNAVAL dois tipos de CM: CM49 e CM54;
- FEVEREIRO dois tipos de CM: CM19 e CM18.

Houve ocorrência na produção do léxico como sinal simples, de apenas um sinal com uma mão, para sinal simples com duas mãos e variação para léxico composto por dois sinais.

Em relação a CUNHAD@, os dados mostraram que a mão passiva na sinalização variou para as seguintes posições:

- Palma voltada para baixo com o punho reto, mão na horizontal;
- Palma voltada para baixo, punho dobrado para baixo e pontas dos dedos voltadas para baixo;
- Palma voltada para frente, punho dobrado com pontas dos dedos voltadas para cima.

Ainda quanto à mão passiva, outra variação foi da CM. Em um momento foi registrada a CM69 e, depois, alterada para a CM06. Houve ocorrência do contrário, a CM06 ter mudado para a CM69.

Identificamos as seguintes variações lexicais em CUNHAD@:

- CUNHAD@ com CM12, M da esquerda para a direita (sinalizador destro) para CUNHAD@ com CM02Ativa^CM02Passiva na frente do sinalizador;
- CUNHAD@ com CM12 para CUNHAD@ com CM03Ativa^CM03Passiva, ou seja, com mão ativa em B, palma para baixo passando sobre o dorso da mão passiva, também em B, concluindo o movimento com a palma para cima.

Em relação aos registros do léxico MÃE como MULHER^BENÇÃO, identificamos as variantes:

- Produção com a CM68^CM69 e, posteriormente, com a CM68^CM68;
- A ocorrência de uma produção do léxico que adicionou ao sinal MULHER^BENÇÃO a soletração do alfabeto manual e o sinal MÃE.

Descrito, o sinal realizado foi: MÃE (CM68^CM69), PA na bochecha e queixo, M de passar o dedo polegar pela bochecha, virando a palma da mão para frente e beijando o dorso da mão ou tocá-lo no queixo + M-Ã-E (CM78+CM67+CM71), PA espaço neutro + MÃE (CM49), PA lateral do nariz, M de bater o dedo na lateral do nariz.

No caso do sinal PAI, vários foram os registros de variação. Para ficar mais didático, topicalizamos:

- HOMEM^BENÇÃO realizado com (CM02^CM69), depois, HOMEM^BENÇÃO+P-I, em frente ao queixo;
- HOMEM^BENÇÃO realizado com (CM02^CM69), depois, HOMEM^BENÇÃO+P-A-I, em espaço neutro;
- HOMEM^BENÇÃO realizado com (CM02^CM69), depois, HOMEM^BENÇÃO+I, com contração do P e A, no PA em frente ao sinalizador;
- HOMEM^BENÇÃO, depois, P-A-I.

Quanto ao léxico AV@/VOV@, as ocorrências de variação foram:

- Com mão em S (CM69) tocando no queixo e pelo sinal soletrado V-O-V-O, e vice-versa.

No caso da variante com sinal soletrado, identificamos produções nas quais a ponta dos dedos indicador e médio tocaram a lateral do polegar (CM54^CM33). E uma variante na qual as pontas dos dedos se juntaram (CM54^CM36).

Com relação a MARACUJÁ os resultados mostraram as seguintes variações querológicas:

- MARACUJÁ — SONO com CM37;
- MARACUJÁ — SONO (CM37) + classificador BOLA-PEQUENA (CM43 palma a palma, pontas dos dedos indicador e polegar se tocando);
- MARACUJÁ — FORMA-DO-MARACUJÁ com CM12 palma a palma, pontas dos dedos da mão direita (sinalizador destro) sobre as unhas da mão esquerda;
- MARACUJÁ — CORAÇÃO com CM03 e mão direita ativa (sinalizador destro) sobre o peito movimentando o pulso para cima e para baixo;
- MARACUJÁ — CORAÇÃO com CM05 mão direita ativa (sinalizador destro) com dedos tocando alternadamente o peito;

- MARACUJÁ — CORAÇÃO com CM05 para a sinalização SONO (CM37) + CORAÇÃO (CM05).

Para as produções do sinal MARACUJÁ com a CM05 na altura do peito, ocorreu uma pequena variação no PA, ou seja, entre uma coleta de dados e outra, a posição da mão variou entre o peito, o colo e o pescoço.

Quanto ao léxico MELANCIA, as variações no nível querológico que ocorreram no parâmetro CM, com as duas mãos no PA em frente a boca e Or para o sinalizador, foram:

- CM12 para CM08;
- CM12 para CM10;
- CM11 para CM 10.

Em relação a CM da mão passiva, a ocorrência de variação foi a seguinte:

- O sinal foi realizado com a ponta do dedo médio tocando o dorso da mão, pois a mão passiva mudou da CM06 para CM69.

Quando a ocorrência foi no parâmetro M, observamos a seguinte variação:

- A direção do M da mão na frente da boca sofreu variação, enquanto mordidas no classificador FATIA-DA-FRUTA eram simuladas.

No parâmetro Or, localizamos variação da Or na mão passiva de:

- Para cima com a batida da unha na lateral na palma;

Para:

- Batida no dorso da mão.

Observamos, ainda, variação em MELANCIA entre o primeiro e o segundo grupo de dados. Desse modo, os sinais no primeiro momento foram:

- Unha do dedo médio da mão ativa batendo no dorso da mão passiva em S.

Para o sinal com sequência, a partir da complementação do sinal pelo classificador, ficando:

- Unha do dedo médio da mão ativa batendo no dorso da mão passiva em S + BOLA-GRANDE (CM15, PA em frente ao sinalizador, Or palma a palma).

No segundo, identificamos variação na produção lexical do sinal MELANCIA, com os léxicos:

- MELANCIA com dois sinais: (1) com mãos em C, PA na frente da boca, Or da palma voltada para o sinalizador, M da direita para a esquerda como se estivesse comendo a fatia da melancia + (2) cuspir sementes;
- MELANCIA com dois sinais: (1) unha do dedo médio da mão ativa batendo no dorso da mão passiva em S + (2) BOLA-GRANDE (CM15, PA em frente ao sinalizador, Or palma a palma);
- MELANCIA com três sinais: (1) mãos em C, PA na frente da boca, Or da palma voltada para o sinalizador, M da direita para a esquerda como se estivesse comendo a fatia da melancia + (2) BOLA-GRANDE + (3) batida da unha do dedo médio direito (sinalizador destro) no dorso na mão passiva na CM15;
- Registramos nesta produção, a inversão da sequência do sinal, pois o classificador representado pela CM15 foi colocado no final do léxico.

Sobre as ENM no léxico MELANCIA observamos que este foi um sinal que usou ENM de morder e de cuspir. Registramos que, com relação a esse aspecto da ENM, ocorreu o uso do morfema-boca “cuspir” as sementes, a variação está na ocorrência de algumas pessoas terem recorrido ao morfema-boca e outras não. Ocorreu, ainda, de a bochecha ter sido inflada para a produção de BOLA+GRANDE e no registro seguinte não ser inflada.

Quanto ao léxico CEBOLA, no nível querológico identificamos pequenas variações no PA em frente ao olho.

No conjunto inicial dos dados, as variações ocorreram na CM, que foram:

- CM49;
- CM65.

Nessa variante, a mão ficou posicionada no PA em frente ao olho.

Nos dados posteriores, mais abaixo, observamos o PA próximo à bochecha ou mais distante do rosto, no espaço neutro à frente do sinalizador, mas também mais próximo de tocar a bochecha da sinalizadora.

Em relação ao M, no léxico realizado com a CM49 o movimento foi:

- CM49, o dedo moveu de cima para baixo, abrindo e fechando;

No segundo grupo de dados, o movimento foi com a CM49 foi:

- CM49, o dedo foi movido circularmente.

Na realização do léxico CEBOLA houve ocorrência de variação no participante MI1. No primeiro conjunto de dados ele sinalizou:

- CEBOLA (CM49 em frente ao olho)^ÁCIDO;

Na segunda entrevista, ele sinalizou:

- CEBOLA^CORTAR.

Acerca desse tipo de ocorrência, a variação parece indicar que os utentes da língua usam o léxico conforme o que lhe vem na memória no momento do uso.

Além da variação nas CM49 e CM65, ocorreu variação da Or. Assim, no sinal CORTAR, tivemos os seguintes resultados:

- Or voltada para a esquerda (sinalizador destro);

Passou para:

- Or voltada para baixo.

O contrário também ocorreu.

Houve, ainda, o léxico CEBOLA formado por sinal composto. Nesse caso, houve mudança de posição dos dois sinais componentes do léxico. Assim, no primeiro grupo de dados tivemos:

- CEBOLA^CORTAR;

No segundo conjunto de dados:

- CORTAR^CEBOLA.

Do mesmo modo que com o léxico TOMATE, ocorreu diferença nas repetições do M de fatiar no léxico CEBOLA. Os dados quantitativos nos informam que o comportamento da sinalização nesse movimento foi de 1 movimento de fatiar ocorrido em um jovem e uma idosa.

Em Maceió, por sua vez, as ocorrências no movimento de 1 repetição aconteceram apenas entre os jovens. O movimento de 2 repetições foi observado em 7 sinalizações. Não houve sinalização de 3 repetições.

Assim, os dados parecem indicar que duas repetições no M de fatiar se configuram como um padrão desse movimento nos sinais investigados, mas em Maceió, pela escolha lexical, essa ocorrência foi ainda menor que em Fortaleza.

Com relação aos resultados para o léxico CENOURA, observamos as seguintes ocorrências na CM:

- CM24 para CM21;
- CM26 para a CM21;
- CM25 para 21.

CENOURA foi um sinal que apresentou sinalização com simetria nas mãos. Nos casos de sinalização simétrica, ocorreu dados com as duas mãos nas laterais da cabeça e na frente do sinalizador. Apenas no caso da sinalização simétrica nas laterais da cabeça foram observadas variação na CM, nesse caso, as variações foram de:

- CM25 no primeiro registro, para a CM21;
- CM54 no primeiro registro, para a CM21.

Ainda tratando os dados das variações de CM no léxico CENOURA, observamos a seguinte mudança lexical:

- CM69 na altura da boca com M de comer uma cenoura, para CM21 no PA lateral da cabeça, Or da palma voltada para trás.

Considerando o PA, ocorreu de haver pequena variação. O primeiro dado foi registrado com a mão na altura da lateral da testa e o segundo à altura da bochecha.

Com o léxico CENOURA houve variação também na Or da mão. Assim, a CM24 se manteve, mas a Or variou. Desse modo, inicialmente o sinal foi realizado com a:

- CM24, PA na lateral da testa com a Or da palma voltada para frente.

Para a sinalização no segundo conjunto de dados ser:

- CM24, PA na lateral da testa com a Or da palma voltada para trás.

Nestes casos houve a ocorrência de troca da CM de CM24 para CM21, e vice-versa.

Para variante com CM69, no PA boca, M de comer cenoura, a ocorrência de variação foi:

- CM69 com a mão direita (sinalizadora destra), Or voltada para a esquerda.

No dado seguinte, a sinalização foi:

- CM69, mesma mão direita, Or da palma voltada para a direita.

Em relação às ocorrências no léxico CENOURA, foram elas:

- CM21, PA altura da lateral da cabeça, para CM21, PA altura da lateral da cabeça + CM69, PA altura da boca com M de aproximar a mão da boca “mordendo” a cenoura;
- CM25, PA lateral da cabeça, Or da palma voltada para trás, para CM21, PA lateral da cabeça, Or da palma voltada para trás + CM69, PA na altura da boca, M de aproximar a mão da boca.

Houve ocorrência redução do sinal CENOURA de:

- CM25, PA lateral da testa, Or para frente + CM06, PA à frente do sinalizador, Or palma a palma, pontas dos dedos encostadas umas na outras, M simultâneo de afastamento das mãos e de fechamento dos dedos, terminando na CM08.

Para a sinalização:

- CM25, PA lateral da testa, Or para frente.

Acerca das formas para criação da imagem da CENOURA pelo classificador, ocorreu a seguinte variação:

- A CM41 foi alterada para a CM40.

Em relação ao movimento para construção do léxico CENOURA, este sofreu pequena variação que foi de uma:

- Construção mais tens;

Para:

- Uma produção mais relaxada.

Por fim, no último grupo de resultados, observamos no léxico TOMATE as variações ocorridas no nível da CM com a parte do sinal ocorrida no PA do lábio foi:

- CM49 para a CM24.

No tocante ao PA, este não sofreu variação, todos os participantes mantiveram o lábio e o espaço neutro à sua frente como locais para a realização do sinal TOMATE.

Em relação à realização do léxico TOMATE produzido pelo sinal composto VERMELHO+FATIAIR, o sinal VERMELHO sofreu variação de posição da mão na altura do lábio e do queixo; da posição da mão, mais vertical para mais horizontal; e da quantidade de cortes no fatiamento do legume.

Ainda sobre a produção de TOMATE por sinal composto, houve inversão dos sinais que compuseram o léxico. Esse foi o caso de FJ6 que no primeiro conjunto de dados produziu o sinal FATIAR+VERMELHO do seguinte modo:

- CM12, PA espaço neutro à frente da sinalizadora, Or da palma voltada para a sinalizadora, M de dois cortes com a mão ativa sobre a passiva + CM24, PA no lábio inferior, M de passar a ponta do dedo no lábio duas vezes.

Na segunda coleta de dados, a participante variou a sequência dos sinais e, a partir dessa mudança, alterou a Or da palma. Nos registros temos:

- CM24, PA no lábio inferior, M de passar a ponta do dedo no lábio duas vezes + CM12, PA no espaço neutro à frente da sinalizadora, Or da

palma voltada para baixo, M de dois cortes com a mão ativa sobre a passiva.

Continuando a análise acerca do sinal composto, houve ocorrências em relação à forma do classificador para TOMATE realizado com as duas mãos nas CM:

- CM41;
- CM17;
- CM13;
- CM43.

O PA não variou, continuou sendo a altura do peito, espaço neutro. Em relação a Or, manteve-se palma a palma, dedos da mão direita sobre os da esquerda.

O M é um parâmetro considerado por Stokoe (1960) como básico, sua realização na produção do sinal TOMATE é parte da constituição deste, quando o sinalizador realizou o sinal composto VERMELHO^FATIAR.

Durante o processo de análise identificamos a ocorrência de diferentes quantidades no M de fatiamento do legume. Ao computarmos os dados quantitativos observamos que houve ocorrências de variação do M entre os grupos de homens e mulheres, faixa etária e região. Os dados de Fortaleza informam que foram 3 sinalizações com um fatiamento, 18 com dois, e 8 com três.

As quantidades de sinalizações com 2 fatiamentos, 18, parecem indicar que este é um M padrão na realização do sinal na região, sendo 1 e 3 fatiamentos variações. Em relação aos grupos, as ocorrências de 1 fatia se deu mais entre os idosos e de modo equânime entre homens e mulheres, 1 ocorrência para cada grupo. Quanto às 3 fatias, a maior quantidade do movimento esteve entre os jovens, principalmente entre os homens.

Na mesma direção de análise, observamos que em Maceió as repetições no movimento de fatiar foram: 3 com 1 movimento, 15 sinalizações com 2 fatiamentos e 1 com três. Assim, do mesmo modo que em Fortaleza, a quantidade de sinalizações com 2 repetições no movimento, parecem indicar que esse é o M padrão. Em relação aos grupos de homens e mulheres, jovens, adultos e idosos, observamos uma sinalização com 1 repetição do movimento em uma jovem e uma em um idoso. No caso da repetição de 3 movimentos, apenas 1 ocorrência de um homem adulto.

A quantificação das ocorrências de diminuição na quantidade de fatias na sinalização de três para duas fatias em alguns participantes, indicam que parece haver

um retorno ao padrão de dois movimentos, apesar de a quantidade de cortes de fatias sofrer redução de dois cortes para um corte apenas.

Na ocorrência de TOMATE por sinal soletrado, a sinalização com a CM em T, tocou o queixo, depois a mesma soletração foi realizada no espaço neutro à frente da sinalizadora.

Considerando o conjunto de resultados de variação querológica identificados, pudemos pensar o léxico e as variações ocorridas em nossa pesquisa a partir dos lugares sociais de homem e mulher, nas faixas etárias de jovem, adulto e idoso dos participantes. Nesse contexto de análise, dialogamos com Camacho (1988), para quem vários são os tipos de variação lexical e estas, por vários fatores, constituem parte do léxico dos sujeitos.

A partir desse autor, consideramos que as variações ocorridas indicam existência de adequação do léxico a partir dos contatos com usuários de outras variantes. Outro fator pode estar vinculado ao aumento da comunidade e redes sociais estabelecidas. Devido ao usuário idoso, ao ter contato com as gerações mais jovens, poder se apropriar de todas as variantes e recorrer às que lhe forem mais confortáveis, podendo assumir apenas uma, enquanto as outras perdem valor; posicionamentos identitário; redução ou apagamento do léxico; duplicação e criação de uma sequência complementar para o sinal; por fim, acréscimo ao léxico.

Assim, esse contexto sociolinguístico de variações lexicais dos participantes corrobora com a teoria sociolinguística de Labov (2008), para quem os usuários de uma língua são falantes “com características próprias que muitas vezes causam mudanças consideráveis na língua utilizada e, conseqüentemente, no grupo ao qual pertencem” (LABOV, 2008, p. 36). No caso dos surdos, a Libras é a língua em mudança a partir dos sinalizantes surdos.

Como já dito anteriormente, os fatores extralinguísticos mais utilizados nas pesquisas sociolinguísticas e sua influência nos casos de variações linguísticas são: sexo, idade, escolaridade e origem geográfica. Destes, não trabalhamos com a escolaridade.

Com relação às variações regionais, observamos que, possivelmente, elas ainda advêm de influências da não convivência entre as comunidades surdas, mas que, na atualidade, devido às redes sociais, estas diferenças estão sendo conhecidas e reconhecidas pelos surdos. Desse modo, alguns dos participantes das duas regiões

ainda usam seu vocabulário tradicional de sinalização, outros, usam diferentes sinais com os quais têm contato.

Ainda sobre a variação regional, identificamos que o sinal PRETO(cor) foi realizado de dois modos em Maceió: (1) com mão em A na altura da frente com um movimento semicircular breve e (2) pelo sinal acontecido com a mão direita em P passando pelo dorso da mão esquerda (sinalizador destro). Em Fortaleza apenas a variante em P passando pelo dorso da mão esquerda (sinalizador destro) foi identificada entre os participantes.

Para ABRIL, as diferenças regionais aconteceram mais no grupo dos idosos. Desse modo, a variação diatópica parece apresentar uma tendência de ocorrência nesse grupo etário, pois, os idosos de Fortaleza fizeram o sinal soletrado A-B-R-I-L, enquanto que os de Maceió utilizaram a variante padrão ABRIL com mão dominante em A ou S na altura do pescoço com movimento de enforcamento. AGOSTO também foi um sinal onde foram localizadas diferenças nessa faixa etária, pois aconteceu sua realização em A-G e A-G-O-S-T-O.

Podemos entender que entre os idosos de Fortaleza, apesar de alguns utilizarem o léxico sem soletração, parece haver uma preferência de uso da soletração, talvez pela força influência da língua portuguesa na vida dessas pessoas. Por sua vez, essa realidade não se repete em Maceió, com o léxico nesta segunda região sofrendo menos influência da língua dos ouvintes na constituição do léxico dos surdos.

A variação regional entre Fortaleza e Maceió também foi registrada no sinal FEVEREIRO quando participantes de Maceió utilizaram CARNAVAL e MÁSCARA com significado referente a FEVEREIRO.

Deste modo, observamos que as variações querológicas e lexicais podem se misturar e fundir, sendo esta fundição motivadora da variante, com manutenção do significado. Por exemplo, FEVEREIRO que, ao ser realizado com diversas configurações de mão para MÁSCARA: CM06, CM05, CM26 e CM24, teve mantido o ponto de articulação e o movimento de balançar a mão na frente do rosto e não sofreu alteração de seu significado.

Quanto ao sinal CUNHAD@, observamos variação diatópica interna que se apresentou no nível lexical. Assim, os dados nos mostraram que:

Em Fortaleza a variante menos utilizada foi CUNHAD@, com mão ativa em C com movimento duas vezes para o lado. No município cearense, a variante padrão foi

CUNHAD@ com mão ativa em B com palma para baixo, passando sobre o dorso da mão passiva, e terminando com a palma voltada para cima.

Esta variante não aconteceu em Maceió, neste município, identificamos a variante CUNHAD@, com mão ativa em C com movimento duas vezes para o lado. A diferença identificada nesse grupo ocorreu do nível querológico, pois o PA, a depender do participante, se alterou entre o espaço neutro à frente do sinalizador e o peito do sinalizador. Quanto a esta variante em Fortaleza, o PA constante foi o espaço neutro à frente do sinalizador.

Nos sinais MÃE, PAI e VOV@, as diferenças estão na soletração manual, que é um empréstimo da língua portuguesa, em todas as faixas etárias, principalmente em Fortaleza. Consideramos que essa tendência pode estar vinculada à história da Libras em relação com a língua portuguesa na região, parte do processo linguístico da região.

Com relação à variação regional para MARACUJÁ, em Fortaleza, os significantes foram SONO e CORAÇÃO, enquanto que em Maceió foi encontrada além das variantes, SONO a variante MÃO-NO-PEITO-DEDOS-ALTERNADOS-SE-MOVENDO, não tendo sido registrado sinal CORAÇÃO como sinal referencial para MARACUJÁ.

MELANCIA também não foi um sinal de realização única, as variações localizadas no sinal, acontecidas entre Fortaleza e Maceió, ocorreram com o sinal acontecendo com mãos em E, em C e em forma genuína (COUTINHO, 2000), próximas a boca com movimento de comer. Alguns participantes utilizam o sinal BOLA-GRANDE e depois acrescentam ao sinal o movimento de comer a fruta, e houve os que fizeram o sinal com toque do dedo do meio da mão ativa no dorso da mão passiva. Alguns participantes disseram que não gostam de sinalizar MELANCIA apenas pelo movimento de comer a fruta por causa de uma possível confusão com o sinal MILHO, por isso, para MELANCIA o acréscimo de BOLA-GRANDE ou de cuspir a semente.

Para CEBOLA, a diferença encontrada foi que, em Fortaleza, o sinal foi realizado com o dedo indicador ou mindinho movendo na frente do olho. Em Maceió, o sinal foi realizado com o dedo indicador passando pelo rosto do sinalizador como uma lágrima descendo do canto do olho próximo ao nariz até o final da bochecha. Nos dois municípios foi registrado o acréscimo em alguns sinalizantes de CORTAR^classificador-de-esfera ao sinal.

Sobre CENOURA, as diferenças regionais no sinal foram sinalizadas a partir das variações observadas em Fortaleza MÃO-EM-S-COMER^COELHO, MÃO-EM-S^COMER, COELHO, COELHO^LINGUIÇA, que em Maceió teve como léxico principal a variante MÃO-EM-S^COMER^COELHO e MÃO-EM-S^COMER.

Os registros do sinal TOMATE mostram que os dois grupos usam VERMELHO^CORTAR-ALGO-CIRCULAR, acontecendo de em Fortaleza ocorrer as variantes VERMELHO e V-E-R-M-E-L-H-O.

Nossa perspectiva é de que, continuando nossas pesquisas sobre o fenômeno da variação linguística na Libras, possamos aprofundar nossas análises, pois acreditamos que as variantes são parte das mudanças naturais da língua e que as mudanças fazem parte do processo de significação do mundo. Desse modo, os sinais não são perenes, faz parte de sua constituição ser alterável.

Uma das percepções dessa mudança que faz parte do processo da língua está na ocorrência de que as gerações de idosos utilizaram mais datilologia e os mais jovens mais sinais. Essas mudanças nos sinais nos indicam que a língua vai se moldando aos seus usuários com os sinais que exigem mais tensão muscular são substituídos por outros mais confortáveis.

Nesse nível de complexidade, a percepção foi de que há, pelos mais jovens, uma comunicação mais fluida e confortável, inclusive, no tocante a compartilhamento de informação e negociação de significados.

Weinreich, Labov, Herzog (2006) entendem a variação linguística como uma forma diferente de se dizer a mesma palavra, sem que esse modo de dizer seja diferente a ponto de o significado se perder. Nesse sentido, "a heterogeneidade ordenada é definida como uma realidade inerente às línguas e não como um fenômeno marginal" (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 29), o que não compromete o significado e nem a compreensão dos sinais, no nosso caso da Libras, comprovando, assim, como abordado pelo estudioso, que sempre há uma sistematicidade na heterogeneidade da língua.

O objetivo desta pesquisa foi descrever as variações querológicas, mostrando a existência de diversidade lexical, a presença e uso de variantes naturais que resistem e estão presentes na comunicação entre os surdos, cabendo um destaque para o fato de que está no grupo de idosos a maior quantidade de variantes em comparação com o sinal registrado e utilizado pela maior parte dos participantes das outras faixas etárias. Esta diferença, ao que parece, a partir de dados das entrevistas,

indica que a opção de vocabulário está associada aos contatos entre os pares da mesma geração.

Um outro possível fator para essa quantidade de variantes na faixa etária dos idosos pode estar no fato de alguns não terem tanto contato com as novas gerações. Aliado a isso, alguns idosos disseram que se sentem mais confortáveis em usar sua variante de sua juventude, por isso, esse léxico está mais presente em suas escolhas comunicativas. Nesse contexto argumentativo de uso da língua de sinais, ao serem perguntados se essas variações não causavam confusão na comunicação, nos foi dito que o contexto dirime dúvidas lexicais, uma vez que, quando ocorre de algum sinal não ser compreensível, faz parte do processo comunicativo perguntar o significado ou qual o sinônimo para ele.

Acerca da percepção de mudança pessoal de léxico, eles disseram que percebem sim que há a ocorrência desse acontecimento em sua comunicação, mas que entendem como sendo natural e fazendo parte do processo comunicativo dos surdos.

Sobre a intensidade no uso do parâmetro expressões não manuais, eles disseram que é possível compreender a comunicação mesmo que esta expressão não se evidencie, que também pequenas variações na configuração de mão não são geradoras de novos significados e que a compreensão comunicativa direciona o entendimento para os sinais já existentes, pois nos disseram os participantes que a heterogeneidade lexical é boa para o desenvolvimento da língua, uma vez os contextos comunicativos levam, inclusive, ao aprendizado de novos sinais quando estes são colocados em relação ao vocabulário da língua portuguesa que, por sinal, também é constituída de grande variedade lexical, sendo o aprendizado de novos léxicos abertura de horizontes linguísticos.

7 DISCUSSÃO

A Libras, enquanto sistema linguístico, se materializa em padrões de comportamento comunicativo heterogêneo passível de investigação. Foi nesse sentido que a variação linguística constituída pelas unidades e regras variáveis presentes nos padrões comunicativos dos surdos se estabeleceu como objeto de estudo desta tese. Para tal empreitada, tomamos como principais referenciais para nossas reflexões Labov (1960) e Bagno (2002).

Nesse contexto de discussão, da língua emerge nossa identidade histórica, cultural, convívio comunitário etc.

Estes fatores da estrutura social, no *corpus* estudado, indicaram que há coocorrência de variantes advindas dos aspectos extralinguísticos de ser mulher, com sinalização mais contidas das mulheres, em relação a sinalizações mais intensas dos homens¹⁰². De modo idêntico, a faixa etária compôs outras possibilidades de ocorrência de variantes, pois observamos que homens e mulheres na faixa etária de idosos têm variantes em seu repertório linguístico não observadas entre jovens e adultos. Um outro aspecto a ser observado nesse contexto etário está no modo de sinalizar das diferentes gerações de surdos. Jovens e adultos sinalizam de maneira mais fluída, acelerada. Em contrapartida, os mais velhos sinalizam mais devagar, com menos fluidez, embora saibam e reconheçam os sinais e modos de comunicar dos mais jovens. Apesar dessas diferenças, os grupos não estão apartados, são parte de uma comunidade linguística, a comunidade dos surdos sinalizadores da Libras.

Nesse contexto teórico, nos interessa dizer que nossa primeira pergunta de pesquisa sobre os tipos de variação linguística mais frequentes no *corpus* selecionado para análise dos vocabulários de surdos jovens, adultos e idosos residentes de Maceió (Alagoas) e de Fortaleza (Ceará) foi respondida pela identificação de que está entre os idosos o maior número de variações querológicas e lexicais nas duas regiões investigadas. Conforme a resposta à pergunta de pesquisa se consolidava, depreendíamos dos dados a confirmação de que as pessoas compõem seus léxicos como parte da evolução da língua como parte do processo histórico de todas as línguas (GRIPP, 2010).

¹⁰² As pesquisas em sociolinguística entendem que a língua varia nos estilos de falar considerando fatores externos: variável sexo (mulheres e homens não falam da mesma forma). Assim, uma vez que os modos diferentes de ser e viver de homens e mulheres, formas diferentes de uso da língua acontecem a partir desse lugar social.

Desse modo, pela riqueza histórica que nos foi dada pelos idosos com criações de sinais advindos dos primórdios da Libras, pelo respeito linguístico a variante utilizada por eles, apontamos como importante o ensino dessas variantes para as novas gerações.

Assim, por meio da análise das variáveis do *corpus* investigado, à luz das variáveis sociais, dos percentuais de variações ocorridas nos níveis querológico e lexical, concluímos que o maior número de ocorrências está no nível do querema. Sequencialmente, ocorrências de variação foram em maior número no parâmetro configuração de mão, na sequência ponto de articulação e movimento, respectivamente. O parâmetro expressão facial foi o que menos presente nas ocorrências de variação, tendo sido identificados e registrado nos casos que apareceram na pesquisa.

O Quadro 203 sintetiza a quantidade de variantes ocorridas em cada região conforme a categoria sexo, sendo CENOURA o sinal com maior variação e ABRIL, o de menor. O quadro deve ser lido contando as variações querológicas por região e sexo. A última coluna tem o total de variações identificadas no léxico, no nível querológico. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 203 - Síntese das ocorrências querológicas nos léxicos investigados

GRUPOS Fortaleza - UFC				GRUPOS Maceió - UFAL				
Quantidade de pessoas do sexo FEMININO que responderam 18		Quantidade de pessoas do sexo MASCULINO que responderam 18		Quantidade de pessoas do sexo FEMININO que responderam 10		Quantidade de pessoas do sexo MASCULINO que responderam 14		Total de ocorrê ncias querol ógica s em cada léxico
Léxico	Oco rrên cia quer ológi ca	Léxico	Ocorrên cia querológi ca	Léxico	Ocorrên cia querológ ica	Léxico	Ocorrên cia queroló gica	
CENOURA (J-2, A-3 e I-6)	11	CENOURA (J-4, A-3 e I-5)	12	CENOURA (J-2 e I-2)	4	CENOURA (J-5, A-3 e I-2)	10	37
VOV@ (J-5, A-5 e I-5)	15	VOV@ (J-3, A-4 e I-5)	12	VOV@ (J-1 e A-1)	2	VOV@ (A-1 e I-1)	2	31
CEBOLA (A-1 e I-3)	4	CEBOLA (J-1, A-2 e I-4)	8	CEBOLA (J-1 e A-1)	7	CEBOLA (J-4, A-4 e I-1)	9	28
MELANCIA (J-1 e I-3)	4	MELANCIA (J-2, A-1 e I-4)	7	MELANCIA (J-2 e A-1)	3	MELANCIA (J-2, A-4 e I-0)	6	20
TOMATE (J-1, A-1 e I-6)	8	TOMATE (A-1 e I-4)	5	TOMATE (J-1)	1	TOMATE (J-4, A-1 e I-1)	6	20
FEVEREIRO (I-2)	2	FEVEREIRO (I-2)	2	FEVEREIRO (J-3 e I-2)	5	FEVEREIRO (J-5, A-3 e I-1)	9	18
MARACUJÁ (I-4)	4	MARACUJÁ (A-1 e I-2)	3	MARACUJÁ (A-1)	1	MARACUJÁ (I-2)	2	10
CUNHADO (J-1 e I-2)	3	CUNHADO (I-2)	2	CUNHADO (0)	0	CUNHADO (0)	0	5
AGOSTO	0	AGOSTO	5	AGOSTO	0	AGOSTO	1	6
ROSA (I-4)	4	ROSA (I-1)	1	ROSA (I-1)	1	ROSA (0)	0	6
MÃE (A-1)	1	MÃE (A-1 e I-2)	3	MÃE (0)	0	MÃE (I-1)	1	5
PAI (A-1 e I-1)	2	PAI (A-1 e I-2)	3	PAI (J-1e I-1)	2	PAI (I-1)	1	8
PRETO (0)	0	PRETO (0)	0	PRETO (J-1e I-1)	2	PRETO (I-1)	1	3
ABRIL (I-2)	2	ABRIL (I-1)	1	ABRIL (0)	0	ABRIL (0)	0	3
Total de Ocorrências por sexo 60		Total de ocorrências por sexo 64		Total de ocorrências por sexo 28		Total de Ocorrências por sexo 48		
Legenda de identificação dos participantes e as quantidades de ocorrências: 1) As letras indicam a faixa etária dos participantes = J:jovem; A:adulto; I:idoso; 2) Os números indicam a quantidade de ocorrências por faixa etária.								

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

O quadro, acima, traz uma síntese da quantidade geral de variantes por léxico investigado, considerando a categoria sexo biológico. Vale destacar que no desenvolvimento da pesquisa trabalhamos com a contabilização dos dados em separado, quantificando as ocorrências dos 10 participantes de Fortaleza e dos 10 de Maceió em gráficos e quadros diferentes. Nesse contexto investigativo de contabilização das variantes, observamos que em Fortaleza, entre mulheres e homens, as ocorrências de variantes aconteceram mais entre os homens, em um total

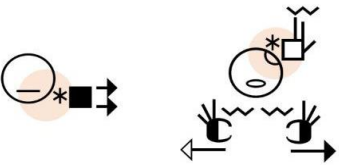
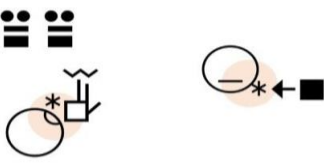
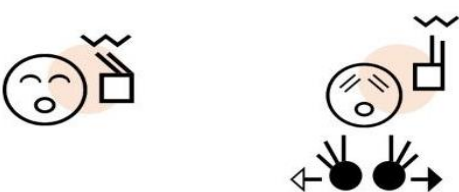
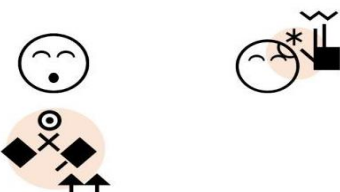
de 64, enquanto as ocorrências entre as mulheres foram de 60 variantes. De modo idêntico, em Maceió, entre homens e mulheres, do mesmo modo, foram contabilizadas mais ocorrências entre os homens, em um total de 48, para as mulheres foi de 28. A maior ocorrência de variações entre os homens nos chama atenção, sendo um dado que nos leva a questionar: o que ocorre para entre os homens haver mais variantes? A resposta foge ao escopo desta pesquisa, mas possibilita novas investigações, uma vez que dentro da macro categoria sexo biológico “homens” e “mulheres” há diversidade de gêneros: heteros, gays, trans, e demais diferenças que nesta pesquisa não foram estudadas. Também foi observado que entre as gerações existem variantes, estando entre os idosos a maior quantidade de ocorrências de variação linguística. Conforme já apontamos, uma possibilidade da alta ocorrência de variação nesta faixa etária pode estar correlacionada à vinculação de sua aquisição linguística e processo social de uso da Libras aos primórdios da retomada da sinalização no Brasil, compondo um quadro sociolinguístico no qual estes sujeitos têm prevalência comunicativa a partir dos sinais de sua memória afetiva com o léxico, fazendo com que em uma situação de conforto comunicativo o primeiro léxico expresso seja muito particular, apesar do conhecimento das outras variantes, como registramos.

Por sua vez, os jovens e adultos fazem parte de gerações em que a Libras se constitui na comunidade de modo mais estável. Além do mais, estes dois grupos têm mais contato com uma grande quantidade de surdos com diversificação no nível de aquisição linguística e diferentes graus de escolaridade, vários, inclusive, com contatos no exterior, nos quais aprendem e expandem seu conhecimento pessoal, mas também acadêmico, alimentando saberes sobre pesquisa e inovação, globalização de tecnologia muito avançada, que alimentam o vocabulário especializado, no entanto, não interferem ou trazem necessidade de variação no estável léxico do cotidiano, que foi nosso foco sociolinguístico.

No estudo do sinal CENOURA, foi possível a identificação de 37 variantes. Em Fortaleza, temos que as variantes entre as mulheres ocorreram com 2 jovens, 3 adultas e 6 idosas, enquanto que entre os homens foram 4 jovens, 3 adultos e 5 idosos. Por sua vez, em Maceió, as ocorrências no grupo das mulheres foram de 2 jovens e 2 idosas, enquanto que entre os homens foram 5 jovens, 3 adultos e 2 idosos.

A seguir, o Quadro 204 exemplifica algumas ocorrências para CENOURA nas duas localidades.

Quadro 204 - Exemplo de variantes para CENOURA identificadas no corpus investigado¹⁰³

Variantes para CENOURA em Fortaleza	Variantes para CENOURA em Maceió
	
Descrição da imagem 1: mão dominante em S como a segurar uma cenoura na frente da boca. Descrição da imagem 2: coelho^forma de cenoura = 1ª mão predominante em CM 24 na latura da frente, palma voltada para trás; 2º duas mãos em CM 17 com movimento de afastamento das mãos.	Descrição da imagem 1: Forma de cenoura^coelho = 1ª mão dominante em CM 27 na altura da frente, palma voltada para trás; 2º duas mãos na CM 42 na latura do peito, espaço neutro a frente do sinalizador. Descrição da imagem 2: Mão dominante em CM 2, segurar a mão na altura da boca como que segurando uma cenoura para comer.
	
	
Descrição da imagem 1: dominante em CM 27 na altura da orelha, palma voltada para trás. Descrição da imagem 2: CM em 49, espaço neutro na altura do peito do sinalizador, palmas voltadas para frente como a criar uma forma de cenoura.	Descrição da imagem 1: Mão esquerda em CM 14, espaço neutro na altura do peito; mão direita em L com o dedo indicador tocando a mão passiva com movimento de cortar uma cenoura. Descrição da imagem 2: Mão direita em CM 27 na altura da frente, palma voltada para a frente, balançar duas vezes. Obs: Há regiões em que essa variante é utilizada para o sinal CAVALO.
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

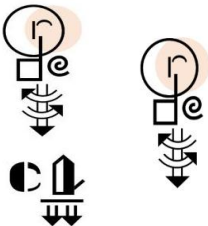
¹⁰³ Os resultados foram nosso foco para a ES. Por causa do volume de texto que seria acrescido à tese, o uso da Escrita de Sinais (ES) foi feito apenas na etapa final como uma forma de dirimir quaisquer dúvidas do leitor com relação à imagem do sinal realizado pelos participantes nessa etapa de registro da pesquisa.

Novamente, percebemos que está entre os idosos o maior número de ocorrências. A partir dos critérios de classificação dos sinais por maior número de variantes, os sinais foram listados no quadro acima e destacamos CEBOLA, TOMATE, MARACUJÁ e CUNHAD@ para exemplificar as ocorrências de variação nos níveis querológico, lexical e regional identificadas nas pesquisas.

Com relação ao sinal CEBOLA, as ocorrências em Fortaleza, se deram com o sinal sendo realizado com o dedo indicador em D ou mindinho em I, balançando na frente do olho do sinalizador. Por sua vez, em Maceió, o sinal foi feito com o indicador em D passando no rosto formando o percurso de uma lágrima. CEBOLA é um sinal complexo porque há ocorrência de sinalização simples com variações apenas na CM, em Fortaleza com variantes que utilizam a CM em D e em I, e em Maceió com a CM em D. Mas também há variantes que acrescentam ao sinal a informação de CORTAR. Nesse sentido, há variantes com diferentes sequências da parte 1 e parte 2 do sinal. Diante dessas constatações, esperamos que a heterogeneidade da língua de sinais seja respeitada, conhecida e entendida com positividade, como algo natural que pertencente a qualquer língua viva e em uso pelos sinalizantes, fazendo parte de seu movimento a constante mudança e evolução.

O Quadro 205 ilustra algumas dessas variantes:

Quadro 205 - Variantes para CEBOLA identificadas no corpus da pesquisa

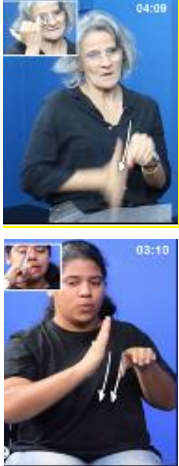
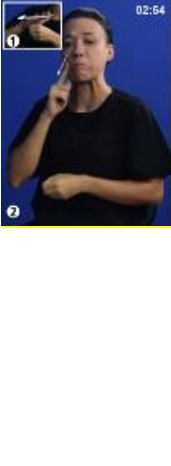
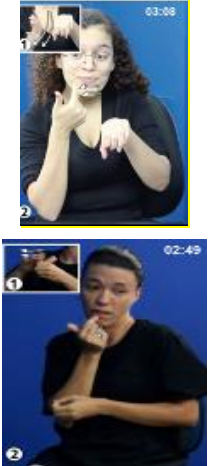
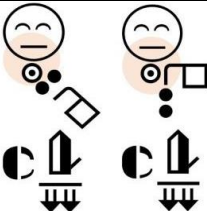
Variante padrão para CEBOLA em Fortaleza	Variante padrão para CEBOLA em Maceió
 Descrição da imagem 1: Dedo indicador em D balançando na gente do olho. Descrição da imagem 2: Dedo mindinho em I balançando na frente do olho.	 Descrição da imagem 1: 1º Dedo indicador em D passando pelo rosto como o descer de uma lágrima; 2ª mão passiva em C palma para baixo, mão dominante em CM 63 passando pelos dedos polegar e indicador simulando um fatiamento. Descrição da imagem 2: Dedo indicador em D passando pelo rosto como o descer de uma lágrima.
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Apontamos na pesquisa diferenças ocorridas na sinalização quando o participante realizou o sinal formado por sequência de classificadores. Por exemplo, o léxico CEBOLA foi sinalizado em Fortaleza formado pela sequência DEDO-BALANÇANDO-EM-FRENTE-AO-OLHO^CORTAR-ALGO-REDONDO. Por sua vez, em Maceió, a formação do sinal acontece com o DEDO-INDICADOR-DESCENDO-DO-OLHO-PELO-ROSTO-ATÉ-A-BOCA^CORTAR-ALGO-REDONDO. Do mesmo modo, TOMATE foi sinalizado, em ambas as regiões, ora apresentando sequência, ora com a ausência de uma sequência fixa.

O Quadro 206 ilustra algumas ocorrências de variantes identificadas na pesquisa:

Quadro 206 - Exemplos de variantes para CEBOLA e TOMATE

CEBOLA^FATIAM UFC	FATIAM^CEBOLA UFAL	TOMATE^FATIAM UFC E UFAL	FATIAM^TOMATE UFC E UFAL
			
			

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

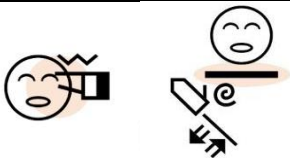
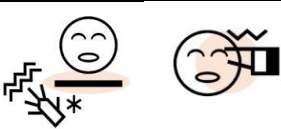
Apesar de nas duas regiões ter havido a ocorrência de inversão da sequência de formação do sinal, não havendo um lugar fixado para o verbo FATIAM, o movimento originário do léxico não sofreu alteração, ou seja, o BALANÇAR-DEDO-MINDINHO-NA-FRENTE-DO-OLHO ou BALANÇAR-DEDO-INDICADOR-NA-FRENTE-DO-OLHO, para Fortaleza, e, MOVIMENTO-DE-LÁGRIMA-COM-DEDO-INDICADOR, para Maceió, foram constantes no *corpus* investigado.

Estes dois exemplos nos permitem ver ocorrências de variantes no nível querológico e lexical acontecendo e como a língua atende aos requisitos da variação linguística diatópica, uma vez que as variantes, nas duas cidades, se constituem como registros de variação regional.

Na esteira de investigação das diferenças regionais, observamos que MARACUJÁ tem dois léxicos em cada localidade, tendo sido um sinal com várias ocorrências de variação local e regional. Em Fortaleza, CORAÇÃO, foi utilizado como variante, uma vez que SONO foi realizado como sinal majoritário, havendo ocorrências de sinal composto por SONO^CORAÇÃO. Por sua vez, em Maceió, a MÃO-NO-PEITO-COM-BATIDAS-ALTERNADAS-DOS-DEDOS se constituiu como sinal mais utilizado, sendo variante o sinal SONO, ocorrendo, ainda, sinalizações trazerem variante com MÃO-NO-PEITO-COM-BATIDAS-ALTERNADAS-DOS-DEDOS^SONO.

O Quadro 207 exemplifica as variantes lexicais identificadas:

Quadro 207 - Exemplo de variantes para MARACUJÁ no corpus investigado

Variante de MARACUJÁ em Fortaleza	Variante de MARACUJÁ em Maceió
	
2 LEXICOS	2 LEXICOS
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Nos grupos de homens e mulheres, das duas localidades, está entre os idosos a maior quantidade de ocorrências de variação do sinal.

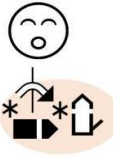
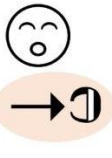
Por sermos de Fortaleza, nunca tínhamos tido contato com a variante-padrão para MARACUJÁ utilizada em Maceió, uma vez que os contornos culturais e consciência comunicativa são geradores dessas diferenças regionais.

O padrão metodológico adotado permitiu encontrarmos ocorrências de variação diatópica no léxico de CUNHAD@. Em Fortaleza a variante é sinalizada com a mão ativa em B com a palma voltada para baixo, passando sobre o dorso da mão

passiva e terminando com a palma da mão para cima. Em Maceió, CUNHAD@ é realizado com a mão dominante do sinalizador em C movendo-se no espaço neutro a sua frente, no sentido peito para a lateral do corpo.

O Quadro 208 ilustra as variantes para CUNHAD@ entre os sinalizadores de Fortaleza e Maceió.

Quadro 208 - Exemplos de variantes para CUNHAD@ no corpus investigado

Variante padrão de CUNHAD@ em Fortaleza	Variante padrão de CUNHAD@ em Maceió
	
	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A identificação dos tipos de variação lexical aqui exemplificados por CUNHAD@, permite vermos a heterogeneidade na Libras e o modo como são intercambiáveis os acordos de significado para os sinais, tornando possível responder a segunda pergunta de pesquisa que buscava comparar as variações documentadas e identificar o nível linguístico mais recorrente. Assim, podemos dizer que as variações mostram que a maior quantidade de ocorrência de variantes aconteceu primeiro no nível querológico, depois no lexical.

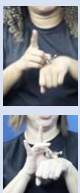
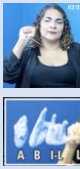
Nas variantes querológicas identificadas, vimos que houve predominância do querema CM, este com maior número de ocorrências de variantes nos sinais.

No tocante às diferenças lexicais, as respostas dos 10 participantes de Fortaleza sobre as variantes locais registradas em nosso *corpus* de pesquisa, nos permitiram observar que o comportamento comunicativo dos grupos etários e sexo biológico permitem desdobrarmos nossa reflexão, considerando o quanto cada indivíduo compartilha dos sentidos e modos de dizer da comunidade surda da sua região. Tabela

A Tabela 1 foi organizada de modo a possibilitar a visualização de como cada um dos participantes das entrevistas respondeu sobre as variantes usadas e não

usadas em Fortaleza. Desse modo, a legenda para leitura é V1 – Variante 1, V2 – Variante 2, V3 – Variante 3; U – Uso e NU – Não uso.

Tabela 1 - Fortaleza: USO e NÃO USO das variantes locais

Léxico	Evandro	Ewerton	Zuleica	Silvia	F. Assis	Willer	David	Weverson	Rodrigo	Germana	TOTAL
Rosa 	V1:NU V2:NU	V1: U V2: U	V1:U V2: NU	V1:U V2: NU	V1:NU V2:NU	V1: U V2:NU	V1:NU V2:NU	V1: NU V2: NU	V1: NU V2: NU	V1: NU V2: NU	V1:6NU e 4U V2: 9NU e 1U
Preto 	V1: U V2: NU	V1: U V2: NU	V1: U V2:U	V1: NU V2:U	V1: U V2:NU	V1: U V2:U	V1:NU V2:NU	V1: NU V2: NU	V1: U V2: NU	V1:U V2: NU	V1:3NU e 7 U V2: 7NU e 3U
Fevereiro 	V1:U V2:U V3: NU	V1: U V2:U V3:NU	V1:U V2: NU V3: NU	V1:NU V2: NU V3: U	V1:NU V2: U V3: U	V1:U V2:NU V3:NU	V1:U V2: U V3:NU	V1: U V2: NU V3: NU	V1: U V2:NU V3:NU	V1:U V2: NU V3: NU	V1: 2NU e 8U V2: 6NU e 4U V3: 8NU e 2U
Abril 	V1: U V2: NU	V1: U V2: U	V1: U V2: U	V1:U V2: U	V1: U V2:NU	V1:NU V2:NU	V1:NU V2:NU	V1: NU V2: NU	V1: U V2:NU	V1: U V2: NU	V1: 3NU e 7U V2: 7NU e 3U
Agosto 	V1:U V2: NU	V1: U V2: NU	V 1: NU V2: U	V1: NU V2: NU	V1:NU V2:NU	V1:NU V2:NU	V1:U V2:NU	V1: NU V2: NU	V1:NU V2:NU	V1: NU V2: NU	V1: 7NU e 3U V2: 9NU e 1U
Vovo 	V1: U V 2: U	V1: U V 2: U	V1: U V2: U	V1: U V2: U	V1: U V 2: U	V 1: U V 2: U	V1:NU V 2:U	V1: U V2: U	V 1: U V 2: U	V1: U V2: U	V1: 1NU e 9U V2: 0NU e 10U
Mãe 	V1: NU	V1: NU	V 1: NU	V1: NU	V1:NU	V1:NU	V1:NU	V1: NU	V1: NU	V 1: U	V1: 9NU e 1U

Pai 	V1:U	V1: U	V 1: U	V 1: U	V 1: U	V1: U	V1: U	V1: NU	V1: U	V1: U	V1: 1NU e 9U
Cunhado 	V1: NU	V1: U	V1:U	V1:NU	V2: U	V1:U	V1: U	V1: U	V 1:U	V1: NU	V1: 3NU e 7U
Melancia 	V1: NU	V1: U	V1: U	V1:U	V1:NU	V1: U	V1:NU	V1: NU	V1: U	V1: NU	V1: 5NU e 5U
Maracujá 	V1: NU	V1: U	V 1: NU	V1: U	V1:NU	V1: U	V1:NU	V1: NU	V1:NU	V 1: U	V1: 6NU e 4U
Cenoura  	V1: NU V2: U	V1:NU V2: U	V 1: NU V2: U	V1:U V2: NU	V1:NU V 2: U	V1:NU V2:U	V1:NU V2:NU	V1: NU V2: NU	V1:NU V2:NU	V1: NU V2: NU	V1: 9NU e 1U V2: 5NU e 5U
Tomate  	V1:U V2: U	V1:NU V2: NU	V 1: U V2: NU	V1: U V2: U	V1:U V2:NU	V1: U V2:NU	V1:NU V2:NU	V1: NU V2: NU	V1:NU V2:NU	V1: NU V2: NU	V1: 5NU e 5U V2: 8NU e 2U
Cebola   	V1: NU V2:NU V3:U	V1:NU V2:NU V3:U	V1: NU V2:NU V3:U	V1: NU V2:NU V3: NU	V1:NU V2:U V3:NU	V1:NU V2:NU V3:U	V1:NU V2:NU V3:NU	V1:NU V2:NU V3: NU	V1:NU V2:NU V3:NU	V1:NU V2: U V3: U	V1: 10 NU e ZEROU V2: 8NU e 2U V3: 5NU e 5U

Legenda: V1: Variante 1 – V2: Variante 2 – V3: Variante 3 / U: Uso – NU: Não uso.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Primeiramente, nesta seção de discussão dos resultados, acreditamos ser relevante reafirmar que, apesar de a pesquisa identificar variações em duas regiões, não foi nosso objetivo olhar para cada região, correlacionando a diferença lexical em relação ao outro grupo como se a variação significasse perda lexical. Nosso entendimento é de que as vivências sociolinguísticas entre regiões são únicas, portanto, autônomas e independentes.

Segundo, trouxemos para a tabela variantes identificadas como pouco comuns e não estabelecidas e reconhecidas na comunidade surda como sinal padrão. Por exemplo, ao tratarmos o sinal ROSA, não registramos na tabela o sinal majoritariamente utilizado, que foi: mão em R na altura da bochecha com leve movimento de balançar do R. Trouxemos as variantes que não são parte do léxico comum, por exemplo, o sinal ROSA realizado com a CM47, dedos indicador, médio, anelar e mindinho tocando a bochecha do sinalizador com pequeno movimento de pressão de cada dedo na bochecha. Tratamos separadamente os dados de 10 entrevistados de Fortaleza e 10 de Maceió, vendo os sinais eliciados nos projetos Rede Surdos, da UFC, e Libras na UFAL, na UFAL, com os participantes de cada região e verificando como cada grupo usa ou não o léxico que apareceu no *corpus* nacional com variante 1 (V1), Variante 2 (V2), e Variante 3 (V3). Iniciamos essa discussão pela análise das informações das entrevistas com as 10 pessoas do grupo de Fortaleza.

Na tabela 02, acima, constam os registros das variantes eliciadas em Fortaleza, cabendo destacar que, para refinar ainda mais a análise, ao olharmos para os resultados das entrevistas constatamos as ocorrências de variação e, a partir das respostas dos participantes e verificamos que as variantes PRETO, FEVEREIRO, ABRIL, AGOSTO, CUNHAD@, MELANCIA, MARACUJÁ, TOMATE, se manifestam entre espectros comuns de 2 e 8 usos e não usos, dependendo de cada sinal.

Por sua vez, os sinais ROSA, VOV@, MÃE, PAI, CENOURA e CEBOLA, apresentaram variação lexical que merecem discussão.

Em relação a V2 do sinal ROSA, vimos que 1U enquanto 9NU. No caso de MÃE e CENOURA é na V1 que 1U e 9NU.

No caso de VOV@ e PAI, a V1, 1 NU enquanto 9U.

Por fim, a V1 de CEBOLA não é usada por ninguém, pois as 10 pessoas usam a V2. Assim, no contexto de léxico analisado, podemos concluir que as variantes que apenas 1 pessoa usa este sinal, uma vez é se constitui de uma forma muito particular de sinalizar.

Assim, a partir do que verificamos em Fortaleza, concordamos com Labov (2008) quando o mesmo sintetiza o objeto da Sociolinguística como o estudo da língua falada em relação ao contexto social, partindo da comunidade linguística, entendida como o conjunto de indivíduos que, além de interagirem verbalmente, também compartilham um conjunto de normas relativas aos usos. Assevera que, em todos os níveis da língua, ocorre variação, seja fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical, estilístico-pragmática, mas registra que essa variação não é fortuita e sujeita ao caos, mas organizada e condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Vejamos algumas respostas:

Evandro:

- Poucas vezes não compreendo, mas através do contexto fica claro e é possível ter uma boa comunicação. E essa variação é algo normal. Me sinto ok quanto a isso.

Francisco:

- sim. Compreendo sim, às vezes acontece de eu não entender, mas aí pergunto, tiro minha dúvida e prossigo a conversa normalmente.

Silvia:

- É normal, é possível compreender pelo contexto, se eu não entender, eu pergunto e me comunico normalmente.

Francisco:

- Compreendo sim, às vezes acontece de eu não entender, mas aí pergunto, tiro minha dúvida e prossigo a conversa normalmente.

Willer:

- Percebo que tem muita influência de outros estados e também até de outros países, mas que é algo normal.

David:

- Então, eu achei alguns sinais bem diferentes do que eu estou acostumado a usar, principalmente em relação a variação linguística de "maracujá", fiquei surpreso, que algumas pessoas usam o mesmo sinal de "coração" para "maracujá" também. Eu respeito, não tô dizendo que tá errado, mas eu não sabia. Também em relação ao sinal de "cavalo" usado para "cenoura", nesse caso acho confuso e a comunicação pode não ficar tão clara.

Weverson:

- Então, aqui em Fortaleza percebo muita variação linguística, muita diferença principalmente em relação ao vocabulário usado pelos mais jovens e o vocabulário usado pelos mais idosos, ou seja, percebo que os jovens estão sempre usando novos sinais e os mais velhos já mantêm um vocabulário mais antigo.

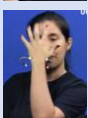
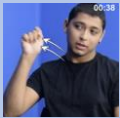
Rodrigo:

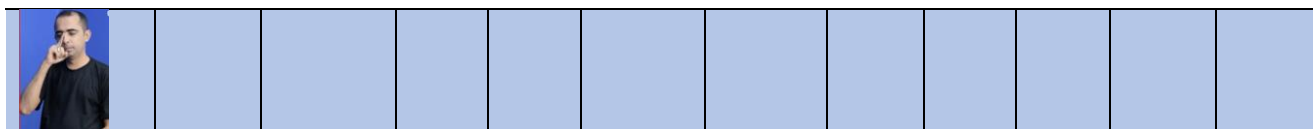
- Eu percebo sim muitas variações linguísticas principalmente entre os estudantes de Letras-Libras. Eu respeito e é algo normal da língua.

Vemos nas respostas que a variação linguística é um fato da língua respeitado pelo grupo, cabendo a ressalva de que as diferenças etárias e presença de surdos no ensino superior apareceram como elementos atualizadores da língua.

Do mesmo modo, fizemos o registro das entrevistas sobre as variantes que os 10 participantes de Maceió conhecem e não conhecem. Os dados na Tabela 2 nos permitiram ver que as opiniões são semelhantes, mostrando que existe na comunidade surda de Maceió uma compreensão de que a variação linguística é constitutiva da Libras. A legenda para a leitura considera U para uso das variantes e NU para não uso.

Tabela 2 - Maceió: USO e NÃO USO das variantes locais

Léxico	Maria Hermina	Anne Karine	Isabel Alvin	Jerlan Pereira	Samila Fernanda	Joseildo	Ana Cláudia	Diogo Inácio	Maria Dianely	Jamilly Dillanny	TOTAL
Rosa 	V 1: U	V1:NU	V1:NU	V1:NU	V1: NU	V1:NU	V1:NU	V1:NU	V1:U	V1:U	V1:7NU e 3U
Preto  	V1: U V2: NU	V1: U V2:NU	V1: U V2:NU	V1: U V2:NU	V1: U V2:U	V 1:U V2:NU	V 1: U V2:NU	V1: U V2:U	V1: U V2:NU	V1: U V2: NU	V1:0NU e 10U V2:8NU e 2U
Fevereiro   	V1:U V2: NU V3: NU	V1:U V2:NU V3:NU	V 1: U V2:NU V3:NU	V1: U V 2: U V3:NU	V1:U V2: NU V3: U	V1:U V2:NU V3: NU	V1:NU V2:NU V3: NU	V1: U V2: U V3:NU	V1: U V2:U V3:NU	V1: NU V2: U V3:NU	V1:2NU e 8U V2:6NU e 4U V3:9NU e 1U
Abril 	V1:U	V1:U	V1:NU	V1:NU	V1: NU	V1: U	V1: NU	V1:NU	V1:NU	V 1: U	V1:6NU e 4U
Agosto  	V1:NU V2: NU	V1: NU V2: NU	V1:NU V2:NU	V1:U V2:NU	V1:NU V2:NU	V1:NU V2: NU	V1: NU V2: NU	V1:NU V2: U	V1:NU V2:NU	V1: NU V2: U	V1:9NU e 1U V2:8NU e 2U
Vovo 	V1: U V2:U	V1: U V2:U	V1: U V2:NU	V1:NU V2:U	V1: U V2:U	V1: U V2:U	V1: U V2:U	V1:U V2: U	V1: U V2:U	V1: U V2:NU	V1:1NU e 9U V2:2NU e 8U



Legenda: V1: Variante 1 – V2: Variante 2 – V3: Variante 3 / U: Uso – NU: Não uso.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Semelhantemente ao ocorrido em Fortaleza, houve entre os participantes de Maceió o uso e não uso de algumas variantes. Seguindo a mesma metodologia de verificação das informações, registramos que ROSA, ABRIL, MELANCIA, MARACUJÁ, CENOURA E CEBOLA, em Maceió, são variantes com percentuais comuns de uso e não uso, não havendo para elas nenhum dado que mereça destaque. Por sua vez, as V1 para PRETO e CUNHAD@ são usadas pelos 10 participantes, significando não haver NU dessa variante entre os participantes. Com FEVEREIRO e TOMATE a V3 é usada por 1 pessoa, enquanto 9 não a usam. Este foi o caso de AGOSTO e MÃE, que para a V1 a manifestação do léxico foi de 9NU e 1U. No caso de VOV@ e a V2 de TOMATE, ocorreu o oposto com a V1, 1 NU e 9U. Os fatores de uso e não uso, conforme os participantes, estão relacionados ao conforto do sinal, aos contatos e valor do sinal na comunidade e, por fim, uma variante de apenas 1 pessoa usar.

Também, do mesmo modo, aspectos etários e de sexo puderam ser observados, reafirmando a ideia de que os fatores sociais que compõe as redes de comunicação influenciam nas escolhas lexicais dos comunicantes (SAVEDRA; ROSENBERG, 2021).

No contexto da entrevista feita pelo *Google meet*, pedimos aos surdos de Maceió que opinassem sobre sua percepção acerca das diferenças na realização dos sinais ou variação linguística na Libras entre os surdos de diferentes idades em Maceió, e se eles achavam ser possível uma boa comunicação apesar das diferenças, as respostas foram:

Maria:

- A língua está em constante mudança, percebo essa diferença na Libras principalmente comparando o uso antigamente e atualmente assim como na língua portuguesa, mas sim, é possível a comunicação apesar das variações.

Anne:

- Eu consigo me comunicar sim, apesar das variações e novos sinais que aparecem, se eu não conheço ou não entendo, eu pergunto o que significa, a pessoa me explica e assim entendo perfeitamente, tem também o contexto que nos ajuda a compreender novos sinais.

Isabel:

- Antes eu achava que essas variações linguísticas eram as pessoas fazendo a Libras de forma errada, mas hoje entendo que é algo normal e natural da língua e que não atrapalha a comunicação pois através do contexto é possível compreender.

Jerlan:

- Consigo me comunicar normalmente, pois já estou acostumado a ter contato desde que era criança, mas, algumas vezes, não entendo alguns sinais dos jovens, os próprios da comunicação entre eles, aí pergunto e tiro minha dúvida. Principalmente com idosos, tenho uma comunicação mais eficaz.

Samila:

- Essa variação linguística é algo natural da língua e apesar disso, a comunicação é sim possível, não significa que está errado e sim que isso faz parte da língua.

Joseildo:

- Sim, percebo muita diferença na realização dos sinais hoje em dia, principalmente em relação à comunidade surda mais idosa que mantém os sinais antigos na comunicação.

Ana:

- Sim, é possível. Percebo uma variação principalmente entre os sinais usados pelos idosos e pelos mais jovens, mas que é normal e essa mudança sempre acontece língua.

Diogo:

- Acho algo normal e natural da língua. Eu respeito.

Maria:

- Então, eu percebo que os surdos mais idosos ainda utilizam alguns sinais bem antigos, enquanto entre os jovens aparecem cada vez mais sinais novos e variações influenciados principalmente pela tecnologia. Mas essa variação é algo totalmente normal e é possível se comunicar eficazmente.

Jamilly:

- Eu nunca cheguei a “corrigir” alguém por achar a variação “algo errado”, sempre entendi ser algo natural e respeito, por ser algo próprio da língua. Na minha opinião acho isso bem legal inclusive em relação à variação e sempre tenho curiosidade de aprender.

As respostas dos participantes de Maceió nos permitem o entendimento de que há um respeito pela variação linguística enquanto aspecto sociolinguístico que constitui a Libras. Nesse sentido, as respostas dos participantes de Maceió nos levam a concluir que os surdos, apesar do desconhecimento de variantes em suas regiões, compreendem e respeitam esse movimento da língua, fazendo parte de seu processo de uso e aprendizado da Libras como língua natural da comunidade surda.

A partir dessa consideração, olhamos para as produções dos participantes pela perspectiva laboviana de que as línguas são construções das quais os sujeitos fazem uso ao se relacionarem. Nesse contexto, de acordo com Rodrigues e Silva (2017),

[...] não há língua com apenas um falante, as línguas devem ser analisadas no contexto social em que falantes de diferentes idades, origem social, etnia, graus de escolaridade, sexo e gênero interagem. A gramática não é produto acabado e fechado que esses falantes devem aprender. A gramática é construída justamente por esses falantes em situações de interação em que sentidos são negociados. (RODRIGUES; SILVA, 2017, p. 689)

Por isso é importante destacar que as variações linguísticas as quais nos ativemos nessa pesquisa, quais sejam, querológica, lexical e regional, se constituem como parte do comportamento linguístico das comunidades de sinalizadores estudadas, entretanto, muito das diferenças internas e externas ainda precisam ser estudadas. Esperamos que esta tese contribua para os estudos sobre variação linguística na Libras, sabendo que não se esgotam aqui as possibilidades que os usuários criam ao se comunicar e que muito mais há a estudar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A heterogeneidade das línguas de sinais confirma que o comportamento comunicativo entre os surdos é um fenômeno natural que se constitui pelas participações dos sujeitos nos grupos sociais, a partir de seus diversos e diferentes lugares sociais. Para esta pesquisa, nos detivemos a olhar o fenômeno da variação linguística nos níveis querológico e lexical.

Tivemos em vista descrever as variantes a partir das ocorrências advindas da articulação dos parâmetros formacionais dos sinais: configuração de mão (CM), movimento (M), ponto de articulação (PA), orientação da palma da mão (Or), expressões faciais e corporais (ENM), e das escolhas lexicais feitas pelos grupos de homens e mulheres, jovens, adultos e idosos das duas regiões investigadas, Fortaleza e Maceió, municípios do Nordeste brasileiro.

No nível querológico, primeiro nível da descrição linguística, os resultados de maior ocorrência dos 14 sinais estudados seguiram a sequência de ocorrência de variação dos parâmetros CM, PA e M, respectivamente. Esses resultados confirmam que esses três parâmetros são articuladores manuais básicos dos sinais (STOKOE, 1960). A CM, PA e M como parâmetros da construção dos sinais para atendimento da visualidade dos surdos, estão obrigatoriamente presentes nas sinalizações destes.

Por sua vez, os parâmetros Or e ENM, parâmetros considerados por Battison (1978) e Klima e Bellugi (1979) como parâmetros menores, não foram identificados como elemento distintivo na produção de todos os sinais, estando distintivamente presentes como ocorrências em apenas quatro sinais: ABRIL, CENOURA, MELANCIA e CEBOLA:

- ABRIL pela ENM de enforcada;
- CENOURA pela Or da mão na boca e na lateral da cabeça e do morfema-boca no ato de mastigar a cenoura;
- MELANCIA pela Or da mão no ato de bater na fruta e morfema-boca no ato de cuspir as sementes;
- CEBOLA, na ENM de fechamento do olho pela acidez do legume.

Precisamos considerar que as ocorrências de variação querológica são parte do processo vivo da língua de sinais produzido nos contextos sociais, à semelhança das línguas orais pesquisadas por Labov (2008 [1972]) e demais estudiosos da sociolinguística. A partir do contexto e olhar sociolinguístico, identificamos que os

parâmetros formacionais dos sinais variaram conforme o sexo, a idade e a região de nascimento do participante, tendo sido identificadas mais ocorrências relacionadas aos grupos dos idosos e, nesse grupo, aos homens.

Com relação às variações lexicais, para os grupos sociais de homens e mulheres nas classificações etárias de jovens, adultos e idosos, também ocorreu de estar entre os sinalizadores surdos homens idosos os eventos de variação em relação às outras duas gerações. Esta identificação fez parte de nossos objetivos específicos, pelos quais nos propusemos a investigar fatores extralinguísticos dos quais poderiam advir variações como: sexo biológico, faixa etária e região dos participantes investigados.

Assim, identificamos nos comportamentos linguísticos no corpora estudado, modos de sinalizar de homens e mulheres, jovens, adultos e idosos. Essas variantes nos permitiram depreender que entre os homens idosos estão os maiores percentuais de variação quando os sinais são colocados em relação com os outros grupos de participantes. Essa diferença geracional é identificada nos estudos de Labov (1994) quando o autor coloca que as variações da língua se dão, também, porque as pessoas cruzam períodos diferentes. Desse modo, nossa hipótese e identificação empírica de variações geracionais se confirmaram, pois os idosos sinalizaram sinais conhecidos como históricos ou tradicionais e, também, sinais com forte marca da língua portuguesa iniciados por letras ou realizados com datilologia.

Confirmamos, assim, que os comportamentos linguísticos estão atrelados à nossa humanidade, conduzida, também, pela gramática da língua em funcionamento nos grupos sociais com os quais convivemos, pois “a classe social, o sexo do falante e a sua faixa etária, por exemplo, são variáveis recorrentes na análise e interpretação dos fenômenos linguísticos variáveis” (SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p. 122).

Alcançamos, desse modo, o objetivo de identificação da nossa hipótese de que a Libras é uma língua que sofre variação linguística tanto no nível querológico quanto no lexical e os lugares de homem e mulher, faixa etária e lugar de habitação de seus usuários, do mesmo modo que em outras línguas, no vocabulário investigado, são fatores de diferenciação da sinalização, pois os surdos empregam em sua sinalização variantes em coocorrência e que conviver com variantes faz parte do processo de comunicação. Nesse sentido, afirma Camacho (2011, p. 2):

A resposta mais natural é porque, por um lado, toda língua varia, isto é, não existe comunidade linguística alguma em que todos falem do mesmo modo e porque, por outro lado, a variação é o reflexo de diferenças sociais, como

origem geográfica e classe social, e de circunstâncias da comunicação. Com efeito, um dos princípios mais evidentes desenvolvidos pela linguística é que a organização estrutural de uma língua (os sons, a gramática, o léxico) não está rigorosamente associada com homogeneidade; pelo contrário, a variação é uma característica inerente das línguas naturais.

Desse modo, nossa pesquisa reafirma a ideia de que as variações são parte necessária ao funcionamento das línguas (LABOV, 2008 [1972]). A identificação das diferenças querológicas e lexicais atreladas, principalmente, as diferenças de idade e de sexo biológico, nos mostrou que está entre os homens idosos a maior quantidade de variantes. Esse resultado confirma a teoria laboviana de que os homens são mais conservadores e resistentes às mudanças na variação estável que as mulheres (LABOV, 2001).

De modo diferente, as mulheres, de acordo com Labov (2008), são mais abertas as variações estáveis, aceitando a sinalização dos jovens, que estão abertos e sedentos por aprender mais e recorrer às novas tecnologias para otimizar compartilhamento e aprendizado linguístico. Para os jovens, os novos sinais e as substituições dos antigos são parte de seu processo comunicativo. Por sua vez, para os idosos, lhes bastam seus modos conservadores de se comunicar, sendo muito forte a apreensão dos sinais vinculados às suas memórias linguísticas.

Assim, no jogo linguístico entre o novo e as variantes tradicionais, a pesquisa identificou mais variações no grupo dos homens idosos, nas duas regiões, confirmando que a “língua reflete as diferenças de gênero, que são consequências de diferenças sociais” (CASTRO JUNIOR, 2014, p. 125).

No tocante à resolução da nossa questão de pesquisa, verificamos variantes utilizadas pelos participantes de Fortaleza e Maceió, reafirmando o princípio vivo das línguas de que as comunidades constroem valores para seus léxicos de modo autônomo e particular.

Para encerrar, acreditamos que essa característica de resistência a novos repertórios se constituirá como parte da realidade comunicativa dos jovens em seu futuro. No entanto, sua avidez por aprendizado, na atualidade, é necessária para o desenvolvimento da Libras, pois a inovação dos sinais da língua acontece a partir desse desejo que a juventude tem de ampliação de horizontes, enquanto para os idosos lhe basta a continuidade da comunicação que os constitui.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, G. F. C. **Ensino de Libras para aprendizes ouvintes: a injunção e o espaço como dimensões ensináveis do gênero instrução de percurso**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Campina Grande, 2019. 131 f. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/5996>. Acesso em: 20 de outubro de 2022.
- ALDRETE, M. C. **Gramática de la Lengua de Señas Mexicana**. 2008. 1122 f. Tese (doctorado en lingüística). El Colegio de México. Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, México, 2008. Disponível em: https://www.avp.pro.br/pluginfile.php/4965/mod_glossary/attachment/515/2008%20T%ESE%20CRUZ%20GRAM%C3%81TICA%20DA%20L%C3%8DNGUA%20DE%20SIGNAIS%20MEXICANA.pdf. Acesso em: 26 jul. 2019.
- ALVES, D. de C. **A Abordagem da Variação e Mudança Linguísticas no Ensino Médio: dos documentos oficiais às perspectivas de professores**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Goiás Regional Catalão, 2020.
- ALVES, I. M. **Neologismo**: criação lexical. 2 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- ANATER, G. I. P. **As marcações linguísticas não-manuais na aquisição da língua de sinais brasileira (LSB)**: um estudo de caso longitudinal. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2009, 169f.
- ANDRADE, T. L. de. **Variação fonológica da Libras**: um Estudo sociolinguístico de comunidades surdas da Paraíba. 2013. 142 f. (Tese de Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- BAGNO, M. **Dicionário crítico de sociolinguística**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V. Mudança linguística. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p. 9-33.
- BASTARDIS, J. O **Programa Nacional de Preservação da Documentação Histórica e seu significado para a preservação de arquivos no IPHAN**. 2017. (Tese de Doutorado). Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dissertacao_Jean_Bastardis.pdf Acesso em: 18 set. 2021. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/indl/noticias/detalhes/4198/pesquisa-coleta-dados-para-o-inventario-nacional-de-libras>. Acesso em: 18 set. 2021.
- BATTISON, R. Phonological Deletion. In: **American Sign Language**. Sign Language Studies, v. 5, p. 1-19, out. 1974.

BELINE, R. Variação linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística I: Objetos teóricos**. v. 1. São Paulo: Contexto, 2011. p. 121-140.

BRASIL. **Decreto-lei nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Casa Civil: Brasília, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 16 jul. 2020.

BRASIL. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Casa Civil: Brasília, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 16 jul. 2020.

BRITO, L. F. et. al. Língua Brasileira de Sinais-Libras. In: BRITO, L. F. (Org.) BRASIL, **Secretaria de Educação especial**. Brasília: SEESP, 1998.

BRITO, L. F. Língua Brasileira de Sinais – Libras. In: BRITO, Lucinda Ferreira et al. (org.). **Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: Língua Brasileira de Sinais**. v. 3. Brasília: MEC/SEESP, 1998. (Série Atualidades Pedagógicas).

BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1995.

CALVET, L. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. G. A variação linguística. In: SÃO PAULO (Estado). **Subsídios à proposta curricular para o ensino de língua portuguesa no 1º e 2º graus**. São Paulo: SE-CENP, 1988. v. 3.

CAMACHO, R. G. Norma culta e variedades linguísticas. In: Universidade Estadual Paulista. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/174227/mod_resource/content/1/01d17t03.pdf. Acesso em: 29 nov. 2022.

CASTRO JÚNIOR, G. de. **Projeto Varlibras**. (Tese de Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014. 264 f. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/17728>. Acesso em 20 jul 2019.

CASTRO JÚNIOR, G. de. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira: foco no léxico**. 2011. 123 f. Dissertação de Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8859/1/2011_GI%C3%A1uciodeCastroJC3%BAnior.pdf. Acesso em: 20 jul. 2019.

COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. de; GÖRSKI, E. M; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, N. T. A Sociolinguística e o fenômeno da diversidade linguística nos grupos sociais do Brasil. **Revista Anhanguera**, Goiânia, v. 1, 159-166, jan./dez., 2000.

Disponível em: https://anhanguera.edu.br/wp-content/uploads/13_a_sociolinguistica_e_o_fenomeno_da_diversi.pdf. Acesso em: 15 ago. 2019.

COUTINHO, D. **Libras e Língua Portuguesa: semelhança e diferenças**. Vol. II. João Pessoa: Arpoador, 2000.

DINIZ, H. G. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**: Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. 113 f.

ECKERT, P. **Language variation as social practice**: The linguistic construction of identity in Belten High. Malden; Oxford: Blackwell, 2000.

ETTO, R. M. & CARLOS, V. G. Sociolinguística: **o papel do social na língua**. Mosaico, 16(1), p. 719-737, 2017.

FAJARDO, I.; ARAÚJO, R; KRIEGER, M.; LA PORTA, S. Mapeamento estruturado da Libras para utilização em sistemas de comunicação. In: Laboratório de Automação de Museus, Bibliotecas Digitais e Arquivos. **Internal Research Reports**, Number 48, 2016. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/> Acesso em 15 set. 2021.

FELIPE, T. A. Escola Inclusiva e os direitos linguísticos dos Surdos. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, INES, v. 7, p. 41-46, 1997.

FELIPE, T.; MONTEIRO, M. S. **Libras em contexto**: curso básico. 6ª edição. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial, 2006.

FERNANDES, E. **Linguagem e Surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GABARDO, L. de A.; XAVIER, A. N. Estudo preliminar da troca de dominância em Libras. **Diálogos**, v. 7, n. 2, p. 70-87, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/7744>. Acesso em: 20 out. 2020.

GERACI, C. et al. **The LIS corpus project**: A discussion of sociolinguistic variation in the lexicon. *Sign Language Studies*, v. 11, n. 4, p. 528-574, 2011.

GOMES, A. M. **A escrita oralizada dos anúncios populares em Ceilândia**: uma perspectiva ecolinguística. 2015. 285 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

HAZEN, K. Labov: language variation and change. In: WODAK, R.; JOHNSTONE, B.; Kerswill P. E. (eds.). **The SAGE Handbook of Sociolinguistics**. The Sage Handbook of Sociolinguistics. London: SAGE Publications, 2011. p. 24-39.

IPHAN, (Brasil) **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. <http://portal.iphan.gov.br/> .Acesso: em 15 set 2020.

JOHNSTON, T. A.; SCHEMBRI, A. **Australian Sign Language**: an introduction to Sign Language Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

JOHNSTON, T. A.; SCHEMBRI, A. On defining lexeme in a signed language. **Sign Language and Linguistics**, v. 2, n. 2, p. 115-185, 1999.

KLEIN, C. B. M.. **Um olhar sobre variações linguísticas no processo comunicativo entre docentes surdos e docentes ouvintes na Língua Brasileira de Sinais - Libras**. 2018. (Dissertação de Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. 227 f..

KNIGHT, D. **Multimodality and active listenership**: a corpus approach. London; New York: Continuum International Publish Group, 2011. 272 p.

KNIGHT, D. The future of multimodal corpora. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 391-415, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbla/v11n2/a06v11n2.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2019.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marco Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAGARES, X. C. **Qual política linguística?: desafios geo-políticos-contemporâneos**. São Paulo: Parábola, 2018.

LEITE, T. de A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras): Um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo. 2008.

LEMOS, F. H. et al. **Uma proposta de protocolo de codificação de libras para sistemas de tv digital**. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6070/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2019.

LUCAS, C.; BAYLEY, R.; VALLI, C. **Sociolinguistic variation in American Sign Language**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2001.

LUCAS, C.; VALLI, C. **Language Contact in the American Deaf Community**. San Diego: Academic Press, 1992.

MACHADO, V. L. V. **Análise da variação querológica em traduções de materiais do EaD Letras-Libras (UFSC)**. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. 207 f. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/180408>. Acesso em: 26 jul. 2019.

MACHADO, V. L. V.; WEININGER. As variantes da língua brasileira de sinais – Libras. **Transversal – Revista em tradução**, V.4, N. 7, Fortaleza, 2018. P 41- 65.

MENDONÇA, C. S. S. S. **Classificação nominal em Libras: um estudo sobre os chamados classificadores**. 2012.

MOLLIKA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2013.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2015.

OLIVEIRA, J. S. de. **Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário letras-libras**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2015. 425f.

PÊGO, C. F. **Articulação boca na Libras**: um estudo tipológico semântico - funcional. Tese (Doutorado em linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2021, 158.p.

PIZZIO, A. L. **A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos**. (Tese de Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. 237 f.

PRETI, D. **Sociolinguística**: os níveis da fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na Literatura Brasileira. 9. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

QUADROS, R. M. de et al. **Língua Brasileira de Sinais**: patrimônio linguístico. Florianópolis, Guarapuvu, 2018.

QUADROS, R. M. de. A transcrição de textos do Corpus de Libras. **Revista Leitura**, v. 1 n. 57, p. 8-34, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/viewFile/3618/2853>. Acesso em: 20 fev. 2020.

QUADROS, R. M. de. Documentação da Libras. In: Seminário Ibero-Americano de Diversidade Linguística, 5. Foz do Iguaçu, 17 a 20 de novembro de 2014. **Anais**. Brasília: IPHAN/Ministério da Cultura, v. 1. p. 157-174, 2016. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais5_Seminario_Iberoamericano_de_Diversidade_Linguistica_.pdf. Acesso em 15 out. 2019.

QUADROS, R. M. de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUEIROZ, L. C. de. Pertinência/Não Pertinência Regionais. **Vivência**, UFRN, CCHLA, Natal, v. 7, n. spe., p. 203-218, 1993.

RODRIGUES, A.; SILVA, A. A. da. Reflexões sociolinguísticas sobre a libras (Língua Brasileira de Sinais). **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 46 (2): p. 686-698, 2017.

SCHEMBRI, A. et al. Sociolinguistic variation and change in sign languages. In: BAYLEY, Robert; CAMERON, Richard; LUCAS, Ceil (eds.). **The Oxford Handbook of Sociolinguistics**. United Kingdom: Oxford University Press, 2013. p. 61-94.

STOKOE JR; W. C. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. **Journal of deaf studies and deaf education**, v. 10, n. 1, p. 3-37, 2005.

TARALLO, F.. **A pesquisa sócio-linguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TARALLO, F. Reflexões sobre o conceito de mudança linguística. **Organon**, v. 1, n. 1, p. 11-22, 1991. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/39119>. Acesso em: 20 ago. 2019.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

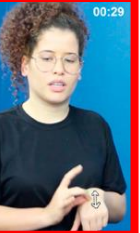
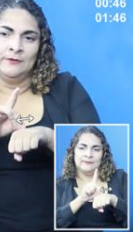
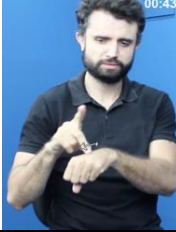
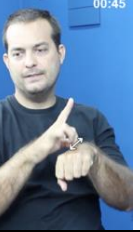
XAVIER, A. N. **Uma ou duas? Eis a questão!**: um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (Libras). 2014. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/271137/1/Xavier_AndreNogueira_D.pdf. Acesso em: 20 out. 2019.

XAVIER, A. N. Variação fonológica na Libras: um estudo da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais. **SETA**, XVI Seminário de Teses em Andamento, v. 5, p. 119-145, 2011. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/1934/1507>. Acesso em: 20 ago. 2019.

ZAVAGLIA, C. **Elaboração de uma Base Léxico-Ontológica Computacional (Português) do Subdomínio da Ecologia – Bloc-Eco**. Relatório de pesquisa de Pós-Doutorado, 2004. 155 p. Disponível em: http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/download/RELATORIO_PD.pdf. Acesso em: 10 fev. 2020.

APÊNDICE

APÊNDICE A - 1 Sinalização PRETO(cor) em Fortaleza

Faixa Etária	UFC					
Jovens	 00:43	 00:33	 00:31	 00:54	 00:38	 00:29
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
	 00:45	 00:40	 00:32	 00:37	 00:44	 00:41
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Adultos	 00:47	 00:37	 00:51	 00:47	 00:45	 00:46 01:46
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
	 00:43	 00:34	 00:48	 00:39	 00:41	 00:45
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
Idosos	 00:41	 01:07		 00:47	 00:48	 00:41
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
	 00:42	 00:36	 00:42	 01:34	 01:01	 00:54
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

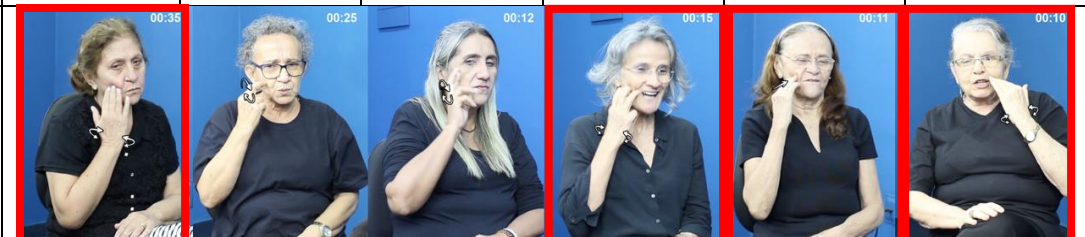
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE A - 2 Sinalização PRETO(cor) em Maceió

Faixa Etária	UFAL					
Jovens						
		FJ2	FJ3	FJ4		FJ6
						
Adultos						
	FA1	FA2				
						
Idosos						
	FI1	FI2				
						
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

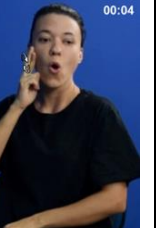
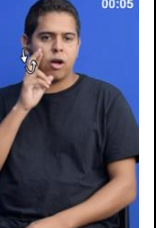
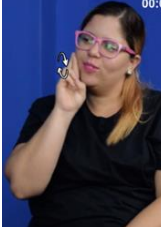
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE B - 1 Sinalização ROSA(cor) em Fortaleza

Faixa Etária	UFC					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
						
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Adultos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
						
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
Idosos						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
						
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

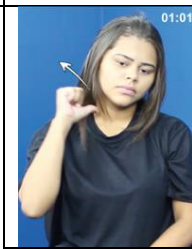
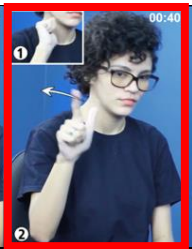
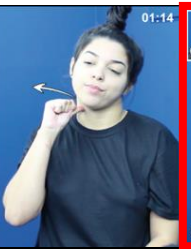
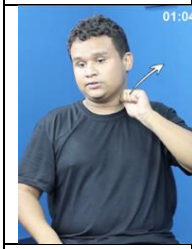
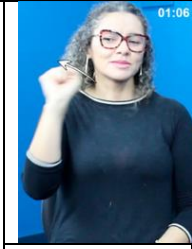
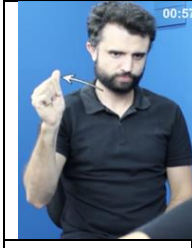
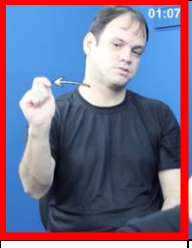
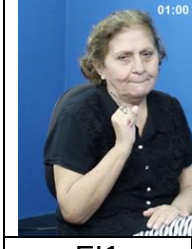
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE B - 2 Sinalização ROSA(cor) em Maceió

Faixa Etária	UFAL					
Jovens	 00:03	 00:19	 00:07	 00:09	 00:05	 00:04
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
	 00:07	 00:08	 00:05	 00:07	 00:07	 00:05
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Adultos	 00:04	 00:03				
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
	 00:10	 00:03	 00:13	 00:14	 00:13	 00:04
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
Idosos	 00:08	 00:30				
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
	 00:09	 00:15				
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

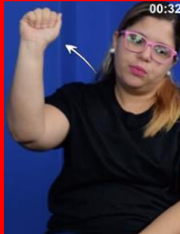
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE C - 1 Sinalização ABRIL em Fortaleza

Faixa Etária	UFC					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
						
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Adultos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
						
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
Idosos						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
						
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

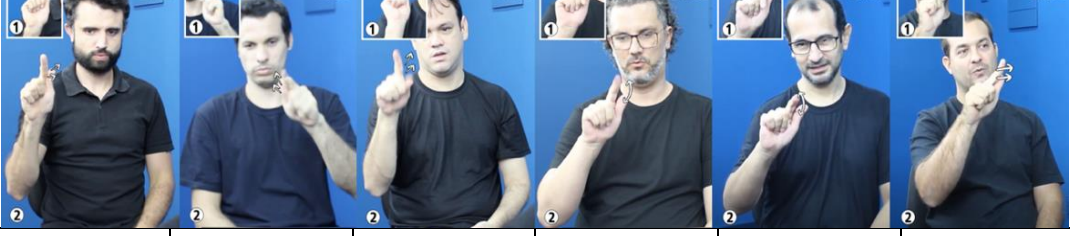
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE C - 2 Sinalização ABRIL em Maceió

Faixa Etária	UFAL					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
						
Adultos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
						
Idosos						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
						
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE D - 1 Sinalização AGOSTO em Fortaleza

Faixa Etária	UFC					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
Adultos						
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Idosos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
						
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
Idosos						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
						
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

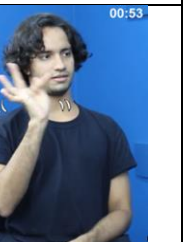
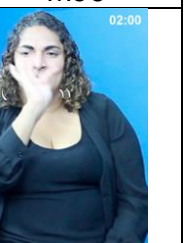
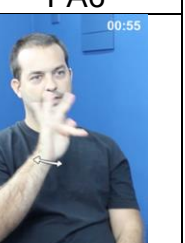
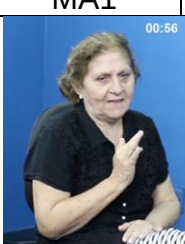
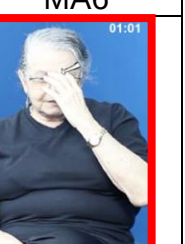
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE D - 2 Sinalização AGOSTO em Maceió

Faixa Etária	UFAL					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
Adultos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
Idosos						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE E - 1 Sinalização FEVEREIRO em Fortaleza

Faixa Etária	UFC					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
						
Adultos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
						
Idosos						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
						
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

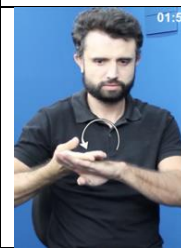
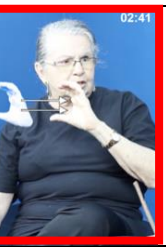
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE E - 2 Sinalização FEVEREIRO em Maceió

Faixa Etária	UFAL					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
Adultos						
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Idosos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

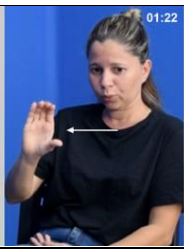
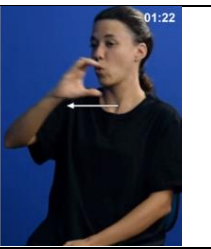
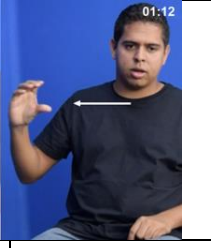
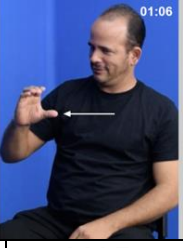
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE F - 1 Sinalização CUNHAD@ em Fortaleza

Faixa Etária	UFC					
Jovens		 01:50	 01:16	 02:36	 02:01	 01:24
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
	 02:11	 02:08	 01:34	 02:11	 02:06	 02:20
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Adultos	 02:00	 01:49			 02:05	 03:25
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
	 01:53	 01:48			 02:24	 02:06
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
Idosos			 02:24	 02:33 02:35	 02:21	 02:41
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
	 02:15	 02:10 02:11	 02:19		 03:07 03:10	 02:59
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

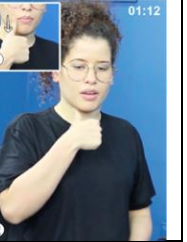
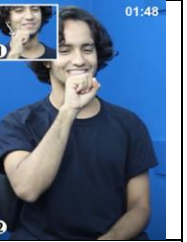
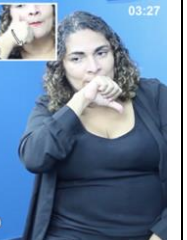
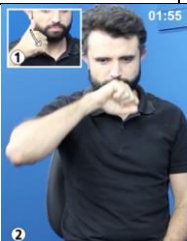
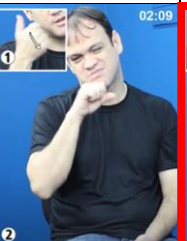
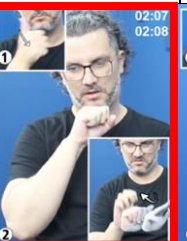
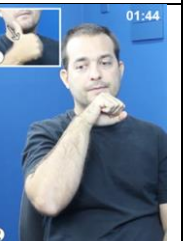
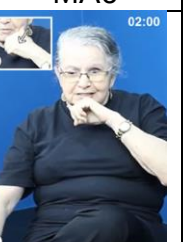
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE F - 2 Sinalização CUNHAD@ em Maceió

Faixa Etária	UFAL					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
						
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Adultos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
						
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
Idosos						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
						
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE G - 1 Sinalização de MÃE em Fortaleza

Faixa Etária	UFC					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
						
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Adultos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
						
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
Idosos						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
						
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE G - 2 Sinalização MÃE em Maceió

Faixa Etária	UFAL					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Adultos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
Idosos						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

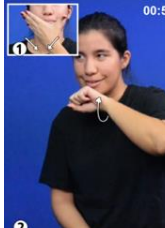
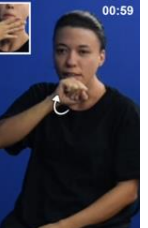
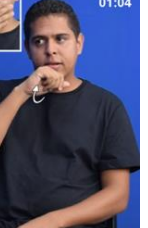
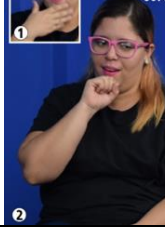
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE H - 1 Sinalização PAI em Fortaleza

Faixa Etária	UFC					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
Adultos						
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Idosos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
						
Idosos						
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
						
Idosos						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
Idosos						
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

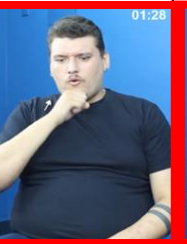
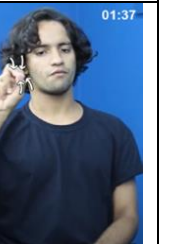
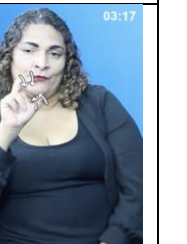
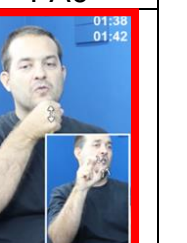
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE H - 2 Sinalização PAI em Maceió

Faixa Etária	UFAL					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
Adultos						
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Idosos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
						
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
						
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE I - 1 Sinalização AV@/VOV@ em Fortaleza

Faixa Etária	UFC					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
						
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Adultos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
						
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
Idosos						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
						
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

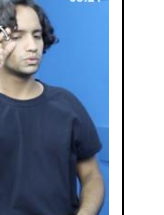
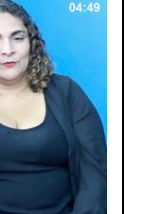
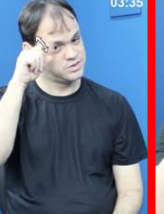
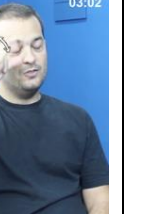
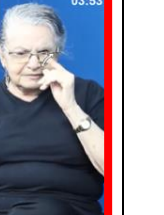
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE I - 2 Sinalização AVÓ/AVÔ em Maceió

Faixa Etária	UFAL					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Adultos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
Idosos						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

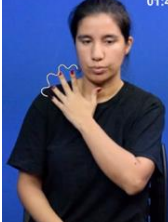
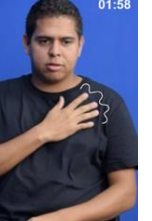
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE J - 1 Sinalização MARACUJÁ em Fortaleza

Faixa Etária	UFC					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
						
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Adultos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
						
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
Idosos						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
						
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

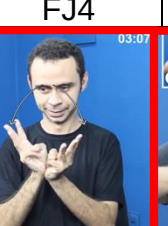
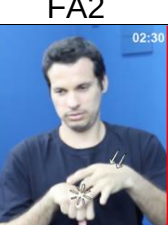
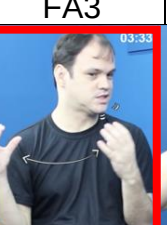
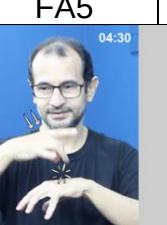
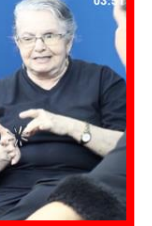
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE J - 2 Sinalização MARACUJÁ em Maceió

Faixa Etária	UFAL					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
						
Adultos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
						
Idosos						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
						
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE K - 1 Sinalização MELANCIA em Fortaleza

Faixa Etária	UFC					
Jovens	 FJ1	 FJ2	 FJ3	 FJ4	 FJ5	 FJ6
	 MJ1	 MJ2	 MJ3	 MJ4	 MJ5	 MJ6
Adultos	 FA1	 FA2	 FA3	 FA4	 FA5	 FA6
	 MA1	 MA2	 MA3	 MA4	 MA5	 MA6
Idosos	 FI1	 FI2	 FI3	 FI4	 FI5	 FI6
	 MI1	 MI2	 MI3	 MI4	 MI5	 MI6

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE K - 2 Sinalização MELANCIA em Maceió

Faixa Etária	UFAL					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
Adultos						
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Idosos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
Idosos	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
Idosos						
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE L - 1 Sinalização de CEBOLA em Fortaleza

Faixa Etária	UFC					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
Adultos	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
Idosos						
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
Idosos	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE L - 2 Sinalização de CEBOLA em Maceió

Faixa Etária	UFAL					
Jovens						
		FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
						
Adultos						
	FA1	FA2				
						
Idosos						
	FI1	FI2				
						
	MI1					

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE M - 1 Sinalização de CENOURA em Fortaleza

Faixa Etária	UFC					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Adultos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
Idosos						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE M – 2 Sinalização de CENOURA em Maceió

Faixa Etária	UFAL					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
						
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Adultos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
						
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
Idosos						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
						
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

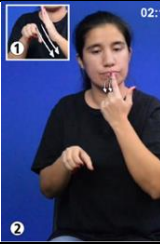
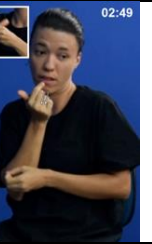
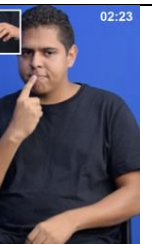
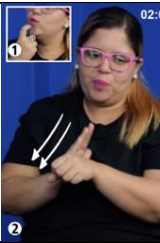
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE N - 1 Sinalização de TOMATE em Fortaleza

Faixa Etária	UFC					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
						
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Adultos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
						
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
Idosos						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
						
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

APÊNDICE N - 2 Sinalização de TOMATE em Maceió

Faixa Etária	UFAL					
Jovens						
	FJ1	FJ2	FJ3	FJ4	FJ5	FJ6
						
	MJ1	MJ2	MJ3	MJ4	MJ5	MJ6
Adultos						
	FA1	FA2	FA3	FA4	FA5	FA6
						
	MA1	MA2	MA3	MA4	MA5	MA6
Idosos						
	FI1	FI2	FI3	FI4	FI5	FI6
						
	MI1	MI2	MI3	MI4	MI5	MI6

Fonte: Elaborado pela autora (2020)